



Assembleia Legislativa  
do Estado do Ceará

# *História da Medicina no Ceará*

Vinícius Antonius Holanda de Barros Leal



**EDIÇÕES  
INESP**



**Assembleia Legislativa  
do Estado do Ceará**

# *História da Medicina no Ceará*



Vinicius Antonius Holanda de Barros Leal  
(Autor)

# *História da Medicina no Ceará*



**Assembleia Legislativa  
do Estado do Ceará**  
Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o  
Desenvolvimento do Estado do Ceará

Fortaleza - Ceará  
2019

Copyright © 2019 by INESP  
Coordenação Editorial  
**João Milton Cunha de Miranda**  
Assistente Editorial  
**Rachel Garcia e Valquiria Moreira**  
Diagramação  
**Mário Giffoni**  
Capa  
**José Gotardo Filho**  
Revisão  
**Lucia Jacó Rocha**  
Coordenação de impressão  
**Ernandes do Carmo**  
Impressão e Acabamento  
**Inesp**

**Edição Institucional da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará**  
**VENDA E PROMOÇÃO PESSOAL PROIBIDAS**

Catalogado na Fonte por: Daniele Sousa do Nascimento

L433h Leal, Vinicius Antonius Holanda de Barros.  
História da medicina no Ceará / Vinicius Antonius  
Holanda de Barros. -- Fortaleza: INESP, 2019.  
250p. ; 24 cm

ISBN: 978-85-7973-123-5

1. Medicina, História, Ceará. I. Ceará. Assembleia  
Legislativa. Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o  
Desenvolvimento do Estado. II Título.

CDD 610.98131

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro,  
desde que citados autores e fontes.

**Inesp**  
Av. Desembargador Moreira, 2807  
Ed. Senador César Cals de Oliveira, 1º andar  
Dionísio Torres  
CEP 60170-900 – Fortaleza - CE - Brasil  
Tel: (85)3277.3701 – Fax (85)3277.3707  
al.ce.gov.br/inesp  
inesp@al.ce.gov.br

## APRESENTAÇÃO

**N**s políticas econômicas e sociais sempre alteraram o rumo das transformações médicas e são esses os registros apresentados aqui. Também, alguns fatos da história da medicina precisavam ser guardados na lembrança dos cearenses, como a luta pela melhoria das condições de saúde e para encontrar mais meios de evitar as doenças.

Conhecer, interpretar e questionar as informações recolhidas no passado são ações que colaboram para a evolução da Medicina através do tempo e ajudam na compreensão das técnicas desenvolvidas, além de se obter o registro das epidemias, da descoberta de novos recursos de cura e dos demais avanços científicos.

A Assembleia Legislativa do Estado do Ceará e seu Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará – Inesp, sabem que a função da história não se resume à simples repetição dos conhecimentos acumulados e considera que, acima de tudo, ela deve servir como instrumento de conscientização dos homens para a tarefa de construir um mundo melhor e uma sociedade mais justa.

**Deputado José Sarto**

Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará



## PREFÁCIO

**A** gênese da medicina corrobora a importância do papel da colaboração da habilidade pessoal e da aptidão específica para a formação de indivíduos que, com o aperfeiçoamento metódico e a aquisição de conhecimentos técnicos advindos da faculdade, tornar-se-ão profissionais de sucesso.

O autor apresenta-nos temas como: o clima e a salubridade do Ceará; nosologia do Ceará; as epidemias, drogas e tratamentos; o exercício da medicina; a cirurgia e a obstetrícia; a assistência à maternidade e infância; hospitais; a faculdade de medicina; o centro médico; órgãos de classe; o serviço público e a medicina no Ceará; a Sociedade Médica de São Lucas, a Academia Cearense de Medicina; curandeiros, curiosos e charlatães e a relação (incompleta) dos médicos do Ceará. Ainda, apresenta importantes apêndices e anexos.

A Assembleia Legislativa do Estado do Ceará e seu Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará – Inesp publicam, orgulhosamente, este História da Medicina no Ceará por considerar que a história é um dos melhores agentes transformadores que existe, pois colabora para o entendimento do que se fez e esclarece a compreensão do que ainda pode ser feito. Esta Casa Legislativa considera indispensável o estudo dos exemplos do passado, relativos aos sucessos ou fracassos, pois esses devem servir de lição para a orientação no tempo presente e futuro.

**João Milton Cunha de Miranda**

Presidente do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o  
Desenvolvimento do Estado do Ceará



## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	11
2 O CLIMA E A SALUBRIDADE DO CEARÁ .....	14
3 NOSOLOGIA DO CEARÁ I .....	20
4 NOSOLOGIA DO CEARÁ II.....	25
5 NOSOLOGIA DO CEARÁ III.....	32
6 AS EPIDEMIAS I .....	41
7 AS EPIDEMIAS II.....	47
8 OUTRAS EPIDEMIAS .....	59
9 DROGAS E TRATAMENTOS.....	67
10 O EXERCÍCIO DA MEDICINA I .....	79
11 O EXERCÍCIO DA MEDICINA II.....	88
12 A CIRURGIA E A OBSTETRÍCIA .....	97
13 A ASSISTÊNCIA À MATERNIDADE E INFÂNCIA .....	104
14 HOSPITAIS .....	116
15 A FACULDADE DE MEDICINA .....	131
16 O CENTRO MÉDICO.....	136
17 ÓRGÃOS DE CLASSE.....	162
18 O SERVIÇO PÚBLICO E A MEDICINA NO CEARÁ.....	167
19 A SOCIEDADE MÉDICA DE SÃO LUCAS .....	173
20 A ACADEMIA CEARENSE DE MEDICINA.....	176
21 CURANDEIROS, CURIOSOS E CHARLATÃES .....	178
22 RELAÇÃO (INCOMPLETA) DOS MÉDICOS DO CEARÁ.....	187
APÊNDICES .....	221
APÊNDICE I - PLANTAS MEDICINAIS USADAS NO CEARÁ.....	223
APÊNDICE II - TRIAGA BRASÍLICA.....	231

<b>APÊNDICE III - OFICIAIS MÉDICOS DA RESERVA DO EXÉRCITO QUE SERVIRAM NA II GRANDE GUERRA .....</b>	<b>234</b>
<b>APÊNDICE IV - CHEFES DA SAÚDE PÚBLICA NO CEARÁ, DESDE O IMPÉRIO.....</b>	<b>235</b>
<b>APÊNDICE V - MÉDICOS QUE ESTIVERAM NO SEMINÁRIO DE FORTALEZA.....</b>	<b>237</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>238</b>
<b>SOBRE O AUTOR: VINICIUS BARROS LEAL: MÉDICO, HISTORIADOR E LITERATO.....</b>	<b>245</b>

## 1 INTRODUÇÃO

É muito difícil estabelecer uma data, uma indicação precisa de ano, mês e dia em que se tenham iniciado algumas atividades humanas. A Medicina é uma delas. Nascida com a primeira dor, naquele momento do primeiro socorro ao companheiro infortunado principiava uma nova arte, a *divinum opus sedare dolorem*.

É, pois, nos tempos pré-históricos que devemos situar o começo de tão singular profissão. Nas pinturas paleográficas, nos murais das cavernas, foram fixadas, grosseiramente, cenas que registram atos médicos, de uma incipiente ideia que se transformaria em simples ofício, passando à categoria de arte quando esta capacidade lhes deu o domínio da matéria. Isto, em todas as civilizações, em todas as latitudes.

A habilidade pessoal, a aptidão específica para este tipo de trabalho foi, pouco a pouco, formando indivíduos capazes de darem soluções práticas a determinadas situações. Eram as primícias de uma classe privilegiada, a dos médicos – ou fossem quais nomes se lhes dessem.

O aperfeiçoamento paulatino e metódico, a aquisição de novos informes sobre a atenção no campo desse socorro, a experiência pessoal, o ver fazer e o fazer sabendo, criaram um grupo de pessoas com sentimentos profissionais bem exclusivos, com as faculdades dirigidas a alcançar este fim.

É claro que o homem primitivo a este mister dedicado iria logo relacionar a sua atividade a algo mais além de sua própria vivência, de sua própria aptidão, especialmente se seus talentos o fizessem atingir as culminâncias da sumidade perante os demais circunstantes. Intuía este primevo que alguma causa fora de si mesmo presidia, em uma esfera imaterial, os efeitos de seu sucesso.

A causa primeira, certamente encontrada ou deduzida, na eficácia de sua ação. E nem só isso. A insegurança, a incerteza, os temores e a busca de inspirações superiores levaram este praticante da arte de curar a encontrar a confiança de que era carente, na visão de uma força divina onde depor a sua esperança. Nisto, encontrou a garantia de uma tranquilidade, de paz de espírito, que lhe deram o prestígio pessoal e a oportunidade de melhor desenvolver a sua habilidade.

Foi o passo inicial para o relacionamento tão estreito que sempre existiu entre o médico e a divindade. A Medicina mago-religiosa data desses tempos pretéritos e assim permaneceu por séculos.

Com a sucessão dos anos, pela passagem natural dos dotes profissionais, de geração em geração, evidenciou-se que aqueles dedicados aos trabalhos de assistência médica podiam ser facilmente identificáveis, na tribo ou no grupo, como portadores de valores, distinções e disposições morais e intelectuais, bem diversas dos demais componentes clâmicos. Era já um espírito de classe germinando, numa hierarquia que não se caracterizava pelos padrões então vigentes, da audácia, da coragem ou da valentia. Estava valendo, no

caso, a importância da ocupação, do mister, das qualidades do trabalho exercitado. Era inevitável que assim ocorresse.

Tanto nas planícies mesopotâmicas como nas estepes geladas, quer nos bosques africanos ou americanos, não foi diferente a gênese da profissão. Houve variações, não há dúvida, mas condicionadas aos meios utilizados para a expressão material da arte.

Aqui, nas nossas serras e sertões, o silvícola operou com os meios de sua própria ambiência. Recebendo os influxos das contingências antropofísicas, reagiu de acordo com a experiência possibilitada por seu horizonte.

A presente monografia é um estudo das transformações progressivas das ideias e fatos médicos que tiveram por cenário este pequeno pedaço do Brasil. Fragmento pobre de uma nação potencialmente rica, o Ceará tem marcado todas as atividades que se desenvolvem em sua extensão geográfica por peculiaridades regionais que timbram e caracterizam tais acontecimentos.

Também nos fatos médicos podemos contar com essas singularidades. No nascedouro, talvez a dissimilitude não tenha sido tão flagrante. O *background* tem suas raízes ontológicas, quase não sofrendo consequências telúricas. Mas os influxos da civilização, as injunções sociais, política e econômicas, essas sim, marcam, alteram, desviam, fazem mudar o rumo.

Então, acompanhando o fluir dos tempos, seguindo a sucessão dos acontecimentos, podemos surpreender como, quando e onde teve início o invulgar, o especial, o particular. E é aqui que chamo a atenção dos que lerem este trabalho, feito na pressa de um compromisso, com tempo exíguo mas, mesmo assim, tendo sido possível, creio, reparar alguns fatos de nossa história médica que precisavam ser guardados na lembrança dos cearenses.

O ano de 1978 é propício a essa jubilar comemoração. Em primeiro lugar, pela passagem dos 30 anos da nossa Faculdade de Medicina, que constituiu a causa deste certame, tempo em que foi permitido aos que a ele se deram, desde os passos iniciais, a encherem-se de conhecimentos que os levaram à sabedoria e a serem admitidos na intimidade dos segredos da arte médica.

Em segundo lugar, o ensejo de se celebrar o centenário da morte de quatro colegas, heróis, nossos conterrâneos. Heróis mesmo: homens extraordinários que sacrificaram suas vidas na luta contra a doença e a morte. Paradoxal, isto, parece hoje, até absurdo e disparatado, mas na aparente contradição impuseram eles o conceito do verdadeiro médico, da realidade hipocrática do nosso juramento.

Lembremos as vidas e as mortes de Sinfrônio Siguerido de Sousa e de Antônio Mendes da Cruz Guimarães, falecidos, respectivamente, a 10 de abril e 8 de outubro de 1878, e de dois outros, os Drs. Francisco de Paula Pessoa Filho e José Lourenço, que atingidos pela peste de 1878 finaram-se no ano seguinte. O segundo, recém-formado, empenhou-se naquela cruzada bendita, cheio de caridade e de solidariedade humana, imolando-se no holocausto da terrível hecatombe que foi a epidemia de varíola daquele ano.

Poderíamos e deveríamos homenagear, também, os que serviram e tiveram suas vidas poupadas para, mais adiante, se dedicarem ao povo cearense

naqueles tempos difíceis. O ano de 1878 destacou-se pela generosidade do Barão de Studart, de Pedro Borges, Meton de Alencar, Helvécio Monte, João Moreira, Rufino de Alencar e José Nogueira. Cabe, portanto, neste ano centenário, a lembrança desses lutadores aguerridos, símbolos da nossa arte-ciência, legítimos discípulos de Esculápio, que não vacilaram diante da necessidade de manifestação prática e heroica de suas profissões de fé.

Nestas páginas que se seguem contamos a História de nossa Medicina e o peregrinar de nossos médicos; a luta pela melhoria das condições de saúde de nosso povo e as grandes aflições sofridas pela ausência de meios de evitar a doença; as tragédias das epidemias e as alegrias do despertar da Ciência, com a descoberta de novos recursos de cura.

E não deixaremos, também, de referir ao inusitado, ao cômico e ao burlesco da ação dos que profanam nossa relevante ocupação, no embuste do charlatanismo. Parece ser isso, hoje, um mal do tempo, que como "*progresso material enfraqueceu o poder das ideias, embaçando a eterna diferença entre o meio e o objetivo*" (Osler).

Vale ressaltar, ainda, que neste mês de novembro de 1978 o mundo médico brasileiro comemora o terceiro centenário da morte de Guilherme Piso, médico holandês da era nassoviana, considerado, até há pouco, o pioneiro dos escritores das ciências naturais em nossa terra. Profissional notável na Holanda, tornou-se mais conhecido no fundo por sua *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, obra de grande erudição onde descreve quase toda a fauna e a flora do Nordeste brasileiro, com as aplicações desta na Medicina. Tornando-se autoridade nos assuntos da nossa terra, foi muito consultado e, sobretudo, citado desde então.

Dentro, pois, deste ano de tantas rememorações jubilares, nada mais acertado do que o propósito do Sr. Governador, professor José Waldemar de Alcântara e Silva, fundador e um dos ex-diretores da Faculdade de Medicina, de instituir o presente concurso. Encontrando a feliz iniciativa, da parte do Secretário de Cultura, Desporto e Promoção Social, o professor José Denizard Macêdo de Alcântara, a melhor acolhida, nada mais faltou para que pudesse ser uma realidade o que o Sr. Governador teve em mira, o desejo de ficar e deixar aos pósteros algo que traga à memória dos cearenses, médicos e leigos, a evolução da Medicina do nosso estado.

E aqui está a minha colaboração. Aceitando o desafio, concorro com a presente monografia, onde procurei, dentro do factual da Medicina conterrânea, levar o leitor a conceituar o nosso progresso na arte hipocrática.

Resta-me escusar-me de não ter podido fazer um trabalho à altura do nosso avanço científico e dos méritos dos colegas coestaduanos; porém, fi-lo com a convicção de ter podido apresentar o melhor ao meu alcance. Perdoem-me a insignificância do que deveria ter sido um repositório da marcha vitoriosa da evolução da Medicina no Ceará.

Fortaleza, 30 de novembro de 1978

Dia Nacional da História da Medicina

V.B.L.

## 2 O CLIMA E A SALUBRIDADE DO CEARÁ

Na conceituação moderna de colonização está implícito o conhecimento do clima e salubridade da terra conquistada. Tal não ocorria no século das descobertas. Fatores outros, diversos, se sobrepunham a essa importante informação acerca das possibilidades de adaptação do homem ao meio recém-subjugado. Na atual posição do desenvolvimento científico, qualquer tentativa de transplante de populações para outros climas, no sentido de empreendimentos de natureza política, social, econômica ou sanitária, primeiro que tudo se impõe um perfeito juízo das condições climáticas da área a ser ocupada.

Verifica-se aí, sobretudo quando no intento de povoamento, nas tentativas de colonização por indivíduos de outras raças e de outras regiões, a sua adaptação ao clima local. E nem só isso: as possibilidades de eficiência e rendimento desses homens no novo meio. É bem sabido que o clima condiciona o progresso da atividade humana. Ellsworth Huntington, em *Civilization and Climate*<sup>1</sup> bem caracterizou o fato.

Climas excessivamente brandos, com poucas variações termométricas, são fatores negativos ao pleno desenvolvimento das capacidades físicas e intelectuais de raças europeias mais civilizadas. Verifica-se um embotamento da energia, do poder de iniciativa, uma acomodação às qualidades desestimulantes do clima, provocando um quebrantamento de forças, uma falta de vigor, de vitalidade, uma apatia, enfim.

O colonizador do século XVI desconhecia estas teorias. Na sua ambição desmesurada, na impaciência de novas conquistas, na pressa da cobiça, levou tudo de roldão. Em compensação, o português, como também, em muito menor escala, o espanhol, tinha uma maneira diferente de se acomodar à nova terra, pelo desprezo às convenções sociais da época. Misturava-se com as raças mais diversas, adotava os costumes dos conquistados. Isso concorreu para que não se realizasse, nas suas conquistas, o que os cientistas do nosso século encontraram no estudo de outros povos colonizadores.

Na África, por exemplo, em algumas colônias de clima idêntico ao nosso, Robert Ward<sup>2</sup> fez essa observação: "*Dentro dos trópicos, sob o sol equatorial e onde existe abundância de umidade, a vida animal e vegetal alcança o seu maior desenvolvimento [...] A Natureza trabalha demais e pouco deixa que fazer ao homem. [...] Sem a obrigação de trabalhar, a vontade de progredir e de desenvolver os recursos dos trópicos falta geralmente. Daí provém a reputação atribuída aos nativos dos trópicos de serem indolentes, e de não merecerem confiança*". E mais adiante: "*Mas é incontestável que as raças mais enérgicas e empreendedoras não se desenvolveram nas fáceis condições de vida dos trópicos*".

1 Huntington, E. *Civilization and Climate*, cit. por Henrique Morize, in Dic. Hist. Geogr. Etnogr. do Brasil, vol.1 VER: O Ceará no Centenário da Independência do Brasil, I, 473, e Ensaios e Estudos, 2ª Série, 2.ed, p.204

2 Ward, R. *Climate considered especially in relation to man*. In: Dic. Hist. Geogr. Etnogr. do Brasil. V.1

É bem verdade que esse mesmo autor, apesar desta generalização, lembra as grandes civilizações que se desenvolveram em plena região tropical, tais como a egípcia e a indiana.

No estudo que faremos a seguir procuraremos demonstrar uma aparente contradição do que acima foi referido, na documentação existente sobre a vitalidade do homem de nossa região nos tempos mais primitivos.

E cabe perfeitamente este Capítulo em uma monografia sobre a História da Medicina: é por demais conhecida a influência do clima sobre o organismo humano. No caso em tela, no estudo dessa ação maléfica ou benéfica sobre a saúde dos habitantes do trópico brasileiro vamos verificar as diferentes opiniões de diversos autores, dos cronistas, dos missionários, dos viajantes e cientistas, sem desprezar as comunicações oficiais dos funcionários estatais.

A primeira informação sobre o estado sanitário da Terra de Santa Cruz foi a do nosso cronista-mor, Pero Vaz de Caminha. É de sua carta o seguinte período: *"Porém, contudo, andam [os índios] muito bem curados e muito limpos e naquilo que parecem ainda mais que são como aves ou alimárias monteses, que lhe faz o ar melhor pena e melhor cabelo que as mansas; porque os corpos seus são limpos, e tão gordos e formosos que não pode mais ser e isto me faz presumir que não têm casas nem moradas em que se acolham e o ar em que se criam os faz tais"*. E, mais adiante: *"Andam tais e tão rijos e tão nédios que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos"*.<sup>3</sup>

A *Crônica da Companhia de Jesus*, do Padre Simão de Vasconcelos, é repositório riquíssimo de loas às qualidades do clima do Brasil. São dele estes conceitos: *"A região do ar é reconhecidamente vital, um quase segundo Paraíso, uma perpétua Primavera [...], donde andam desterradas as pestes e ramos delas e doenças contagiosas; e sem esta injúria dos climas morrem os homens cheios de dias e de anos"*.

Levy<sup>4</sup> e Gabriel Soares<sup>5</sup> não deixam por menos. O primeiro observa que os índios são *"mais fortes, mais robustos e menos sujeitos a doenças"* do que os europeus. Soares observa-lhes os dentes, que são *"alvos, miúdos, sem lhes nunca apodrecerem"*; *"têm as pernas bem-feitas e os pés pequenos"*, etc. Tais observações foram frequentes. Os primeiros jesuítas, em suas cartas ânuas não esqueciam os detalhes da excelência ou qualidade da raça autóctone.

O Padre Anchieta, em sua *Informação do Brasil de 1585*, destaca: *"O clima é geralmente muito temperado, de bons e delicados ares e mui sadios, onde os homens vivem muito, até 80, 90 ou mais anos, e a terra está cheia de velhos"*.

Melhores observadores foram os holandeses. Elias Heckmann<sup>6</sup> assim os descreve (aos índios): *"Os seus ossos são grossos e fortes, a cabeça grande e espessa. As mulheres são indistintamente pequenas, mui bonitas de cara. Em geral, atingem a uma idade avançada"*. Outros cronistas holandeses re-

3 Abreu, Capistrano de. Vaz Caminha e sua carta. RIC (Revista do Instituto do Ceará) 1910, p.143

4 Levy, Jean de. Viagem à terra do Brasil, p.101

5 Sousa, Gabriel Soares de. Tratado descritivo do Brasil em 1587, p.300

6 Heckmann, Elias. Cit por Pompeu Sobrinho, RIC 1937, p.355

pisam a longevidade alcançada pelos silvícolas, sempre confirmando serem "*extraordinariamente altos e corpulentos, cobertos de uma pele trigueira*".<sup>7</sup>

Carlos Studart, grande estudioso das questões antropológicas dos nossos íncolas confirma estas mesmas opiniões e, em *Os aborígenes do Ceará* assevera: "*Os indígenas que na época do descobrimento e da conquista senho-reavam o Ceará eram robustos e bem-dispostos*".<sup>8</sup>

Afirmção de valor incontestável e de um sabor bem setecentista, pela autenticidade do testemunho e graça do exprimir nos oferece Pedro Carrilho de Andrade em sua *Memória sobre os índios do Brasil*.<sup>9</sup> Diz ele aí: "*São homens bem-dispostos, sadios, sem achaques e de largas vidas que bem se podiam comparar com as cobras de que dizem os poetas, que não morrem nunca de velhas, senão quando se as matam*".

Declarações tais foram uma constante até o início do século XIX, se bem que a essa época já fosse bem diferente o panorama sanitário cearense. Mas a opinião de Lord Cochrane<sup>10</sup> era ainda de que "*os chefes indianos, assim como a gente que deles dependiam, foram de grande préstimo na retenção da ordem (1824), combinando robustez corporal, superior atividade, energia e docilidade e força de aturar que nunca falhava, formando, com efeito, os melhores padrões de raça nativa que eu vira na América do Sul*". É um depoimento valioso de um homem que conhecia bem o Continente e não tinha maior interesse em agradar.

O nosso grande Thomaz Pompeu Sobrinho, sábio conhecedor das coisas do Ceará, atribui essa salubridade à "*temperatura amena e relativamente doce, sem variações sensíveis*". A opinião dele é corroborada por diversos estudiosos que dão uma ênfase especial aos fatores insolação, correntes aéreas higienizantes, ausência de pântanos e águas estagnadas, etc.

Vejamos alguns desses juízos. É do Dr. Thomaz Pompeu a afirmação de que "*a permanência da temperatura sempre igual, sem as alterações bruscas que tão nocivas são às vias respiratórias, máxime na primeira idade, concorre para manter inalterável a constituição médica da Província, impedindo ou dificultando a invasão de epidemias mais ou menos mortíferas. A própria situação topográfica aberta para a zona marítima, sem altas montanhas que impeçam a circulação regular dos ventos oceânicos, de leste, facilita a obra de saneamento. Clima quente e geralmente seco não exaure as forças musculares, nem debilita o homem, como acontece em outras Províncias mais favorecidas de umidade permitindo o uso de toda atividade, até idade avançada*".<sup>11</sup>

Não difere a opinião do douto Barão de Studart, historiador e médico.<sup>12</sup>

7 Pompeu Sobrinho, Thomaz. O homem do Nordeste. RIC 1937, p.331

8 Studart Filho, Carlos. Os aborígenes do Ceará. Editora do Instituto do Ceará, 1965, p.23

9 Andrade, Pedro Carrilho de. RIC 1965, p.344

10 Coleção Studart. Documentos para a história da Confederação do Equador no Ceará. Doc.nº66. RIC 1924, p. 454

11 Pompeu Sobrinho, Thomaz. População do Ceará. RIC 1890, p.74/255

12 Barão de Studart. Geografia do Ceará. RIC 1924, p.28

Deixando de lado esses mais recentes e valiosos depoimentos, vejamos mais uma vez, nas palavras de cronistas e viajantes, seus pensamentos acerca das condições vitais do Ceará nos primeiros séculos.

Na *Relação Sumária das Cousas do Maranhão*, Simão Estácio da Silveira, em 1624<sup>13</sup>, compara o clima desta parte do Brasil com o da Europa. Diz ele: "*Nos são gratos e sadios os seus ares, quando lá imos; e que os naturais dali, vindo aos nossos logo morrem*". Atribui aos ventos que "*curram de ordinário do nascente e vêm com o sol e com ele crescem e se põem*". Termina num ufanismo bem evidente: "*Eu me resolvo que esta é a melhor terra do mundo, donde os naturais são muito fortes e vivem muitos anos e consta-nos que, das que correram os portugueses, o melhor é o Brasil, e o Maranhão é o Brasil melhor*".

De 1637 temos o testemunho de Gedeon Morris de Jonge em seus relatórios, nos quais terminava por afirmar que: "*O seu ar [do Ceará] é saudável e há abundância de mantimento*".<sup>14</sup>

Na crônica do Padre Betendorff<sup>15</sup> encontramos também uma valiosa opinião sobre a salubridade do Ceará. Diz ele, mais ou menos em 1684: "*Chegados que fomos ao rio Paramiry [perto de Granja] entramos pela enseada dentro. [...] Aqui nos resolvemos, com o Padre Visitador Barnabé Soares, a saltar em terra e acabar a pé o restante da viagem até o Ceará [atual Fortaleza] pelas praias, visto não distar senão um pouco, conforme as informações do Padre Pedro Poderoso, prático daquelas paragens por ter andado por elas. [...] Achamos ser aquele lugar um paraisozinho com belas terras, águas e ares preciosos*". Está bem evidente pela voz do padre, observador e inteligente, que as condições climáticas do litoral cearense eram as mais propícias ao viver saudável.

Essas opiniões vão sendo sempre confirmadas, e à medida que a terra é mais visitada por europeus melhores informações nos são oferecidas. Por volta de 1750, quando já havia um esboço de colonização mais ou menos organizado, quando as aldeias estavam florescendo e o número de missionários crescia, o Pe. Manuel Pinheiro, jesuíta, na sua *Notizie dele fatiche...*<sup>16</sup> repete aqueles mesmos conceitos de seus predecessores nas plagas cearenses.

Diz ele: "*Questa popolazione é piantata in una ampia pianura: il cielo é salubre, como para lo sono lácqua de farsene uso per bere*". Daí por diante, temos nos relatórios dos governadores da Capitania e dos presidentes da Província e mais autoridades as afirmações das excelências do nosso clima. Fausto de Aguiar exalta esta salubridade achando "*forte garantia contra o desenvolvimento de moléstias epidêmicas e de ruim em caráter*".<sup>17</sup> Mais tarde tivemos aqui a famosa Comissão Científica Exploradora, composta por especialistas de real gabarito e que, apesar das muitas críticas recebidas, re-

13 Silveira, Estácio da. RIC 1905, p.149 e segs

14 Documentos para a História do Brasil, especialmente do Ceará. RIC 1910, p.225, doc. 21

15 Trechos da Crônica do Padre Betendorff relativa ao Ceará. RIC 1910, p.203

16 Pinheiro, Manuel, Pe. *Notizie dele fatiche sofferté dai NN.PP. nel prendere il possesso dele popolazione del Siará.* RIC 1932, p.212

17 Abreu Cruz. *Presidentes do Ceará.* RIC 1920, p.123

velou, de fato, um precioso empenho de S.M. para o perfeito conhecimento científico do Ceará.

Renato Braga<sup>18</sup> que estudou divulgou os trabalhos dessa quase esquecida, humilhada e caluniada Comissão, nos ofereceu oportunidade de leitura de algumas peças importantes saídas das penas de seus principais integrantes. Dessas, o relatório do Dr. Freire Alemão é claro no respeitante às condições climáticas e sanitárias do Ceará. Perante o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro afirmou o cientista, em reunião presidida por S. Majestade o Imperador, que depois de uma viagem de 70 a 80 léguas, isto é, do Cariri a Fortaleza, apesar das péssimas estradas e das más condições de conforto, graças aos ares de nossa terra chegara até mesmo restabelecido de certos padecimentos que o acometeram na serra do Araripe. Termina sua preleção afirmando com entusiasmo: "*Tal é a salubridade daqueles sertões*".<sup>19</sup>

Gonçalves Dias, também membro da Comissão, descreveu no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, com admiração, as boas qualidades de nossos ares, que se manifestavam na aparência de seus habitantes: "*A Província que apresenta os tipos mais belos e mais característicos da mistura de duas raças*".<sup>20</sup>

Um dos nossos mais afamados médicos foi o Dr. Castro Carreira. Em 1850, estudando as condições climáticas de Fortaleza, admirava-se da salubridade da terra, e que apesar de já existirem causas suficientes para um desequilíbrio ecológico, continuava isenta de maiores prejuízos para a saúde de seus habitantes.<sup>21</sup>

Os *Apontamentos* de Eduardo M. Peixoto<sup>22</sup> insistem pela raridade das epidemias, graças à "*amenidade do clima*".

Na linha dos viajantes e cientistas estão os depoimentos de Albert Loefgren<sup>23</sup>, de Adolfo Dacke<sup>24</sup>, de ingleses e americanos vindos ao Ceará para estudos dos problemas das secas periódicas.

Os nossos próprios estudiosos, quer os que limitaram seus trabalhos a determinadas regiões, ou a uma visão global do Ceará, têm o mesmo pensamento. Eusébio de Sousa, brilhante intelectual que percorreu diversas comarcas cearenses, sempre interessado pelas cousas locais, teve oportunidade de manifestar-se sobre a salubridade de Ipu<sup>25</sup> de Russas<sup>26</sup> de Quixeramobim<sup>27</sup> e Quixadá, em suas utilíssimas *Crônicas*. Em todas essas cidades verificou, depois de detidas e criteriosas observações, as excelências das condições de

18 Braga, Renato. História da Comissão Científica Exploradora, p.41

19 Abreu, Silvío Fróis. A Comissão Científica de 1859. RIC 1919, p.202

20 Braga, Renato. Op.cit., p.48

21 Cruz, Abreu. RIC 1928, p.38

22 Peixoto, Eduardo M. A Câmara da Vila de N.Sra. da Assunção do Ceará Grande: o seu edifício. Apontamentos. RIC 1906, p.15

23 Loefgren, Albert. Ceará Notas Botânicas. RIC, p.131

24 Dacke, Adolfo. Explorações botânicas e etnológicas no Ceará. RIC 1910, p.5

25 Souza, Eusébio de. Crônica do Ipu. RIC 1915, p. 216

26 Id.

27 Ibid. Notícia Geográfica e Histórica Descritiva do Município de Quixeramobim. RIC 1914, p.192

salubridade. O Ipu, nesse ponto de vista, descreveu-o "*pouco sujeito a epidemias*". Quixadá e Quixeramobim deram-lhe os inumeráveis testemunhos de pessoas dos mais distantes pontos do País que as procuravam para colocar seus organismos nas condições ideais de saúde e bem-estar.

Porém, a palavra final deste Capítulo só poderá ser dada pelo Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho, o douto e mui justamente reverenciado sábio cearense. Ele nos oferece, com o valor de sua palavra de profundo conhecedor das ciências naturais, as razões dessa tão apregoada e notável salubridade. Em *O povoamento do Nordeste Brasileiro*<sup>28</sup> afirma, com segurança, serem responsáveis pela salubridade do Ceará: "*A largueza dos campos, a limpidez dos céus, a sucessão das estações, sem exagero de frio ou calor, embora uma grande amplitude entre os coeficientes indicativos de umidade atmosférica, as condições impróprias para a proliferação de germes patogênicos, a raridade de moléstias que se transmitem, como a sífilis, a blenorragia, a tísica, a ausência completa de outras, como a lepra*", etc.

Em outro trabalho seu, *O Homem do Nordeste*,<sup>29</sup> dá-nos mais esta aula: "*A terra é por sua natureza sadia, batida de ventos constantes e temperados, sem variações rápidas de temperatura; oferece um notável contraste de idade no curso do ano, o qual impossibilita a aclimação de muitos seres patogênicos que proliferam nas regiões normalmente úmidas, condições essas de salubridade reforçadas pelo tipo de vegetação desta, a caatinga, cujo recesso, mesmo no período pluvioso, a luz solar penetra mais ou menos profundamente, exercendo sua ação saneadora.*"

Todas essas observações podem ainda ser comprovadas pelas afirmativas daqueles que buscaram nos ares cearenses o lenitivo de suas enfermidades. Desde os que vinham de Guiné "*sarar das suas enfermidades*", no dizer de D. Diogo de Campos Moreno,<sup>30</sup> na *Razão do Estado do Brasil*, até os exemplos mais recentes de José de Alencar, que a conselho médico, em 1847, procurou sua paragem natal para remédio de seus incômodos de saúde; do cientista J. Hubber que aqui esteve no mesmo propósito; de Ducke,<sup>31</sup> Koster,<sup>32</sup> do húngaro Carlos Kornis de Tatvarad,<sup>33</sup> dos missionários do Norte do Brasil, de Manuel Bandeira, Humberto de Campos e tantos outros.

Foi razão convincente, também, para justificar a vinda ao Ceará do célebre ouvidor João Antonio Rodrigues de Carvalho<sup>34</sup> que, certo da aceitação geral de sua evasiva, acreditava longe estar o Governo cearense em reconhecer-lhe a aleivosia e traição.

28 Pompeu Sobrinho, Thomaz. Povoamento do Nordeste Brasileiro. RIC 1937, p.137

29 Id. O Homem do Nordeste. RIC 1937, p.371

30 Moreno, Diogo de Campos. Livro que dá razão do estado do Brasil-1612. Instituto Nacional do Livro, 1968. P.207

31 Ducke, Adolfo. Op.cit., p.209

32 In: Souza, Eusébio de. Pela história do Ceará. RIC 1930, p.248

33 Barão de Studart. Estrangeiros no Ceará. RIC 1918, p.209

34 Id. Coleção Documentos para a História da Confederação do Equador no Ceará. RIC 1924, edição especial

### 3 NOSOLOGIA DO CEARÁ I

A quase unanimidade de afirmações dos cronistas acerca da salubridade do Ceará nos tempos mais remotos é quebrada, apenas, por uma ou outra opinião contrária. Diogo de Campos, em 1614, considerou o Mucuripe um "sítio doentio"<sup>35</sup> por "suas águas causarem maleitas"<sup>36</sup>. Os soldados de sua tropa prosseguiram até Jericoacoara, padeceram duras penas, tendo por alimento "somente água e farinha [...] e assim, cada dia dos soldados morriam e dos demais adoeciam sem nenhum remédio ou consolação alguma"<sup>37</sup>.

Anos depois, em paragem nordestina muito mais civilizada, rica e evoluida, no "Recife de Pernambuco", Nassau, com prazer, sente chegar a época do término de seu mandato, "pois, o clima do Brasil enfraquece muito as forças humanas e não posso continuar a suportá-lo", diz o Conde, em carta a seus familiares na Holanda<sup>38</sup>.

Na primeira manifestação, de Diogo de Campos, verifica-se a expressão de um padecimento real, do militar em campanha, impossibilitado de prosseguir em virtude do acometimento de doenças em seus comandados. Na segunda, do Conde holandês, a revelação de um estado de espírito que muito bem comprova os estudos da inadaptação do europeu, de climas mais frios, ao nosso meio.

Um pouco antes, na *Relação do Maranhão*, em 1608, o Padre Luís Figueira pinta-nos um quadro mais realista das condições sanitárias do Ceará no início do século XVII. Aquela impressão que nos deixaram os historiadores e cronistas de um "paraisozinho", no dizer do padre Pedro Poderoso, desvanece completamente ao lermos alguns trechos escritos pelo companheiro do padre Francisco Pinto.

Vejamos: "*Depois de deixarmos toda esta serra dos corvos [Uruburetama atual] caminhádo pellos campos, erão tantas as lamas q'nan havia dar passo sem atolar; pr onde nos foy necessario descalçarmonos; porém dahy se nos fizeram dahy a poucos dias das ervas e moscas e mosquitos q' nos picavão se nos fizerão os pés leprosos e a my em especial me incharão, criando matéria em várias partes.*"

O padre Antonio Vieira, que também palmilhou os ínvios caminhos em busca da Serra Grande, deixou-nos em sua *Relação da missão da Ibiapaba*<sup>39</sup>, com tintas bem coloridas, a sua impressão sobre os trabalhos dos primeiros jesuítas no Ceará e, especialmente, um relato realista dos riscos e perigos em que ele próprio se viu comprometido, quando ali buscava o coroamento de sua atuação de missionário.

35 Brígido, João. Efemérides do Ceará. RIC 1900, p. 10

36 Moreno, Diogo de Campos. Jornada do Maranhão. RIC 1907, p.235

37 Id.ibid., p.252

38 Doria, Escragnolle. João Maurício de Nassau. RIC 1914, p.128. Nas suas *Generale Missive* ao Conselho dos XIX (Recife, 8.10.1639) e nas *Cartas Nassovianas* (RIAHGP, nº69, 1907, p.547)

39 Vieira, Antonio, Pe. *Relação da Missão da Ibiapaba*. RIC 1904, p.135

É desse documento o trecho que confirma as palavras do pioneiro da Catequese nas plagas cearenses: *"por que é qualidade dessas arêas, que cada gota dagua que lhes cae, se converte em hu momento em enxames de mosquitos importunentíssimos, que se metem pelos olhos e pelos ouvidos, e não só picão mas desatinão."*

Na passagem pela serra da Uruburetama tiveram os jesuítas uma prolongada prova da rudeza da vida dos silvícolas. Durante os muitos dias que durou a travessia puderam constatar toda a desumanidade da vida em tais paragens. Então, o decantado Éden não passava de um lugar de provação, de sofrimento, de dor, doenças e aperturas. Numa outra referência aos padecimentos experimentados naquela Serra, diz o padre Figueira, na mesma *Relação*: *"Nesta triste Serra dos Corvos parece q' se juntaram todas as pragas do Brasil; inumeráveis cobras e aranhas a q' chamão caranguejeiras, peçonhentíssimas, de cuja mordedura se diz q' morrem os homens, carrapatos sem conta, mosquitos e moscas q' magoão extranhamente e ferem como lancetas fazendo logo saltar o sangue fora e asy pareciam aos índios leprosos das mordeduras, nem eu fizera caso escrever essas cousas senão foram extraordinárias."*

Mesmo assim, estropiados e sem recursos para um atendimento mais eficiente aos feridos e torturados por tantos padecimentos, prosseguiram os dois padres e sua comitiva de índios. Logo mais, um destes, picado por uma cobra venenosa, morria após 18 horas de indizível aflicção. Muito mais ainda os aguardava lá em cima da Serra, objetivo daquela viagem. Quase desanimados pelo excesso de trabalhos no galgar aquela encosta íngreme e absolutamente sem caminhos, conseguiram, *"pelas violências à natureza"* alcançar o platô serrano, local de residência de inumeráveis hordas selvagens.

Aí, no contato mais direto com as tribos, conheceram os seus costumes, as suas credices grosseiras e, especialmente, a ação dos curandeiros e adivinhos que iludiam tristemente a rudez daqueles miseráveis. Conta-nos o padre Figueira que *"hu dia a noite [...] ouvimos hu q' tossia cõ grande eficacia e escarrava procurando de vomitar fazendo grande estrondo."*<sup>1</sup>

Aquilo tudo era o resultado da interferência de um feiticeiro que procurava tratar, com seus incríveis recursos, a um índio doente. Isto se passava quando já no Recife e Olinda existiam Hospitais e um cirurgião, pelo menos, além do "barbeiro sangrador", percebendo este \$400 (quatrocentos réis) mensais e o primeiro, 1\$600 (um mil e seiscentos réis).

Na frota de cinco caravelões e dois patachos que tocou no Mucuripe e que daí se dirigiu ao Maranhão, sob o comando de Diogo de Campos, a célebre *Armada Milagrosa* de 1614, viajava uma enfermeira, a mulher do pardo João Neto, certamente a pioneira da profissão por estas bandas. Infelizmente, a crônica não lhe guardou o nome.<sup>2</sup>

Os padres da Jornada de 1608 traziam a sua "botica", o que era usual nessas andanças. Os irmãos do Recife preparavam com todo o cuidado essas caixas, com o mais variado sortimento de drogas, emplastos, elixires, triagas

1 Op.cit, p.116

2 Rocha, Leducar de Assis. Efemérides médicas pernambucanas. Recife, Prefeitura Municipal do Recife. P.25

e o mais que o aparelhado laboratório pernambucano, sob a orientação de experimentados *pharmacopolae*, lhes podia fornecer.

Os padres, nos seminários tinham recebido aulas de primeiros socorros e bem sabiam tratar as fraturas, ferimentos, febres e envenenamentos.

\*\*\*

Longe estavam os dias calmos da tão celebrada salubridade da terra cearense. A chegada do branco europeu, trazendo um infindável número de mazelas, já então bem espalhadas pela Ásia, Europa e África, foi um verdadeiro cataclismo para o índio desprevenido. Nesse ponto, também o negro trouxe a sua contribuição bem sensível para o aumento da nosologia indígena. A varíola devastava tribos inteiras. Em toda a Capitania pernambucana, em 1617 e no ano seguinte, afirma Leduar de Assis Rocha, milhares de habitantes de seus sertões e praias sucumbiram numa devastação nunca vista. Muitos soldados dali chegados ao Ceará traziam o virulento contágio, que se espalhava como uma chama.

Aqueles atributos de saúde que o Padre Simão Vasconcelos encontrara nos silvícolas estavam prestes a desaparecer. Dizia o cronista da Companhia de Jesus, em sua interessante obra, que "*rarássimamente se acha entre eles [os tapuias] torto, cego, aleijado, surdo, mudo, corcovado, ou outro gênero de monstruosidade, coisa tão comum em outras partes do mundo. São vivedouros e passam muitos de 100 e 120 anos; nem entram em cãs, senão depois de decrépita idade.*"<sup>3</sup> Logo mais isto seria cousa do passado. A sífilis, já à nossa porta, destruindo toda aquela vitalidade milenar.

Além desse flagelo no corpo, a quebra de suas convicções ancestrais, inclusive da imortalidade. "*Muitos*", observa Capistrano de Abreu, "*tinham para si que eram imortais e ficavam pasmados ouvindo que haviam de morrer.*"<sup>4</sup> Essas alterações bruscas, tanto na maneira de viver como na de pensar, não deixavam de contribuir para o enfraquecimento das resistências orgânicas. As antigas crendices, ciosamente conservadas por gerações, eram agora colocadas no cadinho das novas experiências, cotejadas com os ensinamentos recebidos dos alienígenas cultos e convictos, influentes e, de certa maneira, opressores.

O canto da acauã, que tal abalo produzia nos jovens índios que os levava a verdadeiro histerismo, era agora interpretado à luz da ciência europeia de Newton, Bacon e Galileu. As lendas e sagas ouvidas desde o mais longínquo entendimento eram agora escutadas com outros ouvidos. Tudo isso levava o pobre índio a um tal estado de confusão mental que custa acreditar não ser referido maior número de perturbações do comportamento entre eles.

Pompeu Sobrinho chama a atenção da falta de tais registros.<sup>5</sup>

Documentalmente, pode-se falar da existência da tuberculose na Ibiapaba, se por esta afecção pulmonar possa-se entender o termo *hético*, que também significa apenas uma caquexia, um estado de extrema penúria orgâni-

3 Vasconcelos, Simão de, Pe. Crônica da Companhia de Jesus I. p.105

4 Abreu, Capistrano de. Tricentenário do Ceará. RIC 1904, p.67

5 Pompeu Sobrinho, Thomaz. O Homem do Nordeste. RIC 1937, p.354

ca. Desse mal morreu o chefe indígena Belchior da Rosa, pessoa de confiança dos missionários e índio de exemplar conduta.<sup>6</sup>

As intempéries e rusticidade do meio não poupavam nem mesmo os oficiais maiores. Soares Moreno padeceu agudamente de uma fistula, que o obrigou a curar-se nas Antilhas. Os soldados adoeciam deixando os fortes ao desamparo. Uns poucos, a quem ainda lhes restavam algumas forças, ameaçavam rebelar-se, ao ponto de Moreno, em carta a El Rei, demonstrar a sua temível situação. "*Andam todos despidos e doentes e tão desesperados que cada hora receio um motim.*"<sup>7</sup>

O mais terrível inimigo era, no entanto, o impaludismo. No litoral, nos lugares mais úmidos, grassava anualmente no período das chuvas e nos dois ou três meses subsequentes.

Até a chegada dos holandeses ao Ceará a correspondência daqui enviada tinha como tema central as condições climáticas e sanitárias. Para Pernambuco e Portugal eram mandadas informações constantes sobre o assunto.

Chegados os batavos, estes também se preocuparam muito com as doenças, a água, o clima, etc. Matias Beck, vindo do Recife, encontrou na Paraíba uma água "*tão salobra que se não pode beber sendo para receber que por esta causa venha a gente adoecer.*"<sup>8</sup> Não foi diferente a situação que encontrou no Ceará. Logo ao chegar, enviou de volta, ao Recife, "*um soldado doente que aqui não pode curar-se.*" É estranhável a afirmação ufanista do Capitão Simão Estácio da Silveira, de ter encontrado, nessa mesma época, nas suas andanças por nossas terras, "*pura água, que o humano apetite sabe desejar e tão sadia que onde cae veda a muitos doentes; lá lhe serve de mezinha, por que no meio das sezões e dos destemperamentos e outras doenças, vimos muitas vezes sarar com água e nas febres saram pela mor parte lavando-se com elas.*"<sup>9</sup>

Enquanto isto, penava Matias Beck nas margens do Pajeú lastimando mais não contar, junto às suas tropas, com um "consolador dos enfermos", ou um "leitor das Santas Escrituras" que pudesse testemunhar o "*nosso reconhecimento por nos ter misericordiosamente deixado chegar aqui em boa saúde e salvamento.*"<sup>10</sup>

Até o fim do século XVII, no Ceará, os coevos registraram apenas estas doenças, mal caracterizadas, mas que não nos deixam dúvida da existência de diversas outras entidades clínicas, as mesmas que, na época, eram encontradas nas Capitanias vizinhas. Um pouco mais ao Norte, fala-nos Fr. Cristovão de Lisboa, em carta a seu irmão, Manuel Severim de Faria, "*de uma moça índia que há meses tinha febre contínua e parecia uma anatomia*", e que ele, missionário, costumava "*ir ver os ranchos, por amor dos doentes.*"<sup>11</sup>.

6 Guerreiro, Fernão. Relação anual das cousas que fizeram os Padres da Companhia. RIC 1902, p.251

7 Carta a El Rei, 17 de outubro de 1628. RIC 1905, p.99

8 Beck, Matias. Diário. RIC 1903, p.336

9 Silveira, Simão Estácio da, Cap. Relação sumária das cousas do Maranhão. RIC 1905, p.141

10 Beck, Matias, Op.cit. p.366

11 Lisboa, Cristóvão de, Frei. Três cartas. RIC 1909, p.321

O padre Antonio Vieira, no Ceará, deparou-se com um "*índio doente de uma grande inchação que lhe tomava desde o hombro até a cabeça e lhe causava grandes dores*". E, pior ainda, "*sem ter remédio nem quem lh'o soubesse aplicar*."<sup>12</sup>

Não é de estranhar toda essa variedade nosológica, uma vez que está bem demonstrado, e Carlos Studart Filho nos dá eruditas informações sobre o assunto,<sup>13</sup> que toda uma gama imensa de patologias tem sido encontrada nos exames procedidos em esqueletos das mais antigas idades. O raquitismo, as fraturas, doenças infecciosas, tuberculose e doença de Paget, todas, enfim, já foram constatadas desde os homens das cavernas.

Aquela aparente resistência que demonstrava o índio, quando visto pelos primeiros europeus, parece, desmoronou face ao contato tão direto com os portadores de germes para os quais não tinha defesas maiores. De nada lhes valeram o clima saudável, as amenidades da vida, as quase inexistentes variações atmosféricas, diante da avalanche de indivíduos portadores das mais variadas doenças.

Daí por diante, aqueles que, pelo vigor de suas constituições, escaparam do terrível contágio, passaram a possuir, em seu sangue, os anticorpos protetores das infecções comuns. Mas isso, só nas duas ou três gerações subsequentes repercutiria em termos sanitários.

Por seu lado, o branco, o colonizador, também participou do sofrimento dos autóctones, quer recebendo aqui o seu batismo de fogo nas refregas, quando mal ferido e estropiado passava a curar-se com os mesmos recursos dos índios, ou vitimados pelas doenças endêmicas, tais como a malária, as verminoses e avitaminoses.

Mais ainda, e somente ela, talvez lucrou a língua pátria com o transplante para o seu vocabulário de um grande número de palavras até então estranhas ao português de uso comum, como catapora, pereba, sapiranga, curuba, jereré, juçara, papoca, e outras.

---

12 Vieira, Antonio, Pe. Relação da Serra da Ibiapaba. RIC 1904, p.128

13 Studart Filho, Carlos. Enfermidades e média de vida entre homens primitivos. RIC 1953, p.5

## 4 NOSOLOGIA DO CEARÁ II

João de Macêdo Corte Real e Diogo da Silveira Velloso, em 1729, informavam ao Sr. Governador e Capitão Geral, que o Ceará "*haverá 50 anos mais ou menos foy habitado todo de gentio brabo a quem pouco a pouco se foy conquistando, até de todo se extinguirem huns e se aldearem outros.*"<sup>14</sup> Poderiam ter esclarecido melhor, dizendo "*se extinguiram muitos*", por que nessa época muitas tribos estavam quase totalmente dizimadas. A doença concorrera para grande parte desses desaparecimentos e as consequências da "guerra dos bárbaros" se encarregara do resto.

Também, a soldadesca branca pagou sério tributo a Marte. Na perseguição sistemática do começo do II século a tropa, ainda não afeita a semelhante campanha, sofreu grande número de baixas. Andavam em luta 500 pessoas sob o mando do Capitão Plácido de Azevedo Falcão, das quais "*adoeceu muita gente da que levava consigo e lhe morreu de mal que lhe deu três pessoas e se diz chegaram alguns doentes em estado que correm risco escaparem.*"<sup>15</sup>

Nenhum recurso médico possuía essa tropa. Algumas caixas com emplastro, era tudo o que havia na botica de campanha. Isso impedia o prosseguimento da perseguição aos índios paiacu. Para felicidade deles, retornavam os soldados à sede da Vila deixando-os em paz, na sua selvageria.

\*\*\*

Numa região como a do Ceará, por volta de 1710, habitada por hordas bárbaras e incultas, tenazmente perseguidas por soldados sedentos de sangue e de "presa", bem se pode avaliar o estado de desagregação dos costumes tão ciosamente defendidos pelos missionários.

A organização imprimida pelos jesuítas nas aldeias da Serra Grande sofrera sérios impactos e tendia ao retorno à época pré-evangelizadora. Muitos males do corpo, ligados aos desatinos morais, estavam já entranhados naquelas populações desordenadas. O contacto com o invasor fizera aparecer entre os desprotegidos selvagens os efeitos da promiscuidade sexual. Relata Fr. Loreto Couto, em seus *Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco*<sup>16</sup> o caso de uma índia, Luiza, da aldeia de Caucaia, que infectada de mal venéreo por seu marido, que contraiu a doença "*em seus desmanchos*", ficou coberta de chagas e tumores.

Este é um caso que mais sobressaiu, dadas as virtudes da pobre vítima. Mas, quantos outros semelhantes não terão surgido? O que o legislador colonial poderia fazer em benefício ao índio desamparado era apenas acrescentar mais um artigo na vasta codificação existente, exigindo um tratamento mais humano ao mísero indefeso. E tal aconteceu. Aqueles colonos que tivessem índios à soldada "*seriam obrigados a curarem-se-lhes as doenças à sua custa*", e "*se lhe levarão em conta os medicamentos e galinhas, com certidão do*

14 Documentos sobre a fortaleza da Capitania do Ceará Grande. RIC 1902 p. 238.

15 Oliveira, J.B. Perdigão de. A primeira vila da província. RIC 1887, p.172

16 Couto, Loreto, Fr. Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco. Typ. da Bibliotheca do Brasil, 1904. p.518

*médico ou do cirurgião*".<sup>1</sup> Nas doenças prolongadas ou de grandes gastos, "com razão dos medicamentos", eram os índios também partícipes nas despesas.

A nosologia era já mais variada, pois, até aqui, iam chegando com novas tropas e novos missionários conhecimentos mais recentes da Medicina europeia, e os diagnósticos, embora feitos por leigos, se aproximavam mais das verdadeiras causas das doenças, por isso mais dignos de fé e mais precisos.

O século XVIII foi de grande importância para a História da Medicina. Houve, de fato, uma sensível evolução no pensamento filosófico e médico, com o surgimento de novas técnicas diagnósticas, especialmente uma tendência às experimentações práticas. Arturo Castiglione nos oferece um quadro bem real, na sua obra fundamental.<sup>2</sup> E, é claro, era tempo de ter chegado até nós alguma repercussão das novas teorias filosóficas e médicas. A Itália, foco para onde convergiam muitos sábios e estudiosos, nos mandava padres que, certamente, eram conhecedores dos movimentos intelectuais da Península e tinham particular interesse pelos conhecimentos da medicina.

Galileu, Descartes, Giordano Bruno e tantos outros exerciam grande influência no pensamento universitário europeu. Fora mesmo da Universidade, agora que se iniciavam os primeiros passos na criação das Sociedades Científicas, era visível a importância da divulgação dos conhecimentos até então guardados ciosamente por cada zeloso proprietário de cátedra. A Ciência, pouco a pouco, passava a ser patrimônio da coletividade. Os jornais e revistas científicas estavam divulgando os resultados das elocubrações de Leeuwenhoek, Newton, Faber, etc.

Um número muito maior de pessoas tomava conhecimento das técnicas e especulações filosófico-científicas. Não há dúvida que, pelo menos na Bahia e Recife, tivéssemos recebido, no século XVIII, já alguma influência desses avanços. Na própria maneira de descrever os padecimentos dos colonos e silvícolas havia agora uma forma mais adequada para o adiantamento da época. Fr. Loreto Couto dá-nos uma amostra quando relatava a doença do padre João Álvares da Encarnação:<sup>3</sup> "*Padecia de um terrível cancro [...] aquele tumor ulcerado...*" etc. Muito certo que assim se expressasse um intelectual do século XVIII, porquanto já vinham do anterior a descoberta da circulação, os estudos de Malpighi e as grandes revelações que o microscópio vinha trazendo, a cada dia, à apreciação dos cientistas.

Aqui no Ceará, uma ou outra influência chegaria dessas recentes pesquisas. Até então, não tivéramos o prestígio da lembrança da fixação de um médico, ou de um cirurgião, na Capitania. O Recife já contava com a presença, desde há anos, no século anterior ainda, do médico português Simão Pinheiro Mourão, autor do *Tratado Único das Bexigas e Sarampo*, livro oferecido ao Mestre de Campo do Regimento de Infantaria do Recife, D. João de Sousa, editado em Lisboa em 1683.

1 Documentos da freguesia do Pereiro. RIC 1940, p.94

2 Castiglioni, Arturo. História da Medicina. RJ, Editora Nacional, 2vols.

3 Couto, Loreto, Fr. Op Cit, p.315

Olinda tinha suas boticas, boticários e a Santa Casa de Misericórdia. Até a pequena cidade de Igarassú possuía sua Misericórdia e, ainda mais, a influência dos Mestres que ali estiveram durante a permanência do Conde Maurício de Nassau. Entre estes médicos e cientistas destacou-se Guilherme Piso, natural de Leyden e autor da obra notável intitulada *História Natural e Médica da Índia Occidental*.<sup>4</sup> Veio ao Brasil para atender a um convite do Conde, que desejava em sua Corte "um médico hábil e experimentado".

Outra figura da ciência hipocrática que marcou presença no Recife seiscentista foi o Dr. Francisco Alves Monteiro, "licenciado em Medicina e cirurgião aprovado."<sup>5</sup> Também, ainda do século XVII, ali estiveram clinicando o Dr. Cristóvão Campos, o renomado Dr. João Ferreira da Rosa, autor do *Tratado Único da Constituição Pestilencial de Pernambuco*, e o Dr. Domingos Pereira da Gama, formado em Coimbra, famoso e celebrado, no conceito de Fr. Jaboatão.<sup>6</sup>

Pela proximidade de Pernambuco, e pela influência que Recife e Olinda exerceram no Ceará, pode-se inferir que nossa terra, de certa maneira, também tenha sido beneficiada pelo saber e pela atuação de tão renomados praticantes da arte de curar. Nossa colonização, em grande parte feita por oriundos de Pernambuco, certamente, recebeu marcado predomínio dos costumes pernambucanos. Os contatos familiares, frequentes e continuados, influíram muito na maneira de tratar as doenças e de divulgar aqui as práticas caseiras de cuidados e tratamentos exercitados ali.

Como tudo andava devagar, por esses tempos, é lógico que só mais para a metade da era setecentista tenham chegado aqui os melhores influxos da ciência médica.

\*\*\*

Podemos constatar, lendo com atenção a História dos governantes do Ceará, a coincidência que tivemos de possuir autoridades maiores portadoras de patologias mais ou menos graves, ou resultantes das infundáveis refregas em que se metiam quando mais moços, em todas as latitudes por onde Portugal tinha interesses e para lá houvesse enviado suas tropas. Os documentos comprobatórios dos atos praticados por esses valentes e destemidos soldados eram apresentados todas as vezes em que um destes heróis pleiteava a concessão de um cargo público, ou de uma benesse qualquer.

Valiam-lhes os próprios feitos, ou os de parentes, ascendentes, descendentes ou colaterais. Nesses papéis, podemos verificar a extensão das lutas portuguesas e por onde andaram os nossos capitães-mores, governadores, ouvidores, ou mesmo autoridades de menos evidência. Todos os ferimentos e mazelas apanhadas nestes combates, nos confins da Ásia, em lugares que hoje nos parecem até fantasiosos, na África e mesmo no solo pátrio, são descritos com riqueza de detalhes, para honra deles, da Pátria e nossa também.

4 Piso, Guilherme. História natural e médica da Índia Occidental. Nota 4, p.X

5 Rocha, Leduar de Assis. Efemérides médicas pernambucanas. OpCit., p.36

6 Rocha, Leduar de Assis. Op Cit., p.39

João Mello de Gusmão refere, na sua fé de ofício, ter sido aprisionado pelos castelhanos que *"lhe deram uma estocada pelo vazio e ficou estropiado de um pé"*.<sup>7</sup> Pedro Lelou, outro de nossos mais antigos governadores, também pagou caro a sua intrepidez. São palavras suas, nos documentos remetidos quando pleiteava o lugar: *"No recontro de Odegebe, batalha de Ameixial, saiu muito ferido de uma cutelada na cabeça e de uma pelourada que lhe passou o braço esquerdo de que ficou aleijado de uns dedos, fazendo grandes gastos com sua cura"*. Assim mesmo veio para o Ceará, ainda sem o uso de suas tenazes manuais.

Se não bastassem esses dois exemplos, conta, por sua vez, o governador Antonio José Vitoriano Borges da Fonseca que o nosso ouvidor Vitorino Soares Barbosa, era portador *"de demência em que ficou por alguns meses depois de uma grave malina que se diz padecera em Lisboa, antes devir para este lugar"*.<sup>8</sup>

Sebastião Sá, o discutido Capitão-Mor ignorado pelos potiguares quando das nossas reinvidicações de fronteiras, chegou ao Aquiraz *"leso do juízo, balbuciante da língua e entrevado"* pelos maus tratos que lhe infligiu Antonio Rocha.<sup>9</sup> O sofrimento de outro Governador, o Capitão-Mor Bernardo Manuel de Vasconcelos, foi daqueles que quase o impediam dirigir os destinos da Capitania. No entanto, este homem notável fez uma dinâmica e acertada administração. Diz ele, em carta de 17 de outubro de 1802 ao Conde de Anadia: *"Gravíssimas enfermidades desde alguns tempos, e agora com mais atividade oprimem indissimuladamente a minha avançada idade debaixo deste clima ardente [...] ao ponto de se não me conservar alimento algum no estômago, além do ataque de uma diabetes que absolutamente me priva de montar a cavalo"*.

Anos mais tarde, para somar a esses exemplos, temos, no prosaico atestado do padre José Martiniano de Alencar, nosso grande Presidente e pai do insigne escritor de mesmo nome, a afirmação de que a governança do Ceará, naqueles tempos, era por demais comprometedora para um dirigente que *"se achava impossibilitado de qualquer exercício a cavalo por causa de vários tumores que lhe saem pelas nádegas e regiões inguinais, a ponto que se-carão huns, saem-lhes outros pela constituição viciada que tem resistido por muito tempo aos remédios mais enérgicos"*.<sup>10</sup> Na época do atestado seguia preso pelos sertões da Bahia o grande homem público.

Outro não menos importunado pelos males do corpo foi o Ouvidor Antonio Marques Cardoso, que era portador de *"hua nevoa no olho esquerdo a que chamam albugo, estalícidos a miúdo, agravação das hemorroidas, hum princípio de obstrução nos músculos do abdome e hua dor originada de flatos no braço direyto"*.<sup>11</sup> Com semelhante patologia, é de crer-se que pouco tenha rendido o seu trabalho nas correições interioranas.

7 Documentos para a História do Brasil, especialmente do Ceará. RIC 1921, p.5

8 Barão de Studart. Antonio José Vitoriano Borges da Fonseca. RIC 1921, p.5

9 Barão de Studart. Datas e Fatos para a História do Ceará, p.187

10 Bivar, C.S. Documentários. RIC 1975, p.228

11 Barão de Studart. Ouvidoria e Ouvidores do Ceará. RIC 1922, p.64

Em época mais recente, já no século XX, tivemos, gravemente enfermo, o Presidente Justiniano de Serpa. A irreverência do povo que já se manifestava, ou melhor, que sempre se manifestou, não respeitando mesmo as situações aflitivas de suas autoridades, glosou em versos os atropelos do inteligente homem público com os diagnósticos dos esculápios locais. Foi autor da cômica produção, Abílio Martins, sogro do nosso saudoso Francisco Araújo.

### *A Doença do Presidente*

*Um certo dia, o nosso Presidente  
Sem saber, de chofre, adoeceu;  
Um mês passou, e quanto inutilmente,  
Nas mãos do Paracampos padeceu!*

*Às pressas, vem Pinheiro; Infelizmente,  
O mal, no mês seguinte não cedeu.  
Hugo aparece e chama tanta gente  
Que por milagre, o enfermo não morreu.*

*O tempo passou e na convalescença  
O enfermo está, sem saber que doença  
Foi a que teve, e como se curou.*

*Diagnóstico, não houve, felizmente  
Graças a Deus, pois que, precisamente,  
Foi essa a circunstância que o salvou".*

Próximo ao fim do século XVIII estive no Ceará, a chamado das autoridades locais, o médico João Lopes Cardoso Machado. Vinha verificar as causas e tratar os efeitos da terrível epidemia de febres que atacava a população da zona Norte da Capitania. Milhares de pessoas acometidas viviam miseravelmente, sem recursos e sem mesmo saber qual a natureza do mal que os afligia. Trouxe o professor uma equipe de auxiliares, incluindo cirurgiões, boticários e sangradores. Caíram em campo imediatamente, a fim de diagnosticar e debelar as tais "febres malignas" que matavam seus portadores em poucos dias, após tremendo padecimento de altas temperaturas, vômitos, mal-estar e intensa adinamia. O mestre vindo de Pernambuco obteve pleno êxito em sua difícil tarefa, sendo ele mesmo acometido da doença, porém levemente.

No Capítulo dedicado às epidemias que nos assaltaram veremos, com detalhes, a ação dessa Comissão de saúde. Queixava-se Machado, em seu

interessante relatório, do "*grande calor e ardente sol*" e dos desconfortos padecidos na viagem a cavalo para alcançar o foco da epidemia. Diz ele ter suportado "*dores grandes*". É a palavra do Professor autorizado que fala de sua própria moléstia.<sup>12</sup> As tais doenças, eram, conforme o diagnóstico do douto esculápio, "*umas sezões regulares e ordinárias, exceto naqueles que por sua indigência ou brutalidade comem alimentos nocivos e fazem temeridade, que fazem adquirir mau caráter*".<sup>13</sup>

Era o grande receio de todos. Alimentos que deviam ser tomados nessas ou naquelas situações, tabus que até hoje perduram entre o povo mais humilde, os mais simples e mais sujeitos às influências do meio inculto. As conhecidas "*estuporações*", relatadas por nossos distantes avós, têm longa história, centenária legenda, talvez herança de povos mais antigos, de credences milenares.

Conta Paulino Nogueira, em *Presidentes do Ceará*, que Francisco Martins Galucho, homem de reconhecida má-índole, alegava terem morrido uns presos que conduzia "*por acabarem de comer carne fresca com pirão escaldado e terem-se metido no rio*".<sup>14</sup> E todo o mundo acreditava piamente em semelhante disparate. Não poderia escapar de morte certa quem assim procedesse temerariamente.

Voltando às causas de mortes de nossos antepassados, podemos encontrar ainda documentos coevos que atestam as enfermidades mais correntes. Assim, sabemos que o governador Bernardo Manuel de Vasconcelos era portador de diabetes e em consequência dela faleceu,<sup>15</sup> após 52 anos de bons serviços públicos. De "*hidropsia*" morreu o Capitão-Mor João Baltazar de Quevedo Homem de Magalhães.<sup>16</sup>

Para atender ao tratamento de todos estes males, além das drogas ensinadas por mezinheiros valia-se o povo da misericórdia dos santos protetores. Ismael Pordeus recolheu uma série de exemplos em suas pesquisas em Quixeramobim.<sup>17</sup>

Assim, para as dores de dente, Santa Apolônia era invocada; nas cefaléas, Santa Brígida; nos engasgos, São Brás; para menino chorão, Santo Abraão; nas hérnias, Santo Adrião. Para um parto feliz, valia o auxílio de Nossa Senhora do Ó, Essa tradição ainda permanece em nossas famílias sertanejas, cada uma tendo nos seus oragos as imagens e "*reliquias*" dos defensores mais invocados.

É ainda resultado da magnífica pesquisa de Pordeus a relação de uma gama imensa de doenças que acometiam as populações interioranas, todas elas bem registradas nos livros de óbito das paróquias sertanejas, de conformidade com as informações fornecidas pelos familiares do defunto. Os padres anotavam os diagnósticos, conforme lhes parecesse corresponder com os

12 Barão de Studart. Luiz da Motta Feo e seu Governo no Ceará. RIC 1890, p.98

13 Barão de Studart. Op Cit. p.94

14 Nogueira, Paulino. Presidentes do Ceará. RIC 1896, p.251

15 Barão de Studart. A correspondência de Bernardo Manuel de Vasconcelos. RIC, 1889, p.163

16 Barão de Studart. Antonio José Vitoriano Borges da Fonseca e seu governo no Ceará. RIC 1890 p. 210

17 Pordeus, Ismael. Antônio Dias Ferreira e a Matriz de Quixeramobim. RIC 1956, p.112

sinais e sintomas últimos que tinham levado à morte o paroquiano. A lista da disparatada nomenclatura é grande, e muitos são ainda correntes nos meios menos ilustrados.

Em pleno século XX há quem atribua a causa de morte de uma criança a um "mormaço no intestino", a "espinhela caída" ou "impanzinação". Ismael Pordeus relacionou as seguintes: *"hua dor no ventre, de maligna ou de malina, de catarro, de catarrão, de estupor, de sarnas recolhidas, de héctico, de moléstia interior, de esquinência, de espasmo, de dureza, de obstrução, de gálico, de garrotinho, de cobreiro, de tísica, de hum sirro, de feridas na garganta, de quebradura, de inchação, de lombrigas"* etc.<sup>18</sup>, fora os que morriam de velhice, dentada de cobra, de coice, de estrepada ou de desgraça.

---

18 Ismael Pordeus - op. cit. RIC 1955 p. 209

## 5 NOSOLOGIA DO CEARÁ III

O século XVIII representou um destaque especial na evolução da Medicina. Preparou uma imensa estrutura que serviu de base aos conhecimentos médicos verdadeiramente científicos. Houve, nesse século, um notável acúmulo de informações em Anatomia, Patologia, na Clínica Médica, Obstetrícia e Ginecologia. A Cirurgia iniciou sua fase definitiva de desenvolvimento. A Terapêutica e a Farmacologia tomaram uma importância social de grande consideração.<sup>19</sup> Essa preparação legou ao século XIX uma característica especial. A Revolução Francesa teve, não há dúvida, sua repercussão nos trabalhos médicos de toda a Europa civilizada e, conseqüentemente, nos países da América ainda ligados politicamente às principais nações colonialistas. Apesar dos prejuízos trazidos pela perturbação da ordem, pelas conseqüências diretas do movimento revolucionário, durante o *processus*, passada a borrasca, desanuviados os céus europeus, pouco a pouco voltava a medicina a avançar.

Esse processo progredia agora com a inauguração da era industrial, as modificações nos costumes familiares, o trabalho fora do lar, o crescimento dos centros urbanos. Este desenvolvimento era paralelo ao das pesquisas nos laboratórios, das experiências nos Institutos, do surgimento das modernas Escolas Médicas. A mola mestra de tudo isso foi a liberdade de pensamento, de expressão da palavra, coisa nunca antes experimentada mesmo pelas populações mais cultas. As Universidades foram forçadas a alterar seus currículos e, muito mais ainda, a abrir suas portas a todos os que demonstrassem tendências às especulações científicas, independente de suas raças, cores e credos.

Na América, notava-se o colossal e rápido crescimento dos Estados Unidos, crescimento este que atingia também a cultura científica e literária. Pode dizer-se que houve repercussão desses pensamentos no Brasil, apesar de todas as restrições feitas nos primeiros anos do século. A chegada da Família Real modificou o comportamento das elites, dando-lhes maiores oportunidades na participação do Governo e nas iniciativas particulares.

Quanto à Medicina, aquele nascer de século foi de grandes empreendimentos, tendo ocorrido o início do ensino médico na Bahia e no Rio de Janeiro. A Escola de Cirurgia da Bahia é de fevereiro de 1808. A do Rio, de abril do mesmo ano. Uma e outra, funcionando apenas com dois professores, foram, no entanto de imensa valia nesse começo que se manifestou tão promissor. Os Cursos concediam cartas de "aprovados em cirurgia" e de "cirurgião formado" - estes obrigados a dois anos mais de estudos, com aprovação distinta. As duas escolas foram transformadas em "Academias médico-cirúrgicas", respectivamente em 1815 e 1813, e regidas pelo regulamento conhecido por "Bom será".<sup>20</sup>

Como vamos verificar, demorou muito o Ceará a ter médico formado. Aqueles que desejavam praticar a Medicina iam, geralmente, à Bahia, e perante a

19 Castiglioni, Artur. História da Medicina II. P.177

20 Vasconcelos, Ivolino. História da Medicina no Brasil.

junta do Prontomedicato se habilitavam a exercer a profissão. Eram exames simples, que não exigiam maiores conhecimentos teóricos do candidato. Aos assim formados era permitida a prática da sangria, sarjar, aplicar ventosas e bichas, curar feridas, tratar luxações, fraturas e contusões. A medicina interna lhes era vedada; valiam-se, geralmente, de subterfúgios implícitos na própria lei, que lhes permitia, nos lugares distantes e fora do alcance dos físicos e cirurgiões, o exercício da arte de curar.

O século XIX também se caracterizou pelo senso de comunicabilidade das doenças. Já era patente que algumas doenças se transmitiam de homem a homem. À chegada dos navios de escravos africanos algumas vezes se seguia um surto de varíola ou outra enfermidade transmissível. No sentido de isolar estes possíveis contagiantes a Junta da Real Fazenda da Capitania do Ceará acordou, a 29 de abril de 1819, na presença do Governador Manuel Inácio de Sampaio, seu Presidente nato, de levantar um armazem à beira mar, no sítio denominado Jacarecanga, para servir de lazareto onde seriam recolhidos os sobreditos escravos.

Assim já se praticava em outras capitanias. A varíola era o grande terror. No entanto, outros estados mórbidos eram endêmicos no litoral e no sertão. A malária, também conhecida por sezão, maleita, febres intermitentes, grassava em grande parte da Capitania, em especial na zona praieira, nos terrenos pantanosos. Longe estava ainda a Medicina de descobrir-lhe a verdadeira causa. Só no fim do século, em 1880, desapareceria o mistério, desvendado por Laveran, médico militar francês. Até então davam todos as mais disparatadas etiologias à afecção.

O professor Manuel Ximenes de Aragão em suas *Memórias* atribui um surto de malária que acometeu ao seu pai, em Mundaú, ao ter o velho se alimentado de mangabas quentes do sol, e assim descreve a evolução da doença: "*Sentiu um aperto na garganta do que lhe resultou umas sezões.*"<sup>1</sup> As desintérias também eram frequentes, algumas com deposição de sangue, muco e pus, que eram "*aliviadas com umas purgas compostas da jalapa e resina de batata.*"<sup>2</sup>

Coincidia essa patologia intestinal, em geral, com os períodos do estio ou de seca declarada. Neste caso, ficaria fácil a explicação: a alimentação inadequada e indigesta, pela utilização de raízes e frutas silvestres de difícil digestão.

A lepra, o grande espantinho, tomado como castigo divino, afastava o seu padecente de qualquer contato com os demais; era um proscrito, um réprobo, um condenado por imensas culpas, que estava pagando grandes faltas morais cometidas. As lendas eram correntes a respeito desses infelizes. A do *papa-figo* (papa-fígado?) perdura até hoje. Em Fortaleza, refere João Brígido, em 1810, um oficial de justiça, por ter citado São José, numa ação judicial, "*morreu de lepra em razão deste enorme pecado.*"<sup>3</sup>

1 Aragão, Manuel Ximenes de. *Memórias*. RIC 1913, p.84

2 Id. *Op Cit*, p.83

3 Brígido, João. Fortaleza de 1810. RIC 1912, p.89

Gardner, o viajante-cientista inglês e que se dizia médico, quando esteve no Ceará verificou a existência de desarranjos crônicos dos órgãos digestivos em grande número de habitantes do território cearense, que "*terminavam em hidropsia e paralisia*". Sua observação maior e mais demorada foi no Cariri, onde permaneceu meses e visitou as cercanias, entrando nos territórios de Pernambuco e Piauí. Ali, no Crato e adjacências, notou e receitou muita gente com oftalmias, provável manifestação de tracoma, ainda hoje endêmico na região. As pleurisias, atribuídas por ele às diferenças acentuadas das temperaturas diurna e noturna, eram de fácil constatação. Poucas pessoas no Crato tinham os seus olhos sadios. O próprio observador foi acometido da doença, ficando impossibilitado de trabalhar durante alguns dias, permanecendo em casa.<sup>4</sup>

O Duque de Caxias, quando no Maranhão procurava pacificar as turbas exaltadas, foi também acometido de problemas oftálmicos, certamente apanhados no contágio com os inumeráveis cearenses que ali se achavam em 1824.<sup>5</sup> O Senador Alencar, em seus relatórios anuais lidos na Assembleia Provincial, tinha sempre algumas palavras para referir no respeitante ao estado sanitário do Ceará sob o seu dinâmico governo. Em cartas a amigos, especialmente ao conterrâneo ministro Manuel do Nascimento de Castro e Silva, lastimava os estragos "*no gado e nas gentes*" motivados pela crise climática de 1836/37.

Além dessa variada patologia, associada, muitas vezes às intempéries, chama-nos a atenção, de modo especial, um grupo de doenças que praticamente dominou a nosologia cearense no século XIX. Algumas delas serão mais detalhadamente estudadas no capítulo das Epidemias. A febre amarela, por exemplo, provocou grandes aflições à nossa população desprevenida. Os estrangeiros eram as vítimas mais frequentes e assim continuaram até o completo domínio da doença, o que só ocorreu no século XX, pela ação de sanitaristas enérgicos como Osvaldo Cruz e seus auxiliares.

Alguns cearenses notáveis foram apanhados pela doença fora de sua pátria de nascimento. Foi o caso do Coronel João Porfirio da Mota, granjense ilustre que estava no Recife em 1851 quando ali grassava a terrível epidemia.<sup>6</sup> José Pamplona e Carlos Felipe Rabelo de Miranda, personalidades do Aracati, também sucumbiram fora de seus lares, no mesmo ano, na flor da idade. Apareceram também as tais "*febres gastro-biliosas*" de patogenia obscura, que Castro Carreira, em ofício ao Presidente da Província, em abril de 1846, encontra similitude com as febres que atacaram as populações de Lausanne e Bicêtre. Era *chic*, mesmo nessa contigência, comparar nosso humilde Ceará com terras mais evoluídas ...

Segundo o renomado e caridoso médico aracatiense, não havia perigo de contágio e a causa principal do aparecimento de tais febres residia na alteração atmosférica. O vento concorria para espalhar a doença, que partia

4 Gardner, George. Viagem ao interior do Brasil. Ed. Itatiaia, 1977, p.97

5 Documentos para a História da Confederação do Equador no Ceará. RIC 1924 T.esp., p.504

6 Abreu, Cruz. Presidentes do Ceará. RIC 1907, p.341

"de um foco de emanações deletérias vindas da borda do mar."<sup>7</sup> Era o clima sempre acusado nessas ocasiões. Também, a alimentação habitual do povo nas crises climáticas. Carreira cita a farinha de mucumã e o croatá, as bebidas frias, especialmente quando tomadas com o corpo em transpiração. As afecções "tristes" (?), a ociosidade, estavam implicadas no aparecimento das febres gastro-biliosas.

Nas considerações do médico cearense nota-se perfeitamente a mesma maneira de pensar dos médicos do final do século XIX, quando da epidemia que trouxe aqui o cirurgião João Lopes Cardoso Machado e seus auxiliares. Nenhum progresso quanto à natureza das febres reinantes e nas medidas terapêuticas.

A tuberculose propagou-se rapidamente. Muitos casos apareceram aqui desde quando o Ceará passou a ser conhecido como o Sanatório do Norte do Brasil, chamando a atenção seu clima sem variações, seco e agradável, para o repouso e cura da afecção pulmonar. As mais fáceis comunicações, possibilitadas por um mais intenso comércio com as capitânicas vizinhas, trouxe um grande número de pessoas abonadas que convalesciam em nossas terras e sertões, ou aí recebiam sepultura, por terem vindo tão tarde. Os bons ares de Guaramiranga, Quixadá e Quixeramobim, especialmente, eram festejados de Pernambuco ao Amazonas.

O Béri-béri só foi aqui diagnosticado depois da metade do século XIX. O Barão de Studart registra o primeiro caso em 1866. Coincidia o fato com o aparecimento da doença na Bahia e os trabalhos de Silva Lima, chamando a atenção dos médicos e autoridades sanitárias para a desconhecida enfermidade.<sup>8</sup>

Nas Casas de Caridade localizadas nos sertões nordestino, sob o patrocínio do grande missionário Padre Ibiapina, nos anos de 1877/78, ainda como consequência da terrível seca, houve mortalidade de 84 pessoas, quase todas motivadas pelo béri-béri. O recurso terapêutico então utilizado pelos médicos era encaminhar os portadores para a Serra de Baturité. Guaramiranga, então Conceição, transformou-se em verdadeiro hospital. Lá, muitos se curaram, voltando válidos e sãos para seus lares graças ao tipo de alimentação adotado durante a cura, o bom clima, a vida diferente levada na estação de veraneio, que durava de três a quatro meses. Outros sucumbiam nas recaídas, como foi o caso de José Maximiano Barroso e de alguns mais.

O tifo e o paratifo foram causas de inumeráveis óbitos ocorridos em todas as camadas sociais, às vezes, mesmo, tendo particular incidência entre as famílias de melhores recursos. Grassava em colégios, internatos, quartéis e comunidades fechadas, vitimando pessoas jovens, geralmente. O tratamento de então parece-nos hoje, sobretudo a rigorosa dieta, ser a causa de tais desfechos. Eram comuns as perfurações intestinais, a caquexia e morte dentro de alguns dias do acometimento.

7 Nogueira, Paulino. Presidentes do Ceará. RIC 1907, p.341

8 Barão de Studart. Climatologia, endemias e epidemias no Ceará. Revista da Academia Cearense de Letras, 1909, p.23

Deixando de lado essa patologia interna, que tantas vidas preciosas roubava, continuamente, do convívio dos familiares e amigos, temos, como causas de óbitos relativamente frequentes, as oriundas das intervenções obstétricas ou ligadas à gestação e parto. Eclâmpsias, febres puerperais e hemorragias mataram milhares de mães cearenses. A inexistência de meios apropriados para facilitar um parto mais difícil foi motivo de muitos êxitos fatais.

O parto era assistido por pessoas absolutamente despreparadas, sem os menores rudimentos sequer de higiene. Locais inadequados contribuía para dificultar o trabalho, até mesmo de obstetras formados. A total falência de meios para socorrer uma mulher com hemorragia, o simples cortar do cordão umbilical, muitas vezes executado com material infectado, quantas vidas, por essas razões, foram desperdiçadas. Os próprios médicos, em suas santas ignorâncias, chegavam a operar vestidos da maneira que chegavam à casa do doente. Este, sobre uma mesa da cozinha, era aliviado de alguns de seus males, mas sucumbia no holocausto das infecções incontroláveis. Medidas urgentes tomadas pelo atencioso e hierático esculápio tornavam-se absolutamente inócuas diante de quadros dramáticos de tetânicos e portadores de horríveis necroses.

No respeitante à Clínica, pasma a falta dos mais rudimentares recursos terapêuticos convenientes. Poções, tisanas, julepos, triagas, inocentes medicamentos, verdadeira perfumaria que de nada valia. Excluíam-se as águas de Melissa e outros maláxicos, os chás de algumas ervas que, com nomes pomposos, usamos hoje no nosso receituário com grande proveito para o doente e conceito do doutor.

A gravidade e circunspeção de nossos colegas de cem anos atrás estava perfeitamente coadunada com os costumes da época. Diante de um cliente aflito, sob os olhos piedosos de toda uma família sobressaltada com o agravamento perigoso do estado de saúde de um ente estremecido, pedia autoritário o Galeno, "*pena, papel e tinta*" e passava a rabiscar ininteligíveis garatujas, ordenando ao farmacêutico preparar tal ou qual fórmula saída de sua maquinação mental. Achava ele e bem sabia convencer a família, que com aquela chave mágica de tinturas, extratos fluidos, sais e xaropes, breve teriam o seu doente entre os sãos.

Felizmente o nosso organismo tem suas próprias defesas para preservar sua integridade, ameaçada mesmo por convencidos esculápios. Fazendo o jogo de gases, eletrólitos, líquidos e metabólitos, contrabalança, equilibra, compensa e harmoniza, afastando o perigo, curando o enfermo com, sem, ou apesar do médico.

\*\*\*

O século XX herdou grande parte dos processos e conceitos da Medicina dos oitocentos. No entanto, nos centros mais adiantados, na Europa, na América e mesmo no Brasil, a prática da ciência médica obteve, de fato, grandes progressos, evoluiu bastante. O Laboratório, o setor das análises clínicas, os raios-X, a anestesia, tiveram avanços consideráveis nos primeiros anos do século. As técnicas cirúrgicas, cada vez mais aperfeiçoadas e seguras, trou-

xeram grandes alívios aos portadores de doenças para as quais a Clínica se demonstrava impotente.

O Ceará recebeu esse influxo dos progressos médicos que a nova centúria acenava. Os médicos chegados da Bahia e do Rio traziam o calor do entusiasmo pelas descobertas de remédios mais seguros e de técnicas mais aperfeiçoadas para o tratamento cirúrgico das enfermidades. Muitos, logo após a formatura, tinham sido encaminhados para centros médicos europeus, sobretudo Paris, a Meca da cultura e do desenvolvimento científico. A Alemanha também foi muito procurada, mormente por aqueles que desejavam fazer especialidades.

Com as novas armas que possibilitavam mais acertados diagnósticos, passaram a perquirir melhor sobre a nossa verdadeira nosologia. Detectavam com mais êxito casos de tuberculose não pulmonares; diagnosticavam mais rapidamente as distócias, conheciam melhor a evolução de patologias antes obscuras. As noções de contagiosidade e as consequentes medidas de profilaxia tomavam vulto nos aconselhamentos aos doentes e pessoas em geral. O povo tomava conhecimento dos perigos das águas utilizadas, das consequências do mau destino dado aos dejetos, das vantagens dos rudimentos de higiene, hoje comezinhos. Estavam assim evitadas as temíveis e terríveis epidemias de anos passados.

A febre amarela continuava ainda a ser sério problema. O saneamento básico mais eficiente fez desaparecer o flagelo.

Apareceram, como era de esperar, novas entidades clínicas, tais como o calazar e a esquistossomose, endemias rurais que têm zombado de todos os recursos adotados pelas autoridades sanitárias no sentido de sua erradicação. O Cariri e os vales frescos das serras, especialmente de Baturité e Acarape, são os focos principais da parasitose causada pelo trematódio; e os sertões secos da zona Norte e do Jaguaribe, pontos preferenciais da ocorrência da infecção pela *Leishmania Donovanii*.

O primeiro caso de calazar denunciado por Tomaz Aragão, em Sobral, foi o início de uma campanha que perdura e que tem detectado muitos milhares de casos, quase exclusivamente em crianças. A endemia exigiu o sacrifício de uma centena de milhar de cães e de milhares de raposas, reservatórios domésticos e silvestre do protozoário.

Já em 1938 os Drs. Evandro Chagas e Valter Osvaldo Cruz tinham vindo ao Ceará verificar os aspectos locais da leishmaniose visceral americana.<sup>9</sup> A *esquistossomose mansoni*, por sua vez, acometendo adultos, em sua maioria, tem sido um verdadeiro flagelo para as populações rurais do vale do Rio Pacoti, especialmente Redenção, tendo já atingido Maranguape e vale do Curu, além de alguns municípios do ubérrimo Cariri, justamente naquelas populações onde a atividade principal é a cana de açúcar.

As verminoses por helmintos nematoides têm também larga disseminação por todo o Estado, provocando distúrbios sérios da saúde, especialmente os ligados ao aparelho digestivo. Acometendo preferencialmente as crianças,

---

9 Mota, Leonardo. Datas e fatos para a história do Ceará. RIC 1960, p. 297

podemos verificar o enorme prejuízo causado a estes pequenos organismos debilitados por uma alimentação deficiente e inadequada. O Ceará também se coloca na área de alta prevalência da infestação pelo *A. duodenalis*, ao contrário de toda a parte do País que fica ao sul de Pernambuco, onde predomina o *A. americanus*.<sup>10</sup> Do mesmo grupo dessas doenças crônicas do intestino e muito disseminadas em todo o estado, temos a Ascariase e Enterobiose, entidades muito bem estudadas estatística, clínica e laboratorialmente pelo prof. Joaquim Eduardo de Alencar.

A bouba é também uma treponematose, não venérea, de larga incidência nas populações rurais, especialmente nas serras e lugares mais úmidos. A proliferação de focos de moscas e mosquitos, associada à falta de princípios de higiene e à vida promíscua dos trabalhadores do campo, completa o mecanismo de transmissão entre os homens, únicos reservatórios. O contágio direto entre pessoas da família propaga mais rapidamente a infecção. As serras de Baturité, Uruburetama e Ibiapaba têm se mantido áreas endêmicas de maior importância.

A doença de Chagas já foi comprovada em nosso estado em diversos locais, mas em focos sem maior significação. A brucelose, no entanto, antroponose que chega ao homem através de produtos animais de consumo comum, tem acometido grande número de cearenses, parecendo agora haver um certo declínio em seus malefícios. Talvez as melhores instalações das vacarias e melhores cuidados com os alimentos tenham contribuído para este resultado tão auspicioso. Outras doenças infecciosas serão melhor estudadas no Capítulo das grandes epidemias que têm assolado o Ceará em diversas épocas: a varíola, o cólera, a peste e a malária.

\*\*\*

Importa aqui uma referência à grande mortalidade infantil no Ceará. Os números estatísticos, de certa maneira, têm chamado a atenção para a magnitude do problema. Poderíamos situar a verdadeira causa dessa temível hecatombe de criancinhas, no total abandono da alimentação natural. O leite humano tem sido desprezado, mui especialmente por aquelas pessoas que mais dependem dele para a subsistência de seus próprios filhos.

Contigências relacionadas com diversos fatores, tais como os de natureza social, o emprego fora do lar, a enorme e aliciante propaganda feita por entidades multinacionais apregoando os seus produtos da maneira mais convincente e sedutora possível, no próprio estilo do tempo, usando da moda e dos caprichos pessoais, têm levado as mulheres de todas as classes a se afastarem, cada vez mais, da verdadeira forma de alimentação.

Hoje em dia, é rara uma mãe que não tenha um preconceito qualquer contra o leite materno. Umas, alegam a fraqueza do produto das suas glândulas mamárias, pela suposição de serem mal alimentadas e de que só poderão oferecer um alimento inferior a seus filhos. Outras, motivos de ordem estética, com receio de deformidade dos seios; e já outras mais, levadas pelos tabus vigentes, preferem trocar o melhor alimento da criança por fórmulas lácteas industrializadas. Para todos estes falsos argumentos a verdadeira

---

10 Ministério da Saúde. Endemias rurais. 1968, p.11

ciência da alimentação infantil tem respostas precisas e científicas, justificando apenas aquelas motivadas por doença grave da mãe e razões especiais de ordem social.

Assim mesmo, a legislação tem procurado facilitar entre as mães operárias a prática do aleitamento, permitindo que elas se afastem nos horários determinados para alimentar os seus filhos. A recusa, por argumentação de ser o leite de qualidade inferior, tem sido objeto de pesquisas exaustivas, ficando comprovada a falsidade da desculpa na maioria dos casos. Longe vivem as mães de compreender as vantagens de natureza imunológica, higiênica, nutritiva e, especialmente, hoje se sabe bem, a vantagem da alimentação ao seio pela realização de um estreito elo afetivo entre o menino que mama e a mãe que amamenta. Bastava isso para convencer a maioria das mães, saber que seus filhos terão uma meninice mais tranquila, uma maior segurança e melhor comportamento, só por que foram beneficiados por aquelas horas de íntimo e maternal convívio.

Desde o ano de 1977 tem havido uma busca de soluções para que voltem os velhos hábitos de nossas avós. É provável que haja ressonância dessa louvável atitude das autoridades responsáveis pelo bem-estar social e que possamos, em breve, comprovar o êxito da campanha, traduzido em números estatísticos, pela diminuição dos óbitos por diarreias, dispepsias e infecções intestinais nas criancinhas.

Em 1954 tivemos uma das maiores taxas de mortalidade infantil do País. O fato chamou a atenção das autoridades federais, especialmente do antigo Departamento Federal da Criança, que ordenou rigoroso inquérito epidemiológico para determinar as causas de semelhante mortandade. Nas 4 mil e tantas casas de Fortaleza onde tinham ocorrido os 5.800 óbitos de crianças de idade inferior a 12 meses, nos 8 meses anteriores a maio de 1954, tudo o que pudesse concorrer para estes óbitos foi examinado. O tipo de moradia, os cômodos, localização da casa, pessoas que conviviam no mesmo ambiente e, com mais empenho, a alimentação da criança que havia falecido e o estado sanitário dos comunicantes.

Infelizmente, a morte do presidente Getúlio Vargas impediu a continuação da extenuante pesquisa. Mas já muita coisa havia sido realizada e pôde-se inferir fatos e dados evidentes da verdadeira situação de grande parte da população da periferia da capital. Em primeiro lugar, a água utilizada para limpeza e preparação dos alimentos. Quase todas as casas se serviam de cacimbas colocadas nos pequenos quintais, todas elas descobertas, a rés do chão, recebendo, pela condução dos ventos, uma quantidade grande de papéis, restos de alimentos, animais mortos, etc. Pode-se dizer que a totalidade dessa água era absolutamente imprópria ao uso para o qual estava sendo dedicada. Nessa época do ano, domina em Fortaleza uma corrente aérea de ventos de pouca altitude, 4 a 8 metros, que ajuda ainda mais a carrear imundices para o interior das cacimbas.

Estudos feitos comprovaram a predominância de tais ventos, coincidentes com a subida da curva da incidência das diarreias nos subúrbios. A criança pobre recebe uma alimentação muito diluída. Verificamos que uma lata de

leite em pó que deveria durar 4 ou 5 dias, era economizada para ser gasta em 15 e até 20 dias, tomando o menino, assim, uma diluição mínima na reconstituição da fórmula láctea. Faltando uma nutrição adequada, quantitativa e qualitativamente, caíam as resistências da criança, que facilmente era vítima da infecção intestinal superveniente.

Um quadro inicial de uma simples dispepsia, com o correr de 3 ou 4 dias passava a apresentar os sintomas de uma diarreia mais grave, com muco, pus e sangue nas fezes, líquidas e mal cheirosas, com dor, emagrecimento e desidratação. Pouco mais e a criança falecia. Os exames bacteriológicos dos comunicantes revelou uma grande incidência de shigelloses e infecções por outros germes, capazes de afetar profundamente o estado de uma criança já em miséria orgânica pelas infestações mais diversas. Esses dados, levados às autoridades competentes, tiveram a valia de despertar nos Departamentos mais ligados ao problema sanitário a necessidade de, pelo menos, colocar água corrente nessas casas. O tempo decorrido ainda não é suficiente para se afirmar o bom êxito das medidas adotadas. Mas tudo leva a crer que Fortaleza jamais terá outro surto idêntico de mortalidade infantil por diarreias, como tivemos 20 anos atrás.

\*\*\*

Antes dessa epidemia de diarreia infantil, tivemos, nos anos coincidentes com a II Guerra Mundial, diversos surtos de gripes epidêmicas que não fizeram muitas vítimas, mas acometeram a muitas pessoas que durante 4 ou 5 dias tiveram que guardar o leito. O povo deu nomes referentes a fatos concomitantes a essas perturbações respiratórias. Assim, tivemos a asiática, a Vietnam, etc. O episódio mais importante foi, no entanto, o de 1929, que tomou aspecto grave, acometendo pessoas de todas as idades. A Saúde Pública tomou providências acauteladoras recomendando a diminuição de visitas e fechando os portões do Cemitério São João Batista para as comemorações do Dia de Finados.<sup>11</sup>

Em 1927 houve um recrudescimento dos casos de lepra. Foi quando a Imprensa e pessoas sensibilizadas para o problema iniciaram uma campanha no sentido de angariar meios para a construção de um hospital especializado. Em terras situadas em Canafístula, à margem da Estrada de Ferro de Baturité, foi instalado o isolamento para os acometidos pela temível moléstia. Na época, os jornais alardeavam a propagação da doença e a atitude incompreensível de alguns de seus portadores, que provocavam contatos com pessoas sadias, nas ruas, abraçando-as, procurando contagiá-las.

Para se ter uma ideia do estado sanitário do Ceará, no segundo decênio do século XX, basta citar o fato dos inúmeros casos de polinevrite constatados no Colégio Militar, em julho de 1927, quando uma centena de alunos daquele estabelecimento de ensino "baixaram" à enfermaria para tratamento. Felizmente, neste final de centúria o estado sanitário tem melhorado bastante. Possuímos bons recursos hospitalares para tratamento e muito melhores meios para diagnósticos ao alcance de toda a população cearense.

---

11 Mota, Leonardo. Op Cit. RIC 1954, p.239

## 6 AS EPIDEMIAS I

Mesmo recebendo o Ceará, da cornucópia de bênçãos de seu saudável clima, todos os benefícios que se traduziram em poder ostentar uma população indígena rija, robusta e intrépida, não suportou por muito tempo o impacto das agressões das doenças infecciosas que os colonizadores traziam. À frequência do intercâmbio com indivíduos potencialmente transmissores, em pouco aqueles baluartes de saúde foram aquebrantados e abatidos. Tornaram-se, os pobres índios, vítimas indefesas dos males da civilização ocidental. Era impossível escapar impunes, já que não possuíam nenhuma resistência imunitária. Cedo, foram aniquilados pelas mais variadas doenças infecciosas, e com tal gravidade de manifestação que, ao ataque de uma simples gripe, ruíam as constituições mais fortes.<sup>12</sup>

Era lastimável o estado daquelas tribos, dantes tão belicosas e bravas. Um verdadeiro holocausto ao que se denominava colonização, civilização, progresso ou conquista. Justificavam assim, os invasores lusos, franceses e holandeses, com jactância de nanicos Prometeus e de burlescos Césares, os impulsos apaixonados que lhes invadia o espírito aventureiro. Titãs de fanfaria, cegava-os a detenção do domínio. Do domínio, sim; e dominadores era-lhes o vocábulo mais próprio.

Exploravam hermenêuticas viciosas, aproveitavam-se de interpretações dúbias, de uma visão ainda vaga de certas máximas evangélicas, ou de documentos apócrifos, civis ou eclesiásticos. Alguns, pretenciosos mesmos, faziam seus próprios ajuizamentos. E, claro, nessas opiniões de algibeira desprezavam direitos, atribuíam-se prerrogativas. Ousadia nunca lhes faltara em tais procedimentos, como sempre lhes sobrara no destemor dos mares.

Já muito antes, Paulo III tinha assinado a carta de alforria espiritual dos índios; mas, capitães e sargentos-mores, quais forasteiros ou indiferentes adventícios, faziam-se surdos a semelhantes doutrinas. Aqui, em África, Ásia ou Oceania era o mesmo conluio contra o aborígine, o autóctone.

Só os humildes catequizadores, arrastando os seus bordões, afrontando perigos, expondo-se temerariamente às intempéries e maledicências, atreviam-se à defender o silvícola. Defender e preservar. Aprendiam-lhes a língua, ensinavam, tratavam deles. Foram os seus primeiros médicos, com as poucas noções de cuidados com a saúde, o uso de drogas simples e de alguns rudimentares socorros aprendidos e exercitados para utilização nas horas de tormentos, nos lugares mais ínvios. O padre Serafim Leite, na sua monumental *História da Companhia de Jesus no Brasil*, oferece-nos diversos instantâneos dessa ação benfazeja dos seus colegas, no primeiros dias de nossa Pátria.

Chegaram os missionários em boa hora. Porém não puderam evitar o desmornamento das aldeias, especialmente no tocante à saúde das populações assistidas. Padres de boas disposições físicas, alguns, outros já alquebrados pela faina estafante das viagens fadigasas, tudo faziam para minorar o sofrimento daqueles índios, agora vítimas das doenças mais dizimadoras.

12 Barão de Studart. Datas e fatos para a história do Ceará.

Ontem, atletas da saúde; hoje, míseros espantalhos, sem préstimo nem condições, pusilânimes e desfibrados, aniquilados pelas endemias, opilados, hesitantes. A desventura batera às portas das mais distantes aldeias. Tabas desertas, malocas abandonadas, os moradores alvoroçados, fugindo para os matos. O sarampo foi o primeiro dos grandes infortúnios. Alastrou-se com a impetuosidade das labaredas em campo ressequido. Em pouco tempo, o "mal das coceiras", qual Moloch, destruía aldeias inteiras.

Até então, mesmo na culta Europa, era o sarampo confundido com a varíola. Só em 1664 Sydenham separou definitivamente as duas entidades.<sup>1</sup> A escarlatina e outros exantemas, só o sendo em 1786, por Fritsch. Dessa forma, os cronistas nos deixam algumas vezes incapacitados a reconhecer, nas suas *Relações e cartas ânuas*, a distinção entre uma e outra enfermidade.

\*\*\*

Uma das primeiras epidemias de sarampo registrada na História Médica cearense ocorreu antes de 1691. Ficou documentada pelo Mestre de Campo Manuel Álvares de Moraes Navarro, em 15 de dezembro de 1696, ao pedir satisfação de seus serviços. No "*arrayal da força do Siara*" foi ele atacado pelos bárbaros, quando contava apenas com 130 homens. Era um revide, certamente. O mais de sua gente achava-se doente de sarampo.<sup>2</sup> Conseguiu escapar, ferido na coxa direita, fugindo o seu Mestre de Campo "*por causa da peste*". Matias Cardoso também dá notícia da epidemia que lhe causou enormes prejuízos.<sup>3</sup>

Por Carta Régia de 14 de dezembro de 1691 sabe-se, também, que ocorreram dúvidas a respeito das despesas feitas com os sufrágios das almas dos soldados falecidos nessa epidemia. Ao cirurgião que veio de Pernambuco para o Ceará curar os feridos e empestados deram-lhe uma ajuda de custas de vinte mil réis.<sup>4</sup> Antes deste surto, sabemos, pelo Barão de Studart, da ocorrência de um outro, o primeiro relatado no Norte do Brasil, em 1615, na Armada enviada do Recife ao Maranhão, sob o comando de Alexandre de Moura. Sofreu a tropa pesadas perdas com o acometimento de sarampo nos 300 índios das Missões que acompanhavam os dois para ali enviados.<sup>5</sup>

Peste era a designação comum para qualquer doença que atingisse epidemicamente as populações. Muitos documentos dos séculos XVII e XVIII generalizam o termo para um grande número de agravos da saúde. A bubônica, as febres, especialmente a varíola, eram assim nomeadas. Esta, com mais insistência.

A carta de Teixeira de Melo de 1645<sup>6</sup> atribui aos holandeses a transmissão da bexiga entre nós. Diz ele: "*Os olandezes não só trouxerão a guerra, mas hua peste trazendo consigo índios com bexigas que he a peste daquela terra,*

1 Ginabreda, J.M.Sala. Tratado de las enfermedades infeciosas em la infância. Tomo I, p.69

2 Navarro, Manuel Álvares Moraes. Documento nº 451. RIC 1923, p. 64

3 Studart Filho, Carlos, Gen. Resistência dos indígenas à conquista e povoamento da terra. A guerra dos bárbaros. RIC 1961, p.202

4 Barão de Studart. Datas e fatos. P.95

5 Barão de Studart. Datas e fatos. P. 23

6 RIC 1910, p.339

*e nos matara mayor e melhor gente das aldeias dos índios e quase todos os escravos dos moradores*". E adiantava que Sua Majestade teria que mandar vir índios do Pará para substituir os que tinham morrido.

Sabe-se hoje que não foram os holandeses a trazer a varíola para o Brasil. Pelos relatos do padre Leonardo do Vale e de José de Anchieta, assinala-se a primeira epidemia do morbo em Pernambuco, em 1563. Foi grande a mortandade.<sup>7</sup> Logo mais, em 1597, outra vez a varíola faz retardar a conquista do Norte, fazendo com que o Capitão-Mor Manuel Mascarenhas Homem ficasse retido, juntamente com Feliciano Coelho de Carvalho, na Baía da Traição.<sup>8</sup> Vê-se assim que, já no primeiro século da História nacional, tínhamos presente a bexiga no Nordeste.

João Brígido, com a sua maneira muito própria de dizer as cousas, ao tratar das epidemias de varíola nos primeiros tempos da colônia afirma que esta doença "*encontrou nos índios o seu pasto*".<sup>9</sup> De fato, pode-se assim asseverar, porquanto a infecção medrou tão bem em terreno susceptível, que é justa a afirmação do jornalista historiador.

Entre os escritos dos diversos missionários que trataram do comportamento e costumes dos índios a bexiga é sempre referida como principal entidade nosológica corrente nas tabas e aldeias.

Muniz Barreiros chegou ao Maranhão a 24 de março de 1622, passando por Jericoacoara, ancoradouro de parada obrigatória na rota do Ceará para o Norte. Encontrou a pequena localidade dizimada por grande epidemia.<sup>10</sup> Na correspondência dos jesuítas há constantes referências aos ataques da doença. Antonil, o mesmo Antonio João Andreoni da *Cultura e Opulência*, conta da penúria de alimentos, da falta de chuvas e dos temíveis efeitos da varíola, matando crianças e adultos em proporções nunca vistas.

Os pajés eram solicitados, com veemência, para conjurar os seus deuses e afastá-los do perigo de extermínio em que se encontravam os seus. De nada valiam os exorcismos; continuavam os maus espíritos, segundo o parecer dos feiticeiros, a insistir na ruína total da raça vermelha. Benzéduras, mandingas, danças e ritos, de tudo se valiam os piagas e manangas. As forças contrárias eram muito mais fortes, exigiam as vidas daqueles míseros aterrados. Aconselhavam a varredura dos terreiros e o resguardo da madrugada. Humildes vassalos, obedeciam cegamente ao chefe, a quem, desconfiados, manifestavam suas dúvidas e inseguranças. Começava a ser abalado o conceito e a autoridade dos morubixabas.

Mas a peste continuava empedernida, desumana, insensível. Em 1623 e 1624, novamente, como uma imensa vaga, outro surto de varíola assola as Capitânicas de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande do Norte.<sup>11</sup> É quase certo ter atingido o Ceará; não possuímos documentos confirmatórios, no entanto. Milhares de índios sucumbem. O auge, porém, estava para sur-

7 Rocha, Leduar de Assis. Efemérides médicas pernambucanas, p.18

8 Cascudo, L.C. História do Rio Grande do Norte. P.23

9 Brígido, João. Efemérides do Ceará. RIC 1900, p.185

10 Barão de Studart. Martim Soares Moreno, o fundador do Ceará. RIC 1903, p.212

11 Rocha, Leduar de Assis. Op Cit., p.27

gir apenas no meado do século. O padre Bettendorff lamenta o fato e, em sua "Crônica" refere que *"reynava naquelle tempo pestiffero mal de bexigas de pelle de lixa, e nan he facil de escrever quanto trabalho custou aos pobres pa-dres, sendo elles tão poucos, a necessidade de tantos doentes que allem (sic) se querião confessar com elles."*<sup>12</sup> A Serra da Ibiapaba, então compreendida no Maranhão, sofria terrivelmente.

Não eram muito diferentes as notícias encaminhadas para a Holanda pelos representantes da Companhia das Índias Ocidentais aqui. O Conselho comunicava aos diretores que o mal se alastrava pelo Nordeste. A bexiga *"grassou tão violentamente entre eles [índios], que aldeias inteiras quase se extinguiram de todo retirando-se os sobreviventes para os matos, por não ousarem permanecer por mais tempo em suas habitações"*. Mais adiante: *"O seguinte fato patenteia quanto esse mal se tem generalizado na América; ao passo que a Bahia não está livre dele, a galeota "Amsterdam", indo do Maranhão a Camucim [aldeia que fica no meio do caminho entre Ceará e Maranhão] para, de passagem e segundo suas instruções tomar carga de pau malhado, não encontrou aí um só homem são, e forçoso foi que partisse sem nada ter feito"*. Por aí se vê a gravidade da situação. Um só homem não foi encontrado em Camucim capaz de atender às determinações dos holandeses.

Acrescenta ainda o missivista que *"essa enfermidade também deu causa a que 3 navios de que tratamos na nossa carta anterior não pudessem haver sal em Ipanema, pois os índios que foram para ali, mandados a fim de secar o sal e pó-lo a bordo dos navios, fugiram com medo da doença."*<sup>13</sup> Era o desespero tomando conta de toda a população indígena. Não queriam nenhuma comunicação com aqueles que acreditavam trazer-lhes a epidemia. A correspondência é de 1642 e retrata uma situação recente, isto é, de pelo menos dois anos antes. Gedeon Morris de Jonge desde 1640 padecia as agruras do acometimento. Declarava-se enfraquecido por tamanha mortandade de índios e escravos. As salinas abandonadas, praias desertas, prejuízos incalculáveis. Despovoamento das Capitânicas, fuga em massa dos índios e dos poucos colonos, era o que resultara de tamanha desgraça.

A correspondência dos portugueses para Lisboa não diverge da encaminhada pelos holandeses para Amsterdam. Antonio Teixeira de Melo, em carta de 1645 a Sua Majestade, declara a penúria da gente de guerra que encontrou no Maranhão. Mais de 3 mil índios guerreiros sucumbiram, ficando-lhe um reduzido número, esses mesmos incapazes para a defesa da costa, e Serra da Ibiapaba.<sup>14</sup> Era este o estado sanitário da Capitania, e foi assim até o fim daquele século.

Na efetivação de uma maior penetração do Ceará, as bandeiras organizadas para a completa ocupação da terra eram formadas, quase sempre, por grupos de colonizadores vindos das Capitânicas vizinhas em busca de terras para criação de gado. Tiveram encontros memoráveis com os índios revol-

12 Bettendorff, João. Crônica da Missão da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão. RIC 1906, p.50

13 Hígino, José. Gedeon Morris de Jonge. p.289

14 Documentos para a história do Brasil, especialmente do Ceará. RIC 1910, p.334

tados com a usurpação dos seus direitos milenares sobre aquelas terras que estavam sendo doadas pela magnificência de governadores e capitães-mores, sem qualquer atendimento às prerrogativas dos antigos e legítimos donos do solo. A guerra era inevitável, os ânimos estavam exaltados, os aborígenes emboscavam, assaltavam fazendas, roubavam gado.

Todas as circunstâncias estavam criadas para a declaração da "guerra justa", isto é, os fatos atendiam aos itens especificados pelas autoridades civis e eclesiásticas para se fazer apresamentos dos que se encontrassem em flagrante delito. Era o que muitos soldados queriam; arranjar as suas "peças". A luta foi cruel, vindo combater os selvagens do Assu e Jaguaribe o Mestre de Campo Morais Navarro. Logo, a varíola fez o seu aparecimento em ambos os lados, mui especialmente nas hordas bárbaras.

Navarro dá notícia, do Assu, de que o "*mau sucesso*" tinha motivado grandes perdas em suas tropas, "*pelo rigor do contágio das bexigas e mortes de muitos oficiais e soldados do seu terço.*"<sup>15</sup> Estes acontecimentos se deram no final do século XVII e início do XVIII. Como sempre, a seca fez parilha com a epidemia. Loreto Couto diz em sua obra que a varíola arvorara o "*estandarte da Morte, e já não cabiam nos Hospitais os enfermos e nas sepulturas não havia lugar para os mortos.*"<sup>16</sup>

No século XVIII aparece o morbo em 1726. O futuro Capitão-Mor do Ceará Grande, D. Francisco Ximenes de Aragão, informa em relatório que duas tropas de soldados e índios enviados contra o gentio "foram vítimas das bexigas".<sup>17</sup> Outra informação, também do mesmo ano, refere-se a uma epidemia que tivera o mérito de provocar o exercício de muita caridade e trabalho do governador. Somente no fim da centúria é que vamos encontrar farta documentação sobre o grande surto da virose, conjuntamente com o impudismo, na seca que quase liquida com o Ceará, a de 1791 a 1793. Foi uma das maiores calamidades já suportadas pelo povo cearense.

Junto à fome, à miséria, ao deslocamento compulsório da maior parte da população sertaneja, veio a peste no tradicional cortejo. A pobreza, em extrema penúria, implorava a caridade pública numa infame procissão de proscritos. E todos estavam em idênticas condições. A seca e a peste igualaram todas as classes. Não havia ricos nem pobres, escravos ou senhores; todos se nivelavam na mesma adversidade, irmanavam-se no mesmo sofrimento. A indigência era comum.

Sem alimento, sem abrigo, sem uma proteção sequer, uma multidão de famintos e sedentos caminhava a esmo pelas estradas, em busca de um lenitivo que não se encontrava em lugar nenhum. A tristeza era aterradora. Do alto, os urubus espreitavam seus próximos repastos, ainda ambulantes. Um cheiro nauseabundo e estonteante dominava os terrenos. Não havia condições, nem tempo, nem disposição para sepultar os animais mortos nos campos. Trapos, espectros de gente, seguiam sem rumo, insensíveis para reagir

15 Documentos relativos ao Mestre de Campo Manuel Álvares de Moraes Navarro. RIC 1917, p.165

16 Couto, Loreto, Fr. Desagravos do Brasil e glória de Pernambuco.

17 Barão de Studart. Datas e fatos para a história do Ceará na primeira metade do século XVIII. RIC 1891, p.362

a qualquer estímulo. O pensamento único era o de fuga. Ninguém sabia para onde. Abobados, aturdidos, vagavam. Vagavam, apenas.

A varíola estava bem presente. O Aracati, conforme depoimento de uma testemunha, perdeu logo 600 dos seus mais produtivos habitantes. Quase todas as vilas e lugares pagaram o seu tributo.<sup>18</sup> Sofrimento igual, ou pior, só ocorreria um século depois, na grande epidemia de 1878. Nada se comparou, até hoje, a essa calamidade que se abateu, há 100 anos, sobre o Ceará. Também, seca e varíola que, outra vez, quase exterminam o nosso sofrido torrão.

É incrível a capacidade de refazimento de nossas populações. Quando tudo parece marchar para um aniquilamento total, passada a borrasca ressurge, dentro de poucos anos, uma geração completamente esquecida do terror dos dias vividos por seus pais. Nova gente, nova massa humana, mais numerosa que a anterior que, certamente, nessa mesma geração, suportará os mesmos tormentos que foram de seus pais, de seus avós e de seus mais distantes ancestrais.

Felizmente, houve sensível modificação na maneira de se manifestarem as grandes convulsões climáticas e sanitárias no presente século. As medidas referentes a uma melhor distribuição das águas acumuladas nos açudes e barragens, a atenção prestada aos problemas médicos da comunidade, a profilaxia e controle das doenças transmissíveis, as vias de comunicações mais rápidas e eficientes, são fortes anteparos a que possam ainda ocorrer semelhantes imprevistos, com todos os seus funestos efeitos.

Mas, antes de chegarmos à apreciação da Medicina no corrente século, vejamos ainda como o cearense conseguiu suportar outros agravos agudos de sua saúde na fase oitocentista.

---

18 D'Almeida, Esteves. Registro da memória dos principais acontecimentos do Aracati. RIC 1887, p.86

## 7 AS EPIDEMIAS II

A descoberta da vacina data de 1796, tendo sido um dos maiores acontecimentos da Medicina naquele século. De longe já se conhecia a "variolação", isto é, a inoculação de pus humano infectado de varíola para a proteção de indivíduos susceptíveis. Era hábito de civilizações muito antigas, como a chinesa, livrarem-se assim da temível doença.

Existem provas de que, mais de mil anos antes de Cristo, a China tivesse sido acometida de uma epidemia. *Varus*, chamavam os Romanos todas as enfermidades que se apresentavam com pústulas, daí uma certa confusão com outras entidades semelhantes. O Exército abexim foi dizimado numa peste devastadora, no ano de 570. Na Idade Média, com a mobilização de tropas pelas Cruzadas, a doença foi levada da Europa para o Oriente Médio fazendo ali tremenda ruína. E veio o descobrimento da América. Com os descobridores atingiu o morbo o Novo Mundo, perpetuando-se aqui, só sendo erradicado, em alguns países, nos nossos dias. Conforta-nos sobremaneira a comunicação recente fornecida pela Organização Mundial de Saúde de que a varíola foi completamente dominada no mundo. No informe de 7 de abril de 1975, que temos em mãos, lemos, com satisfação este "Adeus à Varíola".

É muito divulgado o "estalo" de Jenner ao observar vaqueiros e ordenhadores que alardeavam suas resistências à doença. Estes indivíduos tinham padecido, em suas mãos, verdadeiras pústulas vacínicas, semelhantes ao *cow-pox*. Por isso mesmo possuíam uma imunidade perfeita. Usando o velho refrão de que "quem sabe faz", o cientista inglês passou a inocular em amigos e clientes o pus retirado das lesões. Bem sucedido, foi logo vulgarizado o método pela verificação da real importância da sua prática. Como sempre acontece, foi Jenner ridicularizado, criticado e pintado como um sonhador, um visionário, preço que sempre pagam os pioneiros. Jornais e revistas circulantes da Inglaterra e outros países europeus, desperdiçaram muitas folhas de seus periódicos com caricaturas de toda a sorte do teimoso inglês. Por fim, viu Jenner vitoriosa sua grande arma profilática, magnífico progresso médico do fim do século XVIII.

A Itália tomou a frente nas experimentações, julgadas temerárias noutros lugares. De confirmação em confirmação, o êxito da vacina foi quase total nos países mais cultos e, pouco mais, estava sendo adotada como rotina. Alguns legislaram logo, obrigando seu emprego compulsoriamente.

As técnicas foram aperfeiçoadas e, já em 1810, tínhamos uma importante *Memória* sobre a vacina animal. O vitelo foi sempre usado como fonte de semente vacinal. Como não poderia deixar de acontecer, a França tomou a dianteira no preparo e utilização da vacina, formando pessoal competente para melhor divulgação do método. O primeiro Instituto Vacinogênico do Mundo foi fundado em Paris, à Rua Massilon nº. 2.<sup>19</sup>

A melhor prova do valor da imunização foi dada na Guerra Franco-prussiana, onde se viu o resultado positivo da obrigatoriedade da vacina, que tinha

19 Teófilo, Rodolfo. Vacina e Vacinação no Ceará. P.79

sido decretado pelo governo alemão. Enquanto o Exército francês perdia, por varíola, 23 mil soldados de um milhão de combatentes, pouquíssimos deles vacinados, a Alemanha notificava apenas 459 casos em 2 milhões de guerreiros! E estes, porque conseguiram burlar os vacinadores esquivando-se do benefício com alegativas estultas.

Tratemos do Ceará.

É de 1804 a primeira referência à vacina, partida de uma autoridade governamental cearense. João Carlos Augusto d'Oeynhausien, a 30 de julho daquele ano, escreve ao Visconde de Anadia dando conta de diversos assuntos de interesse da administração e diz, no segundo item: *"Tem-se observado que neste ardente clima, ainda mais do que as escravaturas, padecem os índios naturais do país, para os quais a enfermidade das bexigas he sempre quaze geralmente mortal, e porisso he tal a aversão que elles tem a este flagello destruidor, e tão proporcionado ao estrago e mortalidade que entre elles cauza, que será a introdução deste salutifero preservativo o maior benefício que elles possão receber, à vista do que, continuando V. Excia. a fazer-me a honra de reconhecer o zelo com que sirvo a S.A.R. e me emprego em fomentar a prosperidade dos seus vassallos, não poderá V. Excia. duvidar da actividade com que eu procurarei cumprir o que por V. Excia. me fica recomendado sobre esta importante matéria."*<sup>1</sup>

Pelo cansativo excerto se vê que as autoridades coloniais estavam interessadas na introdução da vacina entre nós, desde muito cedo. Antes, o nosso Governador tinha recebido, em 4 de outubro de 1802, instruções sobre a *"introdução da inoculação da bexiga, à semelhança de que se tinha feito em Moçambique"* O governador convocou o cirurgião-mor aqui residente para *"vigiar o instante mais propício de dar hum exemplo"* Certamente pensara ele vacinar-se publicamente, ou alguma pessoa da governança, para com isso obter algo *"que animasse os seus habitantes a fazerem da inoculação o mesmo uzo"* Assim se procedia nas capitais da Europa. Nada mais ficou registrado sobre esse sucesso inicial. Não se esclareceu se o material vacinal chegou até nós, como tudo indica. O fato é que foi demonstrada a grande boa vontade e compreensão do Governador.<sup>2</sup>

Em dezembro de 1806 o Governador comunicava ao Ministro dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinhos que, obedecendo instruções aqui recebidas em 1803 e 1804, já vacinara, na Capital e no interior, mais de 200 pessoas, sem quaisquer riscos para elas.<sup>3</sup> Estava, portanto, superado o empecilho que motivara a correspondência de maio de 1803, da não existência de médico na Capitania que pudesse aplicar a vacina nos negros e índios.<sup>4</sup> Contava, agora, com os préstimos do professor João Lourenço Marques,<sup>5</sup>

1 Administração João Carlos Augusto d'Oeynhausien no Ceará. Coleção Studart. RIC 1925, p.277

2 Barão de Studart. Climatologia, epidemias e endemias no Ceará. RIC 1909, p. 29.

3 Santos, João Brígido dos. Resumo cronológico (Apreciação de Perdigão de Oliveira). RIC 1888, p.65

4 A correspondência de Bernardo Manuel de Vasconcelos. RIC 1889, p.167

5 Barão de Studart. Datas e fatos para a história do Ceará. RIC 1896, p.364

que a 5 de março de 1807 foi mandado pacificar "*um alvoroço do povo contra a vacina*" conforme participou a Câmara ao Ouvidor.<sup>6</sup>

Dez anos depois, houve uma epidemia que se propagou na capital. A Junta da Real Fazenda, reunida a 8 de junho de 1814, recomendou a hospitalização dos acometidos, geralmente pessoas pobres, muitas delas encontradas em crítica situação pelas areias e matas ao redor da cidade. Manuel Inácio de Sampaio, Governador, em carta a seu pai, em Lisboa, pinta um quadro tristonho da miséria que testemunha no Ceará. A epidemia continuava, em novembro, com muita virulência. Em 1818 volta a atacar. Possuíamos, nessa ocasião, dois prédios rústicos, quase sem acomodações, mas, que, com toda a sua precariedade, serviam de abrigo aos variolosos. Eram os hospitais de Jacarecanga e da Lagoa Funda. Recebiam "*todos os pobres, de um e outro sexo, que se reconhecesse não terem meios para se poder tratar*". Essa foi a deliberação tomada pela Junta a 18 de novembro. Os tais Lazaretos serviam, nas épocas normais, para o isolamento de escravos recém-chegados por via marítima. Na localização destes "armazéns", teve a Junta o cuidado de os mandar construir a sotavento da cidade "*conforme se pratica em todas as mais capitais*."<sup>7</sup>

Em 1819 continuava o flagelo. Houve necessidade de ampliação dos Lazaretos, obras iniciadas em julho, após os terrenos anexos com o seu proprietário, o Brigadeiro Francisco Xavier Torres.<sup>8</sup> Agora, em prédio de tijolo alojavam-se os doentes que antes ficavam em palhoças escusas. Até mesmo os soldados do Forte eram tratados como indigentes, sem maiores confortos.

Manuel Inácio julgava poder dominar a doença com o emprego da vacina, introduzida por seu antecessor. Criticou acerbamente a Câmara de Baturité que "*declarou a Vila incomunicável com a Capital por causa da peste da bexiga*" aqui reinante. Irritado, o Governador protestou, negando a importância do surto.<sup>9</sup>

Coincidia o fato com o início da importação direta de escravos. O Ceará começava uma fase de relativo progresso que foi logo mais interrompido pela seca e por movimentos políticos separatistas. O povo, contagiado pelas ideias muito bem apresentadas por prosélitos dos pensamentos gerados pela Revolução Francesa, estava empolgado com a nova ordem que antevia em devaneio. Logo mais veio o tumulto geral. O Governo conseguiu dominar a situação, prendendo todos os cabecilhas. A inquietação ainda perdurou por algum tempo, levando a intranquilidade para as famílias daqueles que sonharam um Brasil diferente. A tuburência do populacho desenfreado alvoroçava os mais sossegados lugares. Em todos os ambientes sentia-se ansiedade e a apreensão, especialmente no seio daqueles que estiveram na frente dos acontecimentos.

Iminente a luta civil, o Governo inicia o recrutamento de jovens para a formação de seus efetivos militares na Corte. Não houve alternativa para nin-

6 Théberge, Pedro. Extratos dos assentos do antigo Senado do Icó. RIC 1911, p.237

7 Documentos relativos aos hospitais de Jacarecanga e Lagoa Funda e paiol do Croatá. RIC 1897, p.113

8 Barão de Studart. Datas e fatos. RIC 1896, p.410

9 A Correspondência de Bernardo Manuel de Melo. Op Cit. p.185

guém em idade de servir. Compulsoriamente, eram arrastados dos fundos de quintais, dos interiores de seus próprios lares, rapazes que se esquivavam apresentar-se. Verdadeiras tragédias originaram-se, então. Se o funesto do dia-a-dia do panorama político social provinciano já trazia tanta gente em permanente agitação, avalie-se agora, com a perspectiva de verem os pais os seus filhos levados forçadamente para o embarque em navios repugnantes. Todos sabiam do perigo a que se expunham os que embarcassem. O confuso e promíscuo contato daquele montão de corpos nos porões de imundas sumacas não teria outro fim senão propagar a bexiga entre os recrutas. Era evidente. A doença já se manifestava em muitos, antes do embarque, mas assim mesmo foram jogados nos fundos dos barcos. Nunca se viu tamanha impiedade. E estava certa a opinião dos inconsoláveis pais e das pessoas judiciosas. Aconteceu o que era inevitável.

Continuava, no entanto, a caçada no interior. Muitos se mutilavam, suicidavam-se, enlouqueciam. Cenas de vandalismo sobre um povo que já suportava o peso de uma seca, da fome, e agora da varíola. Os três castigos mortificavam, consumiam as melhores energias.

Mais tarde, quando o Governo do Ceará foi severamente responsabilizado na Câmara pelos acontecimentos, defendeu-se, afirmando que cumpria ordens superiores. O eterno pretexto de justificação, quando nada é capaz de inocentar atos de subserviência, de pobreza de espírito, de servilismo torpe e ignóbil. A História, que registrou os procedimentos do Comandante Conrado, jamais perdoará tamanho cinismo de uma autoridade.

Arrebanhados assim, partiram os nossos conterrâneos em verdadeiras manadas, quais servos infames, jogados nos navios. Pouco adiante serviriam de repasto dos tubarões que acompanhavam na esteira daquele matadouro naval. Em quatro embarques, seguiram quase 3 mil cearenses. Um reduzido número conseguiu sobreviver. Logo aos primeiros dias de viagem nos navios lotados, sem qualquer conforto ou segurança, muitos apresentavam enormes pústulas bexigosas que, com o correr dos dias, sem qualquer tratamento ou cuidado, tornavam-se de uma virulência nunca vista. Diariamente eram jogados ao mar dezenas de corpos de jovens que encontravam, assim, o repouso que tanto buscaram naqueles dolorosos dias. Os que conseguiram chegar ao porto de destino, o Rio de Janeiro, dentro de três ou quatro dias eram também acometidos da doença. Os hospitais da Corte não estavam preparados para receber tantos enfermos daquela gravidade. Muitos morreram pelas ruas, sem qualquer assistência.

A quarta leva foi de 400 recrutas, sádica e perversamente levados da mesma maneira que os antecedentes, quando já as autoridades conheciam os resultados do que tinha ocorrido com os primeiros. Faleceram 30 na viagem que durou 15 dias. Do resto pouco se sabe. No transporte *George Frederico* foram embarcados mais 591 recrutas. Faleceram 274 no trajeto Fortaleza-Rio.<sup>10</sup> Soube-se, depois, que o total de mortos em viagem foi de 412, e que 314 tinham sido precariamente hospitalizados. Jamais se constatará tamanha insensibilidade.

---

10 Cronologia. RIC 1924, p.186

Não há dúvida que houve protestos veementes pela imprudência dos nossos governantes. Classificaram de insânia, de violência moral, de irresponsabilidade. Na Câmara de Deputados, o Tenente Coronel Conrado Jacob Niemeyer foi humilhado e julgado como único culpado pela hecatombe. Custou-lhe o posto e um inquérito para apurar a sua responsabilidade, perante um Conselho de Guerra.<sup>11</sup> Conseguiria a absolvição dos juizes, mas nunca, do povo cearense, que por muitos anos teve sempre na lembrança estes fatos tão escabrosos.

O Comandante, em sua defesa, apelou para a ignorância dos recrutados, para a pouca validade da vacina então usada e para os percalços da hierarquia, pela tarefa ingente que lhe atribuíra o Ministro da Guerra. De todas estas lamúrias, talvez só o livraria de maiores reparações o fato de ser a vacina, realmente, de pouca valiaa. Rodolfo Teófilo fazia queixas acerbas da qualidade do material vacínico enviado para o Ceará, quase sempre mal acondicionado, em tubos mal fechados, contaminados muitas vezes. Algumas, por velhas, não pegavam, dando uma falsa segurança àqueles que estavam fiados piamente na eficácia da imunização.

Almeida Rego, em 1851, afirmava que a vacina não dava os resultados esperados; que a linfa vinda do Rio de Janeiro era ineficaz<sup>12</sup> e que o povo tinha horror ao agente profilático. Só a linfa inglesa, vinda do Maranhão, restaurou a confiança popular.<sup>13</sup> Apenas por este lado ele merece um abrandamento da condenação por sua incúria. Para sua defesa, confessou também o Comandante que, de fato, embarcara gente sabidamente atacada da bexiga, mas que estava pressionado por autoridades superiores para o envio mais rápido possível daquele número de recrutas estipulado.

Tanto o presidente Belfort como o Comandante d'Armas Conrado nunca poderão ter uma remissão completa de tamanha culpa. Mesmo obedecendo ordens imperiais, como alegam, cabia-lhes advertir às autoridades da Corte acerca da desumanidade da medida. No ofício de Conrado, datado de 22 de março de 1826, depreende-se que dele partiu o oferecimento dos recrutas ao Ministério da Guerra, que a quase totalidade dos enviados foi arranjada na capital e seus arredores, pois no interior reinava a mais negra miséria, e que a varíola tinha atingido grande parte da população.

De tudo isso estaria ciente o Presidente, que mais criminoso o devemos julgar, por sabermos que ele próprio confessou, respondendo ao Governo Imperial, que "é inteiramente verídico o Protesto do facultativo e mais oficiais do mesmo transporte [a galera J. Frederico]. Também nunca poderá ser absolvido Conrado, pela sua ação negativa, dificultando a vacinação. Belfort se escusa dessa responsabilidade relatando ao Governo Imperial a atitude do Comandante militar. Afirma ele, em julho de 1826: *"Infelizmente não teve efeito a positiva ordem que ao mesmo cirurgião vocalmente havia eu dado para que fossem vacinados em terra os recrutas, por ser isso obstado pelo Comandante militar, que com o interesse de embarcar em um dia bastante*

---

11 Id., p.186

12 Cruz, Abreu. Presidentes do Ceará. RIC 1935, p.143

13 Id. RIC 1936, p.159

*chuvoso 200 desses recrutas, proibiu ao cirurgião de vaccinar em terra, e nem uma vacina se effectivou, em conformidade da dita ordem.*"<sup>14</sup>

Por aí pode-se julgar o comportamento de tais autoridades. Esta fase administrativa terminou nas mãos do Vice-Presidente, o Coronel José Antônio Machado, homem probo, reconhecidamente justo e de dignidade, que procurou sanar os maiores efeitos das desgraças que se abatiam sobre o Ceará: a calamidade da seca, com o cortejo da fome e a provação da trindade maldita que tantas vezes nos tem crucificado.

Passados esses dias negros, teve o Ceará uma fase de descanso das agruras de outras epidemias por alguns anos. Foi uma época relativamente feliz, coincidindo com o governo de José Martiniano de Alencar, administrador dinâmico e esclarecido, inteligente e progressista que muito teve de lutar com bandoleiros e grupos familiares de cangaceiros perturbadores da ordem. Tivemos a sorte de invernos mais regulares, abundância de mantimentos, progresso no Comércio e na agricultura.

O padre Presidente fundou o primeiro Banco Provincial do Brasil, abriu escolas, introduziu colonos estrangeiros, construiu pontes, estradas, melhorou os rebanhos e os métodos de trabalho dos rurícolas. Foi um homem de grande visão, um administrador que implantou uma nova imagem de nossa terra. Político nato, teve sempre a preocupação de acompanhar o desenvolver da conjuntura nacional, mantendo intensa correspondência com os mais influentes líderes da época. Ele próprio, por seu valor pessoal, influía na alta cúpula do seu Partido, inspirando e sugerindo leis e ações de verdadeiro alcance social.

Conservava velhas amizades dos tempos revolucionários. Cabeça que fora de movimentos de grande repercussão, sua voz era sempre ouvida no momento das decisões mais sérias. Sempre próximo aos governantes, especialmente de S. Majestade, de quem se dizia receber sincera afeição, soube tirar real proveito dessas simpatias que inspirava. De Pedro II guardava um singelo desenho, da autoria do Imperador menino e por ele mesmo ofertado, como agradecimento a medidas tomadas por Alencar, quando conseguiu melhorar as subvenções destinadas às suas despesas pessoais. A outros áulicos e grã-senhores prendiam-lhe laços de amizade, e mesmo de intimidade. O convívio nos meandros administrativos da Corte cimentara a cordialidade.

No orçamento da Província, o padre Presidente conseguira incluir, ainda quando deputado, em 1830, a vultosa quantia de 200 mil réis destinados à propagação da vacina pelo cirurgião-mor. Evitou que fosse aprovado um projeto de um parlamentar sonhador, mandando dar igual quantia a cada uma das Câmaras. Via, na aprovação de proposta, um fator negativo em vista da impossibilidade de tais gastos pelo erário. O Ceará tinha, nessa ocasião, 20 Câmaras e mal dispunha de dinheiro para atender à capital.<sup>15</sup>

Durante os anos de 1830 até 1840 e poucos, o estado sanitário da Província não sofreu maiores alterações. Em 1845, porém, houve uma pequena epidemia que, infelizmente, não deixou muita cousa registrada. Anos depois, no

14 Senador Pompeu. Juízo histórico sobre fatos do Ceará. RIC 1895, p.13

15 Alencar, José Martiniano de. Carta aos eleitores. RIC 1913, p. 359

governo do presidente Fausto de Aguiar, pelo seu relatório de junho de 1850 ficamos sabendo que a varíola "*comunicara-se à Província pelo Sul, mas que estava completamente extinta*". As vítimas foram poucas, recebendo o Lazareto de Jacarecanga apenas 87 doentes, com 4 óbitos entre eles. O Dr. Castro Carreira era o "médico da pobreza", cargo há pouco criado, e coube-lhe ir ao Aracati verificar a situação sanitária da mais rica cidade da Província. Durante três meses permaneceu o médico em sua terra natal, tratando dos 46 acometidos, perdendo apenas dois.

Em 1851 reapareceu, em pequeno surto. E, novamente, em 1859. Desta vez, encontrava-se aqui a Comissão Científica Exploradora, que mandou alguns de seus membros médicos ao Acarape, para auxiliar no extermínio da epidemia, que ameaçava alastrar-se. Por este tempo, já era determinação do Governo criar, nos locais flagelados pela doença, Juntas Sanitárias compostas de pessoas inteligentes e com alguma prática de socorro médico, já que não havia profissionais no interior. Deveriam administrar os remédios recomendados, tomar providências para que o surto não se propagasse, e fornecer instruções sobre vacinação. Geralmente, o padre, o boticário, o juiz e uma outra pessoa mais interessada compunham a Junta.

Veremos, oportunamente, as instruções dadas a estas pessoas e como deveriam elas exercer a honrosa e caridosa missão.

O Dr. Manuel Freire Alemão esteve na povoação de Acarape, juntamente com o Dr. João Silveira de Sousa. No Regulamento da Comissão Científica constava um item determinando semelhantes auxílios. O Dr. Alemão apresentou documentado relatório sobre o que viu e o que fez para debelar o mal.<sup>16</sup>

Outros longos anos se passaram sem que a Província fosse acometida. Aproximava-se o ano de 1877, quando, com a seca, chega o terrível flagelo que quase liquida a mísera população sobrevivente da hecatombe do *colera morbus*. Até hoje, nunca se viu sacrifício igual. Neste ano presente, de 1978, em que se comemora o primeiro centenário da passagem da mais triste sequência de horrores que se abateram sobre a nossa população, convém que se rememorem tão melancólicos fatos. Compensa-nos, felizmente, o conhecimento das afirmações da OMS de que a varíola foi varrida da face da terra. A alegria dessa notícia, trazida pelos Boletins do órgão internacional da saúde, vem ressarcir os malefícios que o *morbus* causou no Ceará e no Brasil inteiro, por mais de três séculos.

Outra informação ainda mais auspiciosa foi divulgada pelo Dr. Halfdan Mahler de que o vírus da varíola, agora, já é peça de museu. Apenas em dois laboratórios do mundo, nos Estados Unidos e na Rússia, vai ser conservado, tanto para curiosidade dos cientistas como para garantia da prevenção de um retorno de sua virulência, fato pouco provável.

Resta-nos relatar a última grande epidemia de varíola ocorrida no Ceará nos anos de 1877/78.

---

16 Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 30 de maio de 1859

A seca estava sendo de uma intensidade nunca vista, um infortúnio como aquele jamais havia alcançado o Ceará. O ano foi absolutamente seco, sem produção alguma. O sol, inclemente, tostava o chão, comburindo a garrancharia restante da capoeira do passado inverno. Um verão de 21 meses tornou absolutamente estéreis terra dantes viridente dos vales mais fecundos. Sertões, planícies, taboleiros e quebradas jaziam na mais desgraçada tristeza. Nada mais havia que se aproveitasse para a alimentação da criação miúda, e muito menos para os de maior porte. Todas as reservas consumidas, só restava uma alternativa: a fuga, a retirada daquele cenário de miséria. Para o Norte ou para a morte.

Muitos preferiram a aventura do Amazonas. A fome frequentava todos os lares. A indigência, a pobreza extrema, levavam os simplórios sertanejos, perdidas as últimas esperanças, a vender, por qualquer preço, suas esturricadas terras e largarem-se. Dentro em pouco estavam em estado lastimoso. Seguidos da mulher e filhos andrajosos, mendigavam esqueléticos, esqueléticos e imundos. Rostos desfigurados, alguns inchados pelas carências orgânicas, perambulavam pelas estradas a esmo, ao léu, indiferentes à sorte. Pouco importava o que mais acontecesse. Tinham chegado ao extremo da tolerância humana. Tamanho tormento roubava-lhes o ânimo para qualquer luta pela sobrevivência. E iam seguindo, apenas seguindo, acompanhando a turba sem guia, sem direção.

Os vagos sonhos que a prolongada e forçosa vigília lhes permitia, para maior castigo, eram sempre com verdes prados, campinas ondulantes, águas refrescantes. O despertar trazia mais angústia, mais desalento, mais revolta. Mas, não tinham forças nem para morrer ... E a morte parecia-lhes o único alento. Esperavam-na como um alívio. Seria o descanso, a tranquilidade final. Afundavam-se nesses pensamentos até à alucinação, ao desvario. Poucos, mais fortes, de melhor formação, procuravam, na contemplação mística, o sentido de tanto sofrimento. Consolavam-se procurando viver, dentro daquele contexto, a plenitude da vida moral. Recordações de práticas de antigas missões, reflexões de passagens evangélicas há algum tempo lidas afugentava-os dos passos funestos instantaneamente premeditados.

O malfadado séquito caminhava estonteado, rumo às serras, guiado por cegos reflexos, talvez mesmo pelo instinto de conservação da espécie. Só aí existia a esperança de salvação, de encontrar algo que mitigasse aquela sede, que matasse aquela fome.

De uma carta de Joaquim Catunda para João Brígido cito este trecho: *“Causa dó viajar pelo interior da Província; as estradas estão atravancadas de emigrantes e a Serra Grande regorgita de povo. Com que fim o Padre Eterno assola o Ceará?”*<sup>17</sup> Até então, só a lama de charcos imundos, a água das coxias, os dessedentava. Raízes, as mais insípidas, animais, dos mais repelentes, tudo já tinha sido provado, algumas vezes até com prazer, numa verdadeira perversão do apetite, com sofreguidão. Os jornais noticiavam casos de perturbação dos sentidos, que levavam os retirantes à antropofagia. Não

---

17 Epistolário. Boletim do Instituto do Ceará, nº11-12, p.4

nos choca hoje tanto o caso dos argentinos vítimas de desastre aéreo nos Andes. Compreende-se.

Outros tomavam o caminho da capital, cidade então com cerca de 30 mil habitantes. Baturité, Maranguape e Pacatuba, cidades serranas, foram logo literalmente ocupadas pelos forasteiros famintos e andrajosos. Não se sabe quem mais perdeu. Os que procuraram as serras, forçados intrusos, eram obrigados a dividir o pouco sustento que a caridade dos proprietários de sítios lhes destinava, com os oito, nove ou dez retirantes vorazes que os acompanhavam. Na capital, pior ainda. Faltava-se-lhes o teto, mesmo a mais rústica choupana para proteger os seus corpos rotos e definhados. Encantoados sob as árvores de ruas e praças, em montões promíscuos e deploráveis esperavam, de filantropia pública e particular, medidas que amainassem a amargura de tanta desdita.

A autoridade era impotente diante de tamanha desgraça, e a caridade das senhoras da sociedade de pouco supria o que a situação reclamava. Os mínguaos recursos conseguidos nas promoções por elas realizadas pouco adiantavam.

Foi nessa mais negra fase da História de nosso Estado que aconteceu o pior, o mais desumano castigo. Apareceu a terrível bexiga. A peste mais cruel chegou quando a população vicariante alcançou, com os já aqui moradores, a cifra de 100 mil pessoas. Mais de três vezes o número normal de habitantes!

Essa epidemia, pelos seus efeitos, assemelhava-se muito a uma outra, sofrida na Bahia, ainda no primeiro século, que liquidou 30 mil índios e de que *"foi causa uma terrível intempérie do ar, ou corrupção, que a modo de peste contaminou a mor parte da terra. [...] Começou a doença por graves dores no interior das entranhas, que lhes fazia apodrecer os fígados e os bofes, e logo veio dar em bexigas, tão podres e peçonhentas que lhe caíram as carnes em pedaços, cheias de bichos malcheirosos!"*<sup>18</sup>

Havia necessidade de muito heroísmo, de muito desprendimento daqueles que, direta ou indiretamente, estavam presos ao grande problema. E aconteceram muitos desses atos. Em primeiro lugar, dos poucos médicos que se viam jogados nesse vendaval de tormentos. E em segundo, dos padres confessores, que além de suas atribuições religiosas davam também o conforto de sua ajuda temporal aos doentes. Vigários e capelães desempenhavam, ao lado dos médicos, as funções mais sacrificantes, no sentido de minorar o sofrimento dos irmãos em Cristo. Tanto atendiam às consolações da alma como às aflições do corpo. Os médicos praticaram verdadeiras ações de heroísmo. Doentes, alguns, expunham-se a todos os riscos de maior contágio. Nada lhes impedia de atender aos doentes a qualquer hora, e em qualquer lugar.

Não se sabe de onde veio o contágio inicial. Os moradores de Aracati atribuíam a pessoas ali chegadas provenientes de Mossoró, onde grassava a epidemia. Questões de bairrismo ou de rivalidade, comum entre estas duas cidades, talvez tenham influído nessa ideia. O que é certo é que dali, das margens do Jaguaribe, veio para Fortaleza trazida pelos retirantes. A epide-

18 Sena, Lúcio O.N. Revista Hist. da Medicina, 1952

mia atingiu de chofre a capital. Invadiu os abarracamentos, os pousos sob as árvores, as casas, os colégios, os quartéis. Logo subiu o obituário a cifras nunca vistas. O presidente José Júlio de Albuquerque Barros fez inauditos esforços para diminuir as agruras dos seus governados. Mobilizou quantos funcionários a Província tinha em condições para as tarefas mais árduas de socorro e lenitivo aos efeitos da catástrofe. Viu, por fim, a desgraça entrar no próprio Palácio do Governo, levando vida de sua senhora, vítima da própria imprevidência ao permitir que aquele prédio público, que era também a residência oficial, fosse frequentado por pessoas contaminadas, implorando a sua caridade.

Os jornais publicavam, diariamente, as listas e o número de enterramentos. Somente em dezembro de 1878 foram sepultadas, no Cemitério da Lagoa Funda, privativo dos variolosos, 14.362 cadáveres. Uma média diária de 500 pessoas sucumbiam ao flagelo. Proporcionalmente, seria uma mortalidade de 5 mil pessoas na população atual de Fortaleza! Pelas ruas, duas ou três vezes por dia, passava a carroça que recolhia os cadáveres levando-os para o sepultamento. O jornal *Pedro II*, em nota pungente, refere a uma senhora de conhecida família cearense que levara, dias seguidos, 18 corpos de familiares e parentes amparados naquela triste conjuntura.

A população pobre não dispunha nem deste fúnebre recurso. Pelas ruas, nos ombros de pretos embriagados, eram arrastados, disformes, os variolosos. Muitas vezes era tal o estado de embriaguês dos condutores que se misturavam, pelo chão de becos escuros, aos corpos dos finados, em aterradora confusão. Semimortos, alguns, eram levados impiedosamente para as valas, onde encontravam a morte. Nas praias, para onde alguns doentes recorriam, aí faleciam e, reportam os jornais, cães esfaimados disputavam pernas e braços. As aves de rapina cumpriam o seu eterno destino, lutando pelos despojos. Cenas de verdadeiro barbarismo; parecia o final dos tempos. E disso, muita gente não tinha dúvida. Não era possível tanta desdita, se não fosse para confirmar o que estava escrito.

Um testemunho eloquente dessa agrura, foi o do Senador João Cordeiro. Destaco alguns trechos de uma carta sua, para o insigne Rodolfo Teófilo, que bem diz daqueles trágicos dias. *“Não é fácil imaginar-se os horrores resultantes dessa epidemia que tomou proporções aterradoras. No começo de dezembro J. C. [refere-se a ele próprio] tinha sob a sua direção cerca de mil homens que ele mandava embriagar com aguardente a fim de ocuparem-se no transporte e enterramento dos variolos”*.

Em outra carta, pinta um quadro mais tétrico: *“Não gosto de coisas tristes, mas não há jeito senão lembrar-lhe do dia 8 deste mês [dezembro] de 1878. Nesse dia de lúgubres recordações para nós, que fomos testemunhas oculares, foram recebidos no Cemitério do Lazareto 1.012 cadáveres, vítimas da horrenda varíola que devastou o Ceará. Você fala sempre em 1.004; mas, eu tenho nos meus cadernos de notas o número de 1.012, que foram ali recebidos até 7 da noite. À 1 hora deixei o Cemitério, suspendendo o serviço para o dia seguinte, faltando sepultar 200 cadáveres. Eu tinha muita febre, que em casa verifiquei ser de 40°. Durante o tempo que durou a peste foram atacadas 67 mil pessoas nos diversos abarracamentos, falecendo, destas, 31.000*

*e tantas, que foram sepultadas naquele cemitério. Não sei quantas foram sepultadas no Cemitério da cidade [o São João Batista]; só sei que até D. Marieta Gabaglia, esposa do Dr. José Júio, presidente da Província, foi vítima da varíola hemorrágica".*<sup>19</sup>

O Governo Central enviou uma Comissão Médica, que aqui aportou quando o mal quase havia se extinguido. Por informações erradas, julgavam vir tratar a *peste negra*, a bubônica. Para isto, vinham preparados com medicamentos que de nada serviram para a verdadeira necessidade da população enferma.<sup>20</sup>

Em janeiro de 1879 declinou repentinamente a epidemia: 160 mortos no primeiro dia do mês, 169 no segundo, 139 no terceiro. Daí por diante, caindo sempre o obituário, dia-a-dia, em pouco estava libertada a cidade desse crudelíssimo flagelo. Também, não existia mais a quem atacar. Todos tinham pago o seu quinhão ao pestífero morbo.

Ainda assim o quadro continuava aterrador. O Barão de Studart, recém-formado, recebeu a incumbência de servir no Alto da Pimenta. Qual não foi sua estupefação ao ali se deparar, a 15 de janeiro de 1879, com 20.470 pessoas no abarracamento; delas, 5.650 acometidas de varíola! Diz ele: "*Essas cifras gelaram-me de horror!*"<sup>21</sup> O que se via agora era o espetáculo mais deprimente. Deformidades mais repugnantes estampadas nos rostos de quase toda a população sobrevivente, faces desfiguradas, espantalhos ambulantes. Verdadeiros trapos humanos. Toda uma população vestindo roupas pretas, vivendo interiormente cenas que jamais imaginaram protagonizar. Perambulavam pelas ruas, buscando o conforto de uma confraternização, compartilhando mágoas, procurando consolo na mútua comiseração.

A varíola que matou e maltratou tanto assim, teve três tipos de apresentação. Uma, chamada "em canudo", a mais deformante, pela confluência das meras lesões pustulosas, formando verdadeiros tubos, elevados, com extensão de 20 a 30 centímetros. Partindo da face, desciam até o pescoço ou ao ombro, produzindo repuxamento do olho, deslocamento da boca, do nariz, deformando as orelhas. Outra, denominada "pele de lixa", horrivelmente desfigurante, deixando marcas profundas, indeléveis, alterando completamente a fisionomia do indivíduo. E a mais grave, e quase sempre mortal, a "hemorrágica", que tomava todo o corpo da vítima, de evolução muito rápida e quadro clínico predominantemente neurológico. Era também chamada "varíola negra". Nos casos mais graves de qualquer um dos tipos, havia dilaceramento dos tecidos moles, na fase final, caindo até pedaços de músculos, desfazendo-se o infeliz.

Rodolfo Teófilo assistiu a este drama. Comoveu-se a tal ponto que resolveu fazer, por conta própria, todo o trabalho que caberia às autoridades. Dedicou-se de corpo e alma à vacinação. Trouxe da Bahia e do Rio farto material vacínico, que em sua casa, ou nas areias dos subúrbios, aplicava nos que o procuravam. Vendo o pouco interesse da população que mais carecia

19 Cordeiro, João, Sen. Autobiografia. RIC 1945, p.273

20 Teófilo, Rodolfo. Op Cit, p.41

21 Barão de Studart. Luiz da Mota Feo e Torres e seu governo no Ceará. RIC 1890, p. 13, Nota 5

da imunização, passou a empreender um verdadeiro trabalho de emulação, pregando as vantagens do método e a sua total inocuidade. Mesmo assim, teve que vencer seríssima resistência da parte daqueles mais necessitados de proteção, e que teimavam em não aceitar a vacina.

Havia necessidade de desfazer inúmeros tabus, de convencer, de insistir e de demonstrar o valor da imunização. Publicava estatísticas nos jornais, provando, com números e fatos, o resultado de seu trabalho. Mesmo assim, a barreira era quase intransponível. Conta ele, em seu livrinho *Vacina e vacinação no Ceará*, toda a sua dificuldade em fazer-se compreender. Nem mesmo do Governo, o grande beneficiado, recebia ele qualquer estímulo ou consideração. Antes, pelo contrário. Procurou os vigários, convencendo-os a permitirem a aplicação da vacina na ocasião do batismo. Recebeu deles desculpas fundadas em razões de escrúpulos. Assim mesmo conseguiu dos sacristães a relação das crianças batizadas e seus endereços, para serem procuradas em casa, uma vez que o padre se comprometesse a convencer os pais da necessidade da vacinação.

No próprio setor da Repartição de Higiene só encontrou a desídia e o des-caso. Por diversas vezes mandou aos postos grandes quantidades de sua vacina, incomparavelmente melhor do que a recebida pelo Governo, quase sempre sem nenhuma valia, e constatava mais tarde a não utilização daquele material suadamente adquirido ou preparado por ele.

Lutou muito e venceu. Pode dizer-se que obteve triunfos sobre a doença, que até então se considerava inabordável. Depois de sua benfazeja ação os casos notificados rarearam, permanecendo apenas uns poucos, sempre em pessoas que tinham desprezado a vacina.

Daí por diante, com a instalação do Instituto Vacinogênico, apenas pequenos surtos, quer na capital ou no interior foram constatados. Casos esporádicos, nunca mais com caráter epidêmico. Mesmo nas secas, não se observou mais o recrudescimento da doença.

A 11 de julho de 1924, o Governo do Estado, procurando reparar a grande incompreensão demonstrada pelo esforço de Rodolfo Teófilo, deu o nome dele às instalações que estava construindo para sede do Instituto. O Dr. Gavião Gonzaga, em seu discurso, ressaltou a dívida que todos os cearenses deviam ao insigne brasileiro.

## 8 OUTRAS EPIDEMIAS

O *cólera-morbus* é uma doença infecciosa endêmica na Índia, de onde tem partido, por via terrestre ou marítima, para atacar, em surtos epidêmicos, outros continentes. A Europa já foi visitada diversas vezes, tendo a França, na segunda epidemia, nos anos de 1826 a 1837, perdido 600 mil de seus habitantes vitimados pelo "flagelo do Ganges". Durante o século XIX, por sete vezes invadiu aquele Continente. No presente, 20 epidemias já foram assinaladas na China e no Vietnam.

O Ceará recebeu sua primeira e indesejável visita, de maior vulto, em 1862. Antes, apareceu a colerina (*colera nostra*), hoje devidamente reconhecida com uma forma de salmonelose, de apresentação aguda, sem qualquer ligação com a etiologia bacilar do cólera. A via de entrada deve ter sido o Pará, de onde chegavam ao Ceará inúmeras pessoas acometidas. Ali, desde 1855 reinava o morbo, com alta taxa de mortalidade. Naquele ano, em Belém, o Dr. Américo Marques Santa Rosa, baiano recém-formado, constatou dois casos em soldados do 11º BC. Ambos fatais.

Chegara o vibrião pela galera portuguesa *Defensor*, vinda diretamente do Porto. Na travessia, que durou 30 dias, perdera 36 passageiros, levianamente diagnosticados, pelo médico de bordo, como *causa mortis* "ter secado o leite da mãe", "vermes intestinais" e quejandos. Feitas inquirições pelas autoridades sanitárias e alfandegárias, ficaria constatado que o tal médico não passava de um impostor. Era apenas um mal preparado enfermeiro.

O diagnóstico do Dr. Américo não foi aceito pelos colegas paraenses, havendo controvérsias extravasadas nos jornais. Muitas opiniões interessantes, algumas disparatadas, foram externadas.<sup>22</sup> Dentro do raciocínio do Dr. Américo, oferecendo, porém, uma etiologia absolutamente sem sentido, muita gente deitou sapiência pelas folhas leigas. Em junho, a epidemia devastava a capital marajoara e a notícia chegava em Fortaleza, para estupefação de todos. A doença era tida como muito mais aterradora que a varíola ou a bubônica. O sobressalto era geral. Já tínhamos as condições indispensáveis, epidemiologicamente, para um ataque da epidemia: focos populacionais mais ou menos densos e péssima higiene. O campo estava preparado. Falava só chegar o intruso.

No ano de 1855 as autoridades resolveram tomar algumas providências, em vista da situação no Pará. O presidente Francisco Xavier Barreto mandou construir um vasto edifício no bairro do Outeiro (hoje, Aldeota), para servir de hospital, caso a cidade fosse invadida, como era de se esperar. O prédio em foco é o atual Colégio da Imaculada Conceição.<sup>23</sup> Felizmente, a doença não chegou nessa oportunidade.

Do Recife também vinham notícias inquietantes. Ali estavam aparecendo casos semelhantes aos de Belém.<sup>24</sup> Livre por enquanto a Província, conti-

22 Rocha, Avertano. A cólera morbus no Pará e o Dr. Américo Marques Santa Rosa. Anais do I Congresso de História da Medicina.

23 Menezes, Antonio Bezerra. Descrição da cidade de Fortaleza. RIC 1895, p.194

24 Barão de Vasconcelos. Um documento oficial relativo ao cólera morbus no Ceará em 1862. RIC 1910, p.79

nuava porém a possibilidade de uma epidemia, já que estávamos entre dois focos perigosos, em constante comunicação por barcos e por terra.

O Lazareto da Lagoa Funda<sup>1</sup> foi edificado entre 1856 e 1857 para socorrer as possíveis vítimas da epidemia que se prenunciava. Por ora, serviria para a quarentena dos desembarcados provenientes dos portos infectados. Vê-se por aí que as autoridades agiram com todo o cuidado para não ser o Ceará pegado desprevenido. Muitas despesas foram realizadas nessas medidas tomadas então.

Chega, em 1859, a famigerada Comissão Científica Exploradora encarregada de pesquisar detidamente diversos aspectos da vida cearense. A população encheu-se de alívio, por ver nela figurar nomes de cientistas médicos já bem conhecidos por todo o Brasil. No Regimento da Comissão havia um item relativo a uma provável epidemia que ocorresse enquanto estivessem aqui pesquisando. Tratava-se do artigo 21, redigido assim: "*Na triste hipótese de aparecer com intensidade o cólera e a febre amarela, ou qualquer outra epidemia (...) cumpre que os médicos empregados na Comissão prestem todo o auxílio*".<sup>2</sup>

Somente em 1862 chega ao Ceará o contágio do cólera. Milhares de pessoas foram acometidas. Pelas descrição dos sintomas, feita por um médico contemporâneo, sabemos que "*os vômitos e dejeções alvinas são manifestamente biliosos*". Este esculápio distinguia o cólera asiático de uma outra forma, justamente a que reinava em Fortaleza. Esta, era de natureza inflamatória, enquanto a outra era "nervosa". Lembrava uma carta do padre Antonio Vieira descrevendo uma doença, que bem poderia ser a mesma que ora se desenvolvia: vômitos, diarreia e dores agudíssimas.

Quase todo o interior foi acometido. Em abril, o Icó, e, daí, Telha (Iguatu), Lavras, Milagres. Logo em seguida, as vilas do Jaguaribe. Era intenso o comércio com o Icó, daí o Aracati ter sido também apanhado nas garras da epidemia. Em maio, chega em Fortaleza. O primeiro caso foi registrado no dia 13. Maranguape e Pacatuba são as próximas vítimas. Assume o governo o Coronel José Antonio Machado, eterno Vice-Presidente, que muitas vezes ocupou com muita dignidade o posto da Governança. Por sua respeitabilidade e posição, consegue que os partidos suspendam as permanentes querelas por somenos e deixem o Presidente trabalhar em prol da população sofredora.<sup>3</sup>

Até então, os sepultamentos, de ordinário, eram feitos nas Igrejas. Esta prática muito condenável foi imediatamente suspensa e a construção de cemitérios para coléricos foi ordenada em todas as cidades e vilas onde a epidemia estava tomando maior vulto. Crato, Baturité, Icó, Aracati, todas elas trataram de os construir logo, bem fora da cidade ou vila, em posição que não fosse favorável ao vento, pois esta era uma das recomendações mais exigidas pelas autoridades.

1 O Lazareto da Jacareganga ficava onde hoje está a Escola Aprendizes Marinheiros. Gustavo Barroso. À margem da história do Ceará, p.258

2 Braga, Renato. História da Comissão Científica Exploradora. P.214

3 Nogueira, Paulino. O Coronel José Antonio Machado. RIC 1891, p.328

Não se sabe quantas pessoas sucumbiram naquele ano de 1862, mas certamente passou de muitas dezenas de milhares. A forma leve foi a mais comum. A forma chamada biliosa, com oligúria e grande astenia teve também grande número de acometidos. A desidratação, muito mal conhecida e pior medicada, sabe-se hoje, foi a causa de tantas mortes. Veremos com detalhes, em outro Capítulo como se fazia o tratamento da moléstia.

Um segundo surto, em 1864, alcançou também muitas cidades e, desta vez, o Cariri. Rapidamente a Presidência enviou uma ambulância médica, chefiada pelo Dr. Medeiros, o Dr. Antonio Manuel de Medeiros, que além de prestar todos os socorros possíveis aos doentes ainda publicou, na *Gazeta do Cariri*, uns "Conselhos" para a população se precaver contra a epidemia. Passada a fase crucial, apresentou o Relatório sobre o seu trabalho no Crato e Jardim ao então presidente, Dr. José Bento da Cunha Figueiredo. Na primeira cidade haviam sido acometidas 84 pessoas, falecendo 14 delas.

A emigração foi grande. Em carta enviada ao jornal do padre Verdeixa lê-se o seguinte trecho: "*Principiava a emigração; várias pessoas das principais do lugar se haviam retirado, causando com isso grande esmorecimento no povo*". No Icó estavam dois médicos, os Drs. Théberge, francês, e o Dr. Albuquerque, que o missivista achava conveniente serem contratados pelo Governo para "*salvação da pobre humanidade que geme nas garras do maior inimigo da raça humana*".

Em Quixeramobim apresentou-se a doença com grande intensidade, atacando as principais pessoas da localidade. As famílias mais importantes foram logo acometidas. O Tenente Coronel Comandante da Guarda Nacional estava de casamento marcado para o mês de junho, com todos os convidados preparados para as festivas bodas. Realizou-se a cerimônia, porém com todos os padrinhos substituídos, pois nenhum dos anteriormente convidados havia escapado do cólera.

Ainda havia muita recordação das célebres missões de Frei Vidal da Penha e de suas profecias. No Pereiro, quando lá chegou a epidemia, o povo encontrou logo uma explicação dessa desgraça, no castigo infligido aos habitantes do lugar, por terem perversamente quebrado um cruzeiro ali colocado pelo grande missionário.

O presidente José Bento conseguiu recursos bastantes para minorar a situação econômica das muitas famílias que tinham perdido os seus chefes e jaziam na miséria. Formou um patrimônio para atender às inúmeras órfãs e depositou na Tesouraria Provincial a quantia de 13 contos e 900 para tal finalidade. O próprio Imperador enviou sua contribuição particular de 1 conto de réis, que reunida à renda de um baile beneficente e ofertas do comércio serviu para formar expressivo patrimônio.

Calculava-se que 2/3 da população do Ceará fora atacada. Os prejuízos advindos foram incalculáveis, diminuindo sensivelmente as rendas provinciais, com repercussão sobre o desenvolvimento que então se processava. As cidades interioranas que mais sofreram foram Baturité e Maranguape. A primeira registrou 1.960 óbitos; a segunda, 1.350. Icó, Crato, Aracati, e Saboeiro, respectivamente, 1.400, 1.100, 1.000 e 460. Fortaleza, onde a for-

ma leve foi a mais comum, apesar de ter uma imensa população atacada só perdeu 362 de seus habitantes.

Outra doença epidêmica, a febre amarela, por diversas vezes acometeu o Ceará. A História médica brasileira registra surtos violentos em 1685 e 1886 na Bahia e Pernambuco. Foram, então, chamados de "bichas" e de "males". Pereira da Costa relata o fato, aproveitando-se do que escreveu Frei Jaboa-tão. Um navio francês aportou no Recife, em novembro de 1685, trazendo, de torna viagem, uns barris de carne em putrefação. Ao serem abertos apresentaram tais "exalações mefíticas" que as pessoas próximas caíram fulminadas por mal súbito. O povo chamou de "males", no Recife. Propagou-se à Bahia onde foi conhecida por "bicha". Os médicos achavam, porém, que se tratava de febre amarela, em sua primeira investida no Brasil.

A doença ainda não penetrara na Europa, mas existia na América Central desde 1635. O primeiro médico a atender os pacientes foi logo vítima da doença: o Dr. Cristovão de Campos. Outro, vindo de Portugal em sua substituição, o Dr. Ferreira da Rosa, estudou bem a situação e publicou, no ano seguinte, a obra intitulada: *Tratado único da constituição pestilencial de Pernambuco, oferecido a El Rei N. S., por ser servido ordenar por seu governador aos médicos da América que assistem onde há esse contágio, com que o compusessem para se conferirem pelos Corifeus da Medicina aos ditames com que é tratada esta pestilencial febre*". É de cortar o fôlego a leitura de tal título...

Em 1688, o próprio governador morre vitimado pelo mal, apenas decorridos dois meses de seu governo.<sup>4</sup> No mesmo ano faleceram o Governador Geral da Bahia, Matias da Cunha,<sup>5</sup> e logo mais o Arcebispo da Bahia, D. João da Madre Deus, o Conde do Prado e 12 padres jesuítas. Todos, atacados pelo mal das "bichas", sabidamente a febre amarela.<sup>6</sup>

O Ceará foi poupado por esta vez e durante todo o século XVIII. Na "fala" do presidente Fausto Augusto de Aguiar, perante a Assembleia Provincial, a 28 de junho de 1850, diz ele que até aquela data o Ceará tinha estado incólume; nenhum caso tendo sido notificado. Mas o Dr. Castro Carreira, médico Provedor da saúde, havia tomado todas as medidas sanitárias de defesa de um possível assalto. O Governo não estava desprevenido. O Hospital de Jacarecanga funcionava como Lazareto para quarentena de passageiros desembarcados de portos inficionados.<sup>7</sup> No ano seguinte, no entanto, nos últimos dias da administração de Silveira da Mota, apareceram os primeiros casos.

Em janeiro de 1851, um navio francês, procedendo de Cayenna, onde reinava intensa epidemia, perdeu dois de seus tripulantes na travessia, vitimados pela febre. Chegado a Fortaleza, é posto em quarentena, mas nenhum caso apareceu na cidade. Somente em junho tivemos notícias de algumas pessoas acometidas, levemente, casos benignos. Em agosto, porém, faleceu

4 Rocha, Leduar de Assis. Efemérides médicas pernambucanas, p.37

5 Barão de Studart. Os mortos do Instituto. RIC 1907, p. 42

6 Id. O Padre Martins de Nantes e o Cel. Dias d'Ávila. RIC 1931, p.47

7 Abreu, Cruz. Presidentes do Ceará. RIC 1920, p.123

o Dr. José Henrique Samico, acometido pela febre. O fato gerou grande intranquilidade, em vista da posição social da vítima. Do interior, chegam notícias de falecimentos. Mais inquietação para uma população sobressaltada.

Na ocasião, outros próceres sucumbiram, entre eles, pessoas conhecidas e admiradas como José Pamplona, Rabelo de Miranda, o Tenente-Coronel José Pinto Nogueira, do Icó, o Padre João Nepomuceno de Brito, Vigário de Aquiraz, e outros mais.

Além do Dr. Castro Carreira, Fortaleza contava com mais dois médicos: os doutores José Lourenço de Castro e Silva e Marcos Teófilo. Todos foram de máxima dedicação, destacando-se, entre os de outras atividades, o Capelão Militar José Cândido de Guerra Passos, que prestou relevantes serviços nessa epidemia de 1851.

Em outras Províncias, continuava a febre amarela a dizimar as populações. De São Luís, escrevendo a seu pai, residente em Uruburetama, o desbravador do Acre, João Gabriel, afirmava apavorado: *"Estou bastante aterrado de medo desta cidade por haver nela a bexiga verdadeira e a febre amarela; porém, Deus é grande. É bastante doentio este canto do mundo."*<sup>8</sup> Daí ele se preparava para o seu grande cometimento, a conquista do rio Acre, que foi o seu Rubicão.

Outras notícias da febre amarela no Ceará temos através de Agassiz, sábio que nos visitou em abril de 1866, encontrando a capital às voltas com a doença. São palavras suas: *"Reina a febre amarela, que já fez grande número de vítimas, embora não tenha ainda assumido caráter epidêmico"*.<sup>9</sup> Nessa época, a cidade sofria também a incidência de uma grave disenteria maligna que há dois meses assolava o interior e na Capital havia chegado.

Endemicamente, continuava a febre amarela no Ceará. Vez por outra um caso era notificado.

Em todo o Brasil estavam sendo tomadas medidas definitivas para a erradicação da doença. O Rio de Janeiro era um foco permanente, um risco tremendo para os estrangeiros. Osvaldo Cruz foi o grande herói da campanha. Aqui tivemos a colaboração efficacíssima da Fundação Rockefeller. Juntamente com a Comissão de Saneamento da Febre Amarela, desde 1926, cada ano mais se intensificavam os trabalhos, até a erradicação definitiva.

Posteriormente, o Serviço Nacional de Febre Amarela tomou a dianteira, sempre contando com a ajuda de dinheiro e pessoal da Fundação americana, com larga folha de serviços prestados a toda a América nesse setor. Por muitos anos nos habituamos a ver as bandeirinhas dos "mata-mosquitos" que realizavam, casa por casa, semanalmente, o extermínio dos focos de vetores. Todas as águas, materiais e objetos que pudessem servir de esconderijo para estes perigosos insetos eram sistematicamente eliminados ou tornados imprestáveis para qualquer uso. Potes quebrados, tanques destruídos, em atos que ocasionalmente levavam muitas pessoas a verdadeiros desesperos, diante dos prejuízos causados, mas que tinham uma finalidade

8 Bulcão, J. Soares. O Comendador João Gabriel. RIC 1932, p.31

9 Viagem ao Brasil, p.261

muito mais alta, que era a extinção de tudo que pudesse abrigar as larvas de tais insetos. Foi uma grande e meritória luta que muito enobrece a classe médica brasileira.

\*\*\*

Pequenas epidemias de outras entidades clínicas infecciosas tivemos, no decorrer de nossa História sanitária. Ainda no primeiro século, as chamadas "câmaras de sangue", doença gastrointestinal que teve início no Maranhão e pequena repercussão nas tribos que habitavam as aldeias do Ceará, especialmente na Serra Grande. Certamente, também, casos do "terrível pleuritis" de que nos fala o padre Simão de Vasconcelos, afirmando: "*Era o mesmo acometer que derrubar, privar dos sentidos e dentro de três a quatro dias levar à sepultura.*"<sup>10</sup> A sífilis, entidade universal, fez os seus acometimentos no Ceará, quando percorria a Europa em períodos epidêmicos periódicos.

O general Carlos Studart, em *Páginas de História e Pré-história*, adverte sobre a provável confusão com doenças parecidas, como o bubão e a bouba, a leishmaniose, etc. Nos dois séculos seguintes, por diversas vezes fomos surpreendidos com as febres de mais diversas designações. As "febres gastro-biliosas" parecem-nos identificarem-se com a própria febre amarela; as febres "podres", "malignas", intermitentes e um grande número de outras com nomes inventados, ao sabor da inspiração momentânea.

Na atual centúria podemos falar na gripe espanhola, de 1918, no tifo, no paratifo, nos anos 1920, 1930. Daí para cá, os recursos sanitários sempre melhorando, tornando-se cada vez mais eficientes, uma estruturação e racionalização mais consentâneas com o desenvolvimento da Medicina, tem provocado este extraordinário declínio e desaparecimento das epidemias. Melhores estradas mais fácil acesso a qualquer lugar, mais verbas, mais pessoal qualificado e, especialmente, mais drogas profiláticas e curativas. As campanhas de vacinação em massa permitiram debelar surtos de poliomielite que estavam aparecendo com determinada frequência em certa fase do ano. Todas estas doenças estão absolutamente controladas.

Todavia, ainda está bem na lembrança de todos nós a grave epidemia de malária dos anos 1938 e 1939 no Jaguaribe, especialmente Russas e Limoeiro.

É longa a história do impaludismo em nosso estado, mas vale a pena ser contada. Vem desde os anos 1600. Os primeiros frequentadores de nosso ancoradouro do Mucuripe já em 1614 assinalavam a existência de febre palustre ali. Diogo de Campos testemunhou o fato, afirmando ter a esquadra de Jerônimo Albuquerque abandonado o local em vista da verificação da doença entre os soldados e índios. A barra do Ceará foi abandonada em 1609 pela mesma razão.<sup>11</sup>

Depois disso, longos anos se passaram sem maiores notícias de qualquer surto da enfermidade, embora ela sempre existisse no litoral, em caráter endêmico. Somente em 1791 voltou, com grande intensidade, na Ribeira do Acaraú.

10 Vasconcelos, Simão, padre. *Chronica da Companhia de Jesus I*, p.257

11 Brígido, João. *Efemérides do Ceará*. RIC 1900, p.8

O Presidente Luís da Mota Feo e Torres apelou imediatamente para Pernambuco, pedindo que lhe mandassem uma Comissão médica. O pedido foi pressurosamente atendido pelas autoridades recifenses, enviando para cá o Dr. João Lopes Cardoso Machado, formado pela Universidade de Coimbra, ocupante, na ocasião, das funções de Comissário Geral e Juiz Delegado de Medicina. Acompanharam-no dois cirurgiões, boticários e sangradores.

A 14 de outubro daquele ano atraca no Acaraú a lancha conduzindo os médicos e todo o material necessário para conhecer e debelar a epidemia reinante. Providenciaram a condução da "botica" em carros de bois, e cavalos de montaria para os integrantes da Comissão. O povo da Ribeira recebeu os esculápios como heróis. Todos rendiam as suas homenagens às magnificências de tão luzidos cultores da arte médica. O Dr. Cardoso, no entanto, reclamou logo ao Presidente, estranhando as péssimas condições de vida daqueles ermos. Em sua carta, afirma com sinceridade sobre a real situação que encontrou no Acaraú e adjacências. Diz ele: "*Temos estado padecendo muitos encomodos, por máo agasalho, e se quiz ter carne para comer e os mais, mandei matar hua vaca, para pagal-a depois ao dono, pois o Comandante não he obedecido, e negão a venda, pedindo-se, precisando de galinha apenas achei hua por muito favor*".

O Comandante era o chefe da milícia, que não era bem visto pela população. Houve, portanto, interferência de uma autoridade que não poderia ajudar aos médicos, apesar do reconhecimento dos benefícios que a todos traziam. Na mesma carta, Cardoso descreve a primeira impressão sobre o morbo: "*Principiou por uma febre pôdre que, nos que não faleceram, passaram a intermitentes, ou quotidianas ou terçãs, ou quartãs.*"<sup>12</sup> Desde junho aquela população estava sofrendo terrivelmente as tais "perniciosas", que logo passaram a ""sezão". Como sempre, a fonte de toda a mazela era a "*constituição da athmosphera, que nenhu meio phisico pode mudar*". Essa epidemia, pelos estudos feitos pelo professor vindo de Pernambuco, chegara com os ventos do Piauí, e que, mui sintomaticamente, havia ficado aquela Província isenta de doenças naquele ano...

Firmava-se em Hipócrates para afirmar essa natureza dos fenômenos e, entre os modernos, no Barão de van Swieten. Não fora sem razão que o pai da Medicina aconselhara que se tapassem certas passagens nas montanhas gregas para que se conjurasse uma epidemia que os ameaçava.

A cura era simples. Aos doentes, devia-se "*limpar as primeiras vias com dois vomitórios, algum purgante e maná, rhuibarbo, polpa de tamarindo, o polichreste, sal carthartico, e depois passar aos febrífugos correspondentes ao temperamento do sugeito*". Isso era de máxima importância. Pessoas ple-tóricas, sanguíneas, tinham tratamento diferente das linfáticas e apáticas. Prometeu que, ao voltar, deixaria instruções completas acerca do tratamento. Veremos isto no Capítulo próprio.

Em Sobral, depois de tratar os doentes, Cardoso Machado preparou para substituí-lo o camarista José Coelho do Monte, cirurgião aprovado por Sua Majestade e que venceria, daí por diante, o ordenado de 80 mil réis anuais. Com instruções bem detalhadas, que deveriam ser obedecidas com todo o cuidado, para que não se repetisse a epidemia, ou pelo menos minorasse os

12 Carta do Dr. Cardoso Machado ao Pres. Luís da Mota Feo e Torres. Acaraú, 27 de novembro de 1791. RIC 1890, p.89

seus estragos. Entretanto, dada a "constituição pestilencial" da região, previa o notável médico um recrudescimento em junho do próximo ano. Alguma cousa deveria ser reformada nos costumes dos moradores das ribeiras do Acaraú. Uma delas era criar mais galinhas. A carne que estavam comendo *"era nociva nas enfermidades agudas e ainda nas chronicas, que poristo estão muitos de sezões sem poderem tomar vomitórios, por não terem galinhas, nem carne moquiada."*<sup>13</sup>

No dia 3 de novembro, ainda em Sobral, tomou sérias medidas para controle da situação. Por fim, o próprio médico, o vigário e outras pessoas de maior destaque tinham baqueado, vítimas da doença. Melhorando, voltou para Fortaleza. Conta ele que *"o grande calor do ardente sol, o dormir no campo, as águas péssimas, a salgada comida de carne do Siará, pelo caminho, me produzirão uma fluxão e decubito do queixo superior da parte de cima, que me inchou muito a face e padeci dores grandes"*. A 12 de dezembro, no Forte, em cavalgadas cedidas por fazendeiros, por determinação do Governador, pôde chegar ao Aracati em quatro dias, e daí seguir para o Recife, sempre por terra.

No lugar próprio veremos as singularidades da Medicina Nordestina do final do século XVII.

A malária continuou, endemicamente, nas zonas pantanosas do Ceará, com raros recrudescimentos. Apenas na centúria atual houve um maior surto epidêmico, em 1938, no Vale do Jaguaribe. Atribui-se a vinda do *aedes* ao intercâmbio aéreo entre o Brasil e a África. Linhas diretas de Dakar para Natal ou Recife foram inauguradas, com intenso trânsito de passageiros e mercadorias. Por esta via deve ter chegado o mosquito. Daí para o Ceará não houve dificuldade de locomoção para o anofelino.

A epidemia tomou aspecto de grande violência, acometendo extensa área, fazendo mais de 80 mil vítimas e, destas, 16 mil mortos.<sup>14</sup> O Dr. Vergílio de Uzêda dirigiu a campanha de combate, como Diretor de Saúde Pública. Diversas Comissões de médicos nacionais e estrangeiros nos visitaram, interessadas na erradicação do flagelo. Os malariologistas Souza Pinto e Dr. Soper puderam constatar a gravidade que atingira o surto jaguaribano. A Fundação Rockefeller e a Inspetoria de Obras Contra a Seca foram órgãos importantíssimos no trabalho, que durou mais de 1 ano. Até mesmo aviões foram usados para combate ao mosquito nos focos mais ativos e de mais difícil acesso. A seca ocorrida nesse ano também concorreu para que se extinguisse mais rapidamente o agente causal.

Passada essa fase crucial de nossa História sanitária, parece ter ficado o Ceará livre de semelhantes acometimentos. Vez por outra a Saúde Pública é notificada de casos esporádicos, nas zonas praieiras, pantanosas, mas sem nenhuma significação epidemiológica.

A partir de 1948, passou o Ceará a sofrer pequenos surtos epidêmicos de poliomielite, totalizando, no primeiro, 58 casos.<sup>15</sup> Episódios outros apresentaram-se em anos sucessivos, em escala sempre crescente, até que, com o aparecimento da vacina Sabin, fosse totalmente controlada a doença.

---

13 Id. ibid. p.92

14 Aryston Cajaty. Informação pessoal.

15 Silveira, Fernando S. A poliomielite no Ceará, p.10

## 9 DROGAS E TRATAMENTOS

Os índios sempre trataram os seus próprios males corporais. Grandes conhecedores da flora, a ela recorriam quando necessitavam combater qualquer doença que os acometesse. Dispunham de variadíssimo arsenal terapêutico, ao alcance da mão, pouco bastando para dar-lhe a forma que o tratamento requeresse. Nas pesquisas já realizadas no Ceará sobre artefatos e utensílios indígenas, têm sido constatados objetos identificados como almofarizes, recipientes necessários ao rudimentar preparo de remédios para uso da tribo. Os discos de pedra polida referidos no trabalho *Antiguidades indígenas do Ceará*, do General Carlos Studart,<sup>16</sup> tinham, certamente, além da utilidade de moer grãos e pulverizar corantes e minerais, a de preparar as drogas habitualmente empregadas na sua Medicina.

A flora cearense, sobretudo a das Serras, é riquíssima em variedades com real valor medicinal. E o era ainda mais nos tempos de antanho, antes das queimadas e derrubadas criminosas. Empregando partes dos vegetais, casca, folhas, flores, frutos e raízes, ou até mesmo toda a planta, faziam eles as mais variadas aplicações terapêuticas dos princípios ativos nelas contidos. Humboldt, que aqui esteve e foi procurado como se fora um malfeitor, tendo até sido divulgado um bando oferecendo um prêmio por sua captura,<sup>17</sup> pôde reparar, que *"o habitante destas regiões conhece todas as formas vegetais que a natureza colocou em seu favorecido país"*.<sup>18</sup>

E o mais interessante é constatar-se que o índio descobriu essas virtudes medicamentosas das plantas e as aplicava com absoluto sucesso. Conhecedor dos segredos da arte de curar, os pajés sobressaiam entre os demais, tinham prestígio e seus parentes atribuíam-lhes carismas que os distinguiam na tribo. Esta "ciência" geramente era-lhes transmitida pelo pai que, por sua vez, já a recebera do avô. De geração em geração, iam passando esses conhecimentos, tanto os relativos à natureza das doenças tratadas como dos remédios indicados.

Sabiam também manejar com artes muito mais complexas, como o magnetismo e o hipnotismo. Aplicando as mãos sobre o doente, curavam-no. Curavam à distância, tudo isso firmado no empirismo mais grosseiro. É certo, valia-lhes muito a constituição psíquica rudimentar dos incultos clientes, bisonhos personagens das florestas, na mais crassa ignorância e primitivismo. Depositavam piamente sua confiança no feiticeiro astuto e atrevido, em quem acreditavam existir poderes sobrenaturais. Obedeciam-lhe cegamente, ouviam-lhe os conselhos e jamais discutiam qualquer opinião sua acerca do mal que os atormentava, ou o tratamento que ministrava.

Capistrano de Abreu, citando o *Catecismo da doutrina cristã da língua brasileira da nação Cariri*, descreve alguns costumes e crendices dessa tribo que habitou grande parte do Ceará. Vejamos: *"Curar os doentes com assôpro;*

16 Studart, Carlos A. RIC 1932, p.109

17 Barão de Studart. Alexandre Humboldt e Bernardo Manuel de Vasconcelos. RIC 1888, p.81

18 Mendonça, Castro. O índio brasileiro e sua medicina mago-religiosa. Anais do I Congresso Brasileiro de história da medicina, p.272

*curar de palavras ou com cantigas; pintar o doente com genipapo, para que não seja conhecido do diabo e este não o mate; espalhar cinza à roda da casa aonde está o defunto, para que o diabo daí não passe a matar outros; botar cinza no caminho quando se leva um doente, para que o diabo não vá atrás dele; esfregar uma criança com porco do mato e lavá-la com aloá, para que quando for grande seja bom caçador e bom bebedor; não sair de casa de madrugada, nem à noite, para não se topar com a bexiga (varíola) no caminho; fazer vinho, derramá-lo no chão e varrer o adro da casa, para correr com as bexigas".<sup>1</sup>*

Nem só o soprar; também a sucção era outra prática muito adotada, com a finalidade de retirar o mal. Alguns foram pilhados pelos padres em verdadeiras prestidigitações, querendo fazer crer ao infeliz padecente terem extraído de suas entranhas os mais inusitados objetos. Charlatães do mato, impostores e embusteiros, eram capazes de explorar a boa fé de seus semelhantes, em benefício de sua falsa imagem de nigromantes ou encantadores. Serviam, sim, à confraria dos farsistas e pantomimeiros.

O conhecimento empírico do valor terapêutico das plantas era um fato. Este manuseio cotidiano com raízes, folhas, cascas dos mais diversos vegetais, deu-lhes um profundo conhecimento do emprego de tais medicamentos. A ipeca é um exemplo. Serviam-se os índios dela, com habilidade, nas doses certas e nas doenças certas. As fricções de fumo eram panaceia segura e exigida para tudo. O interessante é que, mesmo os padres chegados de lugares cultos da Europa, da Itália, França ou Espanha, passavam logo mais a usar as mesmas armas que os silvícolas tradicionalmente empregavam nos tratamentos das doenças. Loreto Couto<sup>2</sup> conta do servo de Deus que curou uma chaga de um paciente pondo-lhe uma folha de tabaco sobre a ferida. O doente "*sentiu logo grande alívio e que calmavam suas terríveis dores, deixando livre o movimento do braço e restituído as suas vigorosas forças*".

Até em sonhos acreditavam possuírem os seus pajés excepcionais qualidades. A lenda de Dzawô conta que "*um dia, um velho estava na roça, chegou uma rolinha e disse que ia curá-lo. Tirou palmas novas de buriti, aqueceu e espremeu o sumo sobre as úlceras e tudo sarou*", porque as "*úlceras estavam enfeitçadas*".<sup>3</sup> Na *Relação do Maranhão*, o padre Antônio Vieira conta também ação semelhante: "*Outra vez, estando este índio doente de uma grande inchação adormeceu uma noite, e apareceu-lhe aquele mesmo mancebo que ele conheceu muito bem, o qual trazia na mão direita uma ave e na esquerda umas ervas; perguntou-lhe o que era o que pedia a Deus, e como dissesse que a saúde, aplicou o mancebo a ave ao lugar inchado, a qual picando com bico a inchação, fez um buraco por onde se purgou a matéria, e logo, pondo-lhe em cima ervas, ficou sã a ferida. Acordou nisto o enfermo e achou que a inchação verdadeiramente estava reventada e brevemente cerrou, e em breve ficou sã*".<sup>4</sup>

1 Garcia, Rodolfo. *Ethnografia brasileira*. Dic. Inst. Hist. Geográfico Brasileiro, cit. In RIC 1950, p.211

2 Cit. in RIC 1895, p.64

3 Pompeu Sobrinho, Tomás. *Lendas Mehin*. RIC 1935, p.195

4 Vieira, Antonio, Padre. *Relação do Maranhão*. RIC 1904, p.128

Outros feiticeiros, com sua autoridade sem contestação, concorriam para a prática de verdadeiros barbarismos. Na *Notícia sumária da vida do bendito mártir Padre Francisco Pinto* está relatado o seguinte: "*Em algumas nações, os maridos, suas mulheres matam os filhos que deles houveram e com eles alimentam seus maridos enfermos enquanto a doença durar. E se não têm filhos, com arco e flechas matam crianças para sustento dos doentes, por julgarem o melhor*".<sup>5</sup>

Diz o documento que isso se fazia de Pernambuco ao Grão Pará. E é provável que no resto do Brasil fosse de uso corrente.

Mas era mesmo da mata e nos campos de onde tiravam todas as suas mezinhas. E com muita razão. O civilizado aproveitou logo esse manancial dos mais diversos ingredientes vegetais para preparar os seus próprios remédios. A Química andava ainda nos seus primórdios e não era auxiliar tão valioso da terapêutica como se tornou mais tarde. Portanto, mandava o bom senso que se aproveitasse da experiência indígena.

Em Portugal, havia também quem tivesse espírito científico. Coimbra era uma Universidade que se prezava de cuidar com desvelo e carinho das Ciências, entre elas, a médica e a farmacêutica. Chamava para o seu convívio doutos sábios de outras plagas, verdadeiros portentos da erudição sacra e profana. No campo da Botânica, pontificou ali o professor Paduano Vandelli, organizador do Jardim Botânico da Universidade e principal incentivador das pesquisas nesse campo. Inúmeras obras apareceram então, tratando, com proficiência, os mais variados métodos de uso terapêutico e industrial das plantas. Na Índia, o Dr. Garcia d'Orta, em 1563, já imprimira o *Colóquio dos simples e drogas e cousas medicinais da Índia e assim algumas frutas achadas nella onde se tratam algumas cousas tocantes a Medicina prática e outras cousas boas*". Trouxe muita novidade, muita erva e vegetais desconhecidos na Europa e que comprovadamente tinham efeitos terapêuticos pronunciados nas mais variadas doenças.

No Brasil, desde os primeiros tempos, houve intensa curiosidade a respeito da nossa flora. Gabriel Soares, em seu *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, oferece abundantes informações sobre o assunto. Nomeia muitas ervas e plantas medicinais, indica a aplicação delas, discute o seu valor na Medicina. Fernão Cardim consegue dos indígenas detalhes sobre as propriedades curativas. Outros missionários, em suas cartas, não deixavam de referir e gabar as excelências dessa Medicina mago-religiosa dos índios brasileiros. Corria a Europa os nomes de algumas dessas plantas, como verdadeiros prodígios na cura de males que até então eram considerados sem remédios. A ipeca, delas foi a rainha e custou a ser destronada. Ganhou fama, deu nome ao Brasil e entrou triunfalmente no arsenal terapêutico do prestigioso hospital Hotel Dieu de Paris, tendo por padrinho nada menos do que Luís XIV.

A quina foi outra planta medicinal que teve largo emprego entre selvagens e brancos durante alguns séculos. Já muito utilizada no Peru, de onde parece ser originária, logo foram conhecidos aqui os seus benéficos efeitos nas febres. Na Serra Grande e na de Baturité diversas espécies foram encontra-

5 Biblioteca de Évora (manuscrito). Cap.2 do Códice 15 2-11. RIC 1903, p.157

das, dando ensejo a um intenso comércio entre colonos e índios conhecedores dos locais onde a encontravam.

Durante o domínio holandês, especialmente após a chegada de Maurício de Nassau, houve um interesse muito acentuado no estudo dessa imensa flora. O dois médicos, verdadeiros cientistas, trazidos pelo Príncipe Margraaff e Guilherme Piso, logo empreenderam meticoloso exame das plantas medicinais usadas aqui pelos aborígenes e colonos. Resultou a publicação, em 1648, da Monumental obra *História natural e médica da Índia Ocidental*. Pensou-se, por muitos anos, ser esta obra a pioneira do assunto no Brasil. Recentemente foi comprovado o secular engano, com o achado, nos arquivos portugueses, dos manuscritos da *História natural e moral do Maranhão*, do Frei Severim de Lisboa, composta entre os anos de 1624 e 1635, bem antes, portanto, do trabalho dos médicos batavos.

Frei Severim esteve por duas vezes no Ceará, a primeira, exatamente no ano em que deu início ao seu livro, e dois anos após, para visitar os seus irmãos de ordem que aqui viviam em uma missão fundada pelo frade cientista. Com muitos desenhos e detalhadas descrições de plantas e animais, foi reimpressa, em edição fac-similar, pelo Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa.<sup>6</sup>

Vários fatores influíam nas especificações dos atributos a desejar de uma planta medicinal. Para uma melhor utilização dos seus efeitos, precisava ser ela colhida em determinadas condições. A lua era de máxima importância, indispensável para dar ao vegetal os poderes mágicos que acreditavam os índios possuir. E os brancos acompanhavam essa maneira de pensar. A Câmara de Baturité recebeu de Luís Barba Alardo de Menezes a incumbência de enviar-lhe certa quantidade de planta de uso médico. Fazia, a autoridade, a recomendação expressa que só se devia proceder "*nesta clínica, nos minguentes das luas dos meses de julho e agosto com a preciosa cautela de não se exporem ao sol as suas raízes, porque, não só lhes faz perder as forças e todas a sua estimação nos mercados, como também a deixa infrutífera*". Ele desejava a ipeca, e tal relevo dava ao pedido, que terminava o ofício admoestando a Câmara, que "*deve obrar com todo zelo e rigor em tão importante serviço*."<sup>7</sup>

O padre Simão de Vasconcelos também ensina a colher outra planta, recomendando que a árvore seja "*golpeada no mês de fevereiro ou março, em conjunção de lua cheia*."<sup>8</sup> Outras advertências do mesmo sentido são encontradas em documentos relativos à extração das mais diferentes drogas.

A possibilidade de lucros com a imensa riqueza, antevista pelas autoridades coloniais, despertou a atenção para o estudo sistemático da nossa flora. Aqui no Ceará, como ocorria em outras Capitânicas, havia intensa procura de plantas medicinais e já ocorrera, mesmo, exportação para a Holanda. No governo de Borges da Fonseca, em navio daquela bandeira aqui aportado sob alegativas justificáveis, foram embarcadas para transporte até a Europa 205

6 A Verdade, 28.07.1968

7 Catão, Pedro. Baturité. RIC 1938, p.189

8 Vasconcelos, Simão de. Crônica da Companhia de Jesus I, p.225

arrobas de ipecacuanha e 64 de resinas de gomas.<sup>9</sup>Houve celeuma pela atitude do sisudo Governador, qualificado nesse episódio de manhoso, matreiro e quejandos. Saiu-se bem, afinal, dada à sua respeitabilidade e falta de qualquer antecedente desabonador. No escambo praticado com o barco estrangeiro, entraram algumas peças de ouro para os cofres da Capitania. Valeu a pena a transação, mas, o olho anti-progressista do luso colonialista via nisto um sinal de alerta. Jamais o permitiria.

Outros negócios os holandeses fizeram no Ceará, com "*quantidade de gomas, óleos e preciosos bálsamos, bons para medicamentos*".<sup>10</sup> Em sentido contrário, isto é, drogas que vinham de Lisboa, também foi intenso o comércio chegando a alcançar 10% do valor total das nossas importações.

Vendo, pois, o português, a possibilidade de grandes lucros com tal comercialização, passou a orientar a pesquisa das drogas mais necessárias, solicitando até mesmo aos ouvidores máximo empenho nas descobertas de novas plantas medicinais e a localização mais detalhada das já conhecidas. A mais antiga recomendação atendida, que conheço data de 1757, dirigida aos encarregados das minas dos Cariris Novos. Nesse ano, Antônio Vieira de Melo, "*homem dos principais que assiste na freguezia de S. Antônio de Ararobá*", enviou, por intermédio das autoridades pernambucanas, "*um embrulho com a amostra do tal aroma*" (semelhante ao benjoim), com a notícia de o ter experimentado e "*o fumo que exala do dito aroma é efficacíssimo remédio para dores de cabeça.*"<sup>11</sup>

Diz o Barão de Studart que "poucos ouvidores percorreram tão extensamente e conheceram tão a fundo o Ceará como Avellar de Barbedo. Nas suas correições, depararam-se-lhe ocasiões de fazer, de acordo com as instruções recebidas de Lisboa, estudos mineralógicos e botânicos das Serras, sobretudo da Serra da Ibiapaba. De Sobral, a 8 de outubro de 1788, remeteu, ele o seguinte ofício: "*Ilmo. Sr. Na correição em que tive proximamente na Serra da Ibiapaba, me ocupei algum tempo em fazer exame físico daquele território e achei uma prodigiosa abundância de minas de diferentes metais e semi-metais, como também uma grande variedade de plantas exóticas e me parece que algumas inéditas. Atualmente, segundo as instruções que V. Excia. se dignou dar-me, tenho a honra de fazer enviar a V.Excia. um pequeno caixão com os ditos metais e outros produtos em que vão duas espécies de Quina-quina que produz e cresce em todos os lugares da beira-mar desta Capitania; porém nenhuma delas é idêntica à branca da Bahia, que V. Excia. foi servido mandar-me entregar em minha partida.*"<sup>12</sup>

Vê-se o grande interesse dos governadores no trabalho de encontrar novas espécies medicamentosas da flora brasileira. O Ouvidor tinha sido aluno, em Coimbra, do celebrado professor Vandelli, e pedia que ao mestre fossem enviadas algumas amostras das plantas que seguiam.

\*\*\*

9 Barão de Studart. Antonio José Borges da Fonseca

10 De Morris, Gedeon. Relatório. RIC 1896, p.57

11 Para a história das minas do Cariri. RIC 1921, p.269

12 Barão de Studart. Azevedo Montauray e o seu governo no Ceará. RIC 1891, p.145

No final do século XVIII, chega ao Ceará o naturalista João da Silva Feijó. Em carta ao governador Bernardo Manuel de Vasconcelos fala da "*particular inclinação que tem ao estudo da Botânica*", e adianta "*ter examinado alguma coisa do país em busca de novas drogas*". Para o completo êxito de sua missão, recorria aos prestimosos serviços da autoridade, no sentido de mandar buscar alguns livros, especialmente a *Enciclopédia Botânica de Fabrícus*. Necessitava, também, de um desenhista, profissional indispensável em semelhantes empresas.<sup>13</sup> O intento dos responsáveis pela coisa pública no Ceará era o de atender sempre aos reclamos de Lisboa, de onde continuamente recebiam pedidos e prestações de contas das incumbências solicitadas.

Em 1803, o Visconde de Anadia dirige-se ao cearense, pedindo, mais uma vez, "*a remessa de sementes de plantas bravas que se descobrirem na Capitania*". Enquanto isto, os professores de Coimbra experimentavam os novos remédios nos Hospitais, especialmente nos militares.

O hábito da auto-medicação é muito antigo no cearense e, quiçá, no brasileiro. Houve já um observador estrangeiro que ironizou esta tendência em livro que teve muita divulgação, *O Brasil para principiantes*, onde com inteligente sarcasmo diz algumas realidades muito nossas conhecidas. Quase todo habitante de cidade interiorana, ou dela oriundo, sabe manejar com uma infundável lista de chás e infusões. Nossas avós foram grandes mestras da polifarmácia caipira. Cada doença tem sua mezinha específica. A nossa Medicina caseira é uma tradição, havendo famílias que possuem fórmulas centenárias guardadas para as ocasiões de aperreios.

Interessante citar o depoimento do Dr. Cardoso Machado sobre a ribeira do Acaraú, em 1791. Dirigindo-se ao Governador de Pernambuco, diz: "*Não ha naquele sertão uma só botica (...) porque aqueles povos têm horror aos medicamentos que chamam de botica, vivendo satisfeitos com uns remédios chamados caseiros, sem conhecimento legítimo das suas virtudes e aplicados por qualquer indivíduo, talvez por não terem experimentado os verdadeiros e uma científica aplicação deles.*"<sup>14</sup> Em cada cidade, existem, geralmente, algumas pessoas de mais idade, que funcionam como verdadeiras enciclopédias de informações sobre o emprego de ervas e plantas. Nada cobram pelas "consultas", comprazendo-se com a satisfação da prestação do serviço ao amigo ou parente necessitado daquele recurso.

Em Apêndice a este trabalho, darei um catálogo de plantas usadas para a cura de muitos males. (Apêndice 1).

De muitas destas plantas foram, de fato, extraídos principios ativos de real valor terapêutico, e estudos procedidos em laboratórios categorizados têm comprovado a importância desses remédios. Resta ainda muita coisa a fazer, porque nem toda a nossa flora foi devidamente sistematizada.

No século passado, e também no atual, tivemos aqui a presença de viajantes, de observadores e de cientistas verdadeiros, que deixaram trabalhos valiosos a respeito da utilização da flora na Farmácia brasileira. A Comissão

13 A correspondência de Bernardo Manuel de Vasconcelos. RIC 1889, p.145

14 Barão de Studart. Notas para a História do Ceará, p. 450

Científica deveria fazer um grande serviço nesse sentido, porém sofreu a perda de grande parte do material a ser examinado, tanto no naufrágio do navio que conduzia o resultado das pesquisas como em outros extravios posteriores. Assim mesmo, algumas centenas de amostras foram levadas para o Rio de Janeiro, pela Seção Botânica, e lá examinadas por técnicos capacitados. Gardner, médico inglês que nos visitou nos primeiros decênios do século XIX, ofereceu-nos a descrição e o emprego de diversas dessas drogas. Martius, o sábio alemão, reuniu, no seu catálogo, 6.500 plantas. Agassiz, Ducke e Huber foram outros que trouxeram até nós as luzes de suas inteligências.

Do pessoal "de casa", temos o exemplo magnífico do professor Dias da Rocha, que iniciando sua vida no comércio abandonou-o para dedicar-se unicamente ao estudo da nossa Botânica e à aplicação prática de seus conhecimentos. Foi pioneiro em muitas cousas, mantendo, por conta própria, no seu Museu riquíssimo, amostras de plantas medicinais da nossa flora. Manteve um Boletim e publicou o Formulário Terapêutico ainda bastante consultado. Infelizmente, pela pouca divulgação dos trabalhos realizados no nosso meio, em época anterior à Universidade, todo esse esforço do diligente professor não alcançou o relevo que deveria ter.

Além do uso das plantas no receituário comum o índio usava, também, de outros processos de cura e tratamento. Conhecia e aplicava, por exemplo, a sangria. Acreditava que algumas doenças se pudessem curar pela extração de certa quantidade de sangue do paciente. Usando material por ele mesmo confeccionado, que poderia ser um bico de ave, um ferrão de arraia, ou um estilete feito de uma planta de textura rija, penetrava na veia e deixava que o sangue jorrasse até a quantidade que sua intuição indicasse conveniente. Seria pura imitação do que fazia o branco, ou usança ancestral de seus costumes arcaicos? Ninguém até hoje respondeu. Nada foi esclarecido pelos etnógrafos, antropólogos e indianistas.

Entre os colonos brancos, sim, havia abuso do método. Por tudo se sangrava. Qualquer doença encontrava indicação para a retirada de grandes quantidades de massa sanguínea. E, pelo fato mesmo, era grande o número de pessoas que se dizia habilitada para o mister. Pode-se verificar, examinando os acervos dos inventários antigos, que alguns róis avultam em instrumentos dedicados ao ofício. São lancetas e pinças trazidas à colação pelo diligente inventariante, e que hoje nos dão preciosas informações. Com o manejo desses obsoletos e perigosos instrumentos praticavam atos cirúrgicos, verdadeiros suplícios nas infelizes vítimas. E sempre tirando sangue, muito sangue. Muitos deles eram simples barbeiros sangradores, assim chamados. Conta-se que um desses profissionais julgava-se tão merecedor de crédito e honorabilidade que, chamado à casa de um médico formado em Coimbra, deixou de receber os honorários a que fazia jus, pois não queria cobrar de colega...

Gardner, mais uma vez aqui lembrado, quando se demorava no Crato nos seus estudos e observações, teve oportunidade de sangrar o importante Coronel Manuel de Barros Cavalcanti para curar-lhe um atanasante reu-

matismo.<sup>15</sup> Outro, foi o nosso insigne conterrâneo, o Ministro Manuel do Nascimento Castro e Silva, que por uma simples febre foi repetidamente sangrado, perdendo muito sangue, ficando realmente abatido após o tratamento.<sup>16</sup>

Muito antes desses dois exemplos, encontrados somente entre as pessoas de maior destaque, houve aqui um missionário, o Frei Carlos José de Spezia, que passando em Angola sofreu gravíssima febre que motivou a indicação médica de 32 sangrias, sendo que só nas seis primeiras tiraram-lhe mais de 5 litros do precioso líquido.<sup>17</sup>

Os tratamentos feitos com a "pedra bazar" datam dos primeiros jesuítas que nos visitaram. O padre Luís Figueira relata o caso do índio que, dentro de 15 horas após ser picado por uma cobra, morria, apesar de ser-lhe aplicada a tal pedra, o licórnio e a cauterização.<sup>18</sup> Todos os processos de cura, no caso, não surtiram o menor efeito, e eram o que de mais eficaz se pudesse desejar. A "pedra bazar", ou bezoar, era um verdadeiro amuleto, muito empregado na Medicina colonial. Eram "*concreções calcúlosas encontradas no bucho, na vesícula biliar, no conduto salivar, ou nos intestinos de certos ruminantes, particularmente em certas cabras asiáticas, de onde o nome "bazar oriental"*".<sup>19</sup>

Tidas como milagrosas, serviam para tudo: antitóxicas, antídotos, neutralizantes, tinham fama de curas notáveis, popularizando-se na Europa através da Espanha muçulmana. Expulsavam "humores malignos" e nisto se resumia toda a sua importância. Avicena e Averroes, usando-as, fizeram curas estrondosas. Califas e Reis tiveram-nas como talismã.

O licórnio não era menos fabuloso do que o animal que lhe deu origem. Corpo de cavalo, um chifre único, simbolizava a força, a virgindade. Neutralizava os venenos, especialmente os veiculados pelas cobras. Imagine-se a utilidade de semelhante remédio, num tempo em que as Cortes viviam sobressalta das com os envenenamentos políticos...

O padre Figueira não explica como conseguiu trazer ao Ceará semelhante prodígio. Creio que tenha sido o unicórnio a panaceia em referência. Este, menos espetacular que o precedente, e também menos prestigiado pelo manuseio de tão "*ínclitas gerações de celebrados infantes*" era a ponta do chifre do rinoceronte. Da mesma maneira que a "pedra de cobra", era empregado sobre as feridas produzidas pelos perigosos répteis.<sup>20</sup> Acreditavam que a aplicação do remédio sobre o ferimento fazia retirar o veneno através da embebição. A cauterização era procedida em todos os casos em que falhassem os antecedentes cuidados. Era feita com o ferro em brasa, ou com a aplica-

15 Carvalho, Alfredo de. Um botânico inglês no Ceará, de 1838 a 1839. RIC 1912, p. 193

16 Cartas do Ministro Manuel do Nascimento Castro e Silva ao Presidente José Martiniano de Alencar. RIC 1908, p. 133.

17 Martins, Hermógenes. Um missionário ilustre. RIC 1957, p. 96

18 Figueira, Luís, padre. Relação do Maranhão. RIC 1903, p. 103

19 Araújo, Carlos da Silva. Matéria médica no Brasil do século XVIII. Anais do I Congresso Brasileiro de História da Medicina, p.51

20 Araújo, Carlos da Silva. Op.cit., p. 68

ção de aguardente, limão, pólvora, sal, azeite quente, ou cebola. O mercúrio doce também poderia dar resultado.

A algália também foi usada entre nós e muito mais recentemente. O cirurgião Joaquim da Silva Santiago, pai adotivo de D. Clodes, a Viscondessa de Jaguaribe, para aliviar-se de "constricção de urinas" apelou para este último recurso. É também um produto de origem animal, retirado das glândulas do almiscareiro, mamífero asiático, da família dos cervídeos.<sup>21</sup>

Mas nenhum medicamento antigo era mais prestigiado, pelas curas milagrosas que proporcionava, do que a triaga, ou teriaga. Era uma mistura de dezenas de substâncias, as mais disparatadas e prosaicas. Usado como antídoto, tinha emprego especial na terrível picada de cobra venenosa. Os missionários conduziam-na em suas boticas ambulantes e, muitas vezes, aqui, fizeram uso da medicação de fórmula quilométrica. Todos os Colégios dos Jesuítas, em suas farmácias, fabricavam a prestigiosa droga, variando a composição de um para outro laboratório. A mais afamada era a "Triaga brasileira celeberrima", preparada no Colégio da Bahia. A "Triaga optima" e a "Triaga da Índia" tinham os seus adeptos. Em Apêndice 2, damos a fórmula, conforme a *Coleção de Receitas* do colégio baiano.<sup>22</sup>

Animais diversos e os seus produtos eram também usados. Os ovos secos da acauã eram antídotos de veneno de cobra.<sup>23</sup> O tejo, com sua gordura, empregava-se nos males de garganta, na "esquinência", etc. Algumas aves tinham suas aplicações. A aranha negra, com sua teia, fazia sucesso nos ferimentos e, especialmente, sobre o coto umbilical. Casualmente, foi encontrada uma outra virtude do asqueroso aracnídeo. Uma mulher, enfasiada do seu marido, um tanto inexpressivo, resolveu eliminá-lo usando o recurso de oferecer-lhe, furtivamente, uma papa onde estavam misturadas nada menos do que seis das tais aranhas. Surpreendentemente, viu, logo mais, depois de muito agradecido pelo gostoso manjar, despertar no marido |disposições bem diversas daquela que motivara a premeditada atitude da enfarada esposa. Revigorado pelo inusitado acepipe, completamente inocente da artimanha, deu provas cabais à incontida cara-metade. O fato é relatado por Cabanés, com foros de verdadeiro, abrindo novas perspectivas, agora que conhecido pelos cearenses, podendo tornar-se um bom negócio aos prováveis fornecedores de tais artrópodes às boticas especializadas.

\*\*\*

Somente no século XIX conheceu o Ceará uma Farmácia mais consentânea com o desenvolvimento da ciência médica. Sem tocar, por ora, na Cirurgia, assunto de outro Capítulo, continuemos na Clínica Médica e seus recursos nos tempos pretéritos.

Alguns medicamentos tiveram sua época, sua moda. O mercúrio foi um dos primeiros a entrar nesse novo estilo. Com muita razão, dizia o saudoso professor Oscar Coutinho, Diretor da Faculdade de Medicina do Recife, e daquela instituição Catedrático de Terapêutica, que sendo a Medicina fe-

21 Correspondência do Senador Alencar. Anais da Biblioteca Nacional, vol. 86 (1969), p.25

22 Leite, Serafim. Artes e ofícios dos Jesuítas no Brasil. p. 25.

23 Nogueira, Paulino. Vocabulário indígena. RIC 1887, p.212

minina, deveria sempre ser sujeita à influência dos gostos passageiros, dos caprichos, da moda. Depois do mercúrio, muitos outros apareceram curando tudo. Tivemos a vez do calomelanos, um seu cloreto, que demorou a ser des- tronado pelo bismuto, e este, pelo iodo. Sucedeu-se o 914, o 606, e quantas outras drogas de uso e indicação mais ou menos empíricos.

Na Medicina popular, propriamente dita, tivemos a época dos "hongos", dos besouros e dos mais variados chás, sempre se notando como é fácil burlar a credulidade humana na sua simplicidade e boa fé. Os psicólogos e sociólo- gos têm suas explicações.

O velame, o manacá, a cabeça-de-negro, a carnaúba, todas estas plantas fo- ram usadas em todos os tempos no Ceará: no primeiro, o professor Manuel Ximenes de Aragão, autor das *Memórias* publicadas na Revista do Instituto do Ceará, colocava toda a sua fé. E muita gente ainda hoje. As populares e centenárias "Pílulas do Cirurgião Matos" têm adeptos no Brasil inteiro. Belmonte, em *No tempo dos Bandeirantes*, chama a atenção para o valor terapêutico do álcool, em todas as suas formas. Os antigos conheciam muito bem os benéficos efeitos do vinho e outros derivados e não deixavam de car- regá-los nas suas andanças pelos sertões. Matias Beck refere, no seu *Diário*, que dois dos seus soldados que estavam como mortos restauraram-se ao receber o tratamento de aguardente.<sup>24</sup> Cheirar álcool, friccionar álcool com cânfora ou puro mesmo, é de uso corrente no sertão para gripes, resfriados e reumatismo.

Poderíamos citar inúmeros tratamentos preconizados, por exemplo, para o "mal das pedras", para o "maculo", para a "esquinência" para as "almorrei- mas", mas torna-se fastigioso o conhecimento de tanta "ciência" de nossos avós. Lembraria apenas o tratamento da calvície, que se resumia em esfre- gar na cabeça do desgostoso pelado a pele de um defunto recente, vítima de morte violenta. Hoje em dia, nas grandes cidades, com a hecatombe do trânsito e dos assaltos, não haveria tanta dificuldade para encontrar pronta- mente tão inusitado remédio... Noutros tempos, apelavam eles para os mal encarados magarefes de patíbulo, na sôfrega procura do fúnebre recurso.

Outra doença de tratamento muito diversificado era a sezão. Com os nomes mais variados tivemos a célebre epidemia das "febres" que já foram estu- dadas em Capítulo anterior. O chefe da Comissão médica pernambucana, o professor Cardoso Machado, ao retornar à sua movimentada clínica recifen- se deixou, nas mãos do Licenciado Coelho, por ele preparado para atender aos que ainda pudessem ser vitimados pela moléstia, minucioso formulário em que instruía ao Camarista sobralense no completo atendimento daque- las pessoas.

Vale a pena conhecer esse documento, e que vem provar, também, que nem sempre a sezão pode curar-se simplesmente "com alho e pinga" como se afirmava em 1772.<sup>25</sup>

*"Instruções deixadas ao Licenciado José Gomes Coelho.*

24 RIC 1903, p.346

25 Almeida, Aluisio. *Curiosidades paulistas e brasileiras*. Cit.por Carlos da Silva Araújo em *Matéria Médica*, p.48

*Pelas informações e observações dos enfermos na Barra do Acaraú, e Vila de Sobral se conhece que o caráter da epidemia é uma constituição biliosa; produzindo sezões de todas as espécies passou o ano passado à Febres pôdres e Terçans perniciosas, pelo vento sudoeste que reinou, conduzindo do Piauí miasmas epidêmicos que excitaram nesta atmosfera uma maior fermentação. Para o mal presente e receio do futuro, se repetir o mesmo vento, é que deixo os remédios por ordem do Ilmo. e Exmo. Sr. General. Pelo que consta do meu Diário, se vê a facilidade e prontidão com que tem sido curadas estas Febres Intermitentes: deve ser seguido o mesmo método enquanto não mudarem a espécie, ele consiste em limpar as primeiras vias por meio dos vomitórios, desobstruir com cozimentos e remédios aperrientes solutivos, e não haver demora na aplicação da quina, para que os acessos não produzam tantas desordens, ao mesmo tempo se pratica o uso da fomentação desobstruente que produziu tão bons efeitos, a qual consta do unguento altéia, unguento de fumos, emplastro de Zacarias, partes iguais. Apenas entrarem as primeiras chuvas, serão repartidas pelo povo porções de alcatrão para o queimarem em suas casas. Ao mesmo tempo se mandarão fazer fogos por diversas partes com pólvora e paus aromáticos regulando esta ação de modo que ela dure até o mês de julho. Em todas as casas deverá haver uma vasilha em que se conserve uma infusão feita de junça, rosmaninhos, cálamo aromático, arruda, cascas de limão, em vinagre e uma pequena porção de esponja para ensoparem nesta infusão e cheirarem a miúdo. Recomende-se a todos que tenham suas casas sempre varridas e limpas de imundicies. Que não enxuguem no corpo a roupa molhada, ou seja pela chuva ou pelo suor; que não durmam ao ar livre da noite, que arejem todos os dias as suas casas, abrindo portas e janelas, que a água que beberem seja cozida, ferrada, coada; finalmente que façam um bom uso das seis cousas naturais. ( ? )*

*Estas providências são as possíveis diligencias que se devem fazer para procurar a modificação da fermentação epidêmica e não contrair a enfermidade.*

*Enquanto ao método de tratar os enfermos, todo o ponto de vista deve ser corrigir a acrimônia da bilis, evacuar a sordície que ela produz nas primeiras vias e a corrupção da massa do sangue, segundo o temperamento do sujeito e a qualidade da febre. Para encher estes fins, é necessário observar o temperamento, o estado da língua e estômago, para se determinar ou a sangria, ou o vomitório no princípio da enfermidade. Um enfermo bem constituido, com a língua natural, com alguns sinais de pletórico, deve ser sangrado logo no pé, à proporção de suas forças, não lhe debilitando a natureza, cujo vigor é necessário para vencer os esforços da enfermidade. Porém, um homem mau-humorado ou que aparece com a língua esbranquiçada, e vontade de vomitar, a este, um vomitório será o seu primeiro remédio. Os mais medicamentos devem seguir esta mesma regra, porque nos sanguíneos e que não mostram aparato nas primeiras vias só se usará dos purgantes ou tisanas solutivas, se a natureza mostrar pelos dias adiante, uma indeterminação ao cozimento da matéria e evacuação dela, porque ainda que nestas febres biliosas a natureza costuma algumas vezes fazer a sua crise pelo suor, não é esta a mais ordinária, sim, a que se faz por diarréia.*

Os purgantes, devem ser o maná, ruibarbo, os sais policreste e catártico, a polpa de tamarindos, o xarope pérsico. Os atemperantes são a cevada, aveia, raízes de chicória, almeirão e azedas, o soro de leite, o nitro, a vinagrada. E porque tais febres são acompanhadas de uma debilidade nervosa, será necessário misturar a estes remédios, a serpentária, a valeriana, o scórdio, a tintura de Huxam, a quina, não só como tónicos, mas também como anti-sépticos, principalmente nos de temperamento linfático, pois a degeneração da bilis nestas febres depressa passa a uma verdadeira corrupção. Quando as urinas mostrarem um bom cozimento e sedimento perfeito não se deve dar remédio solutivo, antes continuando o uso dos diluentes, se espere pela ação da natureza. Apenas aparecer o delírio, sendo pessoa de temperamento sanguíneo, sem perda de tempo se lhe administram as sarjas na nuca e espáduas altas e baixas, mais ou menos profundas, segundo a maior ou menor intenção dele, e a evacuação de sangue será correspondente às forças do enfermo, e se, nesse caso, o pulso abater, se lhe aplicarão os cáusticos nas coxas, largos.

O coma ou sonolência continuada pede aplicação pronta dos mesmos cáusticos, passando também à nuca para desviar do cérebro os impulsos da natureza e impressão da matéria morbífica dessa entranha. Convém também, os Epispásticos ou cataplasmas nas solas dos pés feitas com sal, arruda, mostarda e vinagre. A Terçã perniciosa, contudo, pede mais pronto socorro. Vista a primeira, que é acompanhada de todos os sintomas funestos e não comuns às mais febres, sem perda de tempo se deve dar um remédio antisséptico, solutivo quinado e aplicar o cáustico; se vier segundo acesso, antes de ele se acabar, se administre a água de Inglaterra em largas doses, e de 3 em 3 horas. Se no princípio, ou outro qualquer tempo da enfermidade aparecerem escarros de sangue, por hemoptise, ou afligir alguma tosse, ou dores laterais, ou se a epidemia mudar de sintomas, nada deve embaraçar o referido método de cura excetuando o vomitório em caso de hemoptise, porque estes efeitos são toques vagos da matéria morbífica que não constituem enfermidade essencial, ou complicada, e se deve seguir a ordem da cura da epidemia; somente se atenderá a eles com alguns remédios próprios alternado com os outros, mas que não perturbem a ação da natureza, nem a coação da matéria. A dieta deve ser cremor de cevada, cozida com frangos ou sem ele, e uma colher de vinho, a cevadinha, o arroz; a carne fresca de vaca moqueada quando entraram na convalescença. As que degenerarem em sezão, se tratarão segundo a qualidade tendo atenção à circunstância de contínua ou remitente, ou intermitente, a primeira deve seguir com o mesmo método de febre aguda, com a diferença de mais crescidas doses de quina; a segunda, trata-se como assim fica referido.

O Comissário Geral e Juiz Delegado de Medicina

João Lopes Cardoso Machado.<sup>11</sup> 26

---

26 RIC 1890, p. 108.

## 10 O EXERCÍCIO DA MEDICINA I

A arte de curar era praticada na aldeia, pelo pajé, misto de feiticeiro, curandeiro e charlatão. Com suas astúcias e crendices milenares, fazia supor ao infeliz padecente, ser portador de poderes que na realidade não os possuía. Acreditado piamente, face a extrema simplicidade dos silvícolas, passava a verdadeira divindade, o que ele explorava convenientemente. Sabia tirar proveito disso, recebendo tratamento especial, só dispensado aos chefes guerreiros e morubixabas, era o pajé-catú, o bom médico.

No período colonial, não parece tenham tido eles grande atuação no tocante à Medicina propriamente dita. Eram mais advinhos tiradores de malignidades, ações de natureza mais religiosa do que propriamente de curar doentes. Com o aparecimento das doenças mais graves, especialmente as epidêmicas, ganharam, então um campo mais vasto de ação. Gabriel Soares fala da boubá, como doença mais frequente, pegada quando meninos. Nomeia a bexiga e as febres terças, que só devem ter aparecido depois da penetração do branco.<sup>27</sup> Toda essa variada patologia era tratada com raízes e plantas, pelos seus chás, emplastros e aplicações locais das folhas ou cascas e frutos. Para cada doença conheciam uma dezena de plantas medicinais. Aplicando-as, tanto por seu real benefício, de serem portadores de princípios ativos, capazes de atalhar uma febre, ou sarar uma ferida, como pela simples ação sugestiva, o que é certo, curavam. E, por isso, eram tão acreditados. Passavam aos filhos e netos os segredos do ofício. Formava-se uma verdadeira casta, com gerações empenhadas na mesma arte. Custou-lhes admitir a intrusão de outros no prestigioso emprego.

E estes foram os primeiros padres aparecidos nas aldeias. Os Jesuítas, principalmente, vinham trazendo alguns recursos terapêuticos mais objetivos para tratar os selvagens doentes. Tinham os contravenenos para as picadas de cobra, sabiam fazer curativos nas feridas, tratavam males do estômago, indisposições e febres, com remédios mais eficientes, de melhor e mais rápido efeito. Desde Anchieta, todo inaciano que se largava para os confins das aldeias indígenas levava consigo algum conhecimento desses primeiros socorros, assim criando uma aura de simpatia. Faziam até sangrias, o máximo da terapêutica da época.

De princípio, houve embaraços ao fato de os padres ordenados serem capazes de proceder tais operações. Os óbices eram de natureza canônica. Houve mesmo, proibição sistemática,<sup>28</sup> logo mais levantada, desaparecendo os escrúpulos. Durante este tempo de interdição, coube aos irmãos leigos a prática da operação. E os padres, ao lado de seu trabalho puramente espiritual, sempre encontravam tempo para as cousas da saúde de seus pupilos. Muito fizeram nesse sentido. Nas ocasiões de epidemias, longe de fugirem do contágio, quase sempre mortal, entregavam-se de corpo e alma ao alívio dos pobres vitimados pelas maleitas, pelas bexigas e "câmaras de sangue". Os *Relatórios* e *Cartas ânuas* estão cheios de referências a esta manifestação

27 Sousa, Gabriel Soares de. Tratado descritivo do Brasil, p. 318.,

28 Serafim Leite — História da Companhia de Jesus no Brasil, V. II, p. 572

da solidariedade dos missionários, sempre a pedir das farmácias de seus Colégios, remédios e mais remédios para o tratamento de tão inumerável multidão de necessitados.

Vale, pois, neste Capítulo dedicado aos que exercitaram a medicina no Ceará, esta lembrança respeitosa aos heróis do primeiro século, devassadores de caminhos ínvios, que na busca das almas para os fins mais elevados deram tudo de si, fazendo nascer Cristo na sublimação do semelhante.<sup>1</sup>

Quando atravessavam a Serra da Uruburetama, diversas vezes esses missionários tiveram oportunidades de praticar atos médicos. Referem eles às picadas de insetos, às mordidas de cobras venenosas, aos ferimentos ocasionados pelas estrepes dos cerrados caminhos. E o que podiam fazer? Nada mais do que aplicar suas mezinhas, ciosamente guardadas nas "caixas de boticas" preparadas pelos "pharmacopolae" do Recife e da Bahia.

\*\*\*

Na Grande Armada que por aqui passou nos primeiros anos dos seiscentos ia uma pessoa especial. Era uma enfermeira, a primeira, aliás, que andou por estas plagas. Depreende-se isto do documento da Coleção Studart, assinado por Alexandre de Moura. Ele manda que se confirme "*a Praça de soldado que o Governador lhe deu por servir aos soldados na Conquista, com obrigação de servir na enfermaria dos doentes*". Infelizmente, o documento não conservou o nome dessa pioneira, apenas o do marido, o pardo João Neto.<sup>2</sup>

Nenhum médico, cirurgião ou físico acompanhou Jerônimo de Albuquerque. Durante as seríssimas refregas com os franceses, um ou outro de seus soldados mais habilidosos atendia aos reclamos dos companheiros feridos nos encontros de vida e de morte. No final da luta, vitoriosas as nossas tropas, testemunharam, os comandados de Albuquerque, o cavalheirismo do inimigo vencido. Eles, também com centenas de mortos e feridos graves no campo de batalha, muitos destes filhos das melhores e mais nobres famílias da orgulhosa França, derrotados, não se descuidaram, porém, de oferecer os seus valiosos préstimos no tratamento dos nossos soldados, em estado tão lastimoso quanto os seus. Dois dias depois de sangrento sucesso, o Sr. de La Ravardiére mandou um dos seus mais hábeis cirurgiões com bastante remédio para a cura daqueles heróis que os tinham infligido tal desbarato. Monsenhor de Lastre, o cirurgião-mor enviado, fez notáveis curas, sem qualquer interesse outro senão o de aliviar os sofrimentos daquela soldadeca desamparada.<sup>3</sup>

Diogo de Campos lastima tudo isto e pergunta, como pôde acontecer que cinco caravelões partissem para conquista tão temerária sem ter sido convenientemente munidos de mezinhas, físicos, ou ao menos de alguns "barbeiros"? Pelas ordens vigentes de Sua Majestade, barco algum poderia sair do porto sem estes profissionais. No entanto, ali estavam eles, portugueses, sem qualquer recurso, valendo-os o inimigo generoso e humano. Máxima

1 Torga, Miguel. Diário. IX, p.45

2 Autógrafos de Alexandre de Moura. RIC 1908, p. 322

3 Diogo de Campos Moreno — "Jornada do Maranhão", RIC T. XXIII (1907) pp. 310 e 54

humilhação. Faltava até mesmo um pedaço de pano que permitisse atar uma ferida. Apenas dispunham de certa quantidade de óleo de copaíba para alívio dos terríveis ferimentos.<sup>4</sup>

A penúria de pessoal dedicado às artes médicas perdurou por essas bandas. No tempo dos holandeses entre nós, não foi diferente. Gedeon de Morris Jonge, em 1636, faz queixas de não contarem com um único cirurgião, enquanto no Rio Grande do Norte, estavam dois às ordens do *Comandeu* Verdoes.<sup>5</sup>

A sorte deles era ser a terra de bom clima, sadia, suportando os seus soldados muito bem os trabalhos. Acrescia serem bem alimentados. Os flamengos eram exagerados nesses suprimentos de boca. Nunca lhes faltavam bons queijos, vinhos, farinha de trigo, azeite e outras comidas de seu paladar. Sabe-se que um pouco mais tarde, em 1644, já contavam com enfermeiros aqui. Estes, faziam também o papel de nossos missionários, instruindo os índios na Religião reformada e na vida civil. Essa recomendação de assim procederem foi-lhes dada pelo Supremo Conselho da Companhia.<sup>6</sup> Apesar de ser ela uma empresa comercial, com características colonialistas, não se descuidou dessa assistência espiritual.

Tivemos aqui alguns pregadores que, para infelicidade deles, pouco conseguiram dos selvagens desconfiados. A receptividade da Religião professada pelos holandeses foi diferente. O padre católico atendia com mais solicitude, com mais desprendimento e não havia índio enfermo ou colono que não tivesse logo um "amanaiara"<sup>7</sup> junto à sua tipóia, ou à cabeceira de seu catre.

Os remédios empregados às vezes eram "penosos", na frase do padre Simão de Vasconcelos; mas, mesmo assim, os padres eram estimados como se tratassem de verdadeiros físicos ou cirurgiões.

Depois, veio a derrota dos batavos, o retorno dos portugueses e da mesma maneira, conforme notou André Vidal de Negreiros, em sua passagem pelo Ceará, a total desassistência dos soldados e índios. Recomendou o envio de um profissional da saúde, cousa que só foi atendida muito tempo corrido. A botica e o cirurgião eram sempre esperados, mas nunca chegados. Teixeira de Melo, em 1645, fala até em obrigar a um médico vir, especialmente atendendo às circunstâncias de que, nas doenças das autoridades, "*há sempre uma grande confusão*". E, como estímulo ou emulação, sugere que atribuam o título de "médico de Sua Majestade" àqueles que se dispuserem seguir para estas esquecidas paragens.<sup>8</sup>

As lamentações a esse respeito eram gerais. Lastimava-se Domingos Jorge Velho, por que o seu cirurgião não o acompanhara aos Palmares; deplorava o desamparo dos feridos na campanha, pedindo ao Marquês de Montebelo que "*por amor de Deus ponha os olhos nisso*". Mas, parece, era difícil encontrar um profissional que se encorajasse meter-se por esses sertões. O

4 Id. p.222

5 José Higino. Gedeon Morris de Jonge. RIC 1896, p.80

6 Documentos para a História do Brasil, especialmente do Ceará. RIC 1910, p.301. Doc. nº41

7 Senhor das chuvas. Ver Pompeu Sobrinho. História das secas, p.183. RIC 1969, p.68

8 Carta de Teixeira de Melo. RIC 1910, p. 340.

Marquês respondia que ficava fazendo diligências "a ver se acho alguém que voluntariamente queira ir".<sup>9</sup>

Outro grande entrave eram as disposições legais no respeitante à remuneração desses profissionais. "Não se pode dar estipêndio algum da Fazenda Real sem ordem sua", explicava o Provedor, "e não será justo que eu violente aos que não quiserem ir por seu gosto". Esta era a maneira sensata de ver a situação. O físico ou cirurgião que se abalasse a seguir nas tropas para o Ceará, ou outra terra de conquista, teria que se acomodar às condições impostas. Lisboa era muito distante, e até que chegasse ao conhecimento de Sua Majestade e de seus conselheiros as indicações daquela nomeação, longos meses de passavam. E nenhum subsídio poderia ser pago enquanto não viesse autorização da metrópole.

Mesmo assim, o "surgião" Francisco Coelho de Lemos se abalou de Pernambuco para o Ceará, em 1691. Na Resolução de dezembro, foi estipulado que percebesse 20\$000 (vinte mil réis) de ajuda de custos e 30 réis por dia, devendo ficar na "fortaleza do Siará" por 5 anos, "na cura dos enfermos, com cuidado e bom sucesso". Apenas no primeiro ano foi cumprido o ajustado. No final do penoso lustro, para conseguir o que a Fazenda Real lhe devia, isto é, os oitenta mil restantes, teve uma tremenda maçada. E o argumento alegado para não lhe pagarem era o "de não haver ordem para este efeito". Assim era tratado um profissional que durante 5 anos sofreu todos os incômodos de uma situação indesejável, sacrificando-se no desempenho de uma relevante função.

Enquanto isso, o infeliz cirurgião, conforme reclama em sua petição, "se achava com esta falta tão pobre que não tinha com que se remediar".<sup>10</sup> Era assim; remediava os outros, e a si próprio, faltava-lhe quem o provesse nas mínimas necessidades. Somente em novembro de 1697, obteve despacho favorável para o atendimento à dívida tardiamente reconhecida. Nessa deferição, recomendava a autoridade superior que ordenou o pagamento atrasado, que fosse reconhecido o mérito do cirurgião, "pois esteve (ele) no meu serviço assistindo a cura dos soldados que servem no Presídio nela e se lhe dê satisfação cabal ao que mereceu em todos os anos que esteve no dito Presídio e sirva de exemplo para que outros à sua imitação se possam animar a irem curar aquela infantaria e moradores que assistem em tão remota parte". Não resta dúvida ter sido bastante tardio e extemporâneo o consolo. Quem se aventuraria diante de tal exemplo? Para dar mais ênfase ao reconhecimento d'El Rei, mandava Sua Majestade a "infalível observância desta Provisão que se cumprirá inteiramente."<sup>11</sup> É provável, que diante de tal afirmação tenha o cirurgião Coelho de Lemos recebido o seu amargurado quinhão.

Este foi o primeiro licenciado que serviu oficialmente no Ceará, iniciando uma série deles, dos que prestaram serviços médicos no Forte, no atendimento aos soldados, de seus familiares, índios e colonos.

9 Carta do Mestre de Campo Domingos Jorge Velho. RIC 1906, p.274

10 Documentos para a História do Brasil, especialmente do Ceará. RIC 1923, p.78.

11 Id. ibid., p. 78.

O movimento migratório para o Ceará crescia dia a dia. Tornou-se intenso quando foi iniciada a distribuição sesmarial das terras da Coroa. Levas de paraibanos, pernambucanos, potiguares e baianos solicitavam suas glebas, com as alegativas de terem seus gados e não disporem de terras para os acomodarem. Os primeiros fixaram-se no Jaguaribe, requerendo as suas margens, à razão de 3 léguas para cada peticionário. Loteado o nosso maior rio, outros foram sendo requeridos, até a retalhação total do território cearense, com todas as suas serras, riachos, poços e fontes repartidos. As glebas mais próximas do Forte foram requeridas por soldados e agregados interessados em se estabelecerem definitivamente na Colônia.

Com a notícia divulgada de tanta facilidade para se adquirir razoável porção de terra, todos os que tinham possibilidade de "povoá-las" por intermédio de familiares, escravos ou vaqueiros trataram de mandar seus rebanhos para justificar o direito. Mais tarde, depois de mandarem um ou mais filhos, vinham os "coronéis", pessoalmente, verificar como estavam "situados" os seus gados. Para isso prestavam-se bem as terras cearenses; eram terras de criar. Largos campos, vegetação adaptada e clima favorável.

As secas, vez por outra, faziam tremendos estragos, mas a recuperação era rápida. Para plantar cana nunca serviram. Poucos tentaram essa agricultura, especialmente nas zonas próximas ao mar, em Cascavel, Beberibe, Uruaú. Açúcar, se deu, foi apenas para o consumo da família. O que eles fabricavam da cana era a aguardente e o mel, muito utilizado na alimentação, em mistura com a farinha de mandioca. A rapadura era gênero de grande consumo, especialmente pela facilidade de condução e "sustança" que dava aos que dela se serviam.

No começo do século XVIII a população branca cearense não passava de 200 habitantes. Daí por diante, houve um crescendo até chegar ao milhar, e dezenas de milhares ao fim de duas ou três décadas.

Para atender aos reclamos médicos e sanitários desse povo, houve necessidade de interferência de prestígio pessoal de alguns colonos. Os soldados, mais necessitados ainda pelas constantes refregas com os índios indômitos, sobressaltados e vingativos, não poderiam dispensar quem lhes curasse os ferimentos e lhes atendesse nas dores e aflições. Diante disto, foi mandado o cirurgião Jorge da Silva, com as mesmas atribuições do anterior. Cuidava de soldados, índios e colonos. Fazia também as vezes de advogado. O seu cliente mais importante foi o Capitão Carlos Ferreira, governador interino que, emboscado em dias de agosto de 1708, foi atingido por dois tiros de espingarda. O local do delito foi o sítio que ficava por trás da Sé, nos terrenos dos fundos do atual Paço Municipal. Dois ou três indivíduos que tinham queixas do Capitão aproveitaram um seu passeio desacompanhado para praticar o ato covarde. Os ferimentos foram no ombro direito e as balas não penetraram tanto.

Mas o Dr. Cirurgião atrapalhou-se com o importante paciente. Loreto Couto, apologista do padre João Alvares da Encarnação, diz que numa visita do santo sacerdote ao capitão enfermo, provavelmente logo após o crime, notou que "*o cirurgião não acertava tomar-lhe o sangue*". Seria para fazer

a hemostasia, ou mais uma sangria para "*descarregar o sangue envenenado pelo chumbo das balas*"? O certo é que o padre tirou Jorge da Silva do apherreo, aproximou-se do ferido, "*pondo-lhe umas folhas de tabaco, atou o ombro com o lenço de seu uso e se retirou para a sua residência*". Foi um santo remédio. O doente sentiu logo grande alívio, as dores cederam, estava curado.<sup>12</sup>

Jorge da Silva permaneceu no Ceará por muito tempo. Casado com D. Mariana da Silva, sei que uma sua filha, chamada Angélica, residia em Caucaia, onde seu marido, Luis Gomes Pedrosa, em 1753, tinha família numerosa. Como todo colono que se prezasse requeria terras, ele também pediu as suas. Recebeu-as em 1711, concedidas pelo Capitão-mor Francisco Duarte Vasconcelos, 3 léguas no Olho d'água da Carayoçanga, indo até o rio Ceará. Ainda aparece em documentos de 1724, assinando papéis, como testemunha, no Forte Nossa Senhora da Assunção.

Depois desse profissional, somente em 1731 há notícia de outro: um alemão natural de Colônia, chamado Pedro Frings, algum remoto parente do Cardeal daquela cidade, nosso grande benfeitor. Figura o teuto em um auto de vistoria, feito na pessoa de João Fernandes dos Santos. A perícia foi realizada na casa do padre Antônio de Holanda, sacerdote pernambucano que aqui residiu, com toda a sua família, vindo do Recife depois das convulsões dos mascates, em virtude das implicações do seu pai e avô nos distúrbios entre Olinda e a atual Capital. Foi capelão do Forte e vigário interino. O Juiz ordinário José Correia Peralta ordenou o exame. Nada mais se sabe desta personagem. Poucos embaraços havia em que um estrangeiro, de cidade católica, permanecesse aqui, ou mesmo tivesse emprego público. Não foi esclarecida sua condição de permanência no Ceará.<sup>13</sup>

Mais tarde aparece outro cirurgião estrangeiro, numa circunstância muito especial. Um navio inglês que passava à nossa costa, o "*Black Prince*", sofreu um motim a bordo, rebelando-se o piloto contra o comandante e alguns marinheiros. O resultado foi serem abandonados nas proximidades de Camocim, e de lá se dirigiram a pé até o Forte. Permaneceram alguns meses no Ceará esperando recambiamento para a Inglaterra. Presumo que, pela necessidade sempre premente de médicos e cirurgiões, os conhecimentos e práticas do doutor britânico tenham sido solicitados na sua demora forçada aqui.

Ainda recebemos os benefícios de outro médico não português, o piemontês Joseph Augeri, ou melhor, José Baltazar Augeri. Radicou-se no Aracati, lá casou em 1760, constituiu família, entrou na política, e por muitos anos exerceu plenamente sua profissão. Era natural de Formi, na Sabóia daí terem os seus descendentes adotado, como apelido de família, o último topônimo. Os seus filhos e netos notabilizaram-se nas carreiras eclesiástica, médica, jurídica e, até hoje, constituem, os descendentes destes, homens de grande projeção em todos os campos da atividade nacional. Para citar um

12 Couto, Loreto. Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco. RIC 1956, p.53.

13 Barão de Studart. Datas e fatos para a história do Ceará.

exemplo, basta falar no Visconde de Sabóia, nome tutelar da Medicina brasileira, que foi seu bisneto.

\*\*\*

As aldeias indígenas estavam sendo organizadas paulatinamente, obedecendo a uma legislação que visava dar algum conforto ao infeliz nativo. Dentre as inúmeras Ordens Régias, Provisões, Decretos e outras medidas dessa natureza, apareceu o Regimento dos índios, codificação muito extensa que dava um sentido de responsabilidade ao silvícola. Sempre foi muito criticado e, parece mesmo, concorreu para o aniquilamento das tribos e nações. Mas, em algumas das suas proposições, tentava diminuir a exploração que o branco sabidamente praticava sobre eles, impondo alguns deveres, deixando de ver apenas o lado dos direitos exigidos. Nessas novas obrigações dos brancos colonizadores para com os incultos selvagens exigia-se que, nas doenças daqueles índios tomados à soldada, o "Patrão" concorresse com as despesas dos remédios e "das galinhas". Estas deveriam ser atestadas pelos cirurgiões e físicos, caso fosse indicado resguardo ou quarentena.<sup>14</sup>

Inácio José Bernardo, natural de Vila de Moura, deve ter exercido a profissão no Ceará. A 14 de outubro de 1786 registrou ele a sua carta de cirurgião na Câmara de Aquiraz. Era recém-formado em Lisboa e filho de Pantaleão Nunes da Costa. Além deste registro, nada mais ficou nos arquivos sobre a sua atuação na Capitania.<sup>15</sup>

\*\*\*

O século XVIII, que tanto destaque teve na evolução do pensamento médico, entre nós, no entanto, não foi diferente dos que os precederam. Na Europa, a Revolução Francesa mudava o destino do mundo, os conceitos filosóficos e políticos. A Universidade, agora mais aberta, formava indivíduos para uma era. Continuávamos, porém, a receber os mesmos físicos, cirurgiões e sangradores, apressadamente formados, sem base científica e, muito menos, sem qualquer outro interesse de melhoria de seus métodos de curar. Os doentes eram tratados como o vinham sendo dois ou três séculos antes. Aqui, eles aprendiam a usar mais alguns chás e decoctos, emplastros, emolientes e resolventes de prática local, que acresciam ao seu receituário. Nenhum progresso, nenhuma vontade de adiantar algo do que tivessem aprendido nas monótonas aulas no Reino.

Chega ao Ceará a epidemia das "febres malignas" de 1791, e raríssimos eram os profissionais capazes de, pelo menos, reconhecer de que se tratava. De Sobral vinha o apelo apavorado do padre Basílio Francisco dos Santos, bradando por um socorro para tão extensa freguesia que contava apenas com um cirurgião aprovado.<sup>16</sup> Talvez fosse o mesmo que Cardoso Machado encontrou, o camarista José Gomes Coelho que, por fim, ficou com a atribuição de curar os remanescentes da epidemia. Houve necessidade, então, de apelar ao Governador, para Pernambuco. Mandaram-nos, em atendimento ao pedido, uma autoridade médica pernambucana, o prof. João Lopes Car-

14 Como se davam à soldada no século XVIII. RIC 1956, p. 78

15 Barão de Studart. Datas e fatos para a história do Ceará.

16 Barão de Studart. Luiz da Mota Feo e Torres e seu governo no Ceará. RIC 1890, p.23

doso Machado: Bacharel em medicina pela Universidade de Coimbra, pai do Visconde de Maranguape e do autor de *O Carapuço*, o padre Miguel do Sacramento Lopes Gama.

O doutor tinha muitos outros títulos. Era juiz delegado de Medicina, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, Comissário Geral da Real Junta do Protomedicato de Sua Majestade Fidelíssima. Trouxe em sua comitiva os licenciados Joaquim José Henriques e Teotônio Ferreira dos Reis, o boticário João Pio Caetano de Carvalho e dois sangradores. Todos trabalharam arduamente no combate à terrível epidemia que grassava no Vale do Acaraú. Durante mais de três meses estiveram de um lado para outro, atendendo aos enfermos, medicando, sangrando e sarjando. Voltaram ao Recife, deixando aqui o licenciado José Gomes Coelho preparado para continuar o tratamento.

Para tanto, o prof. Cardoso Machado "examinou de medicina" o camarista sobralense, verificando as suas habilidades e perfeito conhecimento da arte de curar; estava "capaz e eficiente", como diz em ofício ao Governador da Capitania.

O chefe da Comissão, contados os seus vencimentos desde que se abalou do Recife, a 3\$000 (três mil réis) por dia, percebeu 381\$000 (trezentos oitenta e um mil réis) e mais 400\$000 (quatrocentos mil réis) de ajuda de custas. Os dois licenciados e o boticário perceberam exatamente a metade. Quem mais lucrou foi o boticário Manuel dos Santos de Oliveira, fornecedor dos medicamentos, que vendeu 815\$000 (oitocentos e quinze mil réis) de remédios "para o curativo da dita."<sup>17</sup>

Cardoso propôs cirurgiões residentes em Granja e Sobral, pela instituição dos Partidos Camarários, sistema muito em voga na época. Justificava ele, muito cauteloso com as finanças reais, que não parecia justo Sua Majestade fazer despesas diárias de 1\$500 (um mil e quinhentos réis) com cada cirurgia, mesmo que isto só durasse enquanto houvesse "*a alteração da constituição morbosa do ar*". Do Recife, dizia ele, poderia vir, prazeirosamente, um dos muitos cirurgiões que por lá havia. Certamente, por razões óbvias, aqueles menos procurados pela clientela...

Aqui no Ceará, eles não só poderiam lucrar o Partido que se estabelecesse, como também ganhar seu bom dinheiro na venda dos medicamentos que trouxessem. Este era outro grande mal da Medicina do tempo. O médico era também o vendedor dos remédios que ele próprio receitava. Cada qual tinha a sua "caixa de boticas" mais sortida. Alguns havia que "mambembavam" pelos sertões com suas drogas, quais bufarinheiros, vendedores de quinquilharias e bugigangas. Tristes eras de tão honrosa e dignificante profissão, aviltada pela incompreensão das autoridades e menoscabo de seus próprios praticantes.

D. Tomaz José de Melo respondeu que "*quanto aos 2 Partidos de cirurgia, que segundo o parecer do Professor convém estabelecer nas mesmas Vilas, informa o Capitão Governador em sua Carta que as sobras da Câmara da Vila de Granja não passam de 19\$390 (dezenove mil, trezentos e noventa mil réis) anuais.*" Não chegava a dois mil réis por mês a renda líquida da

---

17 Id. *ibid.*, p.25

Câmara de Granja! Como era pobre esse lastimoso Ceará! Tudo passou sem que nada mudasse. Apenas Sobral ficou com o seu camarista promovido a "cirurgião aprovado" e apto a receber os parcos vencimentos de uma Câmara com pouco mais de 20 mil réis de rendas mensais.

As queixas continuavam a chegar a Lisboa. Já estertorava o século quando se lembrou El Rei de ordenar à Câmara do Forte que providenciasse uma "finta" para propiciar a vinda de um médico e um cirurgião tão reclamados. Uma "finta" significava mais um encargo, mais uma taxa, ou uma contribuição forçada, extraordinária para os miseráveis habitantes da região.

O próprio presidente da Câmara, que em documento de 1802<sup>18</sup> se intitula Professor Aprovado do Protomedicato, o ilustre Manuel Lopes de Abreu Lages, tão conhecido na Capitania e inúmeras vezes camarista, fundador de importante família cearense, discordou da proposição, especialmente porque incluía um "ipógrafo" e outro profissional, certamente um engenheiro, o tal "idrúlico"... Foi muito discutida a proposição de Sua Majestade, resolvendo a Câmara, que nesse dia contava com a presença do clero, nobreza e povo, convocados sempre nessas grandes decisões, a agradecer a benevolência de S. Majestade por "*tal grande benefício que queria fazer aos povos desta Vila e seu termo*".

Acrescentava que, "*muito a seu pesar, não podiam aceitá-los, pelos encargos advindos, em vista da pobreza a que estão reduzidos os povos depois da calamitosa seca de 1792.*"<sup>19</sup> O argumento era convincente e na resposta, foi também o azedume provocado pela fórmula encontrada para atender à justíssima reivindicação dos distantes colonos cearenses. Veio, no entanto, outro Cirurgião-mor, mais tarde, como elemento ligado à tropa da Fortaleza, ganhando, felizmente, pelos cofres públicos, 30\$000 (trinta mil réis) mensais. Assim, continuava o Ceará, recebendo tratamento diferente das capitâneas vizinhas, com condições inferiores à Paraíba e Rio Grande do Norte, que possuíam vários cirurgiões para a assistência de suas populações.

---

18 Correspondência de Manuel Bernardo de Vasconcelos. RIC 1889, p.165

19 Brígido, João. Fortaleza de 1810. RIC 1912, p.111

## 11 O EXERCÍCIO DA MEDICINA II

Entra o século XIX, sem que apareçam modificações substanciais no panorama médico provincial. Enquanto nos grandes centros nota-se um verdadeiro estímulo em tudo o que se relacione com a ciência de Hipócrates, continuamos a receber o mesmo tratamento das autoridades coloniais. Por fora, o progresso industrial, o desenvolvimento urbano, as melhores condições sanitárias, a intensificação das pesquisas e novas armas terapêuticas surgem a cada dia. Os laboratórios se multiplicam, novos aparelhos são inventados e logo passam a fazer parte do arsenal profissional do médico. O aumento do intercâmbio comercial entre as nações intensifica-se, melhorando o relacionamento entre os indivíduos de nacionalidades diferentes, havendo, pelo fato mesmo, uma maior troca de informações de toda a natureza. Esse impulso acelerou o crescimento rápido dos meios de diagnósticos e a melhoria dos tratamentos médicos e fisioterápicos.

Com a ajuda da Química e da Física foram ativados os estudos da Fisiologia e da Patologia. A Cirurgia entra numa época áurea, produzindo verdadeiros milagres. As gerações estão presenciando fatos que os pais jamais sonharam os seus filhos alcançar. É o milagre da Ciência derramando bênçãos inesperadas sobre os homens de novos tempos. Havia uma euforia generalizada pelo vertiginoso suceder de acometimentos que imortalizariam o século. Pelos critérios correntes, estava havendo, de fato, vantagens extraordinárias no emprego de todos esses novos conhecimentos para o aumento da felicidade humana.

A filosofia de Comte entra em cena, afirmando a regulação dos fenômenos pelo raciocínio positivista, considerando unicamente os fatos reais baseados nos métodos práticos, objetivos e exatos. Isso concorreu, não há dúvida, para alguns progressos no campo da História Natural. O infinitesimalmente pequeno passou a dominar todas as forças dirigidas à pesquisa. Foi o tempo da descoberta da natureza celular do organismo vivo e dos fenômenos metabólicos mais evidentes. A imprensa médica mundial divulgava essas conquistas, dando um tom de nova era.

O Brasil se preparava para logo mais receber a Família Real, fugida da Europa e aqui seguramente abrigada. Para nós foi a maior conquista da centúria. D. João, além de proteger-se, juntamente com sua Corte, seus áulicos, quis ter aqui maior segurança nos seus constantes achaques de saúde. Pensou logo na instalação de um curso de Medicina, que além de atender aos seus anseios teve a importância de ser a centelha que iria fazer disparar o maior progresso brasileiro no campo da Ciência. Iria desaparecer, daí por diante, a prevalência dos médicos de Coimbra, os únicos até então reconhecidos como verdadeiros médicos.

Antes de chegar até este ponto, passamos pela fase das Academias que formavam uma intelectualidade um tanto presunçosa, à sombra do Vice-Rei D. Luís de Vasconcelos. Wilson Martins classifica essa época como a "*crise de crescimento, numa adolescência difícil, cheia de revoltas súbitas, devaneios românticos, crises de melancolia e explosões de vitalidade.*" A produção lite-

rária era consumida com sofreguidão. Faltava, porém, um roteiro seguro, um rumo. Estudo recente de José Carlos Meihy situa muito bem a conjuntura. Começava a influência estatal na Medicina. De qualquer maneira, era a evidência de uma mudança, de um progresso que nos atingia.

Teríamos, daí por diante, nossos próprios médicos, livres das influências da Metrópole e, melhor ainda, sem as maiores despesas que acarretavam a ida do estudante para a Universidade de Coimbra. Essa maneira de elitizar a Medicina iria sofrer radical transformação, possibilitando que rapazes sem maiores recursos, pudessem frequentar o curso superior. Algumas Províncias abriram logo os seus cofres, oferecendo subsídios e bolsas para ajuda aos que demonstravam aptidões e eram barrados pelas dificuldades financeiras dos pais.

No Ceará, muito demorou a chegarem os frutos dessa nova ordem. Continuamos ainda por alguns anos a receber os cirurgiões-mores, que vinham dar uma assistência médica muito simplória aos soldados da tropa. Bernardo Manuel de Vasconcelos, dirigindo-se a D. Rodrigo de Sousa Coutinho, lastima o estado da Província. Diz ele: *"Para elas (as outras Províncias) têm se enviado escolas desde as de primeiras letras até Filosofia e Grego, matemáticos, engenheiros, naturalistas e artífices; e o Ceará, na Costa marítima da América, prometendo mil riquezas, a nossa capital não tem até agora um matemático, um engenheiro, um naturalista, um artífice, um médico e nem um hábil cirurgião, sendo a causa porque vive escondido debaixo do manto de Pernambuco"*.

E continuava, provando com dados o quanto o Ceará era exaurido pelas remessas de dinheiros para os cofres pernambucanos.<sup>1</sup> Eram fatos incontestáveis. Vivíamos presos, como sub-colônia, sem possibilidades nem condições de sobrevivência. As exportações, o comércio, tudo tinha que ser feito através do Recife.

Permanecia entre nós, para atender às mazelas de uma população já bem numerosa, apenas o cirurgião militar, com um vencimento mensal de 30\$000 (trinta mil réis), sem medicamentos, sem qualquer outro meio de tratamento senão suas afiadas lancetas para as sangrias, as sarjas e um bom estoque de ventosas.

O Governador encontrava-se enfermo, sem poder administrar, deplorando não ter aqui, ao seu alcance, nenhum "Professor de Medicina" que atendesse aos seus sofrimentos de velho diabético, obrigado a apelar para os socorros de profissional que ele julgava incompetente. Em 1803, conforme ele afirma na sua correspondência, ainda não havia um médico na Capitania.<sup>2</sup>

João Carlos d'Oyenhousen, novo chefe do Governo, não consegue mudar as cousas. Quando pretendeu introduzir a vacinação, só encontrou o tal cirurgião militar para ajudá-lo. Na administração Barba Alardo, sabe-se, existia um arremedo de hospital, que não passava de uma enfermaria malcuidada, sem conforto algum, agregada ao Quartel da tropa, junto à Capela. Lá eram recolhidos os variolosos, em evidente perigo para os soldados não protegi-

1 Barão de Studart. Notas para a história do Ceará. P.503

2 Correspondência de Bernardo Manuel de Vasconcelos. RIC 1889, p.167

dos pela vacina. O documento que isto afirma é de 1808, e nenhuma medida para a modificação desse estado foi tomada nos anos seguintes.<sup>3</sup>

\*\*\*

Chegam os fatídicos dias dos anos de 1817 e 1824. Nunca se viu tanta desgraça no Ceará. As bestas apocalípticas estavam soltas. Ao lado das convulsões políticas, a seca e a peste. O recrutamento e a balbúrdia geral, com as vinganças, as mais perversas, tomando conta das mentes doentias de indivíduos sem escrúpulos. Ânimos exaltados, vontades dominadas pelo ódio sectário e diabólico, levaram ao cadafalso irmãos que unicamente desejavam um pouco de progresso para a sua Pátria, pela qual davam as suas vidas.

No campo da Medicina, nenhuma modificação. Sempre o Cirurgião-mor praticando uma medicina desatualizada, obsoleta, perigosa e criminosa. O caso do morticínio dos recrutas embarcados é uma evidência disso. Tivéssemos um médico à altura, jamais teria acontecido a hecatombe de milhares de jovens cearenses arrebatados de seus lares e jogados nos porões de navios infectos. O episódio fala por tudo.

Uma esperança surge no governo do padre José Martiniano de Alencar, o futuro Senador Alencar, pai do insigne romancista conterrâneo. Homem de larga visão, inteligente, enérgico e consciente, administrador vontadoso e progressista, líder verdadeiro, soube imprimir ao seu governo um ritmo diferente ao que até então predominava na Província. Lutou muito com os mal-intencionados, com os grupos familiares, com os chefes de cangaço e malfeitores. Mas alterou o quadro do Ceará. Foi ouvido, conseguiu que o seu povo obtivesse alguma melhoria no bem-estar, na sua saúde. Algumas medidas tomadas, a princípio chocaram, pela incompreensão de pessoas não acostumadas a novos hábitos de um governante que fugia da rotina. Depois verificaram o engano e passaram a aceitar as modificações que o padre imprimia à sua administração. Insistiu muito para que o Ceará tivesse um médico à altura do progresso que se instalara em outras Províncias.

Uma sua medida objetiva para resolver a questão foi o convite ao recém-formado Dr. José Lourenço de Castro e Silva. Nessa carta, escrita dias após o novel esculápio terminar o seu curso no Rio de Janeiro,<sup>4</sup> revela Alencar ser José Lourenço o primeiro médico cearense. A 3 de novembro de 1837, era passado um documento sobre a aplicação do doutorando, atestando ter sido ele "digno de honrosa distinção". A 30 do mesmo mês Alencar dirige-se a ele, convidando-o a aceitar a nomeação e vir para o Ceará, com um ordenado de 1 conto e duzentos mil réis por ano. Nesta correspondência, declara textualmente o Presidente, justificando o convite, "*o qual muito ganharão os cearenses, tendo ao pé de si um seu patrício, e o primeiro formado nesta Faculdade*".

Está fora de dúvida, que o Dr. José Lourenço foi o primeiro cearense a receber o diploma de médico, pela Faculdade do Rio de Janeiro, em 1837. Viveu muitos anos em sua terra, fez política, atendeu a ricos e pobres, sacrificou-se

3 Administração Barba Alardo. Coleção Studart. RIC 1915, p.271

4 Documentário. RIC 1969, p.199

nas epidemias, contribuiu, com o desprezo da própria vida, para a melhoria da saúde dos seus conterrâneos.

Fortaleza tinha 8.896 habitantes em 1848. Para o atendimento dessa população, acrescida de algumas dezenas de milhares, computados os moradores das cercanias e vilas próximas, tinha apenas seis profissionais da medicina e mais dois boticários. Dos seis, três eram cirurgiões formados pelo velho sistema, pelas juntas do Protomedicato, dois deles portugueses. No Batalhão Fixo funcionava o Capitão-mor, a autoridade médico-sanitário máxima, que nessa época era o Dr. Silvério José da Cruz, residente na rua do Quartel. O seu ajudante era o cirurgião José Joaquim Machado. Um fato pitoresco foi protagonizado por Silvério. Acompanhou ele, no exercício de seu emprego, a mandado das autoridades competentes, as tropas levadas por José Mariano do Icó, a combater os amotinados de 1832.

Iniciada a cruenta refrega, tal foi o espanto e pavor que se apoderou do covarde cirurgião que não teve outra alternativa que não se esconder, desaparecer, desertar. Acompanhou-o, no triste passo, o padre Manuel Severino Duarte. O comandante da força, Francisco Xavier Torres, comunica-se com o Presidente, perguntando, maliciosamente, pelo paradeiro do trãnsfuga, pedindo que fosse retornado, imediatamente, ao teatro das lutas, pois os soldados precisavam muito dos seus serviços.<sup>5</sup>

José Joaquim Machado foi o cirurgião mais criticado de quantos aportaram por aqui. Diziam-no incompetente, e os soldados afirmavam ter mais medo dos seus tratamentos do que das próprias doenças...<sup>6</sup>

Diversas queixas foram encaminhadas ao Presidente, resultando o chamamento do cirurgião ao Rio, e daí a sua transferência para Natal, onde faleceu, anos depois, já reformado. Se, como profissional médico, deixava muito a desejar, tal não acontecia na direção de sua família. Era exemplar na maneira como soube educar os seus filhos. Rude no trato social, refletia a severidade dos tempos. Era brasileiro naturalizado e casou com uma cearense.

O terceiro cirurgião, completando a trinca, era o português Joaquim da Silva Santiago, também casado com cearense. Foi oposicionista no governo do padre Alencar, provavelmente antes de se ligar à grei dominante. Teve mais tarde correspondência com o Senador e com ele mantinha negócios. O Padre, muito se queixava da atuação política do velho cirurgião. Em cartas para o senador Manuel do Nascimento Castro e Silva, frequentemente cita fatos reveladores das maquinações de seus inimigos, onde Santiago figura destacadamente.

José Costa Barros, José Pio e elementos da família Parente eram adversários perigosos quando se juntavam ao cirurgião. Numa das suas cartas, dizia Alencar: "*O que lhes falta é morrerem de raiva*". Noutra, ainda mais contundente, confessa ao amigo: "*Parecem possessos das fúrias do inferno, inventando tudo quanto a raiva e a malvadeza lhes dita para perturbarem a ordem.*"<sup>7</sup> Anos mais tarde, Santiago adotou a pequenina Clodes, filha de

5 Brígido, João. Unitário, 9.10.1906

6 Abreu, Cruz. RIC 1935, p.116

7 Cartas do Padre José Martiniano de Alencar. RIC 1908, p.35

D. Maria Xavier de Alencar, a mulher que mais sofreu com as desventuras da família. Nasceu esta menina numa ocasião de maior aflição de sua mãe. Com medo de perdê-la também, como já perdera o marido, filhos e irmãos, assassinados covardemente, entregou-a aos cuidados do português amigo que lhe deu magnífica educação, casando-a e, fazendo assim, tornar-se a Viscondessa de Jaguaribe. Por sinal, era irmã da prima e companheira do presidente Alencar, portanto, cunhada da maior autoridade da Província.

Em 1851, Santiago, velho e cansado, afastado da clínica, sofria horrivelmente de males da próstata. Faleceu em agosto do mesmo ano.<sup>8</sup> Tal como o seu colega e patrício, vivia alheio às conquistas médicas, quando novos horizontes eram rasgados a cada dia. Pouco antes de morrer, deu sua opinião sobre a conservação da velha Lagoa do Garrote, o que fez conservarem-na até hoje, transformada em açude e, depois, em reguladora das enchentes do Pajeú.

O outro cirurgião que viveu no Ceará nessa época era o célebre Francisco José de Matos, o Cirurgião Matos, cearense de Aracati. Em 1841 já se encontrava em Fortaleza, quando aparece auxiliando o cirurgião Santiago na necrópsia do Major Facundo. Entrou na política, sendo eleito Deputado Provincial. Casou, também na família Alencar, com uma outra irmã da Viscondessa de Jaguaribe. Por muito tempo residiu em Quixeramobim e em Baturité, onde ainda existe a tradicional Farmácia Matos, muito afreguesada.

O cirurgião Matos sempre recebeu um tratamento muito carinhoso por parte de todos os cearenses, e era respeitosamente reconhecido como homem de magníficas qualidades morais e profissionais. São ainda muito procuradas em todo o Nordeste brasileiro, as afamadas pílulas de Matos, de tanto agrado das populações sertanejas desses estados. A descendência do cirurgião, muito ilustre e conceituada, sempre teve relevo político e social. Na epidemia de febre amarela prestou ele, no interior, os mais destacados serviços à causa pública.

Os outros dois médicos residentes em Fortaleza, no meado do século XIX e que tiveram grande atuação, foram os doutores Liberato de Castro Carreira e Marcos José Teófilo. Castro Carreira, aracatiense, entrou na Escola de Medicina do Rio de Janeiro quando de lá saía formado o Dr. José Lourenço. Terminou o curso em 1844, e no ano seguinte já estava no Ceará, nomeado "médico da pobreza". Teve outras colocações, como médico consultante do Hospital Militar e Provedor da Saúde do Porto. Sua biografia será estudada no local apropriado.<sup>9</sup>

O Dr. Marcos José Teófilo terminou o curso em 1849, vindo logo para Fortaleza, tendo também importante atuação na Medicina local. Foi o pai do grande Rodolfo Teófilo.

Ganhava, o "médico da pobreza", o ordenado anual de um conto de réis, e a consignação de igual quantia destinada ao pagamento dos remédios para os doentes.<sup>10</sup> A Câmara Municipal ajudava nessas despesas, mantendo um cirurgião encarregado do tratamento dos doentes carentes de recursos. No

8 Abreu, Cruz. Presidentes do Ceará. RIC 1935, p.116

9 Barão de Studart. Dicionário biobibliográfico cearense. Vol.II

10 Relatório do Presidente Fausto Aguiar. RIC 1920, p.58

mesmo ano de 1848, a Assembleia Provincial votou uma Lei, certamente inspiração de algum dedicado repúblico diligente no resguardo dos dinheiros provinciais, reduzindo para 800 mil réis ambas as dotações orçamentárias.

Estava para terminar a primeira metade do século, que diferiu dos anteriores por ter passado o Ceará a receber os benefícios de médicos formados pelas Faculdades do Rio e da Bahia. Praticamente já não existiam os últimos remanescentes do obsoleto e antipático Protomedicato. Os cirurgiões-mores das tropas estavam sendo substituídos por esculápios verdadeiros, com boa formação. Este movimento se intensificaria mais, à medida que passavam os anos e mais cearenses procuravam as duas grandes cidades para encetar os cursos de suas preferências, animados pelos auxílios conseguidos de particulares que, por apadrinhamentos ou filantropia, ajudavam a estes esperançosos rapazes.

De fato, os novos doutores aqui aportados, apresentando pelo menos uma Tese defendida, com modernos conceitos das doenças e dos tratamentos, faziam-nos orgulhosos dos títulos que empunhavam.

A formação profissional médica no Brasil sofreu uma evolução, que foi desde os primeiros físicos e cirurgiões licenciados pelos Delegados de Medicina até os verdadeiros médicos, formados por suas conceituadas Faculdades. Os formados pelo Protomedicato não passavam de enfermeiros, com alguns conhecimentos teóricos e práticos de socorros médicos. Espelhavam a falta de cultura da época. Vestiam-se diferentemente dos demais mortais, falavam arrevezadamente, num palavreado confuso e obscuro, bem confirmado nos atestados passados por eles. Gozavam todas as prerrogativas de que se revestiam os praticantes de tão prestigiosa quão nobilitante profissão. A Lei que criou este sistema era de 1782. Antes, existiu uma regulamentação que caracterizou o Cirurgião-mor e o Físico-mor. O primeiro, com jurisdição sobre os cirurgiões, sangradores e parteiras; o segundo, sobre os médicos, os curandeiros e os boticários. Os provisionamentos eram anuais.

A habilitação para o exercício profissional era muito sumária: provas de ter praticado em hospital por 4 anos, ou em botica, e alguns exames de conhecimentos gerais. A prova da botica era a mais fácil de conseguir, nos lugares onde não existiam hospitais, como era o nosso caso. Em poucos meses, tudo estava arranjado.

É conhecida, entre nós, a solução encontrada por Joaquim Emílio Ayres, residente em Aracati. Quando houve suspeita acerca do diploma que ele não podia mostrar, porque não o possuía, foi apressadamente à Bahia, habilitou-se convenientemente e voltou, com o seu documento, para clinicar com toda a proteção da Lei. Não levou um ano para o conseguir.

As "Cartas" eram expedidas de Lisboa, uma vez pagos os emolumentos, mo-las mestras de todo o processo. Diplomados, podiam eles praticar os seguintes atos médicos: sarjar, sangrar, aplicar bichas e ventosas, tratar fraturas e luxações, e curar feridas. As moléstias internas eram de tratamento privativo dos médicos formados na Metrópole, ou, depois da fundação das Escolas Médicas brasileiras, pelos diplomados nesses estabelecimentos. Mas, havia sempre uma porta de saída legal: *"Onde não houver médico diplomado em*

*Coimbra...*", e por aí, já se sabe, todo mundo receitava drogas, tratava moléstias internas, praticava, sem constrangimento, os procedimentos peculiares aos médicos formados.

Os "barbeiros" compunham a última escala dessa grei de indivíduos dedicados aos misteres de curar. Sangravam e praticavam a arte dentária, isto é, tiravam os dentes imprestáveis com seus boticões, e "chumbavam" aqueles que consideravam ainda aproveitáveis. Isso sem qualquer cuidado de limpeza ou de preparo do dente. As "comadres" ou parteiras, tal como ainda hoje em muitos lugares mais atraçados, eram improvisadas entre viúvas e velhas, sem qualquer curso especial ou licença de quem quer que fosse. Algumas adiantavam-se e tomavam os lugares dos barbeiros, para desespero desses profissionais. Davam-se às práticas das benzeduras, das rezas e bruxedos, resvalando para as práticas criminosas de abortos. Eram as "fazedoras de anjos".

Com a fundação do ensino médico no Brasil, a partir de 1808, o panorama modificou-se. O Rio e Salvador, em suas Escolas Médicas, titubeantes no princípio, abriram perspectivas de nova era para a Medicina brasileira. De início, o currículo era muito reduzido e o corpo docente limitado a dois ou três Mestres para as disciplinas mais importantes, isto é, a Medicina operatória, a Obstetrícia, a Química e a Matéria Médica. As escolas, na vigência da Lei apelidadas de "Bom será", regularam melhor o ensino, tornando-o mais prático e mais producente. O primeiro médico cearense, formado no Rio de Janeiro, o Dr. José Lourenço de Castro e Silva, em 1837 já pôde aproveitar os benefícios de uma estrutura mais atualizada, reformada à altura dos conhecimentos da sua época.

Pouco a pouco iam desaparecendo os filhos do Protomedicato, sendo substituídos pelos formados nas Escolas Médicas. Mesmo nos quartéis, os médicos que passaram a servir neles, agora já eram de formação bem diferente. Entretanto, isto só acontecia na Capital. No interior, a situação de sempre. Aracati, a primeira cidade a rivalizar com o Forte, mais rica, com muito comércio e dominando extensa zona, não contava com nenhum esculápio. Na epidemia de febre amarela, daquela cidade, chega um apelo dramático. Centenas de moradores enfermos, sem qualquer recurso para tramento. Apenas o farmacêutico José Teixeira de Castro aplicava remédios, "*lendo os livros de Medicina Prática que conseguia mandar vir de Pernambuco*".<sup>11</sup>

No Ipu e em toda a Serra Grande era idêntica a carência de profissionais. Mesmo um "barbeiro", ou sangrador habilitado, faltava ali. Salvava as situações de maior aflição, o professor aposentado Antonio Bezerra de Holanda que "*acudia os necessitados, exercendo o ofício de simples curandeiro*". Em Sobral, um tal cirurgião "*tomava o pulso dos doentes debruçado em uma granadeira*". E assim, em cada Vila, em cada lugar, apenas se encontravam pessoas curiosas que faziam as vezes de médico.

Na capital chegava mais um "doutor formado". Era o Dr. Castro Carreira, que logo montou o seu consultório, atendendo aos pobres, por conta de seu contrato de "médico da pobreza", e à população em geral. Os dois médi-

---

11 Abreu, Cruz. Presidentes do Ceará. RIC 1935, p.122, nota 16

cos militares que substituíram os velhos portugueses também acabavam de chegar. Eram os Drs. José Joaquim Gonçalves de Carvalho e José Coelho Moreira de Sousa, O primeiro residia em frente à Farmácia, ou melhor, à botica de Antônio Teodorico da Costa, e foi o médico assistente do popular boticário Ferreira em sua última doença. Baianos, os dois recém chegados, tiveram boa atuação, diminuíram muito o trabalho dos colegas da terra.

A novidade maior na Medicina provincial, foi a introdução da homeopatia pelo Dr. Castro Carreira. Terapêutica de concepção um tanto fantasista, teve larga aceitação pela simplicidade de sua teoria e prática. Para alguns, era um início auspicioso, uma aurora que se aproximava, trazendo o alívio de todos os males. Em Medicina, ora por outra acontecem dessas. O povo encontra uma esperança em qualquer nova droga ou tratamento que repentinamente surge. É a eterna criança que mora em todos nós, ou a procura de um lenitivo para a prolongada e indefinida insatisfação que mora em muita gente.

Hahnemann foi o herói dessa interessante fase da Medicina, que sobreviveu mais de um século. Enunciava ele uma série de postulados mais ou menos descabidos, mas que impressionavam. Um deles, *"das afecções, apenas os sintomas se têm o direito de conhecer"*, agradava pela simplicidade do conceito. *"As alterações internas não podem ser percebidas; apenas os sintomas são acessíveis"*. *"Removendo-se os sintomas, remover-se-á a doença"*. *"Deve-se provocar uma perturbação análoga ao que se procura combater"*. *"O poder curativo de uma droga cresce na razão inversa do seu princípio ativo"*.

E por aí seguia. Com ideias simples, ao alcance das inteligências menos brilhantes. Todo mundo apanhava logo a concepção, a base do tratamento, e passava a ser um apologista da nova terapêutica. O problema mais sério era os das doses. Dizia o descobridor de tão espetacular método que não reconhecia como seu discípulo, senão aqueles que receitassem em doses tão diminutas que *"impedissem a percepção de todo elemento medicinal, seja pelos sentidos ou por intermédio da química"*. Para as crianças, bastava aproximar os remédios, durante o sono, para se obter resultados. Para elas, valia também a boa intenção do médico, que se manifestava, até mesmo, pela maneira carinhosa de oferecer o remédio. *"O simples deslizar da mão sobre o paciente, basta para curá-lo"*. Esta foi a doutrina inicial propugnada por seu maior idealizador. A divulgação e popularização tornaram-na irreconhecível.

Imbuído desses revolucionários conceitos, uniu-se o Dr. Carreira de uma caixa de produtos homeopáticos e partiu, alegre, para o Ceará. Foi o primeiro. Espalhou-se a notícia e o doutor não mais pôde descansar. A cidade inteira e, por fim, toda a Província, passavam a usar e abusar dos "glóbulos do Dr. Carreira".

Houve necessidade de uma declaração pública do ilustre médico e ele foi ao jornal de maior divulgação, fazendo a sua profissão de fé, louvando as maravilhas da homeopatia. Dado o seu grande conceito profissional e social isto bastou para tornar-se epidemia. O sucesso foi absoluto e durou muito tempo. Os vigários do interior logo se interessaram e foram à procura dos livrinhos,

onde bebiam os ensinamentos do médico alemão. Daí por diante, *similia similibus curantur* era a frase mais repetida nos sermões dos senhores curas.

Apareceram logo dois médicos, não cearenses, para "aproveitar a onda". O alemão Augusto Jernstedt andou por todo o Norte propagando a nova terapêutica, e o Dr. Inácio Manuel de Lemos que, não conseguindo se firmar no meio, em 1854 retirou-se da Província.

O Dr. Carreira também foi pioneiro de outro grande avanço da Medicina de seu tempo. Noutra viagem ao Rio, em 1849, frequentou com assiduidade a enfermaria do prof. Manuel Feliciano, na Santa Casa de Misericórdia. O mestre era o pontífice da cirurgia brasileira e ensaiava a aplicação do clorofórmio nas suas operações. O esculápio cearense, prático e inovador, não perdeu tempo. Adquiriu boa quantidade da droga e aqui deu início a mais uma fase áurea da medicina provinciana. O progresso era notável e o renome do Dr. Carreira não teve medidas.

O primeiro caso para aplicação do prodigioso medicamento surgiu logo depois da chegada do médico. No Quartel do Corpo Fixo, o Alferes Luis da França Carvalho fora ferido no joelho direito, numa emboscada, quando palestrava animadamente com alguns colegas. Um deles fora incriminado na morte do Major Facundo. Atingido assim, levaram-no para o socorro de urgência, ao consultório do Dr. Carreira. Foi a oportunidade maravilhosa para o emprego do clorofórmio, entrando assim, aquele momento, para os fatos históricos da Medicina cearense. Deu-se isto a 18 de maio de 1849.

Muitas outras ocasiões ocorreram, logo a seguir, para o emprego da droga, que era considerada como o maior progresso do século. Nos constantes chamados ao interior, para atender pessoas de posse, especialmente no Aracati, levou ele a sua milagrosa droga, sendo festivamente comemorado alí a inauguração de um novo período de nossa história médica.<sup>12</sup>

---

12 Abreu, Cruz. Presidentes do Ceará. RIC 1928, p.41, nota 16

## 12 A CIRURGIA E A OBSTETRÍCIA

*"São cirurgiões de suas feridas."*<sup>13</sup> Assim, o Padre Simão de Vasconcelos via os indígenas nos primeiros tempos. Com instrumentos os mais rudimentares conseguiram fazer incisões na pele e retirar flechas, quando algum deles era atingido. Em geral, fabricavam suas lancetas de plantas de textura muito rija, que permitiam aguçar até torná-las afiadas e penetrantes, capazes de desempenhar o papel de amolados bisturis. Os pajés usavam-nas com maestria. Para amolar os seus rústicos instrumentos cirúrgicos, quando de metal, pois algumas vezes os conseguiram assim, usavam o croatá-açu, aproveitando a medula da inflorescência da planta, depois de seca. Outras vezes, dentes aguçados de alguns animais serviam para a prática dessa medicina operatória, especialmente as sangrias, medidas terapêuticas que acreditavam prevenir e remediar a fadiga.

Essas efusões de sangue tinham sentido místico, no entender desses primitivos. Faziam oferta de paz aos espectros e espíritos, esperando deles a proteção para a saúde ou a propiciação da fortuna na guerra. Logo ao raiar da colonização, já foi constatado o costume. Hoje, se torna difícil esclarecer se eles aprenderam com os jesuítas ou já conheciam este tipo de tratamento. Os inacianos referem a prática de serviços de médicos e "barbeiros". Também, que *"viviam medicando e sangrando os índios"*. E outros relatos, tais como: *"Depois da sangria, ficou melhor"*. *"Tenho sangrado 10 e 12 cada dia"*. E, mais interessante ainda, a afirmação do Padre que comunica aos irmãos o prodígio de suas curas, dizendo: *"Os quais eu curava, a uns eu levantava espinhela, a outros com sangrias"*.

Já vimos a interpretação canônica do sentido da operação, que foi proibida aos padres, mas que Santo Inácio, inteligentemente, respondeu a uma consulta nesse sentido com uma frase de evidente consentimento. Disse ele, em resposta: *"Porque a tudo se estendia o bôjo da caridade"*. Com isto, aguçaram-se as penas de pato.<sup>14</sup>

De etapa em etapa, com avanços seguros a cada ano, em pouco tempo as técnicas mais difíceis estavam sendo dominadas, especialmente na traumatologia e ortopedia.

Os melhores conhecimentos da Anatomia e da Fisiologia femininas levaram aos cirurgiões acessos mais racionais nas curas ginecológicas. Generalizou-se o uso do fórceps, e o conceito de "parto-doença" desapareceu completamente, sendo substituído pela doutrina do desenvolvimento natural da gravidez.

Entra a era dos oitocentos, com os melhores auspícios pra a Cirurgia e a Obstetrícia. Ainda constitui a pressa uma necessidade imperiosa, em vista da falta de conhecimentos sobre métodos de atuação no espasmo e a dor. As drogas anestésicas só foram sendo conhecidas e aplicadas mais para a metade da centúria. Com o uso de tais medicamentos, foi completamente modificado o panorama. Houve uma mudança radical, passando o cirurgião a um

13 Vasconcelos, Pedro Simão de. Crônica da Companhia de Jesus I, p.164

14 Silva, Alberto. A flebotomia entre os selvagens brasileiros. Rev.Bras.de Hist. da Med. 1950, II sem., p.219

status bem diferente, mais dignificante de sua condição de médico que vai além da Clínica, que age quando esta se manifesta impotente, A preparação científica era, agora, atributo indispensável ao médico que se dedicasse a esta arte, como também se lhes exigiam cursos especiais de adestramento e preparação.

O pavor do povo, em geral, em se entregar a um médico para um tratamento que demandasse um ato cirúrgico, pouco a pouco vai desaparecendo, uma vez que a segurança da assepsia e da anestesia se generaliza. Surgem os grandes operadores franceses e alemães. As guerras propiciam um campo imenso de experiências e um laboratório de novas pesquisas no campo de novas drogas. Em um único dia, depois da Batalha de Borodino, Larrey, cirurgião dos exércitos de Napoleão, executou mais de 200 amputações. O transporte de doentes começou a ser feito com cuidados especiais, obedecendo a uma sistemática que visava, além do conforto do paciente, uma diminuição dos riscos de vida a que estava submetido.

Apaelhos, ferros, sondas, afastadores, foram inventados. A imaginação dos médicos vivia em verdadeira ebulição, agitada na procura de novas formas às pinças e tesouras que servissem a todos os manejos no campo operatório.

\*\*\*

Deixemos um pouco esta visão tão progressista, e volvamos os nossos olhos para este esquecido pedaço do mundo, sempre flagelado, "*morrendo e resistindo, resistindo e morrendo*".

Os índios tinham ainda os recursos cirúrgicos que poderíamos considerar cômicos. Um destes, era o uso da formiga do gênero *Atta*, para manter as incisões fechadas, em vez do clássico fio de sutura. Cravadas na carne, faziam o papel de *clamps*, verdadeiras pinças hemostáticas, cosendo os cortes com segurança. O relato de semelhante artifício está no livro *Tesouro descritivo do Amazonas*, com todos os seus detalhes.

A introdução cruenta de objetos nos lábios e orelhas era precedida de verdadeiro cerimonial religioso. Um advinho amarrava os pés e as mãos do iniciado para o pajé fazer a incisão com os instrumentos usuais de pau ou ossos de peixe.

Durante toda a fase colonial continuavam os aborígenes a realizar os tratamentos com seus recursos tradicionais, e os colonizadores em nada contribuíram para qualquer progresso nesse sentido.

Nas lutas contra os holandeses, sabe-se que, pelo menos em Pernambuco, houve a utilização de técnicas cirúrgicas bem avançadas para a época. Henrique Dias, o preto que chefou um grande número de soldados negros, e que teve atuação de verdadeiro herói, perdeu uma mão durante um combate. Foi operado, recebendo um arranjo ortopédico de um braço mecânico que ele não suportou, em virtude da engrenagem ser muito complicada e de pesar muito. Arrancou e continuou a lutar sem a complicação da prótese. Contudo, foi uma tentativa de uma cirurgia muito progressista.<sup>1</sup>

---

1 Gama, Bernardo Fernandes. Memórias históricas da Província de Pernambuco II, p.26

Por todo o século, praticamente não houve mais nenhuma aquisição notável neste terreno, que chamasse a atenção de um registro nas crônicas antigas.

\*\*\*

A Europa começa a ter conhecimento do fórceps. segredo ciosamente guardado pela família Chamberlain. Comprado o direito de seu uso pela Holanda logo se espalhou pelo resto do Continente. Os partos começavam a constituir especialidade médica, quando, até então, não havia preocupação alguma nesse sentido. Às mulheres cabia, unicamente, o ofício de parteiras.

No século XVIII a cirurgia assumiu sua importância definitiva, já se fazendo distinção, bem clara, entre os cirurgiões e os "barbeiros".

No campo da Medicina militar houve sensível elevação de nível, com a fundação de um *Colegium Medicum Chirurgicum*. A perícia dos operadores chegou ao ponto de alguns propalarem ter retirado cálculos de bexiga em menos de um minuto.<sup>2</sup>

Os médicos do Ceará, poucos ainda, físicos e cirurgiões da velha formação, viviam aqui envoltos na penumbra do obscurantismo. Não lhes alcançara aquele movimento que, em estágios imperceptíveis, levaria às grandes nações os progressos que conseguiam.

Temos diversas referências documentais das práticas cirúrgicas aqui realizadas na época em estudo. Em dias bem recuados do século XIX, nas confissões de um dos nossos bandoleiros dos mais temidos, Alexandre Mourão, encontramos o relato do caso de um tal Alecrim, que usava uma prótese no nariz. Quem teria feito semelhante correção? Não encontrei nenhum esclarecimento. Só o fato tragicômico de ter ele escapado de uma perseguição escondido em um paiol de algodão, e que, ao fugir, muito apressado, deixou aos inimigos o mesquinho espólio de sua protuberância nasal. Voltar para apanhá-la era temeridade que não compensava.<sup>3</sup>

O professor Manuel Ximenes de Aragão documentou, com simplicidade e com espontânea linguagem, muitos aspectos da vida cearense do começo do século XIX. Dos acontecimentos por ele narrados em suas *Memórias*, sobressalta a descrição da operação que ele presenciou, em Quixeramobim. Com riqueza de detalhes, deixou à nossa lembrança um quadro pungente e ao mesmo tempo de importância para permitir, hoje, apreciarmos uma cena chocante das condições de vida da população sertaneja de então. E, talvez, acontecesse coisa parecida até mesmo aqui, dentro da capital.

O fato deve ter ocorrido entre 1820 e 1821. A vítima, o jovem Vicente Antunes, morador no Riacho do Sangue e portador de uma tumoração na face, sofria terrivelmente de dores atroz e vinha àquela Vila socorrer-se da ciência do Dr. cirurgião. Demos a palavra do mestre escola: "*As 8 horas da manhã de um dia dos anos sobreditos, em uma sala de uma casa da Quixeramobim, acharam-se muitas pessoas para ver a operação, em cujo número entrava eu. Ao chegar, observei que o paciente já tinha dois talhos no rosto, um, verticalmente na face esquerda, e outro, longitudinalmente, no beijo superior, no*

2 Castiglioni, Arturo. História da Medicina II, p.150

3 Mourão, Alexandre. Memórias. RIC 1927, p.9

qual tinha um formidável tumor cancroso. Estava sentado sobre uma mesa e o cirurgião, ao pé dele, com os ferros na mão, pedindo-lhe para deixar continuar na operação, ao que ele formalmente se negava, dizendo: Já sofri pela primeira vez as dores mais cruéis; agora, morro e não consinto mais. Quase todos os circunstantes lhe faziam o mesmo pedido que o cirurgião, e igualmente o seu pai, cuja fisionomia demonstrava a maior dor, porém, ele a todos dava completo desgano".

E continua: "À vista do que o pobre velho, para ver se o filho se sujeitava ao horroso curativo, donde dependia a conservação de sua vida, usando de sua autoridade paternal e derramando lágrimas, pegou em um chicote e lhe descarregou algumas chicotadas; porém, tudo foi debalde. O cirurgião aplicou-lhe 3 grãos de ópio, e vendo que com esta ele não dormia, foi dando outras, até completar o número de 9 grãos, deixando-se o paciente só; mas ele, sempre assustado, não podia conciliar o sono. Em presença de tantas dificuldades, e não convindo deixar as cousas naquele estado, o cirurgião, de acordo com o pai do padecente, resolveu fazer a operação, fosse de que modo".

"Agarraram, pois, o pobre moço, sentaram em uma mesa, em cima da qual se sentaram dois homens, um dum lado, outro do outro, seguraram-lhe as pernas e braços à cadeira e estando assim tudo disposto, o cirurgião entrou na extirpação da moléstia, esfolando a cara do doente, cortando-lhe a carne, tirando-lhe pedaços de queixo a serrote, com dentes mesmos: e foi enfim, arrancar uma raiz da moléstia que já entrava debaixo do globo ocular. No espaço de 1 hora, ou menos, estava a operação concluída e o padecente livre da moléstia, que renovou, por ter sido mal tirada no ano antecedente".

É de se perguntar, se depois de semelhante tourada, tenha escapado com vida o infeliz "padecente".

Logo adiante, tira a dúvida o professor: "No fim do primeiro mês de curativo, estando o curado completamente são, acompanhou a seu pai para o lugar de sua residência, e no ano seguinte, apareceu em Quixeramobim, gordo e sem lesão alguma, tendo, unicamente, a cicatriz do lado esquerdo do rosto". Custa-nos hoje, acreditar que tal barbaridade tenha, de fato, acontecido e que alguém tenha saído dela com vida. Mas é ainda o mestre escola quem vai falar, para aumentar a nossa surpresa: "Fez de sua parte (o cirurgião) e Deus o ajudou". Bem; assim, explica-se. Só mesmo com esta ajuda entendemos o sucesso da operação.<sup>4</sup>

O autor dessa façanha foi o cirurgião Joaquim José do Espírito Santo Barros, que anos antes tinha praticado semelhante tratamento na mãe do memorialista, também, com sucesso. Estava ele no Ceará, há algum tempo, chegado de Pernambuco, e nos amotinamentos de 1817, suspeito, em vista de sua procedência, foi preso nos Inhamuns e solto em Quixeramobim. Valeu-lhe a interferência do padre Mororó, então usufruindo as graças da amizade do governador Sampaio. Pagou o grande obséquio operando a irmã do padre, mãe de Manuel Ximenes.

Parece-nos que eram frequentes essas tumorações faciais. São muitas as referências encontradas, nos documentos e jornais da época, a esta patologia.

4 Aragão, Manuel Ximenes. Memórias. RIC 1913, p.59

O Dr. José Lourenço, quando de seu exílio pernambucano, operou *"um tumor carcinomatoso situado na borda do maxilar superior e parte da abóbada palatina, de tal grandeza que enchia toda a boca, e apresentando-se fora dela, apenas o doente podia nutrir-se com caldos introduzidos por um canudo. Com a maior rapidez foi estirpado, sem o menor incidente"*.<sup>5</sup>

Ainda estava no tempo da "maior rapidez" como também maior empenho do cirurgião em qualquer ato operatório. Além desse caso, retirou também ele, de uma senhora de Garanhuns, *"um volumoso tumor no céu da boca"*.

O verdadeiro adiantamento mesmo, foi quando o Dr. Liberato Castro Carreira trouxe o novo e maravilhoso recurso do clorofórmio. Daí por diante podiam os médicos agir com mais cautela, sem preocupação com o tempo. As cirurgias eram feitas na própria casa do doente. A família preparava uma mesa bem forrada com lençóis brancos e engomados, o Doutor trabalhava sem ao menos tirar a casaca ou o *croisé*. O Dr. Pedro Sampaio, inteligente e culto, colega recentemente falecido, em um seu trabalho sobre a Medicina no Ceará,<sup>6</sup> quando se refere à Cirurgia do século passado, diz o seguinte: *"O instrumental para as operações era fervido e refervido em latas de querosene ou em chaleiras"*. E as operações eram praticadas com êxito, lembra o colega mui saudoso.

Continuavam as "comadres" analfabetas e ignorantes, mascando ou pitando o seu cachimbo de fumo da pior qualidade e cheiro, a "apanhar" os nascituros, até mesmo na capital, nas "areias". O principal cuidado era o corte do cordão, feito com tesouras comuns, do uso doméstico, sem qualquer precaução contra as possíveis infecções. Daí o grande número de mortes de recém-nascidos ocasionadas pelo "mal de sete dias".

Na segunda metade do século XIX houve expressivo progresso na cirurgia. A assepsia e a anestesia contribuíram para este florescimento. O médico passou a pensar em restringir seu campo de ação, desprezando a visão mais ampla de seu conhecimento. Nota-se isto examinando os assuntos das teses apresentadas às Faculdades do Rio e da Bahia e nos anúncios nos jornais. É flagrante já um início do pensamento na especialização. Diversos argumentos presidiam esta modificação no comportamento médico.

Hoje, muitos anos passados, vê-se que o desequilíbrio motivou visões desvantajosas para a Medicina em geral. Procura-se um retorno. Certamente, o exagero da especialização, concorrendo para o aparecimento dos super-especialistas e das sub-especialidades, motivou a retomada de posição. Os prejuízos para o médico e para o doente são evidentes.

Dentre as primeiras especialidades e especialistas surgidos destaca-se a oftalmologia, que desde logo despertou grande entusiasmo. Aqui apareceram, muito cedo, médicos praticando unicamente este tipo de medicina. A catarata, podendo ser operada com segurança, foi a primeira cirurgia Oftalmológica a ser realizada no Ceará. Médicos de outras Províncias, sobretudo de Pernambuco, em excursões, demoravam-se dias, realizando as extraordinárias operações. Eram anunciados com muita antecedência e chegavam a formar

5 Documentário. RIC 1967, p.201

6 Sampaio, Pedro. A Medicina no Ceará. O Ceará, p.498

as primeiras filas nos consultórios médicos. Os jornais, logo depois, passavam a espantar os seus leitores com os resultados incomuns das cirurgias. Atestados dos doentes, das famílias, agradecimentos de parentes e glória para o doutor, que daqui arribava para outras freguesias.

Dessas notícias, apanhei uma, de médico mesmo daqui, que não se dedicava somente à oftalmologia, mas que também podia mostrar suas curas fora do comum. O anúncio, publicado no jornal fortalezense *A Liberdade*, de 9 de março de 1864, dá bem uma ideia de como empolgava a mentalidade da pequena cidade o simples resultado de um tratamento bem-sucedido. A doença, certamente, era considerada de natureza grave, e anos antes implicaria na cegueira de seu portador.

O título é: "*Milagre*". Vejamos: "*Alegrando-nos com o triunfo das ciências, não devemos ocultar mais uma coroa de glória que cinge a testa do facultativo que o operou. E assim chamamos a atenção dos leitores para a exposição que segue: Hidrophtalmia com coroidite. Antonio do Carmo da Silva, pardo, de mais de 50 anos, temperamento sanguíneo, linfático, constituição forte, casado, plantador, morador no Cocó, entrou para o Hospital na manhã de 10 de fevereiro de 1864, enfermaria de São Vicente de Paula, leito 42.*"

*História do doente:*

*Há 6 meses, achando-se pescando no rio Cocó, sentiu a visão perturbada como através de uma nuvem, com vermelhidão e coceira, olhava para uma luz via duas, tinha inchação das pálpebras com grande coceira, sentia como que o olho arroxado; depois sentia o olho esquerdo crescendo para fora da órbita conservando o arroxado e a coceira com a vermelhidão, com lacrimejamento e a visão escurecendo, pupila fixa; estes sintomas foram constantemente aumentando até que na data supra mencionada procurou este estabelecimento. Exame subjetivo na entrada do Hospital.*

*Dor profunda no globo ocular, mais saliente que o outro, com sensação de crescimento, coceira, com ardência nos bordos das pálpebras, com dor circum-orbital, conjuntiva edematosa: edema estendendo-se até as pálpebras abertas em consequência da saliência do globo do olho; intolerância de luz com abundante lacrimejamento: no princípio diplopia (visão dobrada), ultimamente astenopia completa (perda da vista), pupila dilatada pouco mais que o natural e fixa. Exame objetivo oftalmológico binocular.*

*Estando previamente dilatada a pupila por meio de uma forte solução de atropina; a conjuntiva apresentou um considerável aumento no número e tamanho dos vasos sanguíneos, a esclerótica azulada na superfície, profunda. O íris do olho estava acinzentado, enquanto que o olho são apresentava-se azulado. O fundo estava esverdeado, porém, a lente transparente.*

*Fazendo o doente olhar para cima e para baixo, aparecia uma mancha escura e irregular de baixo para cima e outra vez desaparecendo. A pupila mais dilatada que no outro olho; a retina embaixo e sobre o lado externo aparecia como que suspensa da coroide, esta aparência de elevação era dada por um derramamento líquido, que tinha um movimento ondulatório na proporção que o doente movia o olho para cima e para baixo.*

*A retina estava branca acinzentada, e o nervo óptico em consequência da posição alterada do seu eixo, era visível com dificuldade e achava-se esverdeado claro; os vasos da retina eram numerosos e ramificados varicosamente.*

*Em vista dessas alterações mórbidas não hesitamos em diagnosticar a moléstia supra-mencionada, pelo que prescrevemos o tratamento seguinte: pequenas doses de sublimado acompanhadas de um cozimento diurético e alternando com o hidriodeto de potássio; externamente, sanguesugas, tintura de digitalis, fricções de óleo de croton.*

*Atualmente, 5 de março, este doente se acha em tratamento no Hospital onde pode ser visto, tendo já o olho quase igual ao outro são, recobrando a vista livre de dores e de todos os outros sofrimentos anteriormente descritos.*

*Dr. Joaquim Antônio Alves Ribeiro”*

## 13 A ASSISTÊNCIA À MATERNIDADE E INFÂNCIA

À filantropia do português Luiz Ribeiro da Cunha deve o Ceará o seu primeiro estabelecimento de amparo à infância abandonada. Naquele trágico ano de 1878, a população da Província vivia os dias mais infelizes, com a fome, a seca e a peste a rondar-lhe o lar, desaparecendo a paz, numa sobrevivência sem tréguas, cheia de incômodos de dor e desconsolo. Era o ambiente mais favorável à completa desagregação da família. Pais desesperados abandonavam seus lares, seus entes mais queridos, largavam-se sem destino, fugindo à aflição de vê-los morrer à mingua, impotentes, diante do espectro de tanta miséria.

Milhares de crianças, órfãs assim, perambulavam, esmolando à caridade pública, brigando por um pedaço de pão, disputando um prato de restos sobejados da mesa de um menos desgraçado. Outros, completamente desencaminhados, entregavam-se ao furto, ao roubo, escapando à morte pelas veredas esconsas do crime. Mulheres desgrenhadas, quais hárprias cruéis, procuravam os seus maridos e filhos, estampando no rosto uma vigília sofrida, numa expressão de extrema aflição, verdadeiras estátuas da amargura.

Diante de tal espetáculo, a sensibilidade humana ou entorpece, desalentada pela inoperância, ou se toma de energia, capaz de conceber as ações mais nobres. Tivemos os dois tipos de reações. A maioria, pelo estado mesmo de miséria em que estava, caiu naquele letargo da indiferença, da impassibilidade. Armaram-se da couraça do desinteresse, numa criminoso inconsciência, no desdém dos fracos, na apatia dos covardes. Outros, seguiam os meandros da insânia, desaparecido o bom senso, praticando atos que dantes os encheriam de pejo e humilhação. Comprometidos pelos deslizes, afundavam-se na prática das sordícies as mais estranhas.

Um pequeno número, porém, tomou a senda da harmonia com os irmãos, esgotando a sua bondade, na ventura de encontrar, no semelhante, a transparência daquele que é a própria bondade. Voltados para tão sublimes ideais, na mais alta aspiração espiritual e afetiva, foram pródigos em utilizar os seus cabedais para amenizar a situação dos que estavam prestes ao extremo desalento.

O comendador Ribeiro da Cunha não teve mãos a medir no atendimento ao que ele achava mais urgente considerar. Era proprietário de uma vasta gleba nas proximidades de Baturité, na Canafístula, e podia dispor desta rica fazenda para a benemerência que tinha em mente. A 10 de abril de 1880, passou em cartório a escritura de doação da propriedade, que media 4 léguas quadradas, com casa, currais, gados, cercados e matas, para construir o patrimônio inicial de uma colônia de abrigo às crianças que tinham perdido os pais na seca e na peste. Incluiu também, nessa doação, um sítio contíguo, de muito valor, mais próximo ao Itapaí.

Com estes bens, avaliados em 30 contos de réis, e mais 6 contos da indenização da Estrada de Ferro pela utilização de suas terras, estava positivamente criada a Colônia Orfanológica Cristina.

A condição para a completa validade desta dádiva era o destino a ser dado à instituição, que não poderia se afastar do seu fim precípuo que tinha em mira o doador: "*A educação e arrimo dos órfãos cearenses desvalidos*". A Colônia deveria ser construída dentro de dois anos e durar, pelo menos, três. Caso contrário, as terras seriam loteadas, divididas em partes iguais pelos órfãos. Cláusula, aliás, muita perigosa para o desenvolvimento futuro do estabelecimento.

Dias depois, o Presidente da Província, Dr. José Júlio de Albuquerque Barros, valendo-se da Lei nº 1876, de 11 de novembro de 1879, criou oficialmente a Colônia Cristina nas terras doadas, juntando ao ato um Regulamento para orientar a organização e administração da mesma. No dia 18 de julho instala-se o orfanato, com o lançamento da pedra fundamental da Capela de Santa Teresa. No edifício provisório, com a presença do Presidente da Província e muitas outras autoridades civis, militares e eclesiásticas, após a missa celebrada pelo padre José Tomaz de Albuquerque, foi feita uma esplanada sobre a futura obra, com agradecimento à Assembleia, ao Corpo consular, às pessoas de todas as classes que se empenhavam em ajudar a nascente obra e, mui especialmente, aos generosos doadores.

Não faltaram os discursos laudatórios nem os recitativos de poesias "alusivas ao ato". Terminada a solene cerimônia, foram entregues os meninos aos cuidados paternais do Diretor, o padre José Tomaz, e as meninas ao zelo de soror Maria Madalena. Na mesma ocasião, diversas pessoas da comitiva presidencial, entusiasmadas pelo empreendimento pioneiro no Ceará, fizeram expressivas doações em dinheiro e joias.

Para as despesas de manutenção, dois anos mais tarde, foi criada uma Loteria Provincial que deveria dividir seus lucros com a Santa Casa, a Igreja de São Benedito, em construção, e a Colônia.<sup>1</sup> Com os próprios rendimentos, foi possível ao Padre Diretor fazer as necessárias instalações e deixar ainda, ao seu sucessor, um saldo de 4 contos de réis.

Em 1886, assume a direção o professor Manuel Felipe Costa Mendes, educador de nomeada, antigo diretor do Ateneu Cearense, homem verdadeiramente talhado para semelhante cometimento. Ficou na administração por três anos, com muito proveito para a instituição. Já então, a Província pouco concorria, ou quase nada, para o sustento dos meninos. O Tesoureiro Geral, o Dr. Enéas Torreão, muito cioso de sua função, tinha exagerado cuidado com os dinheiros públicos.

Nesses poucos anos, o prof. Costa Mendes fundou uma banda de música, aumentou as plantações, criou mais animais, deu muita vida às atividades agro-pastoris sem esquecer, naturalmente, o estímulo aos estudos e à boa educação das crianças ali guardadas. O viveiro de ave era uma atração para os visitantes; a mata fechada, um convite a um passeio diferente, numa paisagem amazônica em pleno Ceará castigado pela inclemência do sol. O professor era querido pelos seus pupilos, ajudando na formação moral deles, velando pela saúde e não esquecendo os divertimentos nas horas de lazer.

---

1 Ribeiro, Raimundo Francisco. Reflorestamento do Ceará. RIC 1922, p.351

Saiu o prof. Mendes, morreu a Colônia; fato que já era previsto pelos observadores das cousas cearenses. Os herdeiros do Comendador exigiram o cumprimento das cláusulas contratuais, que implicavam em repartição das terras pelos órfãos, em caso de desvirtuamento do caridoso intuito da doação. Anunciada para venda, ninguém se habilitou, temendo a execução do que previa o contrato assinado na data da fundação. O Governo quis ainda aproveitá-la como penitenciária agrícola, mas não houve acordo entre os diversos deputados, de quem dependia a solução. A Assembleia deliberou que se fizesse um esforço no sentido de voltar a funcionar com o seu primitivo destino, o que não mais foi possível.

Melhoramentos diversos foram feitos, sob a direção do engenheiro Heitor Borges, mas mesmo assim, o Estado não teve condições de manter tão interessante quanto útil estabelecimento. Permanecendo em lastimável aniquilamento, foi finalmente aproveitada com a instalação de outro estabelecimento muito exigido por toda a imprensa e povo cearense: uma colônia de hansenianos.

Esta foi mais uma experiência, no Ceará, de uma instituição de amparo à criança, infelizmente fracassada.

Antes, em 1855, o presidente Paes Barreto construíra um edifício no Outeiro, com a dupla finalidade de servir de Hospital, caso aqui chegasse o cólera-morbus, e de recolhimento para órfãos e desvalidos da Província, conforme determinava a Lei nº 749 de 5 de agosto daquele ano. Fundada porém, a Casa dos Educandos foi entregue aos responsáveis por esse estabelecimento, e é onde ainda hoje está o Colégio Imaculada Conceição.

Só muito mais tarde, em 1934, voltávamos a possuir uma obra com esta finalidade. Agora, o patrono era o Coronel Juvenal de Carvalho que, pelas instâncias do médico Abdenago Rocha Lima, adquiriu uma gleba de 28 hectares no bairro de Alagadiço, quase dentro da cidade, onde construiu o Asilo de Menores que tem o seu nome. Foi o coroamento de um longo trabalho do Instituto de Proteção à Maternidade e Infância, iniciativa que teve começo em 1913.

Essa Sociedade, fundada no dia 19 de maio daquele ano, com a ajuda do Governo e do povo em geral, muito tem feito para cumprir a letra de seus estatutos. Logo, um seu ramo feminino, as Damas Protetoras da Infância, agregou-se ao nobre intento de seu fundador, conseguindo, com doações e ajudas diversas, quantias substanciais que forneceram meios para a construção do primitivo edifício do Instituto, na Rua Tristão Gonçalves. Com dois anos de funcionamento já se inauguravam uma enfermaria e uma creche, ambas serviços pioneiros neste tipo de assistência à criança. Com isso, preenchia uma das suas metas, que era diminuir a grande mortalidade infantil na capital.

Complementando o seu trabalho, que obedecia a um plano muito bem estruturado, logo mais vieram outros melhoramentos, inclusive a Maternidade Senhora Juvenal de Carvalho e o Lactário. Combateu arduamente, o Dr. Rocha Lima, a incúria das autoridades, e mesmo dos particulares, diante do gravíssimo problema que envergonhava o nosso Estado. Levantando esta-

tísticas, provava, com dados, que as taxas de mortalidade infantil aqui encontradas superavam as de todos os outros estados da Federação. Complementando o Serviço, criou também uma Farmácia onde, por menor preço, com economia para o Instituto, podiam ser aviadas as receitas dos diversos médicos que atendiam na Enfermaria e Ambulatório.

Conseguiu a colaboração graciosa de muitos colegas especialistas, alguns ainda contribuindo com ajudas além da que prestavam atendendo às crianças. Cercado de uma diretoria operante e desprendida, de comerciantes e industriais de alto espírito público, pôde levar avante a grande iniciativa até deixa-la, por sua morte, com um grande patrimônio, representado pelo vasto terreno de doação inicial, uma propriedade agrícola em Guaramiranga e mais prédios e casas diversas em Fortaleza. Na fase áurea de sua existência, o atual Instituto Dr. Rocha Lima chegou a abrigar cerca de 150 crianças de ambos os sexos, crianças todas abandonadas, sem pais ou responsáveis, que no asilo recebiam todo carinho, tratamento e desvelo das Irmãs de Caridade que dirigiam a ordem interna da Casa.

A Enfermaria, com 40 leitos, atendia a uma imensa população de meninos e meninas sem recursos para os tratamentos recomendados pelos médicos. O Lactário e a Gota de Leite forneciam os alimentos indispensáveis ao crescimento e desenvolvimento desses pequenos, tudo isso gratuitamente. Hoje, continuam alguns desses serviços funcionando, em menor escala, mas ainda com muita utilidade, ajudando ao Juizado de Menores, à Legião Brasileira de Assistência e outros que se dedicam ao amparo à infância.

Com a moderna orientação pedagógica, foi obrigado o Asilo a se transformar em Casa Maternal, retirando o nome que se sabia marcar um pouco as crianças ali recolhidas e educadas. Anexo à Casa Maternal funciona uma escola de Primeiro Grau, com um quadro de professores do estado e mais os consultórios dentários, biblioteca e aulas de artesanato doméstico, servindo às crianças internados e a toda a população infantil necessitada das proximidades.

Com a boa aplicação das rendas e subvenções, aumentou o seu patrimônio, esperando apenas uma melhor compreensão por parte das entidades governamentais para o completo êxito das metas estabelecidas pelo insigne fundador.

\*\*\*

Historicamente, a primeira demonstração de desvelo com a criança cearense foi representada pelo interesse das autoridades coloniais em proteger os recém-nascidos com uma alimentação adequada e sadia. As amas de leite índias, quando empregadas neste mister, eram também olhadas pelos diretores de Vilas, em permanente vigília, para que não fossem explorados pelos colonos brancos. Os padres da Companhia tinham um carinho todo especial pelos desprotegidos silvícolas. Chegavam até a tomar medidas antipáticas, que molestavam estes indivíduos. Reclamavam os colonos às autoridades o excesso de zelo dos jesuítas.

Foi o caso de Jorge de Sampaio e Carvalho, que em 1661 fez uma representação afirmando que os padres, quando se lhes pediam amas de leite, "*lh'as negavam, e com palavras ásperas os escandalizavam*".

Relatava, ainda, o mesmo reclamante, que o Alferes João Ribeiro, pedindo ao Reverendo uma dessas índias, foi indagado se o menino que ela ia amamentar já era batizado. Respondendo afirmativamente, o Padre declarou que "*pouco importava morrer, pois ia para o Céu e que melhor era isso que dar-lhe a índia*". Jorge indignou-se com a atitude do jesuíta, achando-o desumano, desapiedado, parecendo que ele denegava "*como se dera alguma cousa do seu patrimônio*".<sup>2</sup>

Essa questão de amamentação das crianças ainda tomou o tempo dos senhores legisladores coloniais, quando deliberaram, em Câmara reunida, em 1775, que seria arbitrado em dois dias desalário o dia de trabalho de uma ama de leite "*dada à soldada*" para alimentar os filhos dos colonos. Pagava-se, nesse tempo, 13 mi réis pela diária de uma mulher que trabalhasse em casa de família "*à custa de seu amo*". A mesma deliberação determinava medidas a respeito dessas índias, e dos índios que fossem chamados para ajudar nas fainas domésticas, ou das fazendas.

O colono se obrigaria a oferecer a alimentação de todos os filhos, até 8 anos, pelo preço de 13 réis, cada, por dia. Os que tivessem entre 8 e 12 anos trabalhariam pelo sustento e os de 12 a 18 ganhariam, como as mulheres, os mesmos 13 réis.

Isso significava que uma ama de leite chamada para amamentar o filho de um colono, se ela tivesse um seu filho, de idade de até 8 anos, receberia apenas os 13 réis; caso tivesse dois nesse grupo etário, nada perceberia; apenas "*o sustento dela e dos filhos*". De 8 anos em diante, a criança já tinha obrigações na casa, na fazenda ou no sítio, ganhando a sua "*soldada*" da maneira acima.

Regulava, também a Resolução, o problema dos órfãos, que deveriam servir aos seus tutores, gratuitamente, até a idade de 11 anos, em "*satisfação da criação*". Caso fossem mandados para alguma aprendizagem de ofício mecânico, ficariam até 21 anos com o protetor, sem nada receber. Passada esta idade, podiam "*trabalhar e servir a quem lhes parece*".<sup>3</sup>

Era um ensaio de autonomia dos indígenas, que até pouco antes estavam sempre sob tutela, tratados como menores, toda a vida, no amparo e dependência dos missionários e diretores de vila. A Carta Régia de 10 de janeiro de 1698, aliás, já havia reforçado medidas tomadas anteriormente por outros monarcas portugueses, recomendando que as "*índias não possam servir mais que de mulheres de leite pelo estipêndio também comum e tempo certo e com a segurança do pagamento*".

Foi assim, sempre considerado como trabalho de excepcional qualificação, o dar de mamar. A lei procurou amparar a lactante e o seu filho, sem esquecer que outras crianças também poderiam ser favorecidas por uma mulher que tivesse capacidade de alimentar mais do que o seu próprio filho, ou,

2 Documentos para a história do Brasil especialmente do Ceará. RIC 1921, p.9, Doc. nº267

3 Acórdão da Câmara, 6 de junho de 1775. RIC 1940, p.97

por circunstância as mais diversas, o seu leite não fosse convenientemente para ele. A preocupação de encontrar uma boa ama de leite estava sempre presente, toda vez que acontecia a vinda de mais um bebê no lar de um fazendeiro colonial. Ao contrário do que ocorreria anos mais tarde, em que se dava preferência às pretas africanas, tidas como secretoras de leite de muito boa qualidade, nesse tempo era ainda às índias que em primeiro lugar eles apelavam. Somente com o incremento da escravidão negra mudou este comportamento.

Muitas lendas surgiram, ligadas ao fato de crianças brancas serem alimentadas pelas filhas das selvas, como, no devido tempo, surgiram idênticas referentes aos alimentados nos seios das robustas negras africanas.

Em 1821, o Governador que então deixava as rédeas da administração, Francisco Alberto Rubim, necessitou de uma mãe mercenária para o seu filhinho. O edital de convocação de uma mulher que atendesse às exigências especificadas foi pregado nos locais de costume. É de 8 de novembro daquele ano o ofício da Junta do Governo dirigido ao Sargento-mor José Agostinho Pinheiro. Como se trata de documento de grande interesse histórico, é interessante que seja transcrito na íntegra.

*Ei-lo: "Recomendo-vos a seu cuidado a escolha de uma ama de leite para criar o filho do ex-governador Francisco Alberto Rubim, a qual deve ter as cláusulas seguintes: Primeiro, que não tenha moléstias e muito menos venéreas; segundo, que seja solteira, cabendo no possível; terceiro, que não tenha cria, devendo, contudo, vir ainda mesmo faltando-lhe algumas das mesmas circunstâncias apontadas. E esta mulher deve ser remetida à casa do sobredito ex-governador, da parte desta Junta do Governo Provisório. Confiamos o bom desempenho desta ordem, certos da exaçaõ com que V. Mcê costuma cumprí-las. Deus guarde V. Mcê. Junta do Governo Provisório, 8 de novembro de 1821."*<sup>4</sup>

Até o dia 21 não havia sido encontrada a tal mulher, porquanto naquela data, torna a Junta a dirigir-se, agora, a Antonio José Moreira Gomes, em tom enérgico, ordenando *"que este Governo quanto antes, haja de mandar por pronto uma ama de leite para acompanhar o Exmo. Sr. Ex-Governador"*, dando um prazo de 24 horas para a execução da ordem. Era mais uma deliberação tomada em sessão da Junta, para a solução do grave problema.

Desde que se iniciou a Imprensa na Província, começaram a aparecer anúncios de solicitações de amas pelos jornais. As especificações são sempre muito semelhantes às apresentadas no ofício da Junta.

\*\*\*

Os costumes indígenas referentes à boa maneira de criar e educar os meninos são para a nossa civilização, verdadeiramente, chocantes.

De um códice da Biblioteca de Évora<sup>5</sup> da pena de um jesuíta não identificado, existe um documento bastante interessante a respeito. Intitula-se: *Da criação dos filhos*. Textualmente, diz o seguinte: *"As mulheres em parindo, e parem no chão, não levantam a criança, mas levanta-a o pai, ou alguma pes-*

4 Barão de Studart. Datas e fatos para a história do Ceará. RIC 1896, p.44

5 Código Eboense CXVI. Biblioteca do Instituto Brasileiro de Antropologia. Brasília.

soa que tomam por seu compadre, e na amizade ficam como os compadres entre os cristãos. O pai lhe corta a vide com os dentes, ou com duas pedras, dando com uma na outra, e logo se poem jejuar, até que lhe cai o umbigo, que é de ordinário até aos oito dias, e em lhes caindo, se é macho, lhe faz um arco com frechas e lh'ó ata no punho da rede e no outro punho, muitos molhos de ervas que são os contrários que o seu filho há de matar e comer. E acabadas estas cerimônias, fazem vinhos com que se alegram todos.

As mulheres quando parem, logo vão lavar-se aos rios e dão de mamar à criança, de ordinário ano e meio, sem lhe darem de comer outra cousa; amam os filhos extraordinariamente e trazem-nos metidos nuns pedaços de rede que chamam tipóia, e os levam às roças e todo o genero de serviço, às costas, por frios e calmas, e trazem-nos como ciganos escanchados no quadril e não lhe dão nenhum genero de castigo. Para não lhe chorarem os filhos tem muito agouros, por que lhe poem algodão sobre a cabeça, pena de pássaro e paus, deitam-nos sobre as palmas das mãos e roçam por elas para que cresçam. Estimam mais fazerem bem aos filhos que a si próprios e agora estimam muito e amam os padres, porque lh'os criam, ensinam a ler, escrever, contar, tanger, cousas que eles muito estimam".

Por aí, vemo os o quanto preocupava o indígena a criação de seus filhos. O que o jesuíta observou, outros, em todo o Brasil, também o fizeram, descrevendo aos seus superiores os hábitos locais. Havia uma identidade de comportamento, tanto no Norte como no Sul, pouco variando um ou outro costume. Alguns destes, verdadeiramente bárbaros.

Encontraram, os primeiros missionários, entre os cariris, índios que senho-reavam grande parte do território cearense, alguns costumes que Pedro Carrilho de Andrade havia assinalado em sua *Memória*. Conta o sertanista, que os aborígenes, "*se lhes mandam enterrar os filhos que morrem, os vão depois desenterrar para os comerem como é uso e costume.*"<sup>6</sup> Este repugnante hábito está também narrado na "*Notícia sumária da vida do bendito mártir padre Francisco Pinto*".<sup>7</sup> Morais Navarro, em documento de 1696, conta que num assalto que se deu pela madrugada, assistiu os índios levarem dois meninos mortos para os comerem.<sup>8</sup> Os tarairius, como as outras tribos aparentadas, devoravam os seus pequeninos filhos nascidos mortos.

Elias Heckman, exagerando em algumas observações, confirma, no entanto, o mesmo costume entre diversas tribos. No caso alegavam os selvagens que não havia sepultura melhor do que a que davam a seus filhos mortos. Pompeu Sobrinho encontra finalidades superiores, isto é, um pensamento algo edificante, se assim se poderia dizer, no fato desses índios assim procederem, com esta alegativa. A afirmação inicial disso, encontro em Simão de Vasconcelos, quando escreve: "*Os tapuiás, em particular, comem os filhos quando sucede morrerem-lhes pouco depois de serem nascidos, tendo para si, que está posto em boa razão, tenham por tumba depois de mortos o mesmo berço em que gozaram a primeira vida*".<sup>9</sup>

6 Andrade, Pedro Carrilho de. *Memórias*. RIC 1965, p.346

7 Biblioteca Eborense, códice CXVI/I - 33

8 Documentos para a História do Brasil... nº451, 15 de dezembro de 1696.

9 Vasconcelos, Simão de, Padre. *Crônica da Companhia de Jesus I*. p.104

É certo que o amor maternal às vezes era exagerado. Algumas lendas correntes entre eles, bem interpretadas, levam a tal pensamento. Ao mesmo tempo que se nota isso, também podem-se verificar certas atitudes inexplicáveis, como a que tinham por costume alguns maridos deixarem suas mulheres e filhos, abandonando-os, sem qualquer sentimento próprio, ou reação da abandonada, nem de seus parentes. Era cousa natural.

O Governo tomou outras providências, especialmente para combater o escandaloso comércio, que então se praticava, alugando-se e se vendendo crianças índias. O ouvidor Avellar de Berbedo foi sensível a esta prática, representando às autoridades de Lisboa.<sup>10</sup> Permitia-se a retirada de meninos das escolas, para ajudarem nas casas dos colonos. Mas, nisso também houve abusos, que suscitaram severa repressão governamental.

\*\*\*

O Conselho Geral da Província do Ceará olhava para tudo, e procurava solucionar os casos mais carentes de atenções especiais. Nas reuniões de dezembro de 1829 e janeiro de 1830, ocupou-se do problema das crianças enjeitadas. A denúncia era válida, porquanto não poucas crianças já tinham sido encontradas em locais que significavam sofrimento e morte. Por isso, nessas reuniões, o assunto foi ventilado e resolvida a criação de uma "roda de enjeitados", uma espécie de armário giratório, onde eram colocadas as crianças conhecidas por "expostas". Existiam já, nas Misericórdias e em conventos. A medida já havia sido levada à deliberação na Câmara de Fortaleza, mas a incúria revelada na falta de pagamento às amas de leite fez fracassar o intento. Muitas crianças teriam morrido por falta desses cuidados essenciais. O ordenado tentador de quatro mil réis mensais, oferecido às amas, atraiu muitas mulheres que viram, algum tempo depois de funcionamento da "roda" municipal, em vão tanto sacrifício, sem que o seu trabalho fosse recompensado, como prometiam os senhores vereadores. Houve também culpa do Cirurgião designado para o exame das lactantes. Descuidado de sua obrigação, nunca apareceu no local determinado.<sup>11</sup> Desapareceu, dessa maneira, uma obra tão auspiciosamente iniciada.

Só alguns anos mais tarde voltaria a funcionar, anexa à Santa Casa de Misericórdia, onde, às caladas da noite, eram depositadas as crianças abandonadas. As mães, ou pessoas que lá as deixavam, eram advertidas que deveriam acionar uma corda que se ligava a uma sineta na comunidade. Alertadas, assim, as Irmãs iam apanhar o recém-nascido, que logo passaria a receber as atenções e os desvelos das caridosas freiras. O depositante, antes que pudesse ser identificado, escapulia pela rua escura. Algumas dessas crianças levavam indicações de data de nascimento, se tinham ou não sido batizadas, e recomendações especiais sobre o tratamento que os seus desventurados pais desejavam recebessem. Criadas com os cuidados que a instituição podia dar, mais tarde esses meninos, particularmente as meninas, tornavam-se parte ativa dos serviços da Casa, auxiliando na enfermagem, na cozinha, lavanderia, etc.

---

10 Coleção Studart, vol.II, nº18

11 Conselho Geral da Província do Ceará. RIC 1922, p.459

Aconteceu, algumas vezes, que pessoas ricas e caridosas, ao prepararem os seus testamentos, legassem parte de seus bens ou rendas para estas meninas, dotando-as, preparando-as para casamentos felizes e venturosos, remidas, assim, de todos os sofrimentos morais de suas condições de enjeitadas.

\*\*\*

Durante o século passado, teve também bastante valia, em favor das crianças desamparadas, a ação do padre Ibiapina, fundador das Casas de Caridade em diversas cidades do Nordeste. Nelas, os órfãos e desvalidos recebiam carinho, conforto moral e físico, educação e instrução religiosa. Encaminhadas para uma profissão modesta, serviam às famílias e aprendiam artes. Escapavam assim, das consequências funestas do abandono em que certamente cairiam, caso não houvesse esta ação benfazeja do virtuoso sacerdote.<sup>12</sup>

O Governo, vez por outra, tinha a iniciativa de uma medida no mesmo sentido. A Lei nº 1522, de 2 de janeiro de 1873, sancionada pelo Dr. Francisco de Assis Oliveira Maciel, em seu único artigo autorizava o Presidente da Província a despendar até a quantia de cinco contos de réis anuais, por espaço de 5 anos, com a educação de dez meninos desvalidos, filhos da Província, surdo-mudos, ou cegos, no respectivo Instituto da Corte. Era a primeira vez que tais incapacitados físicos eram lembrados pelas autoridades.<sup>13</sup>

Nessa época, predominava, na Escola primária, o sistema dos castigos corporais para corrigir os estudantes descuidados, sem progressos nas letras, perturbadores da ordem. Isso também era regulado pelo próprio Presidente da Província. Pela Resolução nº 555, de 10 de novembro de 1851, os mestres de instrução primária ficavam autorizados a usar castigos físicos, por falta de obediência ou de respeito. O instrumento de suplício era a palmatória, que funcionava toda vez que o desatento aluno deixasse de responder às perguntas, ou "levasse quinau". O Tenente Coronel João Paulino de Barros Leal, em suas *Memórias* conta o seguinte fato, ocorrido em Quixeramobim, mais ou menos na época da instituição oficial do castigo escolar: "*Todos os estudantes foram chamados à sabatina. Remígio (o professor José Remígio de Freitas) tinha fome de dar bolos. Perguntava ao primeiro do semi-círculo, qualquer coisa de gramática e se este errava, pedia o "quinau" ao vizinho; seguindo-se o pedido ao próximo, até que houvesse o "quinau" e, logo, passava ao bolo, não escapando ninguém que houvesse errado, mesmo os já barbados.*"<sup>14</sup>

O costume era muito velho, e próprio da pedagogia seguida pelos melhores educadores. Era também o chamado "paternal castigo", que em 1767 julgavam os responsáveis pelas cousas públicas ser lícito, não só aos próprios pais disciplinarem os filhos, como os amos aos criados, "*como na Europa e em todas as partes do mundo se usa.*"<sup>15</sup> Isso prevaleceu até o começo do nosso século, provocando muita frustração e revolta nos estudantes e, não poucas vezes, atritos entre pais e mestres, pelos exageros nas penas aplicadas.

\*\*\*

12 Padre Ibiapina em A Imprensa J. Pessoa 1914,

13 Castelo, Plácido Aderaldo. História da instrução no Ceará. p. 110.

14 Leal, J.P. de Barros. Autobiografia inédita

15 Como se davam índios à soldada. RIC 1940, p.33

Algumas vezes, na História do Ceará, tivemos notícias de serem as crianças vítimas de particulares sofrimentos. Não falamos das situações criadas pelas calamidades, com as decorrências de fome e de outros martírios. Referimo-nos aos sacrifícios impostos aos inocentes no decorrer, especialmente, dos movimentos políticos, nas exaltações populares. Dois fatos citaremos, para comprovar a falta de atendimento aos modernos postulados da “Declaração dos Direitos da Criança”, tão calorosamente outorgada pelas Nações Unidas.

O primeiro acontecimento teve lugar na chamada revolução dos cabanos, ou Cabanada. De Viçosa, transmitiram às autoridades as descrições mais tristes do tratamento que recebiam os pequenos nas mãos de seus próprios pais, que na pressa da fuga precipitada matavam os seus filhos, por não poderem carregá-los. A penúria em que viviam era extrema e mesmo assim, ainda caíram, nas mãos das forças legais, 600 mulheres e crianças no mais precário estado de sobrevivência.<sup>16</sup> Nas matas de Caramatá, homens que não eram, nem nunca foram selvagens, tomavam atitudes que só destes cabia esperar, pendurando ao pescoço colares de orelhas, cortadas aos seus inimigos como brasões de suas fações.

O outro fato, mais contrastador ainda porque se deu em plena capital, em uma cidade que se dizia civilizada, e já no século presente, na Revolução de 1912. Conta o jornalista Hermenegildo Firmeza, testemunha dessas vandálicas cenas, que a cavalaria da Polícia do Governo Acioli investiu como bárbaros sobre a massa humana aglomerada, ferindo e matando as crianças que, inocentemente, se prestavam a uma demonstração anti-governista. A luta travou-se entre civis, defendendo o povo, e a soldadesca, tombando, sob as patas dos cavalos e atingidos pelos tiros, dezenas de meninos e meninas da Liga Infantil. Conta ele que uma garotinha se comportou heroicamente, empunhando a sua bandeira, surda à fuzilaria em seu redor. O Tenente João da Costa Pinheiro foi o único que teve coragem bastante para, com risco da própria vida, atravessar-se entre os contendores, de braços erguidos, pedindo que cessassem a luta fratricida. Ao terminar a horrorosa carnificina, muitas crianças jaziam mortas ou gravemente feridas. Foi uma página triste da História política de nossa terra.

\*\*\*

Não se pode escrever a história da Pediatria do Ceará, sem lembrar constantemente a figura ímpar do Dr. Rocha Lima. Mais uma vez está ele aqui presente.

A partir de 1913, a Medicina Infantil tomou um rumo bem diverso daqueles que sempre seguira. Nesse ano, reunidos os médicos e pessoas interessadas no problema, juntamente com os diretores do recém-fundado Instituto de Proteção à Maternidade e à Infância, resolveram dar uma maior ênfase aos trabalhos da Sociedade. Impressionava, na ocasião, o elevado índice de mortalidade Infantil, com tendência a subir cada vez mais. Diversos levantamentos foram verificados, constatando as cifras, as mais vergonhosas de todo o Brasil. Alarmaram-se os médicos e levaram aos jornais a razão de seu espanto. Sousa Pinto, em *Geografia econômica do Ceará* afirmava, compro-

---

16 Nogueira, Paulino. Presidentes do Ceará. RIC 1901, p.33

vando com documentos, que de um total de 4.177 óbitos gerais, 61% foram de crianças.<sup>17</sup>

Comparando a nossa mortalidade infantil com a de outras capitais brasileiras, Kurtman constatou *"a infeliz realidade de que em cada 100 óbitos, 37 são de infantes de menos de 1 ano."*<sup>18</sup>

A partir deste e de outros estudos, muitos inquéritos foram realizados, comprovando o nosso altíssimo índice de mortalidade infantil. As primeiras cifras levadas por Lima a um Congresso médico estarreceram a ação e fizeram manchetes nos mais conceituados diários do Sul, ficando o Ceará, daí por diante, conhecido como o estado de maior mortalidade infantil, embora, em alguns anos, não o fosse. Posteriormente, verificou-se que tinha havido um engano nas informações prestadas ao puericultor, por falhas grosseiras nas estatísticas que lhe foram fomecidas por cartórios e outros órgãos implicados. Mesmo assim, o nosso estado ficou com esta triste fama.

De qualquer maneira, este alarme serviu para despertar nas autoridades um pouco de atenção para a problemática, surgindo algumas deliberações importantes, de cunho oficial.

Depois da Revolução de 1930 houve um despertar sobre estes problemas, passando o Governo a tomar medidas mais acertadas. Melhoraram os serviços, melhoraram os atendimentos. No Ceará, tivemos mesmo a iniciativa particular contribuindo para a solução de alguns aspectos mais carentes. Um deles, o "Berço do Pobre," partiu da Arquidiocese, em colaboração com movimentos religiosos de senhoras. O Asilo de Menores é dessa data também. Em 1935, foi dado o Regulamento à Inspetoria de Proteção à Maternidade e Infância, órgão governamental que estruturou tudo que estivesse ligado ao assunto. Estava claro que, por trás disto, imperava a vontade férrea de Rocha Lima, incentivando tudo que significasse melhoria de condições para a criança cearense. O seu Instituto já era uma obra consagrada.

Novamente, com a seca de 1938, os índices de mortalidade aumentaram tremendamente. Já possuía Fortaleza um quadro de especialistas, uma pleiade de pediatras formados, muitos deles, na Escola de Martagão Gesteira, o maior incentivador da assistência à infância no Brasil. Logo mais, reunidos na Sociedade Cearense de Pediatria, tendo à frente o seu primeiro Presidente, José Fernandes, nova vida tomou a Campanha que vinha sendo desenvolvida.

A Imprensa, sempre motivada pelo escândalo dos números, hora por outra apresentava o resultado dos levantamentos feitos em dados, de cartórios e Serviço de Verificação de Óbitos, chegando a resultados que não correspondiam à realidade. Somente depois que estes trabalhos foram feitos no Departamento Estadual de Saúde, sob a orientação de Joaquim Eduardo de Alencar e José Fernandes, foi que tivemos algarismos mais seguros, com cálculos baseados em estudos feitos obedecendo regras da Estatística médica vital.

---

17 RIC 1938, p.33

18 Kurtman, Pedro. Estudo estatístico da mortalidade infantil em Fortaleza. RIC 1938, p. 57.

Pode dizer-se que foi a partir da fundação do Centro de Puericultura Darcy Vargas, do Departamento Estadual da Criança, que se organizou, de fato, em âmbito estadual, o Serviço de Pediatria com tudo que lhe é correlato. Coincidia o fato com um maior interesse da população leiga a respeito de informações sobre Puericultura e Pediatria, o que motivou a realização de muitas conferências feitas pelos pediatras locais no Palácio do Comércio, no Centro Médico, no Auditório da Escola Normal e nas estações de rádio. Os concursos de robustez infantil tiveram também a sua época.

O Departamento Federal da Criança, inspiração de Martagão Gesteira, muito contribuiu para todos esses efeitos. A recomendação de órgãos semelhantes nos estados foi logo atendida no Ceará, passando a repartição competente a coordenar as atividades de todos os serviços de prevenção e cura da criança.

Não se pode deixar de mencionar o papel extraordinário da Legião Brasileira de Assistência – LBA, fundada inicialmente para atender às necessidades dos pracinhas, mas que, acabada a guerra, transferiu a sua esfera de ação para os problemas da infância brasileira.

No ciclo da influência do Departamento Estadual da Criança tivemos o incremento da fundação de muitos Postos de Puericultura, tanto na capital como no interior.

Outro fato do mais alto alcance social e médico neste campo foi a campanha dos Rádios e Diários Associados, liderados por seu Diretor João Calmon, que tudo fez por dotar Fortaleza com uma Maternidade à altura de seu desenvolvimento. Aí está a Maternidade Escola Assis Chateaubriand, funcionando plenamente, com reais benefícios para a população carente de todo o Ceará.

Com a ajuda do Fundo Internacional de Socorro à Infância - FISI, durante muitos anos, a partir de 1951, tivemos a ajuda desse órgão com o envio sistemático de leite em pó, vitaminas e outros alimentos ricos para a distribuição aos subnutridos do Nordeste. A primeira remessa, constante de 1.200.000 quilos de leite desidratado, chegou em fevereiro daquele ano. O plano, no seu início, teve um crédito de 10 milhões de dólares, dos quais 500 mil foram destinados ao Ceará e que muito contribuíram para minorar a situação de carência nutritiva de grande parte de nossa população infantil.

Mais recentemente, tivemos a Campanha da Merenda Escolar e a ação do Instituto Nacional de Nutrição, que não tem esquecido o Ceará nos seus planos de atendimento.

Fortaleza conta, hoje, com de um grupo de mais de 180 pediatras e de dezenas de serviços especializados, tanto para consultas como para atendimentos de urgência dirigidos por profissionais capacitados e atualizados.

Nos últimos anos, tomou um grande incremento a assistência médica à infância, com a instalação de numerosas clínicas especializadas, e de serviços de urgência bem aparelhados, com os mais modernos meios de diagnóstico e tratamento. Ao lado disso, os hospitais equiparam-se para atendimentos de urgência e de cirurgia infantil. Neste último setor, cabe salientar o pioneirismo do professor Newton Gonçalves, que introduziu a especialidade em nosso meio, criando escola e formando uma plêiade de pediatras cirurgiões que hoje fazem realçar o nome do Ceará como centro regional da especialidade.

## 14 HOSPITAIS

Uma casa com acomodações apropriadas para receber doentes, como também pessoas que necessitavam de repouso e tranquilidade, existiu desde a mais remota antiguidade. Em algumas delas, aplicavam-se a fisioterapia e a ginasioterapia, na recuperação dos pacientes internados ou em regime ambulatorial. Quase todas tinham um caráter religioso, tanto que, em escavações, têm sido encontrados ex-votos diversos, com agradecimentos aos deuses nelas adorados, que possibilitaram a cura do aflito paciente. Constantino transformou-as, mais tarde, em Hospitais cristãos, afastando o culto à serpente e modificando totalmente o conceito da instituição. Ainda nesses primeiros tempos, os Beneditinos sobressaíram, fundando o Mosteiro do Monte Casino, que tinha também implicações de uma casa hospitalar. Exortava São Bento: *"Infirmorum cura ante omnia adhibenda est, ut sicut re vera Christo, ita serviatur"*.<sup>19</sup> Os eremitérios e monastérios tinham Hospitais, farmácias e até isolamento para as doenças contagiosas.

O Hospício apareceu depois, tendo São Bernardo construído um destes nos Alpes, para a assistência aos extraviados na grande cordilheira gelada. A experiência valeu para a divulgação da novidade em outros lugares na Europa, encontrando-se, já no VII século, diversas casas com aquela finalidade. Em Lion, foi logo aberto o hospital Hotel Dieu, dando guarida, repouso e tratamento a quem o procurava. Paris, em seguida, teve o seu, depois a Itália, a Hungria e, pouco mais, toda a Europa estava coberta por uma rede de hospitais semelhantes. Ligados às ordens religiosas, com seus frades, abades e irmãos, davam assistência aos enfermos, fazendo o trabalho de enfermeiros. Era o bom samaritanismo evangélico que procuravam praticar.

Nas Cruzadas, levaram a experiência para o Oriente. Diversas dessas casas foram fundadas por onde passavam os soldados franceses, ingleses, e de outras nacionalidades. Retornados os guerreiros-peregrinos, ficou, no entanto, o hábito de tratarem-se os orientais naquelas casas de saúde. Cairo recebeu logo um grande hospital, com uma particularidade de possuir enfermarias especializadas em doenças dos olhos.

Na Idade Média, em Pisa, junto à Igreja de S. Lázaro, surgiu uma organização hospitalar com características um pouco diferentes, porque atendia, especialmente, os indivíduos vitimados pelas epidemias, muito comuns nessa época. Foi o primeiro lazareto. A ideia depois espalhou-se por todo o mundo.

A Renascença, com o seu espírito renovador, transferiu para a esfera municipalista o que sempre fora do âmbito da Igreja. Um édito de 1163 proibiu ao clero o exercício da Medicina, especialmente a prática da cirurgia. Estava vedado ao religioso, daí por diante, qualquer ato médico em que houvesse derramamento de sangue. Chegava a vez do "barbeiro sangrador", instituição que perdurou por muitos séculos. Tornou-se uma classe muito prestigiada, com algumas figuras que entraram para a História.

Ainda na perseguição religiosa que prosseguiu, especialmente no reinado de Henrique VIII, outro grande golpe sofreu a instituição hospitalar quando

---

19 Campos, Ernesto de Sousa. História dos Hospitais. Rev. da AMB vol.13, nº 8, p.291

este monarca secularizou os hospitais, mandando destruir as comunidades que resistissem às suas ordens imperiosas. Passada a Reforma, houve um pouco de tranquilidade, podendo algumas Ordens retornarem aos antigos costumes de oferecer aos enfermos os cuidados de suas casas especializadas na cura das doenças.

Chega o século de São Vicente de Paulo e sob a sua orientação surgiu o Hotel Dieu de Paris, em 1634, entregue à recém-fundada Congregação das Irmãs de Caridade. Essa obra notável deu completa assistência médico-hospitalar a toda a pobreza da grande cidade, estendendo depois a sua ação aos demais habitantes. Copiada e transplantada para outros países, inaugurou uma nova era na assistência ao enfermo. Mas a grande revolução do hospital foi quando esse se tornou campo de estudo ligado às Universidades. Foi o início da era moderna, da concepção de novos métodos de ensino da Ciência. Logo, deixou-se de admitir que os discípulos de Esculápio pudessem ter a sua formação fora de uma casa hospitalar. O habitat natural do médico era o hospital, junto à enfermaria, ao lado do leito do doente.

Na América, o México teve a primazia de ser sede do primeiro hospital americano, obra de Cortez. O Brasil se seguiu. Olinda, em 1540, instalou a sua primeira Misericórdia, três anos antes da de Santos.<sup>1</sup>

Em Portugal, na época de maior desenvolvimento ultramarino, desenvolveu-se muito a instituição, chegando D. João II a tomar a iniciativa de reunir as diversas casas dedicadas ao atendimento médico em uma única, em Lisboa, fundando assim o Hospital de Todos os Santos, em 1429. Muitos anos depois, a sua viúva fundaria a primeira Santa Casa de Misericórdia, ainda em Lisboa. As Misericórdias brasileiras eram estereotipadas na metropolitana.

Depois de Olinda e Santos, outras Capitânicas passaram a se interessar pela instalação de estabelecimentos semelhantes, fundando suas irmandades, que tratariam de recolher os fundos suficientes para a execução da importante obra. Geralmente, havia muita ajuda oficial e a magnanimidade do Rei era por demais conhecida, quando se tratava de instalar uma nova Santa Casa. Formado o patrimônio, iniciava-se a construção, que se caracterizava por ser de prédios de grande solidez, feitos para atravessar séculos. As duas maiores preocupações da instituição eram tratar os doentes e enterrar os mortos. Eram as "Obras de Caridade".

Durante toda a fase colonial prestaram elas os melhores serviços aos colonos. Suas "boticas" preparavam as fórmulas mais eficientes, servindo para tudo, e quase sempre com tinturas e extratos das plantas medicinais da nossa riquíssima flora.

A Paraíba teve a sua Santa Casa funcionando em 1600, com a inauguração do Hospital Santa Isabel.

\*\*\*

A medida que a colonização prosseguia, avançava a instituição. O Ceará, no entanto, por ser terra muito pobre, tardou mais a receber os benefícios desse importante progresso. É bem verdade que a nossa exploração foi iniciada so-

---

1 Rocha, Leducar de Assis. Efemérides médicas pernambucanas. P.17

mente a partir de 1603, quando Pernambuco já contava com mais de 70 anos de ativa e progressista colonização. Todo o litoral pernambucano já era bem conhecido e aproveitado na exploração agrícola, com grandes rendimentos para os proprietários de engenhos e plantadores de cana.

Os padres Luís Figueira e Francisco Pinto não puderam pensar em fundar aqui qualquer coisa parecida com uma Santa Casa. Não havia a mínima possibilidade disso, antes de um completo domínio da terra, ainda sob o senhorio dos legítimos donos, infensos a qualquer organização. Os doentes eram tratados por seus pajés, ciosos de suas habilitações, jamais confiando nos brancos. Esta dificuldade foi muito adiante, não conseguindo ultrapassá-la nem mesmo o padre Antônio Vieira, homem de grande energia e capacidade de realização. A pobreza da colônia era o maior óbice.

Em 1697, porém, mais organizadas as aldeias, mais alguns colonos brancos na comunidade e alguma coisa nos seus devidos lugares, tomou, o padre Assenço Gago, a iniciativa de promover esforços no sentido da fundação da nossa primeira Misericórdia, que seria um pouco diferente, em moldes dos hospícios dos jesuítas. A Carta Régia ao Capitão Geral de Pernambuco, Caetano de Melo e Castro, foi, por fim, publicada, mandando construir o ambicionado Hospício no Ceará, destinando El Rei às terras 6 mil cruzados em dinheiro, as cômguas necessárias a cada missionário, por seis anos, e demais benefícios para sustentação da Casa.

Hospício era o nome dado a uma casa dos inacianos que, além de abrigar os missionários, dava-lhes condições de curarem-se e de medicar, também, pessoas carentes de cuidados especiais. A própria Carta Régia de 8 de janeiro de 1697 define-o como "*lugar onde se recolhem para refazer do trabalho padecido na sua Missão ou para se curarem as doenças.*"<sup>2</sup> Essa nossa seria na Ibiapaba, então, a zona mais densamente povoada da Capitania, com dezenas de aldeias e milhares de índios, assistidos por meia dúzia de jesuítas.

A Serra Grande oferecia muitas vantagens ainda, pela fertilidade de suas terras, clima excelente e proximidade do Maranhão, foco de expressivo progresso no Norte do Brasil e com comunicação direta com Portugal. Pedro II atendeu, presto, a solicitação do missionário. Seria "*fonte irradiadora do pensamento cristão na zona Norte da Capitania.*"<sup>3</sup> Mas não foi tão rápida assim a instalação do Hospício. Em 1706, o padre Assenço Gago representava à Corte, por intermédio do Capitão-mor Governador do Ceará Grande, relatando as dificuldades e pedindo mais duas léguas de terra. A data da sesmaria foi concedida imediatamente, no poço Guiraquatiara.<sup>4</sup> Na demarcação houve litígio com os confinantes, os irmãos Miguel e Domingos Machado Freire. Era mais outro embaraço. O Desembargador Reymão deu ganho de causa a estes, baseando-se em lei anterior, que mandava dar apenas uma légua de terras às aldeias dos índios, desconhecendo que a magnanimidade Real desejava atender à instalação e manutenção do hospício, e

---

2 Barão de Studart - Datas e fatos, p. 102.

3 Studart, Carlos. A missão jesuítica na Ibiapaba. RIC 1945, p. 50

4 Martins, Vicente, Mons. O Hospício dos Jesuítas na Ibiapaba, RIC 1928, p. 161.

que este estabelecimento precisaria de maiores fontes de rendas para a sua sobrevivência.

O Desembargador considerava já uma légua quadrada, como "superabundante" para eles criarem currais para à sua sustentação e ornato da Capela". A Ordem Régia de março de 1721 mandava pôr em execução o Hospício do Ceará, que até aquela data não tinha ultrapassado os obstáculos apresentados. Desta vez, estabelecia mais vantagens do que a ordem inicial. Cinco anos passaram-se para que o Provedor Mor da Fazenda, em Pernambuco, fizesse executar o pagamento dos 6.000 cruzados, correspondente a 3 anos e mais os 40.000 de côngruas para cada missionário.

Agora, são de outra natureza os óbices. O Maranhão reclama a jurisdição sobre a Serra, alegando ser São Luís o ponto de saída dos Missionários para o Ceará e ter direitos territoriais e eclesiásticos sobre a Ibiapaba. Mais luta para os jesuitas, que com suas influências conseguem ultrapassar esta dificuldade. Mas, agora, os índios estão em guerra, rebelam-se e o novo Superior da Missão o Padre Guedes (ou Guinzel), alemão, desiste de continuar na Serra, deslocando-se para o Aquiraz, por ser, sem contestação, administrativamente ligada a Recife. E mais, por ser melhor protegida pela força militar, mais habitada e ter comunicações mais fáceis.

E assim, deixou de existir o Hospício da Ibiapaba. Em Aquiraz, porém, funcionou com todas as características da obra jesuítica: abrigava os padres, oferecia-lhes o repouso necessário e prestava socorros médicos aos índios e colonos.

É interessante contar o restante da história do Hospício da Serra Grande, isto é, do seu patrimônio, das terras e gados que os padres conseguiram para a manutenção da futura casa. Quando da arrecadação dos bens dos jesuitas, após a expulsão pombalina, o Governo português mandou que se fizesse o rol dessas propriedades e resolveu distribuí-los para outras mãos. Em Viçosa, o padre José Beviláqua ficou responsável por muitas terras e animais de criação. Ainda por determinação das mesmas autoridades e, certamente, atendendo a pedidos dos residentes na zona Norte da Capitania, destinaram, para um futuro Hospital em Viçosa, uma boa porção daqueles bens. Coube, com este fim,<sup>5</sup> uma lista enorme de terras e gado. Assim, três fazendas, perfazendo um total de 12 léguas de terras e mais os seguintes animais: 2.359 vacas, 1.050 bois, 149 éguas e poltros, 51 cavalos, 123 cabras e 607 chibatos, formando um apreciável patrimônio, que bem poderia ter sido o esteio econômico do intentado Hospital.

Em 1924, estas terras tiveram um destino que, de certa maneira, justificou a intenção dos mais antigos doadores. Serviram, vendidas por D. José Tupinambá da Frota, para as despesas de construção da Santa Casa de Sobral, que tantos benefícios tem prestado à população daquela progressista cidade e de todas as localidades sob sua influência.

**A Enfermaria do Forte.** Outro episódio da nossa história nosocomial foi o da Enfermaria que existiu junto ao Forte que deu o nome à capital. Construída pelo governador Antônio José Vitoriano Borges da Fonseca, em local impró-

5 Martins, Vicente, Mons. Op.cit, RIC 1929-30, p.119

prio e com o traçado do padre José Rodrigues, que orientou a construção, além de ser o doador do material nela empregado, desde o princípio ficou manifestada a inconveniência de tal obra. Formava um bloco com a Capela e os depósitos de viveres e de munições. Por aí se pode notar a falta de um planejamento, a visão de um engenheiro que conseguisse encontrar melhor localização para a importante construção.

Logo apareceram os embaraços. Não podia haver local mais inadequado. Todos os governadores que sucederam Borges da Fonseca teimaram em negar-lhe qualquer valia. Porém, algumas vezes, nos documentos oficiais, chamavam-lhe até de "Hospital Real do Forte de Nossa Senhora da Assunção" ou "Ospital Real do Presídio da Vila do Forte", como apelidou-o o cirurgião José Antônio de Almeida, ao passar um atestado. Montaury encontrou essa enfermaria, completamente desprevenida, informando em seu relatório que ali "*não há cousa alguma que é necessário para aquele efeito.*"<sup>6</sup> Faltavam até os próprios leitos para os doentes. Contudo, por ausência absoluta de outro lugar para onde mandar os soldados enfermos, continuou a funcionar, apesar da portaria baixada pelo Governador ao Provedor da Fazenda Real.<sup>7</sup>

É estranhável que, enquanto o Ceará não podia contar com um arremedo de Hospital, as autoridades cearenses continuassem a enviar o produto das multas aqui aplicadas para o Hospital dos Lázaros e para a Casa dos Expostos de Pernambuco. E era o que acontecia. Multas vultosas, como a que foi ameaçado de pagar o mestre de um barco no Aracati, Leonardo de Souza Azevedo, teriam este destino.<sup>8</sup>

No mesmo sentido, uma Ordem Régia de 1780, para o Provedor e mais irmãos da Santa Casa de Misericórdia de Olinda, foi publicada dando-lhes os dízimos das miunças das Capitânicas de Itamaracá, Rio Grande do Norte e Ceará. Justificava Sua Majestade com o seu desejo de concorrer com uma ajuda para custear as despesas com os tratamentos médicos dos soldados internados naquele nosocômio.<sup>9</sup> Era inconcebível tal comportamento, exatamente quando o Ceará mais precisava de uma melhoria para a sua única enfermaria, tendo também a obrigação de tratar soldados, familiares, índios e os colonos aqui residentes.

Pouco importavam as reclamações dos Senhores Governadores. Bernardo Manuel de Vasconcelos tinha as melhores intenções de fazer um governo progressista e dinâmico, à altura de suas possibilidades de conhecido administrador, probo e afeiçoado ao trabalho. Bateu também na tecla já tão aborrecida das reclamações sobre o Hospital do Forte. Oficiou ao Ministro da Marinha, a quem competiam as providências, observando que o nome dado àquelas sujas saletas no interior do Forte era, sem dúvida, "*uma incompetente denominação*". Os soldados enfermos estavam envoltos em trapos de baeta, como ele próprio verificara.<sup>10</sup>

6 Boletim do Instituto do Ceará. Julho de 1950, p.3

7 Barão de Studart. Azevedo Montaury e seu governo no Ceará. RIC 1891, p.12

8 Barão de Studart. Datas e Fatos

9 Id.Ib

10 Documento para a História do governo de Bernardo Manuel de Vasconcelos. RIC 1914, p.360

Um ano depois continuava a mesma situação, agravada, agora, pela falta de médico, o que impossibilitava até mesmo iniciar a aplicação da vacina anti-variólica, tão recomendada.

Na administração Barba Alardo não foi diferente. Logo no início do seu governo, comunicou ele a D. Fernando José de Portugal que o Hospital Militar, além de *"pobríssimo, está no centro dos quartéis da tropa, que, se vê assim sujeita a poder ser, num momento, atacada por moléstias contagiosas, que, infelizmente peguem no mesmo Hospital, ou na sobredita cadeia, e se comunique aos habitantes desta vila"*. E sugere que se construa, noutro lugar, *"sem as tristes circunstâncias referidas"*, um Hospital público que atenda aos reclamos da população.<sup>11</sup>

Daí por diante, não há notícias detalhadas dessa mísera enfermaria, que durante mais de 30 anos foi assunto para todos os Relatórios de governadores, e que a administração colonial teimava em não atender às reivindicações muito justas do clero, nobreza e povo. Continuou ela existindo, no entanto, até à remodelação do quartel.

**O Hospital de Jacarecanga e o Lazareto da Lagoa Funda.** Sabemos que, em 1814, Fortaleza contava com um Hospital em Jacarecanga, recebendo doentes portadores de varíola, que *"agora, de novo tinha se propagado o contágio por toda esta vila e seus arredores."*<sup>12</sup> Eram atendidos, nele, os pobres, de ambos os sexos, que dantes não tinham onde se tratar.

Com o início do comércio negreiro direto com a África, passou o referido Hospital a servir de Lazareto, onde era cumprida a quarentena *"da maneira que se pratica em todas as mais capitais para o fim de se evitar a moléstias que algumas vezes trazem os mesmos escravos"*. Com o aumento do número de clientes, foi acrescido de mais dois prédios, sendo um deles à beira mar, onde ficavam os negros recém-chegados. Os terrenos eram do Brigadeiro Xavier Torres e foram negociados pela Província, que utilizou os fundos dos chamados "cofres gerais", pelo preço de dois contos e quinhentos mil réis, embora o proprietário tenha pedido inicialmente 8 contos.

Em 1820 estava concluída a obra. Por diversas vezes foram abertos créditos para a ampliação do Lazareto, o que o tornou um edifício notável na cidade, conforme referem os jornais a partir de 1855. Para aumentar a capacidade de atendimento, foi construído, também em 1855, outro pavilhão, ficando o prédio com 112 palmos de frente por 142 de fundos.<sup>13</sup>

O governador Sampaio, iniciador dos trabalhos deste Hospital, recebeu do povo expressivo agradecimento pelo alcance da obra. Um dos encomiastas, na oração laudatória, disse: *"Observai e vêde os sentimentos de piedade e beneficência, a compaixão com que procura a nossa saúde, erigindo, nos subúrbios desta Capital, um Hospital que serviu ao mesmo tempo de azilo para a enfermidade de uns e de reparo à saúde e conservação de outros"*. Merecia Sampaio, de fato, o agradecimento de uma população que, há muitos anos, clamava pela providência

11 Coleção Studart. Governo interino. Administração Barba Alardo. Correspond. oficial. RIC 1915, p.271

12 Documentos relativos aos hospitais de Jacarecanga e Lagoa Funda. RIC 1897, p.113

13 Id.ibid., p.119

Esses Hospitais e Lazaretos eram algum avanço para a época; mas, bem examinados, verificamos, que não passavam de depósitos de doentes. Tudo lhes faltava. Não tinham recursos para o tratamento, nem o atendimento, mesmo ambulatorial. Nenhum médico, apenas alguns enfermeiros práticos algumas almas caridosas que amenizavam os sofrimentos dos internados.

**Hospitais no Interior.** Se era assim na capital, avalie-se no sertão. Aracati e Icó, duas localidades que rivalizavam com Fortaleza, e, mesmo, podia-se afirmar terem melhores condições econômicas que a Capital, não possuíam qualquer organização hospitalar. Tinham grande comércio, transações com Recife, dominavam as outras vilas interioranas, mas não conseguiam manter um médico sequer. Muitos anos correriam até que houvesse alguma iniciativa nesse sentido.

A primeira referência a uma instituição para nelas receber doentes é a que relata João Brígido em suas *Efemérides*. Registra ele, ali na data de 12 de dezembro de 1817, que o Ouvidor José Raimundo do Paço Porbém Barbosa promoveu a edificação de um Hospital de Caridade no Icó, que não chegou a ser concluído.<sup>14</sup> Foi, portanto, fracassado o intento do Ouvidor.

Nas atas da Câmara do Crato há referência a um Hospital localizado naquela cidade caririense. Mas o que está ali registrado é uma deliberação de se demolir o tal prédio, para empregar o material na construção da Capela do Rosário: o Governo, porém, não anuiu ao desejo da Câmara.<sup>15</sup>

**A Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza.** Durante 15 dias, em 1839, esteve em Fortaleza o Exmo. Revdo. Bispo de Olinda e Recife, D. João da Purificação Marques Perdigão. Era a quinta Visita Pastoral. Veio por terra, pelo interior da Paraíba. Saíra de Recife no dia 1º de maio, passando por Itabaiana, Campina Grande, Pau dos Ferros, Patos, Sousa, Pombal, naquela Província. A 3 de julho estava no Icó, a 19 no Riacho no Sangue e a 29 em Russas. Não visitou Aracati, deixou-o para a volta. No dia 5 de agosto dormiu em Cascavel, a 10 no Aquiraz e a 14 recebia a salva da Fortaleza, que festivamente homenageava o simpático e dinâmico Prelado. Aqui permaneceu até o dia 29.

Tomou muitas medidas administrativas, corrigiu diversos desvios no comportamento de alguns vigários, chamando-os para ajustes. Admoestou, repreendeu, aconselhou. Por fim, teve sua conversa com o já então turbulento padre Verdeixa. Confirmou a suspensão deste sacerdote e, no último dia de estada entre nós, por compaixão, permitiu que o "Canoa Doida" celebrasse missa, unicamente.

Na sua agenda, constava a fundação de uma Misericórdia. O presidente João Antonio de Miranda preparou uma lista de 87 pessoas gradas que deveriam ser convidadas por Sua Excelência. Eram as pessoas de maior destaque da pequena cidade e, para não provocar qualquer escândalo diante do Sr. Bispo, teve o cuidado de colocar na relação pessoas de ambas as correntes políticas, chimangos e carangueijos, isto é, liberais e conservadores.

---

14 Resumo cronológico, p.136

15 Atas da Câmara do Crato. RIC 1911, p.201

Todos sabiam que a reunião se destinava a formar a nova mesa da Santa Casa de Misericórdia.

Sua Excia. deve ter ficado muito triste em contar, na sessão, com menos da metade das pessoas que em seu próprio nome e do Presidente convidara empenhadamente. João Antônio não faltou, colaborando com gosto para que o ato atingisse as metas desejadas pela autoridade eclesiástica.

Aceitos os Estatutos, que eram os mesmos da Santa Casa de Angra dos Reis, foi feita a eleição para Provedor, que recaiu no Presidente. No dia seguinte, na Missa solene celebrada na Igreja do Rosário, então servindo de Matriz, foi realizado o juramento de praxe. Nessa ocasião, o Sr. Bispo ofereceu cinquenta mil réis de sua bolsa como contribuição inicial para a formação do patrimônio da novel instituição. Determinou, também, que cada irmão da Misericórdia contribuisse com uma libra de cera na mesma ocasião. Ainda mais triste deve ter ficado D. João, ao verificar que, naquele ato solene, apenas 29 dos 87 convidados apresentavam-se.<sup>16</sup> Era desanimador. Como era de esperar, não prosperou a iniciativa. Em breve foi mudado o Presidente, e morreu em seu nascedouro esta feliz lembrança do Bispo pernambucano.

Alguns anos passaram para que, novamente, fosse encetada a campanha, dessa vez com mais algum êxito do que a anterior.

Essa segunda fase da fundação da Santa Casa também não foi tão promissora. Algo pairava no ar que prometia outro insucesso. Dessa vez, porém, foi começada a construção do prédio. Mas, outra grande ideia tomava conta dos políticos e do povo em geral. Era a fundação do Liceu, que empolgava os cearenses na perspectiva de verem realizada a obra muito desejada, de poderem educar seus filhos aqui mesmo, na própria terra, sem necessidade de mandá-los para Bahia ou Pernambuco, como sempre tinha ocorrido. Valeria a pena adiar, mais uma vez, a obra da Santa Casa? Muitas dúvidas entre os responsáveis pela administração.

Parece que chegou a ficar decidido que o que já estava construído no Hospital, as duas futuras enfermarias, passaria a ser salas de aulas do Liceu. E a Santa Casa esperaria mais algum tempo. Seria o primeiro grande golpe contra uma realização positiva, para termos o nosso nosocômio. Argumentaram, os partidários do Liceu, que a Santa Casa estava abandonada, sem possibilidades de prosseguir, enquanto que, para o estabelecimento escolar, já havia verbas específicas votadas pela Assembleia, urgindo empregá-las antes que caissem em exercício findo.

Foi, porém, pela graça de alguns influentes amigos da Misericórdia, ultrapassada esta difícil fase da construção. Logo mais surgiria outra. A época era de intenso calor intelectual e a Biblioteca Pública, recém criada, estava também sem um pouso certo. Novamente vem à baila o aproveitamento das obras paradas da Santa Casa. Ali seria o lugar certo para a Biblioteca. Mais suspense no drama de nosso Hospital. Morais Sarmiento, agora o Presidente, manifestou-se contrário, mandando continuar a obra parada. Foi a salvação.

---

16 Itinerário da Quinta Visita Pastoral do Bispo de Olinda. RIHGB T. LV, parte 1ª. 1892, p.112

Foram empregados os 7 contos do restante da quantia destinada aos socorros públicos fornecidos à Província, para atender às aperturas da última calamidade. Terminado este crédito, longas discussões foram ouvidas na Casa do Povo para a liberação de choradas verbas. O empenho do presidente Inácio Correia de Vasconcelos valeu para que prosseguissem as obras. O engenheiro da Província, 1º Tenente Juvêncio Manuel Cabral de Menezes, foi o responsável pelos trabalhos iniciais, sendo mais tarde substituído pelo 2º Tenente Manuel Vicente de Oliveira.

O administrador foi o Sr. Manuel Aprígio de Sousa, com uma gratificação mensal de 30 mil réis. Só depois de instalada a Irmandade, pela Lei nº 928, de 16 de agosto de 1860, passou esta função a ser exercida pelos irmãos.

Uma comissão de homens probos e de reconhecidas qualidades de idoneidade e zelo pela causa pública já existia, formada pelos comendadores Antonio Teles de Menezes, João Batista de Castro e Silva e Joaquim Mendes da Cruz Guimarães. Os dois primeiros afastaram-se, por motivos particulares, sendo substituídos pelos senhores Francisco Emídio Soares da Câmara e Luis Vieira da Costa Delgado Perdigoão.

Em julho de 1851, em vista de o estado sanitário da capital ser bastante precário, a Comissão concordou em receber, nas duas enfermarias ainda por acabar, os doentes mais carentes de recursos. Logo ficaram lotadas. O Dr. Castro Carreira empenhava-se, também, para que funcionasse uma espécie de ambulatório para o atendimento aos que não pudessem ficar internados. Ele, como "médico da pobreza", se encarregaria desta assistência.

O prédio da Santa Casa, para as proporções da cidade, era muito vasto. Tinha 325 palmos de testada e 100 de fundos, com um grande pátio interno. As enfermarias maiores tinham 12,70m por 4,70 m, e as menores 9,90m por 6m. O total de leitos fora calculado na base de 1 para 200 habitantes. Ficando o Hospital com 80 leitos, como se pretendia, poderia atender a uma população bem maior do que a existente à época, na capital.

O boticário Ferreira, sempre lembrado para dinamizar todos os empreendimentos em dificuldade, foi também chamado para prestar sua colaboração. Deu-a prazerosamente, aplicando as verbas que lhe foram entregues para tal fim.

O edifício foi declarado concluído em 1857, mas nova intempérie se abateu sobre a sofrida casa hospitalar. Agora, foi a atitude do presidente Paes Barreto que, em ofício de 12 de janeiro daquele ano, manda colocar à disposição do Liceu, as salas e enfermarias da Santa Casa. A 9 de fevereiro começam as aulas, com um desvirtuamento completo dos verdadeiros destinos da obra.

O estabelecimento escolar vivia em sérias dificuldades de pouso. Saía, agora da Tesouraria Provincial, e ficaria na Praça dos Mártires até 1861, quando foi transferido para a casa de residência do Tenente Coronel Vitoriano Augusto Borges.<sup>17</sup>

Não faltou à Santa Casa o auxílio das loterias, expediente muito usado para ajudar as empresas em dificuldades. A Assembleia aprovou o plano e o Mi-

---

17 Bezerra, Antonio. Descrição da cidade de Fortaleza. RIC 1895, p.159

nistro do Império autorizou o funcionamento, sob a responsabilidade da Tesouraria Provincial. Conseguida a aprovação para formação do patrimônio, a irmandade depositou o produto de algumas subvenções nos cofres oficiais, recebendo um juro de 1% ao mês.

Em 1870 chegam do Rio as Irmãs de Caridade, contratadas pela Mesa Administrativa. A Superiora, Irmã Marie Choisoux, empenhou-se no melhoramento da ordem interna da Casa, dando um aspecto agradável às enfermarias e demais dependências.

O aumento das rendas veio pelas doações e, sobretudo, pela concessão da exploração do serviço mortuário da capital. Montado este Departamento, passou a ter possibilidades e melhorar o atendimento médico e ampliar as suas instalações. Em 1894 já podia abrigar 270 doentes, capacidade bem maior do que a inicialmente planejada, contando com a ajuda de 15 Filhas de São Vicente.

O primeiro médico para lá nomeado, em 1861, data da inauguração solene, foi o Dr. Joaquim Antonio Alves Ribeiro, mais tarde auxiliado por dois colegas de renome, os Drs. Meton de Alencar e João Moreira.

O Dr. Alves Ribeiro, homem de cultura e bastante comunicativo, formara-se em Harvard e era professor de Ciências naturais. No ano seguinte teve ele, juntamente com o Vice-provedor, a ideia de promover uma exposição nos salões do Hospital. Seria uma réplica da Exposição do Museu Nacional, realizada no Rio de Janeiro um ano antes. A 2 de dezembro de 1862, aniversário do Imperador, foram abertos os salões da Santa Casa com muita pompa e regozijo popular. A comemoração começou no Palácio do Governo, com uma recepção e um cortejo até o local da inauguração. No caminho, os Vivas ao Imperador, à Família Imperial, ao Presidente, aos deputados. Na frente do prédio, uma banda de música dava um ar de maior festividade ao momento. Na porta principal, uma comissão de Irmãs e suas famílias, o Provedor e pessoas gradas.

Na sala destinada à solenidade, já regurgitando de povo, tem a palavra o Vice-provedor, José Smith de Vasconcelos, grande benfeitor da Santa Casa. Expostos os objetivos, que eram, principalmente, angariar fundos para a melhoria dos serviços hospitalares, o presidente José Bento dá por instalada a mostra e convida os presentes a visitar os objetos expostos: quase tudo obras de artesanato, produtos locais da nossa incipiente indústria. Empolgado, o Presidente resolveu promover um baile de beneficência, que foi de um êxito retumbante. A recepção foi no Palácio, que nesta noite esteve engalanado como nunca. Rendeu a expressiva quantia de 1 conto e 800 mil réis, importância de vulto para a terra. Às danças foram até 2 horas da madrugada.

Até o dia 10, foi a distração do fortalezense essa Exposição. Coreto e música na Praça em frente e muita gente até a hora do "recolher", sinal dado pelo quartel próximo para que todos voltassem às suas casas.

A variedade de objetos expostos excedeu a expectativa. Foi um êxito total, que muito dignificou os seus idealizadores, o mordomo Antonio Borges e o Dr. Alves Ribeiro, sem falar do Vice-provedor Smith de Vasconcelos.

Continuou a Santa Casa sempre em progresso, apesar das constantes dificuldades. Entrou no novo século com o número de seus leitos aumentados e o corpo clínico acrescido de mais 8 ou 10 esculápios. As enfermarias de cirurgia, especialmente, foram remodeladas e preparadas para os progressos que apareciam dia a dia, trazidos pelos novos médicos que passavam a formar o seu quadro

Muitas iniciativas pioneiras no campo médico tiveram sua instalação na Santa Casa. Na década de 1920, surge o espetacular avanço do raio-X, como auxiliar de diagnóstico. Imediatamente, o Estado toma a iniciativa de mandar ao Rio um dos médicos mais destacados de Fortaleza, o Dr. Carlos Ribeiro, para realizar um curso sobre a nova arma, e que trouxesse novos conhecimentos para aplicá-los e ensiná-los aos demais profissionais. Um crédito de 12 contos foi aberto com esta finalidade. Volta o Dr. Carlos Ribeiro com sólidas informações, e em 1925 é instalado o primeiro gabinete de raio-X, montado pelo próprio radiologista cearense. Foi um acontecimento histórico, ressaltado por toda a imprensa e louvado pelo povo em geral.

Outros serviços foram sendo inaugurados quase a cada ano, passando o Hospital por uma reforma de maior vulto em 1940, quando foram montadas as instalações de lavanderia mecânica, fogões a vapor e serviço de esterilização.

O Hospital Psiquiátrico São Vicente de Paulo, integrante da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza, é outra obra que desafia qualquer administração. Fundado graças às benemerências do Visconde de Cauípe, em grande parte, desde 1886 presta serviços ao Ceará inteiro. Tem tido fases de grandes dificuldades, mas superando-se sempre, vive com sua capacidade de atendimento esgotada. Contou, por muitos anos, com a dedicação de Lauro Chaves, seu diretor.

Apesar das grandes dificuldades que têm sido a tônica na vida da nossa Misericórdia, os Provedores têm sabido dirigir com muita proficiência o pobre nosocômio. Haja vista a administração do provedor Miguel Santiago Gurgel do Amaral, que conseguiu dar uma nova feição aos serviços ali prestados a toda a população do Ceará, e até de estados vizinhos, apesar dos estorvos causados pela complexidade das relações da Santa Casa com os órgãos da Previdência Social.

Convém ressaltar o papel da Imprensa na ajuda que tem dado nas Campanhas em favor da Santa Casa. Em 1944, na memorável Campanha da Boa Vontade, não faltou a acolhida dos jornais de Fortaleza, que foi a causa do completo êxito obtido pelo esforço de todos os que se empenharam em conseguir melhoria do Hospital. Quando da inauguração da Enfermaria dos Tuberculosos, também houve completa cobertura das medidas que redundaram no feliz resultado.

Hoje, a Santa Casa pode se orgulhar de possuir magníficas enfermarias, salas de cirurgia, banco de sangue, laboratórios e diversos outros serviços auxiliares em pleno funcionamento. Precisa ainda, no entanto, de um verdadeiro reconhecimento de sua importância na solução dos problemas médicos do nosso estado.

**As Casas de Caridade do Padre Ibiapina.** Advogado, juiz e deputado da Corte foi o padre Ibiapina, antes de se tornar missionário por vocação. Desiludido das cousas do mundo, resolveu abandonar tudo, entregando-se, de corpo e alma, ao trabalho de pregação no interior do Nordeste. Quando se resolveu a mudar, inteiramente, o rumo de sua vida, o Sr. Bispo de Olinda, D. João da Purificação, não teve dificuldades em aceitá-lo para o sacerdócio, pois conhecia muito bem a sua vida ilibada, de católico praticante e homem de bem. Ordenou-se poucos dias depois de manifestar este desejo a um seu conterrâneo que tivera a coragem de interroga-lo a respeito. Era o único desafio que faltava para a decisão mais acertada.

Nunca se arrependeu do passo. Pelos seus dotes de inteligência e cultura, foi, de início, destinado para professor do Seminário de Olinda. Pouco depois, entregou-se ao seu apostolado sertanejo. Condoído da miséria do povo do interior do Nordeste, notando suas necessidades mais prementes, sua saúde precária e desprotegida, achou por bem patrocinar a campanha das Casas de Caridade, misto de abrigo, asilo e casa de saúde. Sem quase nenhum recurso, só contando com as suas palavras de convencimento e a ajuda de Deus, pôde fazer uma obra notável, oferecendo a este povo imenso, que habitava vilas e cidades do *hinterland*, uma rede hospitalar efêmera, porém muito útil e indispensável.

A época era de miséria e epidemias de cólera e varíola, matando milhares de pessoas que sucumbiam sem qualquer socorro médico ou hospitalar. Utilizando a mão de obra do próprio povo, construiu mais de uma dezena dessas casas, entregando-as aos cuidados de freiras da congregação por ele fundada para este fim.

Vindo ao Ceará no começo de suas peregrinações, construiu as casas de caridade de Sobral, Santana, Missão Velha, Crato, algumas, sendo semente de outras mais prósperas e aperfeiçoadas que até hoje existem.

Em cada uma das Casas de Caridade fez ele uma ou duas enfermarias para tratamento daqueles carentes de socorros especiais. As enfermeiras eram as próprias irmãs, que solicitamente atendiam os seus desvelados pobres.

Fora estas enfermarias do Padre Ibiapina, no interior apenas surgiram pequenos abrigos, em adaptações de casas residenciais, nas ocasiões de epidemias. Aracati, Crato, Sobral, Maranguape, tiveram esses recursos, que o povo chamava de Hospital. O do Crato, um pouco maior e com melhores instalações, no Barro Vermelho, teve a sua pedra fundamental lançada no dia 19 de março de 1897, pelo Bispo do Ceará, D. Joaquim José Vieira. Antes deste, o médico Marcos Rodrigues Madeira tinha tentado construir um Hospital, em 1882. Não obteve sucesso, porém, por falta de interesse da comunidade.

Para a instalação da Santa Casa de Sobral, em 1924, D. José Tupinambá, utilizando o dinheiro apurado com a venda dos terrenos deixados pelos jesuítas, pôde trazer do Rio farto material destinado àquela obra. A inauguração se deu a 24 de maio de 1925 e até hoje vem ela prestando inestimáveis serviços à comunidade.

**Leprosário de Canafístula.** Era uma das obras mais desejadas pela classe médica cearense, um local onde fossem abrigados os hansenianos da capital e do interior. Algumas pessoas foram sensibilizadas, especialmente o capitalista Antonio Diogo de Siqueira, que logo aderiu à ideia, comprometendo-se a ajudá-la. Na busca de um local adequado, foi lembrado o grande próprio nacional de Canafístula, onde funcionara a Colônia Cristina.

Grande desilusão tiveram os promotores da campanha quando viram, pelas colunas de *O Correio do Ceará*, a entrevista do presidente Moreira da Rocha declarando a impossibilidade de o estado arcar com as despesas de instalação do nosocômio. Diante disso, partiram para outros caminhos, incentivando o mais a iniciativa particular. Uma comissão formada pelo mui simpaticizado e virtuoso Monsenhor Tabosa, os Drs. Amaral Machado, Moraes Correia e o Coronel Antonio Diogo, passou a apelar à generosidade dos cearenses em benefício do Leprosário. A propaganda pelos jornais e as visitas domiciliares foram intensificadas, e em pouco tempo já havia recursos suficientes para a instalação.

A primeiro de agosto de 1928 houve a solene bênção do prédio onde passariam a residir os portadores da doença. Um trem especial levou àquela estação da Estrada de Ferro de Baturité uma comitiva de pessoas das mais importantes da política e da administração, comércio e indústria. No dia 9, em trem especial, seguiram os hansenianos.

A manutenção dessa casa foi sempre muito difícil. As rendas próprias da exploração agrícola da propriedade jamais chegaram para o custeio das grandes despesas com medicamentos e alimentação. Meses depois de inaugurado, já clamavam os seus moradores por melhores condições de vida. A solução eram as campanhas beneficentes, que nunca faltaram, até a desativação da colônia pelo surgimento das modernas drogas que possibilitaram a cura de tão temível enfermidade.

Em 1951, a 26 de janeiro, ocorreu a primeira alta em massa de hanseanios. Uma solenidade marcou a grande data, com o comparecimento de autoridades médicas e leigas para comemorar o início de nova era no tratamento do mal de Hansen, e, também, de uma vida nova para aqueles 18 indivíduos que tiveram o privilégio deste benefício do progresso terapêutico. Infelizmente, os tabus não deixaram de prevalecer e muitos desses curados tiveram dificuldades em ser novamente aceitos pelas comunidades, e até mesmo pela própria família.

**As Casas de Saúde.** A primeira instituição para atendimento médico com enfermarias, ambulatórios e salas de cirurgia, e quartos privativos, inaugurada em Fortaleza, foi a Casa de Saúde São Lucas, por iniciativa do Dr. Abdenago Rocha Lima e integrante do Instituto de Proteção e Assistência à Infância. Em amplo e moderno prédio, na Rua Tristão Gonçalves, esquina da Praça da Alagoinha, conseguiu, dentro de pouco tempo, vencer as resistências de uma população ainda mal informada a respeito de internamento hospitalar. Até então, o doente permanecia em casa por qualquer acometimento de saúde, até mesmo com doenças contagiosas e caso de certas cirurgias.

Arrendada a um grupo de médicos, tendo à frente o Dr. Hélio Gois Ferreira, serviu bem a comunidade até ser integrada na Casa de Saúde César Cals, hoje departamento da FUSEC, uma autarquia estadual.

Data de 1928 a fundação da Casa de Saúde Dr. César Cals, uma brihante iniciativa deste respeitável colega. A capital necessitava, de fato, de um estabelecimento à altura de seu progresso. Veio, para atender esta contingência. Em amplas instalações, na Rua do Imperador, no dia 31 de outubro daquele ano, D. Manuel da Silva Gomes benzia as instalações. Progredindo sempre, tornando-se melhor estabelecimento no gênero, por muitos anos permaneceu como a Casa de Saúde modelar, onde os melhores médicos atendiam aos seus clientes da Clínica médica e cirúrgica. Ultimamente, passou à propriedade do estado com a fundação da FUSEC, que a administra.

A Maternidade Dr. João Moreira foi um Departamento da Santa Casa desde a sua fundação, em 1915, pelo Dr. Manuelito Moreira.<sup>18</sup> O novo prédio, após o desligamento, foi inaugurado em 1929, a 19 de março. Com grande movimento de parturientes pobres, teve na sua direção os Drs. José Frota e César Cals, que muito contribuíram para o seu progresso. Aumentando ano a ano os seus atendimentos, já se contavam em mais de 2 mil os partos ali realizados. Hoje, ainda atendendo grande parte da população pobre da Capital e do interior, presta inestimáveis serviços no setor obstétrico.

Muitas outras casas de saúde foram surgindo, dentre elas, a Casa de Saúde São Gerardo, no Alagadiço, sob a direção dos Drs. Jurandir Picanço e Vandick Pontes, e com o atendimento especializado em psiquiatria. Esta, é de 1935.

A Casa de Saúde São Raimundo foi inaugurada em seguida, na Praça Castro Carreira, sob a direção dos Drs. Otoni Soares e Juvenil Hotêncio. Só muitos anos depois passou à atual localização, na Avenida Barão de Studart,

De iniciativa pública, tivemos a Enfermaria da Polícia Estadual e o Hospital de Pronto Socorro. Este último serviço, muito desejado pela população da cidade, que não tinha nada que pudesse atendê-la, num chamado de urgência, teve começo na Santa Casa, com três médicos apenas, e uma ambulância. Foi instalado em 1932, a 22 de agosto, contando com a dedicação dos Drs. José Deusdedith Vasconcelos, Jurandir Picanço e Lineu Jucá. O interventor Carneiro de Mendonça muito se empenhou para que este serviço se instalasse. A Diretoria de Higiene, por ordem dele, ajustou com a Santa Casa as *démarches* em tal sentido. A Pedra Fundamental do novo edifício foi assentada no dia 12 de setembro de 1937, quando dirigia o serviço o Dr. João Estanislau Façanha.

O Dr. José Frota, durante os anos que chefiou o Pronto Socorro, conseguiu dinamizar os serviços, dando melhores instalações às enfermarias e gabinetes de raio-X e Traumatologia. O Prefeito Paulo Cabral, como também o Dr. Raimundo Araripe, sempre voltaram atenções especiais a este setor administrativo. Continua hoje a prestar relevantes serviços à população. Desdobrado em alguns Pronto Socorros nos bairros, e com o nome de Instituto Dr. José Frota, é um órgão de assistência que honra a nossa terra.

---

18 Efemérides Cearenses. RIC 1916

Ainda no setor público, contamos com os grandes hospitais da Previdência Social, o Hospital Geral, o Hospital de Messejana, o da Polícia Militar e o Hospital do Exército.

No âmbito particular, tivemos, para atendimento especializado de doenças pulmonares, o Sanatório de Messejana, ideia dos Drs. João Otávio Lobo e Lineu Jucá. O local escolhido, em Cajazeiras, deve-se ao excelente clima ali verificado durante todo o ano. Foi inaugurado em 1934. Até então, os portadores de tuberculose procuravam os climas serranos de Guaramiranga ou da Serra do Estevão para o restabelecimento de suas saúdes. Com o Sanatório instalado, passaram a procurá-lo pacientes de quase todo o Norte do Brasil. Vendido ao Instituto Nacional da Previdência Social, isto é, ao ex-IAPB, foi transformado na grande unidade torácica e cardiológica que é hoje orgulho para todos nós, médicos cearenses, que estamos vendo o progresso daquele Hospital, especialmente a sua modelar administração, nas mãos do Dr. Carlos Alberto Studart Gomes, desde sua fundação como entidade autárquica.

O Hospital de Maracanaú foi iniciativa que teve seu começo em 1946, e ocupou grande lacuna na assistência hospitalar aos portadores de tuberculose sem recursos para um tratamento eficiente. Inaugurado pela Campanha Nacional contra a Tuberculose, graças ao grande empenho do seu diretor, Dr. Aldo Vilas Boas, teve como primeiro diretor o Dr. Gilmário Mourão Teixeira.

A iniciativa particular tomou grande impulso, nas instalações de novas unidades hospitalares, depois dos convênios com o ex-INPS, que possibilitaram meios suficientes para a manutenção desse caríssimo ramo da assistência à comunidade. Fortaleza conta hoje com uma rede bem vasta de pequenas e grandes Casas de Saúde e Hospitais, ambulatórios e consultórios para quase todas as especialidades. Muitos deles estão preparados para quaisquer atendimentos médico-hospitalares, possuindo todos os recursos do moderno arsenal técnico laboratorial.

A partir de 1948, muitas unidades hospitalares foram inauguradas no interior. Algumas delas tiveram verbas públicas, mas a maioria, de propriedade articular, ou de associações comunitárias que, uma vez começada a obra, conseguiam subvenções de deputados para o prosseguimento, até o funcionamento. Como a manutenção dessas pequenas unidades sempre é muito mais difícil do que sua própria construção, algumas delas pararam, por dificuldades financeiras. Presentemente, quase todas as maiores cidades interioranas contam com pequenos hospitais, onde os seus médicos praticam uma medicina condizente com os avanços da época. Nem tudo podem fazer, é claro, mas à vista do que ocorreu para trás, não deixa de ser um grande progresso, significando segurança para a população e economia para o Município onde se situam.

## 15 A FACULDADE DE MEDICINA

Há 30 anos, uma verdadeira revolução teve início em Fortaleza. Nascia, naquele ano de 1948, um estabelecimento de ensino superior que transformaria completamente o panorama local. Era a Faculdade de Medicina que passava a funcionar, depois de quase dois anos de preparação e dedicação de seus idealizadores. Na realidade, este apresto deveria contar até dois lustros, porquanto muitos dos primeiros entusiastas já acalentavam a ideia do empreendimento, desde mesmo que passaram a verificar a necessidade de uma Escola Médica no Ceará. Não era só fundar uma Faculdade de Medicina; dominou-lhes a mente, formar médicos de acordo com os métodos modernos, provocar um renascimento dentro da profissão, aqui e alhures.

Era evidente que o nosso estado já dispunha das condições mínimas para a instalação do Curso. Estava clara também a imensa soma de benefícios que traria a futura Faculdade, tanto pelo aproveitamento das melhores vocações como pela possibilidade oferecida às famílias de menores possibilidades econômicas de educar os seus filhos na própria terra de residência.

Outra dificuldade, facilmente superada, era a formação de um corpo docente. Entre os inúmeros médicos aqui fixados, muitos possuíam verdadeira vocação para o magistério. Alguns já ensinavam em estabelecimentos secundários, complementares e superiores, e se encontravam devidamente tarimbados para o exercício. Outros não tinham tido ainda estas oportunidades, mas estavam aptos ao magistério pela grande bagagem intelectual já acumulada no correr dos anos, na dedicação à profissão.

Dentre estes, havia ainda os que encontravam no ensejo condição favorável a revelar os seus pendores, ou a exercitar a prática de alguns aspectos da Medicina até então de difícil realização entre nós; eram os pesquisadores, os intelectual e vocacionalmente aptos para a experiência, as sondagens clínicas, laboratoriais e biológicas. Naqueles em que essas tendências se aliavam às qualidades de boa comunicabilidade, nada mais faltava para ser um Professor. E muitos se encontravam neste ponto.

Até então, alguns médicos que agora iriam fazer parte do quadro docente da Faculdade já ensaiavam nas lides do magistério, ou dele eram integrantes, nas Escolas superiores de Farmácia, Odontologia, Direito, bem como nas de nível médio, de Enfermagem, nutrição e nos cursos pré-universitários. De sorte que, bem conhecedores dos problemas educacionais, não lhes seria dificultosa a fase inicial de ajuste do importante empreendimento.

A ideia primeira da fundação de uma Faculdade de Medicina no Ceará deve ter partido daquela passagem do professor Antônio Austregésilo por Fortaleza, e do seu encontro com o Dr. Jurandir Picanço, seu ex-aluno. O aureolado catedrático da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro deixou no ar a possibilidade de nossa cidade já ter condições de caminhar para a instalação de um curso médico. O desafio estava feito, carecia, apenas, amadurecer, e não faltou, daí por diante, o estímulo do Prof. Austregésilo nos frequentes contatos com o seu amigo e ex-discípulo.

Na preparação e realização do I Congresso Brasileiro de Médicos Católicos, que foi magnificamente realizado em Fortaleza em julho de 1946, houve maiores trocas de opiniões sobre a possibilidade de tal empreendimento. Parecia ser oportunidade de iniciar o movimento, uma vez que a classe, com o desenvolver do Congresso, poderia aproveitar o entusiasmo e fixar as diretrizes da futura Escola.

A reunião do grupo que deliberou tratar seriamente do assunto, presidida pelo Dr. César Cals e secretariada pelo Dr. Haroldo Juaçaba, foi realizada, e dela saiu aprovada a ideia da fundação da "Sociedade Promotora da Faculdade de Medicina do Ceará". Eleita uma diretoria, coube a Presidência de honra ao Dr. César Cals e a Presidência executiva ao Dr. Jurandir Picanço.

Providenciadas as comunicações às autoridades, o governador Faustino Albuquerque aderiu com muita simpatia à ideia dos médicos cearenses, dando-lhes todo o apoio material, consubstanciado em ajuda financeira que seria proposta à Assembleia, na época oportuna, e que de fato se concretizou na fase de instalação.

O Dr. Jurandir viajou ao Rio, centro nacional das deliberações importantes, entrando em contato com todos os representantes cearenses no Congresso, com os quais visitou o Presidente da República, o General Eurico Gaspar Dutra, de quem recebeu apoio decisivo e encorajador.

Dirigia a repartição do Ensino Superior do Ministério da Educação o Dr. Jurandir Lodi, que se transformou no padrinho da futura Faculdade. Com esta acolhida prestimosa e espontânea, podiam pensar, os promotores, na breve realização do intento. De fato, chegado o Dr. Jurandir em Fortaleza, foi deliberado transformar a Sociedade criada anteriormente em outra entidade, já com fins bem especificados.

Este novo órgão foi o Instituto de Ensino Médico. Com características jurídicas bem definidas, pôde prosseguir, daí por diante, as *démarches* mais importantes. O Dr. César Cals permanecia na Presidência de Honra e o Dr. Jurandir Picanço na Presidência Executiva. Os demais membros da Diretoria, eram: Vice-Presidente, Dr. João Otávio Lobo; 1º. Secretário, Dr. Antonio Jorge de Queiroz Jucá; 2º. Secretário, Dr. Haroldo Gondim Juaçaba; Tesoureiro, Dr. Eliezer Studart da Fonseca; Diretores: João Batista Saraiva Leão, José Ossian de Aguiar, Paulo de Melo Machado e Walter de Moura Cantídio.

O Professor Martins Filho colaborou na elaboração dos Estatutos, que a 28 de julho de 1947, aprovados, foram publicados no Diário Oficial.

Chegou a vez de procurar a ajuda do povo cearense. Comércio e indústria não faltaram ao chamamento. Particulares, grande e pequenas firmas, assinaram as listas de adesões oferecendo quantias expressivas para atender às grandes despesas que iriam começar pelas exigências da próxima instalação da Faculdade.

Uma Comissão nomeada pelo desembargador Faustino de Albuquerque, composta pelos Drs. Francisco Pessoa de Araújo, Dolor Barreira e Jurandir Picanço, conseguiu tornar realidade a maneira de ajuda do Governo do Estado, pelas subvenções e auxílios de outra natureza. A Assembleia Esta-

dual, também motivada, aprovou um crédito anual, por uma subvenção de 240.000 cruzeiros. No orçamento da União, o deputado Paulo Sarasate incluiu 500.000 cruzeiros como contribuição do Governo Federal. Os médicos que integravam o Instituto contribuíram com 10.000 cruzeiros cada. Assim, já se podia contar com cabedal apreciável, que dava maiores e melhores garantias materiais de prosseguimento da obra.

Ainda mais uma vez, o Governo do Estado vem em socorro do Instituto, oferecendo o prédio do Grupo Escolar José de Alencar para sede da Faculdade de Medicina.

Concedida a autorização do Governo Federal, pelo Presidente da República, a 13 de abril de 1948 foi aberta a inscrição para o primeiro vestibular.

Foi um fato memorável este primeiro concurso de habilitação. Durante 9 dias, os Drs. Code y Sandoval, Aluísio Pinheiro, João Ramos Pereira da Costa, Paulino Pinto de Barros, Fernando Leite, José Fernandes e Ocelo Pinheiro examinaram, criteriosamente, os 85 candidatos às 60 vagas abertas para o primeiro ano. Apenas 10 foram classificados! Firmava-se o conceito da nascente Faculdade, que demonstrava pairar acima de interesses outros, menos nobres.

A primeira aula foi a 12 de maio, exatamente há 30 anos. Para esta significativa solenidade, foi convidado o professor Alfredo Montenegro, Diretor da Faculdade Nacional de Medicina e representante do Magnífico Reitor da Universidade do Brasil, para proferir a aula inaugural. O tema escolhido foi "O Progresso da Cirurgia", especialmente depois dos estrondosos avanços alcançados durante a II Guerra Mundial. No dia 14, as atividades normais tiveram início, no 1º ano, com as aulas dos professores Saraiva Leão e Josa Magalhães, de Anatomia e Histologia, respectivamente.

O processo para o reconhecimento oficial da Faculdade continuava correndo os trâmites legais. Na mão do professor Cesário de Andrade, após estudo das condições e meios de manutenção, em dezembro de 1950 recebe o parecer favorável, que logo mais é publicado no Diário Oficial da União.

Passam-se mais 3 anos, e a 26 de dezembro de 1953 concluiu o curso médico a primeira turma, composta de apenas doutorandos, paraninfados pelo professor Jurandir Picanço. Foi dia de grande festa para todos os que viam laureados os seus esforços, de alguns anos de muitos sacrifícios e boa vontade. À noite, no Náutico Atlético Cearense, realizou-se a colação de grau e as comemorações em seguida.

O júbilo e contentamento de formandos, familiares, de professores e alunos, foi incontido diante das palavras do prof. Jurandir.

Até então, o treinamento prático dos estudantes se dava, quase exclusivamente, no Hospital da Santa Casa de Misericórdia, mediante convênio. Como nos Estatutos da Faculdade constava a fundação de um Hospital Escola, foi desde logo lembrado o aproveitamento do Hospital Carneiro de Mendonça, que estava com sua construção interrompida. Com a ajuda do Departamento Nacional de Saúde e mais 3 milhões de cruzeiros de subvenções conseguidas pelo deputado Paulo Sarasate, foi encetada a obra de

conclusão e adaptação daquele Hospital, possibilitando o término da obra outras ajudas financeiras governamentais e de particulares.

Com isso, deu-se também a transferência da Faculdade para o mesmo prédio do Hospital Escola, em Porangabuçu, em 1957. Este nosocômio tem continuado prosperando sempre, atendendo hoje, em convênio com o INAMPS e FUNRURAL, uma grande parcela de doentes do interior e dos arredores da Capital que o procuram para tratamento de saúde e orientação sanitária e preventiva. Na última reforma, tomou o nome de um dos fundadores da Faculdade e seu ex-diretor, o ex-reitor Walter de Moura Cantídio.

Fernando Pinto foi outro cearense radicado fora de seu estado natal que não esqueceu a grande iniciativa. Constituída a Fundação Júlio Pinto, muito tem participado do progresso da instituição de ensino médico, quer com ajudas substanciais, quer no atendimento a bolsas de estudos para os recém-formados, para aperfeiçoamento em centros mais adiantados.

Faltava ainda um outro grande passo, e esse foi dado em 1954: a federalização, que se completou a 24 de abril daquele ano, com a assinatura da escritura de transferência do patrimônio do Instituto de Ensino Médico para a Universidade Federal do Ceará. Foi um ato de magna importância, porque veio trazer a certeza da perenidade da obra iniciada 8 anos antes. O professor Antônio Martins Filho, Reitor, foi ao encontro dos propósitos dos professores que fizeram a Faculdade, contribuindo, dessa maneira, para que o antigo Instituto, precursor de todas essas vitórias, atingisse plenamente mais uma das metas basilares a que se propunha quando da sua instalação.

Integrada à Universidade, a Faculdade de Medicina foi sempre olhada com compreensão, nunca tendo faltado o apoio do Magnífico Reitor Martins Filho. Enquanto durou o seu mandato, que se estendeu por 12 anos, manteve um clima de perfeita consonância com os interesses maiores do estabelecimento.

Em Porangabussú, após as remodelações e acréscimos nos prédios do Instituto Evandro Chagas e a construção de outros pavilhões destinados à Cirurgia, instalou-se definitivamente a Faculdade, ficando próximo aos terrenos onde seriam levantados, mais tarde, o Hospital Infantil e a Maternidade Escola Assis Chateaubriand. O primeiro, construído graças à generosidade da Fundação Korvette, que por diligência de D. Olga Barroso, então Presidente da Comissão Estadual da Legião Brasileira de Assistência - LBA, conseguiu as verbas suficientes para sua construção; o segundo, resultado de uma campanha de largo alcance dos Rádios e Diários Associados, na época dirigidos, em Fortaleza, pelo senador João Calmon.

Outros grandes progressos materiais se acresceram aos já até então realizados. Em cada administração, novas construções, novas ampliações, mostrando o desenvolvimento e dinamismo da Faculdade. Assim, as gestões de João Batista Saraiva Leão, Jurandir Picanço, Aluísio Pinheiro, Waldemar Alcântara, Newton Gonçalves, Ocelo Pinheiro, Ossian de Aguiar, Walder Sá, Walter Cantídio, e nas interinidades de alguns outros professores, nunca deixou de avançar algo no sentido de um aperfeiçoamento e de uma melhoria de instalações, ou de reformas curriculares.

Ultimamente, com a Reforma Universitária, perdeu, infelizmente, o nome tradicional, para se tornar um Curso de um Centro de Ciências da Saúde, compartilhando administrativamente da gestão de um Diretor comum aos cursos de Farmácia, Odontologia e Medicina. Neste ano de 1978, o professor Geraldo Wilson da Silveira Gonçalves, auxiliado pelo Vice-Diretor prof. José Dilson Vasconcelos Menezes, regem os destinos do Centro, ajudados pelo Coordenador do Curso Médico, o prof. José Carlos Ribeiro.

Algumas melhorias, tais como instalações e equipamentos, têm sido postas em funcionamento, realizando os objetivos dos Departamentos.

É pena que a reforma mais recente, acabando com o tradicional currículo seriado, tenha trazido uma terrível balbúrdia no andamento dos programas, e, até mesmo, no relacionamento entre professores e alunos. O atual sistema de disciplinas semestrais e, especialmente, as ofertas de outras não obrigatórias, tem motivado uma dispersão entre os próprios discentes. Estes já não mais se conhecem nem se relacionam com os professores, desaparecendo, pouco a pouco, o espírito de confraternização, de amizade e de coleguismo que era apanágio da vida acadêmica.

A preocupação do estudante universitário dos últimos tempos tem sido, unicamente, completar os créditos que fica devendo às disciplinas ao se matricular nelas. Na pressa de pagar esta dívida, esquece de estudar, que é o principal motivo de sua presença ali. A aprendizagem está seriamente comprometida a continuar a prática de tão nocivo sistema. O ensino teórico ainda se sobrepõe ao experimental, e somente no internato o estudante toma consciência do sentido do verdadeiro tirocínio. Mas, quase sempre, é tarde demais.

Parece-me que o diplomado de anos anteriores à reforma conseguia o mínimo desejável de conhecimentos prático-experimentais, o que está sendo prejudicado hoje, pela pressa, pela ansia, pela disputa mesmo, das disciplinas que lhes ofereçam o maior número de créditos, sem a preocupação da ordenação deste aprendizado. É pena, e urge uma tomada de consciência pelas autoridades responsáveis pelo ensino superior em nosso País.

Chegamos a uma posição que nos habilita a olharmos sempre para a frente, para outros objetivos, dos quais possam depender o nosso futuro. Resta muito, é bem verdade, mas essas transformações são feitas devagar, sempre, muitas vezes sem nos apercebemos da sua marcha.

A Faculdade que começou, tão modestamente, na Praça José de Alencar, em um prédio de Grupo Escolar, e que alcançou o estágio atual, bem pode esperar do futuro, porque os homens que a fizeram continuam velando pelo seu progresso, esforçando-se pelo maior êxito da instituição, munidos ainda da mesma ambição e energia que os levou, um dia, a pensar em cousa muito mais difícil, que foi começá-la.

## 16 O CENTRO MÉDICO

Fortaleza crescia, tornando-se centro de atração de uma vasta região nordestina. Dos estados vizinhos e de todo o interior cearese acorriam famílias e indivíduos que para a capital se transferiam, buscando melhores condições de vida, de educação dos filhos e de trabalho. Problemas de clima e de solo influenciaram também o êxodo ao litoral infenso à seca. A proximidade do centro das decisões importantes das cúpulas políticas, dos melhores meios de atendimento médico e hospitalar, a procura de uma vida mais informada, mais cômoda e mais segura, não há dúvida, tiveram papel preponderante nas razões que motivaram essa troca de domicílio de tantos cearenses e nordestinos em geral.

O progresso populacional caminha ao lado das conquistas do conforto e do bem-estar. Com o aumento do número de seus habitantes, Fortaleza ia procurando atendê-los melhor nas exigências materiais e espirituais de uma convivência mais humana.

As estatísticas mais fidedignas mostram que no ano de 1872, quando se fez o recenseamento, a capital contava com 42.500 habitantes, número que caiu para 40.900 em 1890, como consequência da mortandade tremenda na seca e da epidemia de 1877/78. Em 1890, recuperando-se do grande desastre, já contava com 48.400, para, em 1920, somarem os fortalezenses 78.500 almas.<sup>1</sup>

Iremos nos reportar a uma época anterior à última data, a 1913, quando essa população seria, aproximadamente, de 55.000 habitantes.

Um ano antes, um grande progresso se manifestava com o lançamento da pedra fundamental da usina de geração de energia elétrica para alimentar a rede que daria tração aos bondes, que substituiriam os veículos puxados por burros. O Theatro José de Alencar engalanava-se frequentemente para a apresentação de peças clássicas por Companhias nacionais e estrangeiras, que, de passagem para Manaus, o "Eldorado" brasileiro, aproveitavam a demora do navio no porto, ou mesmo, vinham especialmente para divertir o povo da pequena capital. O maior sucesso tinha sido *A Fidalga de Paris*, de Alexandre Dumas, recentemente levada à cena. A beleza do cenário, a galanteria dos artistas principais, o desempenho magistral desse ou daquele personagem, eram assuntos para todas as rodinhas de calçada nas noites da cidade, ainda sem luz elétrica, calma e pachorrenta.

Diversos jornais, de pequena e grande circulação, estampavam as novidades do noticiário local, nacional e dos recantos mais distantes. Dominava, porém, a política, isto é, as posições, as atitudes e atividades desse ou daquele deputado, coronel ou chefe regional dos partidos, os ardis e astúcias dos mais hábeis condutores de opiniões, das disputas dos cargos e do proselitismo partidário.

Prosseguiram os trabalhos das estradas de ferro de Baturité e de Sobral, avançando com os seus trilhos, ligando mais e mais as vilas, cidades, po-

---

1 Governo do Estado do Ceará – As migrações para Fortaleza, p.22.

voações e novos lugares à capital. Os engenheiros das firmas empreiteiras, com bons ordenados, nos seus fins de semana ou em férias gastavam à larga nos modestos restaurantes, chamando atenção para as roupas extravagantes e manifestações de estroinice, esbanjando, malbaratando nas quermesses, nos bares, festejos e leilões beneficentes. O comércio progredia com os lucros das concorrências públicas vultosas.

Mandava no Ceará o Tenente Coronel Dr. Marcos Franco Rabelo, depois de uma interinidade do Coronel Antônio Frederico de Carvalho Mota que, por sua vez, substituíra o Dr. Nogueira Accioly.

Brigava-se na Assembleia pela contagem de votos, pelas perseguições, pelo manejo dos cordéis partidários, pelos achincalhes e humilhações aos inimigos do momento. Depois confraternizavam.

Progrediam as Conferências Vicentinas sob o comando do Barão de Studart. Novas Capelas e Igrejas inauguradas, outras, projetadas, vida religiosa ativa. Fortaleza desfrutava o seu primeiro grande depósito de querosene, o combustível indispensável na vida provinciana. Servia para tudo, até para remédio.

Para atender a esta população que já se movimentava nas ruas, que sonhava em breve ter o seu cinema, com a luz elétrica e água encanada nos domicílios, com tudo o mais que *O Malho*, *Ilustração Brasileira* e *Fon-fon* divulgavam dos benefícios da civilização no Rio e São Paulo, estavam a postos, em seus consultórios junto às Farmácias, pouco mais de 30 médicos. Muitos deles encarnavam aquela figura que Pedro Sampaio magistralmente pintou em seu artigo "A Medicina no Ceará"<sup>1</sup> : "*revistiam-se os seus corifeus de um caráter hierático, faziam-se dogmáticos, alcandorando-se em um plano de eleitos, capazes de desvendar os segredos e mistérios*". Impunha-se o médico à Sociedade, pela severidade de sua indumentária cuidada e solene, e, também, pela discrição no falar, moderação do gesto, circunspecção da fisionomia.

E continua o nosso estimado colega falecido, comparando o médico daqueles tempos com os coetâneos, isto é, os da época em que escrevia, há 40 anos. Observava apenas a despreocupação e a simplicidade dos colegas modernos. Mas, morreu o estilista muito antes de poder testemunhar o atual deboche, que, especialmente no trajar, domina nas novas gerações. O cinema, a televisão, sobretudo, concorrem para o desprezo às boas normas do comportamento que as classes intelectuais mais diferenciadas primavam em manter, especialmente no uso de indumentária condizente.

A 25 de março de 1913 instala-se o Centro Médico Cearense. A cidade já exigia que os seus esculápios se reunissem em Sociedade, para debater os casos mais interessantes, discutir as novas terapêuticas, estreitar os laços de amizade, como também os prepararem para a defesa contra os detratores da classe e os gravames fiscais que começavam a incidir pesadamente sobre os profissionais da Medicina nas grandes cidades.

---

1 Sampaio, Pedro. A Medicina no Ceará. O Ceará.

Foi uma época de muitas iniciativas. Em janeiro, é instalado o Grêmio Literário José de Alencar e, logo depois, a União Artística, e o Instituto de Proteção e Assistência à Infância, em maio. Funda-se, em junho, a Faculdade de Letras, de efêmera duração, e assenta-se a pedra fundamental do magnífico prédio da Fenix Caixerai, a entidade de classe mais saliente de então. Os Círculos Católicos iniciam as suas atividades em prol da cristianização do trabalhador, e o Banco do Brasil abre a sua primeira agência no Ceará. Movimenta-se o povo para levantar um monumento a Pedro II, funda-se o Centro Odontológico e a Sociedade Paz e Caridade. Os "paróaras", com suas burras cheias de ouro dos garimpos amazônicos, despejam as suas arcas nas compras de grandes propriedades e construção de casas suntuosas nos sítios e nas cidades. E os bondes elétricos começam a correr nos trilhos, para estupefação dos matutos embasbacados. Tudo isto naquele dinâmico e progressista ano de 1913, tempo que os jornais denominavam de "era do automóvel", para significar a atividade febricitante do povo e a velocidade com que ocorriam os melhoramentos.

O aglutinador e principal responsável pelos primeiros passos para a formação do Centro Médico foi o Dr. Manuel Duarte Pimentel, clínico dos mais conceituados da cidade. Anos antes, tinha ele tentado uma associação semelhante, porém sem resultados. A classe ainda não estava amadurecida para o empreendimento. Agora, com a experiência do fracasso anterior, pôde ele reunir 26 colegas, 17 farmacêuticos e 7 dentistas, para trocar ideias em torno da fundação do Centro. Na casa de sua residência, onde eram feitas as reuniões, acordaram todos em participar na nova entidade. Foram eles:

### MÉDICOS:

Abdenago Rocha Lima	Álvaro Otacílio Nogueira Fernandes
Amâncio Filomeno	Anselmo Nogueira
Aurélio Lavor	Barão de Studart
Bruno Valente	César Cals
Eduardo Mamede	Eduardo Salgado
Eliezer Studart da Fonseca	Francisco de Paula Rodrigues
Gentil Pedreira	Gilberto Lopes
Inácio Dias	João Guilherme Studart
João Marinho de Andrade	José Frota
José Jorge de Sousa	José Lino de Justa
Manuel Moreira da Rocha	Manuelito Moreira
Manuel Gaspar de Oliveira	Pedro Sampaio
Rufino Alencar Jr.	Rui de Almeida Monte
Virgílio de Aguiar	e o anfitrião, naturalmente.

O Barão de Studart<sup>2</sup>, eleito primeiro presidente, na instalação, a 25 de março, profere alocução inaugural para uma assembleia de pessoas da maior representação da capital. Os jornais noticiam o êxito da solenidade e auguram os melhores resultados para a diretoria da Sociedade, recém-investida.

No programa traçado constava a publicação de uma Revista, que foi logo lançada em abril, com o nome de *Norte Médico* e de tiragem bimensal. Foram os seus primeiros redatores Aurélio Lavor, Vírgilio de Aguiar e César Cals. Em março de 1917, mudaria o nome sob o pensamento de que "*o Norte é muito vasto e já possui muitos ilustres colegas que tão bem ou melhor do que nós o representam na imprensa médica*"... "*e seria pouca modéstia de nossa parte, continuar a usar um nome que, por assim dizer, lança sobre os nossos ombros uma responsabilidade acima de nossas forças*"<sup>3</sup>. Suspenderia, porém, a sua publicação, em junho de 1919, para só reaparecer em setembro de 1928.

No editorial "*Voltando à arena*", a comissão da Revista alegava o "*fadário inglório das revistas científicas nesta terra de inconstâncias*" como causa da solução de continuidade do periódico. Retornava, agora, com a reorganização do Centro Médico, que também sofrera uma fase de desânimo, pelo esmorecimento dos colegas. Daí por diante, a Revista teve um longo e vitorioso caminhar, até 1960, quando, por dificuldades de importação de papel e de anunciantes que a subvencionassem, deixou de circular, sendo substituída por um Boletim. A gestão atual, do Dr. Paulo Marcelo Martins Rodrigues, está empenhada em fazer voltar à circulação a tradicional Revista, o que se concretizará com grande tirocínio e sob a orientação do Dr. José Borges Sales, responsável por ela durante alguns anos.

O Centro Médico, nessa primeira fase de sua existência, sob a presidência do Barão de Studart, nos seis anos decorridos entre 1913 e 1919, realizou muitas reuniões, congregou os médicos cearenses, recepcionou os visitantes, colaborou na fundação de seção local da Cruz Vermelha Brasileira, promovendo festival beneficente, e ajudou a fundação da Sociedade Osvaldo Cruz, destinada a manter o Instituto Pasteur<sup>4</sup>.

A revitalização do Centro, em 1928, deu-se com um viço nunca antes experimentado por outra entidade classista do Ceará. Na reunião de 4 maio daquele ano aceitou-se o oferecimento do salão da Faculdade de Farmácia e Odontologia para local das reuniões, a criação de uma biblioteca, com o nome de Adolfo Bezerra de Menezes, a fundação de uma Policlínica, que se denominaria Policlínica Visconde de Saboia, a fundação de um Monte Médico de beneficência, a luta contra o pagamento de impostos pelos médicos e outras medidas do mesmo quilate.

As reuniões eram concorridíssimas, interessantes e proveitosas. Preferiam fazê-las nas casas dos colegas, onde eram gentilmente recepcionados. No mesmo mês de maio já houve uma tomada de posição da classe, em defesa dos consócios Abdenago Rocha Lima e Clóvis Barbosa de Moura, no caso

2 Em 8.3.1902 o Barão de Studart havia instalado, em Fortaleza, a Câmara Cearense da Ordem Médica Brasileira.

3 Ceará Médico. Ano V, nº1. Março de 1917, p.15

4 Efemérides. RIC 1919, p.55

"Eurico Olinda-Licínio Santos". Havia solidariedade, espírito de classe, sentimento de responsabilidade e de defesa de interesses comuns.

Na reunião preparatória para este retorno às atividades, realizada a 30 de março de 1928, 42 dos 50 médicos residentes em Fortaleza estiveram presentes e, sob a presidência do Barão de Studart, o reorganizador, prometeram superar as dificuldades para fazer reviver o brilho e o prestígio da entidade. E assim estava acontecendo.

Álvaro Fernandes, incontestavelmente um líder da classe, foi aclamado Presidente, porém pouco depois renunciou, em vista dos trabalhos estafantes de sua grande clínica, que o impediam de maior dedicação ao Centro.

Por todos esses dois anos, isto é, de 1928 a 1929, a nossa associação fez muito também na divulgação de normas de Higiene, de conselhos à população acerca do uso da água, dos alimentos e de uma vida mais saudável, obtendo completo êxito na Semana Antialcoólica que patrocinou, juntamente com o Serviço de Saneamento Rural. Em locais diversos, tais como o Auditório da Escola Normal, o Instituto Epitácio Pessoa, na Fênix, as palavras autorizadas de João Otávio Lobo, Edmundo Monteiro Gondim, José Sombra, Leite Maranhão e Aurélio Lavor foram ouvidas com real proveito.

Data também desta época o célebre caso "J.J. Almeida-Borges de Melo", sobre o tratamento de água da represa do Acarape. Estudados os pontos de vista de ambas as partes, o Centro Médico convenceu-se das razões do colega responsável pela qualidade de nossa água potável e lhe deu todo o apoio e defesa.

O ano de 1930 foi de muita confusão em todo o Brasil, especialmente no Norte e, por isso, as atividades foram bastante diminuídas. Por escolha dos colegas, assume a Presidência do Centro o Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora que, depois de passar por sérias aflições, em vista da sua posição contrária ao Governo, vê a Revolução vitoriosa e sua ascensão ao mais alto posto governamental do Estado. Na impossibilidade de dirigir diretamente as atividades do Centro, delega poderes ao Vice-Presidente, Dr. Antonio Justa, que auxiliado pelo secretário José Deusedith Vasconcelos dá andamento à vida associativa, sem nenhum prejuízo para a entidade, nem para os seus associados.

Passados os anos dos ardores patrianovistas, com muitas mudanças nas estruturas administrativas, políticas e sociais, afetando as atividades de todos os setores da vida nacional, chega-se a 1935, quando tudo parece se normalizar, embora certas minorias tentem subverter a ordem. Neste ano, é eleito o Dr. José Ribeiro da Frota, nome por demais conhecido de toda a classe, por sua atuação junto aos problemas atinentes ao desenvolvimento da profissão em nosso estado. O Dr. Frota pensa logo em realizar um Congresso Médico, que seria o primeiro de iniciativa do Centro. O apoio dos colegas não lhe faltou, nem a compreensão das autoridades ligadas aos problemas médico-sanitários. Carlos Ribeiro, mais uma vez, aparece com a sua incrível capacidade de organizar, arregimentar e executar as cousas. O Congresso foi uma vitória completa.<sup>5</sup>

5 Girão, Raimundo. Carlos Ribeiro e o espírito de servir. RIC 1958, p.222

Eleito agora, o Dr. Virgílio de Aguiar entra o Centro em outra fase de efervescência. O novo Presidente, com o seu espírito combativo, irrequieto, sempre em atividade, escrevendo, falando, incentivando, movimentou as reuniões e convidou conferencistas de fora e da cidade para apresentação de casos nas reuniões quinzenais.

No ano seguinte, o Centro, pela primeira vez em sua história, foi convocado extraordinariamente para uma grande reunião de reivindicações salariais. Um dia bastante impróprio para tais deliberações, aquele 29 de dezembro de 1935, mas, ainda assim, compareceram 66 médicos dos 80 e poucos então residentes na capital. O assunto era o salário mínimo que as associações particulares deveriam pagar aos seus médicos contratados. Algumas delas, com grande número de associados, obrigando o médico a um atendimento ambulatorial e de residência, pagavam 200 mil réis por mês.

Uma proposta de Pedro Sampaio foi muito discutida, calorosamente, mesmo. Nela, o colega analisava a situação da classe em face da irrisória remuneração percebida, comparando alguns desses salários com os de enfermeiros, em que estes eram recompensados melhor do que os próprios médicos. E demonstrou também que pelo menos duas das entidades empregadoras tinham finanças muito folgadas, em vista do grande número de associados. Então, por sua proposta, ficaria resolvido o seguinte: 1º) Nenhum médico receberia remuneração inferior a 500 mil réis; 2º) Seria estabelecido um *pro labore* por trabalhos extraordinários; 3º) Os contratos seriam assinados e com vigência mínima de 2 anos; 4º) As cirurgias seriam feitas mediante um contrato prévio; 5º) Nenhum médico poderia pleitear cargos de outros colegas; 6º) Os que infringissem este acordo seriam considerado indignos da classe.

Com pequenas alterações, foi aprovada a proposta Pedro Sampaio, e o Centro Médico oficiou a todas as associações de classe que mantinham serviço de atendimento médico, comunicando o resultado da deliberação tomada em Assembleia. Em adendo, Sampaio propôs um *Memorial* ao Interventor Federal, pleiteando um salário mínimo de 1 conto de réis para os médicos do Estado.<sup>6</sup>

O movimento dos médicos, pelo inusitado da atitude, recebeu enorme repercussão. Houve muito espírito de classe e união de pontos de vista e que motivou um resultado favorável aos desejos de toda a classe média cearense. Um reduzido e insignificante grupo, sem expressão, destoou da imensa maioria, mas a coesão que então se manifestava fê-los arrependem-se da divergência.

A administração César Cals coincidiu exatamente com os anos da II Guerra Mundial. Foi um tempo de muitas expectativas, de muito sacrifício de toda a população e de sobressaltos pelas contingências do conflito. Um grande problema surgiu. O absoluto controle da distribuição de gasolina não permitia o uso de automóveis particulares, a não ser com a adaptação de complicada aparelhagem de gasogênio. O Centro Médico imediatamente providenciou as medidas que permitissem aos médicos seus associados o privilégio de

---

6 Ceará Médico. Ano XVII, setembro-dezembro de 1937, p.42

uma quota diária do precioso carburante. Conseguiu o intento, desde que os carros tivessem estampada, em letras bem visíveis, nas portas, a palavra "Médico", o que todos os colegas interessados imediatamente providenciaram. Mas, não eram tantos a gozar das comodidades de um automóvel. Ainda faltava muito para o indispensável veículo tornar-se de uso obrigatório para o profissional.

O Centro Médico preparou-se para prestar toda a ajuda que as autoridades necessitavam para o esforço de guerra. Em colaboração com o Serviço de Saúde das Forças Armadas, 46 colegas fizeram o Curso de Oficiais da Reserva, sendo incorporados, em solenidade que contou com a presença de autoridades civis, militares e religiosas (Apêndice III).

A Policlínica tornou-se uma realidade, inaugurada, juntamente com a nova sede da Rua Pedro I, em terreno doado por D. Libânia Holanda, graças às diligências do Presidente junto à família da generosa matrona serrana. Agora, possuíamos um prédio à altura da projeção da entidade, sonho acalentado por outras questões e por fim realizado.

Novo ânimo apossou-se da classe. Surgiram logo propostas para maior incremento das atividades sociais. A Primeira Conferência de Sanitaristas teve lugar ali, com a presença de muitos colegas da Capital, do interior e de estados vizinhos.

Foram responsáveis pelos sucessos do certame os Drs. Hider Correia Lima, Waldemar de Alcântara e Carlos Ribeiro. O Governo do Estado deu inteiro apoio à iniciativa, concorrendo para o seu pleno êxito.

O Brasil estava em guerra e necessitava conscientizar-se dessa situação. Entre os médicos que mais frequentavam o Centro, surge a ideia de um Banco de Sangue, que seria o pioneiro. Elcias Camurça, Pontes Neto, Isnard Teixeira e Vulpiano Cavalcanti apresentaram, em nome do Centro Médico, um memorial à Defesa Civil de Fortaleza, propugnando pela breve instalação do útil e indispensável recurso terapêutico, ainda inexistente no Ceará.

Correram assim, movimentados, os anos coincidentes com a grande hecatombe mundial.

As preocupações dominantes nos trabalhos e estudos médicos nessa época são correspondentes ao estado de espírito em que se vivia. Percorrendo-se a coleção do *Ceará Médico*, pode-se facilmente constatar o pensamento dominante. O Traumatologista, o Cirurgião, o Psiquiatra, todos, estão com as atenções inteiramente voltadas para os problemas médicos da guerra.

Na eleição de 1945, é eleito para a presidência Waldemar Alcântara, que continua com o mesmo dinamismo de César Cals. É o pós-guerra, a retomada da vida normal, o tempo do balanço do que se podia tirar de proveito da horrível experiência. O Brasil, que teve o prejuízo dos seus barcos, de muitos bens, perdeu, também, valorosos soldados nos campos da Itália, pagando bem caro os seus compromissos internacionais de ajuda mútua, recebendo poucas compensações por este auxílio.

O meio médico procura, de imediato, avaliar as consequências da guerra sobre o povo brasileiro e verificar quais as medidas que deverão ser tomadas

do ponto de vista sanitário. É quando surge uma oportunidade de os médicos cearenses darem as suas colaborações nesse sentido, no "Congresso Brasileiro dos Problemas Médicos Sociais do Após-Guerra", a realizar-se em Salvador.

Nossa delegação preparou muito bem a participação do Centro Médico no memorável conclave. Os temas: "O exercício da profissão médica no Brasil de após-guerra", as "Questões de saúde e assistência na cidade e no campo" e "O problema da alimentação no Brasil de após-guerra", foram discutidos pelos representantes cearenses, que deram suas abalizadas opiniões perante colegas de todo o Brasil. O Congresso terminou com completo êxito e apresentou, como resultado de seus trabalhos, uma "Declaração de Princípios" onde se consubstanciavam todas as ideias-chave aprovadas durante as reuniões.

Prometia-se, ali, a luta pela Paz justa e duradoura, pela extensão maior possível dos benefícios da ciência, por um clima de liberdade no mundo, etc. Especificamente para o Brasil, prometiam propugnar pela industrialização do País, pela elevação do nível sociocultural das populações rurais, pela obrigatoriedade de o Estado velar pela saúde de todos, pela união dos médicos, pela liberdade sindical, pela maior atuação dos profissionais no regime democrático, onde encontramos a nossa verdadeira expressão política.

O Presidente seguinte foi Aderbal Sales, que há muito sobressaía com a sua inteligência brilhante e esclarecida. Logo no início de sua administração, dirigiu ao Presidente da República um *Memorial* solicitando a consideração dos altos poderes para os graves e inadiáveis problemas médico-sociais com que se defrontava a coletividade conterrânea.

A realidade sanitária do Ceará era a mais precária possível, com um serviço público ineficiente, por possuir um reduzido pessoal e verbas inexpressivas para o atendimento de 2.300.000 pessoas. No documento, fazia uma análise estatística, com dados insofismáveis acerca das condições de Fortaleza, e sua altíssima mortalidade infantil, especialmente nos anos flagelados pelas secas. Todo o interior do Ceará só dispunha de 40 leitos hospitalares para doentes particulares. Fortaleza dispunha de 302 leitos, em suas 9 casas de saúde. As necessidades mínimas iriam a uma cifra dez vezes superior às acomodações hospitalares oferecidas ao público. Não havia um Instituto de Pesquisas, nem outros serviços complementares. Terminava reivindicando 15 melhoramentos para que o Ceará tivesse condições de prestar recursos médicos aos seus habitantes, sendo o último item o estabelecimento de um salário mínimo condigno para a classe.

Crescia a fama do Centro Médico Cearense perante as outras associações estaduais. Louvava-se a união dos colegas, o espírito de classe e as atitudes corajosas algumas vezes manifestadas. Urgia, portanto, insistir para que continuasse assim, na realidade. A solução para isto era a fundação das regionais, no interior. Crato e Sobral foram sondadas e a consulta resultou na certeza do bom acatamento da ideia. Aqui, na sede, a melhoria da Biblioteca, o maior intercâmbio cultural, a dinamização da Policlínica. Esta, entregue aos cuidados de Hélio Gois, estava atendendo plenamente aos desejos

do Centro. Pelejava-se pela defesa da classe, pela regulamentação do trabalho médico nas Instituições de caridade. Cada vez mais eram fortalecidos e renovados os ideais de Manuel Duarte Pimentel.

Agora, sob a presidência de Newton Gonçalves, tem lugar a Primeira Convenção do Médicos Cearenses, depois transformada em Reuniões Anuais. Foi também um sucesso, com a sua instalação a 24 de setembro de 1947, no Theatro José de Alencar, com a presença de autoridades e grande número de médicos cearenses. Tratou, principalmente, de problemas sociais. No ano seguinte, Antônio Jucá realizou a segunda Convenção, com um conteúdo prático, fugindo às cogitações puramente doutrinárias de conclaves semelhantes, descendo mais aos fatos clínicos, ao dia-a-dia do médico de consultório.

Como grande clínico que era, Jucá procurou enfatizar o doente ambulatorial, o exame, a observação, o raciocínio rápido ao pé do leito. Também, coroou-se de pleno êxito essa segunda reunião. Houve um verdadeiro curso de atualização de muitos setores da Medicina Clínica. José Carlos apresentou as últimas novidades na Obstetrícia. Wilson Jucá na Tisiologia; Carlos Augusto Studart da Fonseca, nas urgências traumáticas; Paulo Machado, na Cirurgia hepato-biliar. Fahad Otoch e Edilson Gurgel, nos aspectos clínicos e laboratoriais das mesmas afecções. Artur Enéas completou a visão, com uma apreciação do ponto de vista radiológico da questão.

Seguiam-se às palestras, animadas discussões que se prolongavam noite a dentro, até o completo esclarecimento das dúvidas suscitadas.

A terceira reunião foi feita por José Osvaldo Soares, que terminou por apresentar um projeto de resolução alertando as autoridades pelos riscos das proporções que a tuberculose epidêmica estava tomando entre nós, sugerindo providências adequadas. Outras sugestões foram aprovadas, especialmente a padronização das papeletas hospitalares, com o fim de melhorar o rendimento desses registros. Para isto, o Centro Médico mandou imprimir milhares de formulários especiais, que foram cedidos aos serviços deles carentes e a médicos particulares. Nesse ano os Estatutos foram modificados, sendo corrigidos de algumas distorções, atendendo melhor, depois da atualização, às reais necessidades de nossa entidade e da classe.

Começavam a ser verificados os perigos de uma Medicina socializada que pouco a pouco dominava o Brasil. Newton Gonçalves e Paulo Machado redigiram e relataram um trabalho de crítica e análise do problema, que depois de aprovado foi adotado como ponto de vista do Centro Médico. Consideravam que ainda não havia uma Medicina socializada entre nós, e sim uma Medicina do Estado, em regime capitalista, com tendência a ampliar-se cada vez mais. E que, apesar desse tipo de atendimento vir prestando bons serviços, tinha falhas gravíssimas, pelo seu falso conteúdo.

Sugeriram a formação de uma sociedade médica brasileira, capaz de enfrentar a socialização unilateral, a defesa de bons salários, a limitação de horário de trabalho e o combate à exploração do médico. Para isto, havia necessidade de se prestigiar as associações de classes e de pleitear, junto ao Governo, a restauração dos serviços sociais dos estados, a extinção das

organizações para-estaduais, como o SESI, SESC, LBA, etc. Complementava-se o trabalho com uma exposição ao Governo, palavras de esclarecimento à opinião pública e o combate às sociedades privadas de assistência que exploram o médico.

Como se vê, era o mesmo programa que gerou a fundação da Associação Médica Brasileira – AMB, e que teve princípios verdadeiramente auspiciosos. Newton também pensou num trabalho de interiorização do Centro Médico, como maneira de congregar melhor a classe. A seccional de Sobral foi solenemente instalada, em abril de 1950, enchendo de entusiasmo a direção do Centro pela alta significação do fato.

Com a presença do presidente Haroldo Juaçaba, do Bispo de Sobral, D. José Tupinambá da Frota, de quase toda a classe médica da zona Norte do estado e mais autoridades locais, o Dr. Guarani Monte Alverne se empossa e logo inicia o seu grande trabalho de fortalecimento dos laços de amizade e companheirismo dos colegas de sua jurisdição. Os médicos de Fortaleza, numa caravana de 23, que daqui seguiram para assistir a solene instalação, bem puderam sentir o que viria a ser a Seccional, pelo tratamento fidalgo e cavalheiresco que receberam.

Medidas de natureza a melhorar as finanças do Centro Médico foram tomadas pela Diretoria, através da amizade do Presidente com políticos que se prontificaram a destinar algumas subvenções para este fim. De fato, no orçamento do ano apareceram as dotações prometidas, restando ao Centro Médico recebê-las, desde que comprovasse ter sido considerado de utilidade pública. Complementando a reforma do Estatuto, procedida em ano anterior, foi discutido e votado o Regimento interno, que propiciou um melhor desenvolvimento das atividades, com os trabalhos das sessões e das Assembleias bem regulados pelo instrumento.

A fundação de sociedades congregando colegas das especialidades tomou um grande incremento daí por diante. O Colégio Internacional de Cirurgiões e a Sociedade de Patologia Clínica são exemplos que se somam a algumas outras já existentes e a outras ainda que se instalam logo a seguir.

As Reuniões Anuais prosseguem com pleno êxito, cada ano aumentando o número de participantes, com adesões de médicos do interior e até de estados vizinhos.

Fala-se, pela primeira vez, na fundação do Clube do Médico. É estatutário e há urgência em se preparar um local para os lazeres da classe. João Luís de Oliveira Pombo fica encarregado de conseguir meios para dar início à importante obra. Cogita-se do "selo médico", que José Carlos Ribeiro, Presidente, agora, pretende conseguir da Assembleia, através de ato legislativo que propicie rendas seguras ao Centro para as suas atividades sociais de amparo à classe. Este problema, no entanto, só seria resolvido a contento na administração Washington Baratta, com a criação do "atestado médico", cuja taxa, desde então, tem contribuído substancialmente para todas as despesas da entidade, que cada ano aumentam, em grande parte, decorrentes do reajuste das passagens aéreas adquiridas para as viagens dos delegados às reuniões da AMB.

O "Prêmio Cesar Cals" é instituído numa homenagem ao "Grande Presidente" e se destinaria a incentivar as pesquisas sobre a Ginecologia e a Obstetrícia, laureando os médicos que apresentassem os melhores trabalhos sobre estas especialidades, em que o ex-Presidente pontificou durante anos entre nós. Foi iniciado o movimento para a ampliação da nova sede, ajudado pela colaboração espontânea de muitos colegas, que possibilitaram a construção de um andar superior, com amplo salão de conferências. Silvio Leal inaugurou este notável melhoramento, que foi logo palco dos mais retumbantes acontecimentos vividos pela classe médica cearense.

As reivindicações por melhores salários e pelo reconhecimento da qualidade do trabalho médico vinham, de longo tempo, sendo discutidas em todas as reuniões, e diversos manifestos tinham sido encaminhados às autoridades competentes, sem qualquer solução que visasse atenuar as sempre crescentes angústias e dificuldades que dia a dia mais se avolumavam sobre a vida do médico, especialmente fosse ele ligado a empregos públicos. E esse vínculo se estreitava, porquanto a socialização unilateral não oferecia outra alternativa.

As *démarches*, às vezes tumultuosas pelas reivindicações contidas no célebre projeto 1082, mereceram um artigo estampado em *Ceará Médico*, com todos os detalhes do notável comportamento dos médicos filiados ao Centro Médico Cearense. Com uma exceção de 6 ou 7 refratários, que preferiram acomodar-se ao "status quo" deprimente, todos os outros aderiram ao movimento. Culminou a campanha com uma greve, muito bem conduzida, onde não faltou nem a solidariedade de classe, expressada pela adesão ao processo reivindicatório, nem a noção de responsabilidade pela alta importância de nosso trabalho profissional. Brigava-se pela "letra O", ou melhor, pelo "O de penacho", que era o ponto final da carreira pública, onde sempre o médico fora lotado, até quando o "K" era o termo da atividade pública funcional.<sup>7</sup>

As jornadas de protesto foram uma tônica entre as associações em todo o Brasil. Os tecnocratas teimavam em restringir a atividade médica à de um mero oficial administrativo, com classificação bem inferior ao nível que sempre gozávamos.

O auge do movimento ocorreu na administração Artur Enéas, ficando o Centro Médico em Assembleia Geral permanente, sob a Presidência de Walder Sá, que, como Vice, substituíu o titular empenhado na luta nas reuniões da AMB. Gilmário Mourão Teixeira, Haroldo Juaçaba e Paulo Machado tiveram atuação brilhante nestas momentosas Assembleias de Delegados, fazendo valer a opinião da classe médica cearense.

Sem arrefecer a luta, o Centro Médico, após ouvir as palavras dos emissários que retornavam do Sul, e ainda entusiasmado pela atitude de 16 colegas que se demitiram das funções de chefias que exerciam nos diversos órgãos da administração, resolveu tomar atitudes ainda mais convincentes.

Os médicos que demonstraram esta rara coragem, pedindo suas exonerações, foram os seguintes: Gilmário Mourão Teixeira, Diretor do Sanatório de Maracanaú; José Vieira Magalhães, Vice-Diretor do mesmo Hospital; Glau-

7 A História do 1082. *Ceará Médico*. Ano XXXIII, jan-jun, 1955, p.39

co Lobo, Chefe do Serviço de Cirurgia do mesmo; José Carlos Ribeiro, Chefe do Serviço Médico da Capspec; Cesar Fiuza, Chefe do Serviço Médico do IPASE; Carlos Alberto Studart Gomes, Diretor do Sanatório de Messejana; Wander Biasolli, Vice-Diretor do SAMDU; Adauto Santos Lima, substituto eventual do Chefe do Serviço Médico do IAPTEC; Trajano de Almeida, Vice-Diretor do Sanatório de Messejana; Vinicius Gonçalves, Diretor do Posto Escola; Pedro Borges, Diretor do Hospital Infantil, Miron Vasconcelos Dias, Chefe do Segundo Centro de Saúde; Wilza Cirino, Chefe do Posto de Higiene de Maranguape; Joaquim Eduardo de Alencar, substituto eventual do Delegado Federal de Saúde; e Fernando Jereissati, Cirurgião do Capspec.

A campanha era muito dispendiosa, com gastos com telegramas e mensagens outras, o que motivou uma coleta que logo rendeu 21 mil cruzeiros, arrecadados em poucas horas. Havia muita vibração. Diversos colegas receberam incumbências, algumas delas sacrificantes, mas o espírito de solidariedade estava devidamente sensibilizado. A prisão de Ermínio de Lima, líder dos médicos do Rio de Janeiro e de mais seis colegas da Capital da República, fez a direção do Centro colocar em votação a deflagração da greve, o que foi feito após nomeada uma comissão, sob a direção do Dr. Rocha Furtado.

Os jornais e rádios divulgaram as normas, bem judiciosas, que a Comissão estabeleceu, para serem observadas durante o movimento. A população foi esclarecida acerca da posição que tomavam os médicos brasileiros. As entrevistas para os jornais e difusoras eram dadas por escrito, para dificultar qualquer distorção do pensamento da classe.

Foi, não há dúvida, a maior vibração que já atingiu o Centro Médico em toda a sua longa trajetória. O episódio terminou pelo reconhecimento do Governo e de todo o povo brasileiro da nossa coesão e força na defesa de direitos inalienáveis. A reforma veio, depois, com o aumento de 40% e a vitória total, consubstanciada na altivez e desassombro de toda a classe médica, que soube lutar por sua dignidade e pelo respeito aos direitos adquiridos.

\*\*\*

Voltou o Centro Médico à tranquilidade de seus dias normais, com a realização, em Fortaleza, do II Congresso Médico do Nordeste, e, depois, a VI Reunião Anual. Assume Gilmário em março de 1955 e continua a impulsionar a vida científica e social da entidade, com apresentação semanal de casos da experiência diária. Segue-se Walter Cantídio, que realiza aqui o XIII Congresso Brasileiro de Higiene e I Jornada de Patologia Clínica.

Os médicos da Prefeitura movimentam-se por melhores salários e mais satisfatórias condições de trabalho. Apela para o Centro Médico, que age com desenvoltura para conseguir do Prefeito o atendimento dessas justas reivindicações. Muito trabalhosas foram as *démarches* junto ao Sr. Cordeiro Neto, cuja assessoria teimava em negar direitos aos que trabalhavam na Assistência Municipal. Enfim, atendeu, em parte, aos reclamos e concedeu um aumento.

A atividade cultural não era esquecida e constou de inúmeras conferências, de mesas redondas e simpósios. Houve reforma nos Estatutos, que vigora-

vam desde 1947 e que deveriam ajustar-se às modificações exigidas pela criação da AMB e a filiação do Centro Médico ao órgão máximo nacional de representação da classe.

Baratta no comando, ainda mais dinamizou as sessões, procurando dar ao Centro uma melhor situação financeira. As fórmulas para o atestado médico são aprovadas e entram logo em vigor, trazendo substancial reforço para as sempre carentes finanças da entidade. No período administrativo ora em estudo, tivemos 32 sessões ordinárias, 11 extraordinárias, uma Assembleia Geral Ordinária e três Extraordinárias.

A média de frequência foi bem regular, a circulação do *Ceará Médico* foi impulsionada, um boletim começou a aparecer e iniciou, também Baratta, um ensaio de sessões cinematográficas, mas sem grande receptividade. A Secretaria foi reformada e a Biblioteca fez a catalogação das revistas. Os Drs. Adalberto Studart, Eliezer da Fonseca e Edmundo Monteiro Gondim são agraciados com títulos de sócios honorários, conforme determinava o novo Estatuto. A Policlínica mereceu especial atenção, tendo sido a sua situação jurídica regularizada e a direção entregue ao Vice-Presidente do Centro, conforme determinava o instrumento de doação.

Substituiu Baratta o Dr. Galba Araújo, que teve oportunidade de prosseguir o desenvolvimento do Centro.

Joaquim Eduardo de Alencar foi empossado a 25 de março de 1959 e dirigiu os destinos da nossa entidade sempre com a preocupação da impulsioná-la cada vez mais, dinamizando a Secretaria, frequentando a todas as reuniões do Conselho Deliberativo e prestigiando a Comissão de União e Defesa da Classe. No seu mandato foi instalado o Conselho Regional de Medicina, formando-se a sua primeira Diretoria. Ampliou o prédio da sede, acrescentando-lhe duas novas salas, uma vez que as acomodações existentes já eram pequenas para o grande número de atividades programadas diariamente pelas sociedades filiadas. O *Ceará Médico*, que estava saindo da Imprensa Universitária, foi obrigado a atrasar a circulação e diminuir a tiragem, ficando reduzido a um único número anual.

O próximo Presidente foi Ricardo Gouveia. Em virtude de problemas particulares, passou a direção ao Vice-Presidente, Dr. José Borges de Sales, que completou o mandato. Ocelo Pinheiro entra no comando da Casa e presta relevantes serviços à classe. Procurou um atrativo diferente para as reuniões das quartas-feiras, conseguindo que colegas de longas vivências emprestassem os seus talentos às sessões, apresentando os seus casos pitorescos e divertidos, surgidos ao correr da clínica interiorana, ou mesmo na capital. Ele próprio tinha fatos para contar, e deu o exemplo. Seguiram-lhe Pedro Sampaio, com suas histórias interessantíssimas do começo do século, Heládio Feitosa, João Estanislau Façanha, entre outros. Eram relatos graciosos e contados com muita verve.

O aumento da sede foi completado, forradas e pintadas as salas que Alencar havia iniciado e se destinavam às secretarias das Sociedades especializadas e ao Conselho Regional de Medicina recém-instalado.

O ocupante seguinte da cadeira da presidência do Centro Médico foi o pediatra Vinicius Barros Leal, que lutou, durante a sua gestão, para manter a frequência às reuniões semanais. Por esse tempo, as Sociedades que reuniam os médicos das diversas especialidades, bem como as sessões clínicas na Faculdade de Medicina, concorriam seriamente para desmotivar o comparecimento ao Centro. O novo Presidente apelou até para sorteios de passagens e outros atrativos a fim de chamar os colegas. Cursos de inglês, de psicologia infantil e outros não surtiram o esperado efeito.

Fortaleza passava por uma grave crise na distribuição da gasolina e isto motivou a experiência da instalação de uma bomba para a venda do precioso combustível aos médicos. Um carnê foi então lançado, ao preço de 3 mil cruzeiros antigos, possibilitando a montagem do Posto que, terminando na administração de Carlos Alberto Studart, ficou sob os cuidados de Francisco Sampaio de Oliveira. Para instalação deste melhoramento, do SAGOL, muitos óbices tiveram que ser removidos. A Prefeitura, a vizinhança do Centro, tudo concorreu para dificultar o empreendimento, que só foi possível graças à interferência do governador Parsifal Barroso e às amizades do colega Antonio Maria Correia, que conseguiu demover um Secretário Municipal da disposição de embargar a obra já iniciada.

Nesse mandato, o Centro Médico completou 50 anos de existência, fato que foi comemorado em sessão solene, com a presença do Sr. Governador e um público bem numeroso. Na ocasião, foi inaugurada uma placa de bronze alusiva, com os nomes de todos os fundadores, colocada no salão de entrada da nossa sede. Alguns desses fundadores, apesar da idade já muito avançada, estiveram presentes, acompanhados de seus filhos e netos, muitos deles, médicos, também. O Presidente, durante o seu ano de mandato, frequentou todas as reuniões do Conselho Deliberativo da AMB, em Belém, Recife e Belo Horizonte.

João Estanislau Façanha apresentou, no ano seguinte, um grande rendimento de seu trabalho em prol do desenvolvimento da entidade. Os Estatutos foram novamente reformados, para atender ao desenvolvimento sempre crescente, passando o mandato seguinte a ser de dois anos, para possibilitar tempo suficiente ao Presidente de cumprir as diretrizes traçadas para a sua missão.

Edilson Gurgel Santos foi o primeiro a ter um mandato regulado pela reforma estatutária. Foi o Presidente que fundou o Club do Médico, aspiração que contava com muitos anos nos anseios da classe. Em magnífico terreno de uma quadra, na Praia do Futuro, foi instalada a útil entidade diversional dos médicos cearenses.

Antonio Turbay Barreira ocupou a cadeira presidencial por três períodos, tantas foram as suas reeleições. Caracterizou esses anos de mandato pelo seu dinâmico esforço na defesa dos direitos dos colegas e da classe em geral. Empenhou-se em resolver todos os casos em que havia agressão às legítimas prerrogativas dos colegas, que às vezes se viam sob ameaça de prejuízos e desrespeitos. Foi um advogado vigilante e acompanhou o desenrolar de todos os acontecimentos em que alguém se via ameaçado de ser molestado

por determinações absurdas emanadas de órgãos públicos ou particulares. Mostrou-se zeloso, especialmente, nesse sentido, nos atritos ocorridos entre médicos e a direção local do maior empregador da classe médica de hoje em dia, o ex-INPS.

Turbay foi substituído num pleito renhido, em que duas chapas, com nomes muito expressivos, concorriam. Eleito Paulo Marcelo Martins Rodrigues, está vivamente empenhado em modificar a estrutura social da entidade, prestigiando todos os órgãos que se ligam aos interesses dos médicos, tais como o Conselho Regional de Medicina, o Sindicato Médico e mais associações filiadas. Deu uma nova dinâmica nos trabalhos, criando um departamento artístico que tem promovido exposições de pintura e outras atrações, melhorando, consideravelmente, a frequência dos colegas à sede. Presentemente, toda a equipe que constitui a sua Diretoria se empenha em dar o maior brilhantismo possível à XV Reunião anual, que será realizada em Fortaleza.

Tem sido sempre assim o Centro Médico, uma entidade de classe que, além de velar pelos interesses de seus consócios, preocupa-se com o bem-estar e saúde da coletividade, esforça-se pela elaboração de leis que tragam maior segurança e tranquilidade.

Demos provas de espírito de solidariedade em todas as ocasiões em que o Ceará se viu vítima das secas, enchentes, pestes e outras adversidades. Exemplifico, com a ainda recente catástrofe de Orós, quando o Centro Médico tudo enviou para que aquela população fosse assistida à altura do sofrimento que a atingia.

Pode-se afirmar que o Centro Médico, em toda a sua longa história, pouco tem encontrado de escolhos em seu caminho. Poucos os médicos que se podem considerar refratários aos seus destinos, raríssimos os que, algum dia, pretenderam estorvar a sua trajetória. Isto se deve, certamente, a uma orientação sadia que partiu desde o mais remoto princípio, quando homens como Manuel Duarte Pimentel, o Barão de Studart, Aurélio Lavor, Carlos Ribeiro, Eliezer Studart, Virgílio de Aguiar, Pedro Sampaio e outros mais, trouxeram para patrimônio de nossa Casa as qualidades de seus caracteres impolutos, de homens de bem, que só tinham a preocupação do cumprimento do dever e do aperfeiçoamento profissional.

Legaram aos porvindouros as bases da solidariedade, da união e da harmonia, fundamentos indispensáveis à dignidade e eficiência de nossa profissão. Com este imenso dote intelectual, moral e cultural, fizeram-nos legítimos herdeiros de uma riqueza inexaurível, e cumpre-nos conservá-la, satisfazendo a promessa tácita que cada novo Presidente faz, ao receber o comando do Centro Médico Cearense.

## Diretorias do Centro Médico Cearense

1913 – 1917

<b>Presidente</b>	<b>Barão de Studart</b>
Vice-Presidente	Eduardo Salgado
2º. Vice-Presidente	João Marinho de Andrade
3º. Vice-Presidente	Manoelito Moreira
Secretário Geral	César Cals
1º. Secretário	Farm. Joaquim Rodrigues de Andrade
2º. Secretário	Cr. Dent. Raimundo Gomes
Tesoureiro	Farm. Afonso Pontes de Medeiros
Oradores	Manuel do Nascimento Fernandes Távora Odorico de Moraes

1918 – 1919

<b>Presidente</b>	<b>Barão de Studart</b>
1º. Vice-Presidente	Eduardo Salgado
2º. Vice-Presidente	Manoelito Moreira
3º. Vice-Presidente	Meton da Franca de Alencar
Secretário Geral	César Cals
1º. Secretário	Farm. Rodrigues de Andrade
2º. Secretário	Cir. Dent. Raimundo Gomes
Tesoureiro	Farm. Afonso Pontes de Medeiros
Oradores	Fernandes Távora Nelson Catunda

1924

<b>Presidente</b>	<b>Barão de Studart</b>
1º. Vice-Presidente	Manuelito Moreira
2º. Vice-Presidente	Meton de Alencar
3º. Vice-Presidente	José Frota
Secretário Geral	César Cals
1º. Secretário	José Nelson Catunda
2º. Secretário	João Mota
Orador	João Otavio Lobo

**1928**

<b>Presidentes de Honra</b>	<b>Barão de Studart Aurélio Lavor</b>
Presidente	Alvaro Otacílio Nogueira Fernandes
1º. Vice-Presidente	João Hipólito de Azevedo e Sá
2º. Vice-Presidente	Francisco Amaral Machado
3º. Vice-Presidente	Meton de Alencar
4º. Vice-Presidente	Manuelito Moreira
Secretário Geral	Carlos Ribeiro
1º. Secretário	Dráulio Barreira Cravo
2º. Secretário	Clóvis Barbosa de Moura
Tesoureiro	César Cals
Bibliotecário	Cir. Dent. Raimundo Gomes
Oradores	José Lino da Justa João Otávio Lobo

**1929**

<b>Presidente</b>	<b>Manuel do Nascimento Fernandes Távora</b>
1º. Vice-Presidente	(vago)
2º. Vice-Presidente	José Frota
3º. Vice-Presidente	Eliezer Studart da Fonseca
Secretário Geral	Pedro Augusto Sampaio
1º. Secretário	Antônio Alfredo da Justa
2º. Secretário	Clóvis Moura
Tesoureiro	César Cals
Oradores	José Lino da Justa Jorge de Sousa
Bibliotecária	Maria de Souza Cavalcante

**1930**

<b>Presidente</b>	<b>Fernandes Távora</b>
1º. Vice-Presidente	Antônio Justa
1º. Secretário	José Deusdedith Vasconcelos

**1931**

<b>Presidente</b>	<b>José Frota</b>
1º. Vice-Presidente	Antônio Justa
2º. Vice-Presidente	Eliezer Studart da Fonseca
3º. Vice-Presidente	Adalberto de Moraes Studart
Secretário Geral	Virgílio de Aguiar
1º. Secretário	José Deusdedit de Vasconcelos
2º. Secretário	Francisco Moreira de Sousa
Tesoureiro	César Cals

**1932**

<b>Presidente</b>	<b>José Frota</b>
1º. Vice-Presidente	Antônio Justa
2º. Vice-Presidente	Otávio Lobo
3º. Vice-Presidente	Adalberto Studart
Secretário Geral	Carlos Ribeiro
1º Secretário	Francisco Moreira de Sousa
2º Secretário	José Joaquim de Almeida
Tesoureiro	César Cals

**1933**

<b>Presidente</b>	<b>Virgílio de Aguiar</b>
Secretário	José Osvaldo Soares

**1935**

<b>Presidente</b>	<b>Jurandir Picanço</b>
1º. Secretário	Vandick Ponte
2º. Secretário	Múcio Ellery

**1936**

<b>Presidente</b>	<b>César Cals</b>
-------------------	-------------------

**1937**

<b>Presidente</b>	<b>César Cals</b>
1º. Vice-Presidente	Antônio Justa
1º Secretário	Vandick Ponte
Tesoureiro	Hélio Gois
Bibliotecário	Pedro Sampaio
Orador	Fernando Leite

**1938**

<b>Presidente</b>	<b>Carlos da Costa Ribeiro</b>
-------------------	--------------------------------

**1939**

<b>Presidente</b>	<b>César Cals</b>
-------------------	-------------------

**1940**

<b>Presidente</b>	<b>César Cals</b>
1º. Vice Presidente	Adalberto Studart
2º. Vice Presidente	Antônio de Queiroz Jucá
Secretário Geral	Raimundo Vieira da Cunha
1º. Secretário	Híder Correia Lima
2º Secretário	Vulpiano Cavalcante Araújo
Tesoureiro	Hélio Gois Ferreira
Bibliotecário	José Carlos Ribeiro

**1941 - 1944**

<b>Presidente</b>	<b>César Cals</b>
1º. Vice Presidente	João Batista Saraiva Leão
2º. Vice Presidente	João Simões de Menezes
Secretário Geral	Híder Correia Lima
1º. Secretário	Vulpiano Cavalcante
2º. Secretário	Paulo de Melo Machado
Tesoureiro	Hélio Gois Ferreira
Oradores	Jurandir Picanço João Estanislau Façanha

**1945**

<b>Presidente</b>	<b>Waldemar Alcântara</b>
-------------------	---------------------------

**1946**

<b>Presidente</b>	<b>Aderbal de Paula Sales</b>
1º. Vice Presidente	Waldemar Alcântara
2º. Vice Presidente	João Batista Saraiva Leão
1º. Secretário	Paulo de Melo Machado
2º. Secretário	Raimundo Vieira da Cunha
Tesoureiro	José Carlos Ribeiro
Oradores	Jurandir Picanço Fernando Leite

**1947**

<b>Presidente</b>	<b>Newton Teófilo Gonçalves</b>
1º. Vice-Presidente	Waldemar Alcântara
2º. Vice-Presidente	Edmundo Monteiro Gondim
1º. Secretário	Haroldo Juaçaba
2º. Secretário	Fernando Jereissati
Tesoureiro	José Carlos Ribeiro
Oradores	Livino Pinheiro Pontes Neto

**1948**

<b>Presidente</b>	<b>Antônio de Queiroz Jucá</b>
Vice-Presidente	Hélio Gois Ferreira
1º. Secretário	Sílvio Leal
2º. Secretário	Carlos Augusto Studart da Fonseca
Tesoureiro	J. L. de Oliveira Pombo
Bibliotecário	José Gomes da Frota

**1949**

<b>Presidente</b>	<b>José Osvaldo Soares</b>
Vice-Presidente	Hélio Gois Ferreira
1º. Secretário	Sílvio Leal
2º. Secretário	José Osvaldo Soares
Tesoureiro	Wilson Jucá
Bibliotecário	Carlos Augusto Studart da Fonseca

**1950**

<b>Presidente</b>	<b>Haroldo Juaçaba</b>
Vice-Presidente	Artur Enéas Vieira
1º. Secretário	Walter de Moura Cantídio
2º. Secretário	Evandro Studart
Tesoureiro	José Carlos Ribeiro
Bibliotecário	Carlos Augusto Studart da Fonseca

**1951**

<b>Presidente</b>	<b>José Carlos Ribeiro</b>
Vice Presidente	J. L. de Oliveira Pombo
1º. Secretário	Gilmário Mourão Teixeira
2º. Secretário	Francisco da Costa Gadelha
Tesoureiro	Luís Gonzaga da Silveira
Bibliotecário	Adalberto Studart Filho

**1952**

<b>Presidente</b>	<b>Sílvio Leal</b>
Vice-Presidente	Paulo de Melo Machado
1º. Secretário	Washington Baratta
2º. Secretário	Adalberto Studart Filho
Tesoureiro	Geraldo Wilson Gonçalves
Bibliotecário	Ricardo Gouveia Soares

**1953**

<b>Presidente</b>	<b>Paulo de Melo Machado</b>
Vice-Presidente	Gilmário Mourão Teixeira
1º. Secretário	Luiz Gualter de Alencar Araripe
2º. Secretário	Heládio Feitosa
Tesoureiro	Carlos Augusto Studart da Fonseca
Bibliotecário	Carlos Pamplona

**1954**

<b>Presidente</b>	<b>Artur Enéas Vieira</b>
Vice-Presidente	Walder Sá
1º. Secretário	Washington Baratta
2º. Secretário	Luiz Alberto Meireles
Tesoureiro	José Anastácio Magalhães
Bibliotecário	José Gerardo Pontes

**1955**

<b>Presidente</b>	<b>Gilmário Mourão Teixeira</b>
Vice-Presidente	Carlos Alberto Studart Gomes
1º. Secretário	Geraldo Wilson Gonçalves
2º. Secretário	Wander Mendes Biasoli
Tesoureiro	Edson Braga
Bibliotecário	Silas Aguiar Monguba

**1956**

<b>Presidente</b>	<b>Walter de Moura Cantídio</b>
Vice-Presidente	Heli Vieira de Sousa
1º. Secretário	Germano Riquet
2º. Secretário	Hélio Cirino Bessa
Tesoureiro	Pedro de Moraes Borges
Bibliotecária	Aracy de Aguiar

**1957**

<b>Presidente</b>	<b>Washington Baratta</b>
Vice-Presidente	Licínio Nunes de Miranda
1º. Secretário	José Vieira Magalhães
2º. Secretário	George Benevides de Medeiros
Tesoureiro	João Barbosa Pires de Paula Pesosa
Bibliotecário	José Rômulo Barbosa

**1958**

<b>Presidente</b>	<b>José Galba Araújo</b>
Vice Presidente	J. L. de Oliveira Pombo
1º. Secretário	Vinicius Barros Leal
2º. Secretário	Jorge Alberto de Abreu Matos
Tesoureiro	Raimundo Aluísio Chagas
Bibliotecário	Dorival Nunes

**1959**

<b>Presidente</b>	<b>Joaquim Eduardo de Alencar</b>
Vice-Presidente	José Borges de Sales
1º. Secretário	Vinicius Barros Leal
2º. Secretário	Viliberto Porto
Tesoureiro	Raimundo Aluísio Chagas
Bibliotecário	Valdenor Benevides

**1960**

<b>Presidente</b>	<b>Ricardo Gouveia Soares</b>
Vice-Presidente	José Borges de Sales
1º. Secretário	Djacir Gurgel de Figueiredo
2º. Secretário	Caetano Ximenes de Aragão
Tesoureiro	Bolivar Bastos Gonçalves

**1961**

<b>Presidente</b>	<b>Ocelo Pinheiro</b>
Vice-Presidente	Vinicius Barros Leal
1º. Secretário	Geraldo Pinheiro
2º. Secretário	Caetano Ximenes de Aragão
Tesoureiro	Raimundo Aluísio Chagas
Bibliotecário	Eneida Lopes do Amaral

**1962**

<b>Presidente</b>	<b>Vinicius Barros Leal</b>
Vic- Presidente	Geraldo Wilson Gonçalves
1º. Secretário	Edilson Gurgel Santos
2º. Secretário	Caetano Ximenes de Aragão
Tesoureiro	Aluísio Chagas
Bibliotecário	Carlos Pamplona

**1963**

<b>Presidente</b>	<b>Carlos Alberto Studart Gomes</b>
Vice-Presidente	Antônio Maria Correia
1º. Secretário	Fernando Façanha
2º. Secretário	Glicia Maria Borges Leite
1º. Tesoureiro	Jorge Alberto de Abreu Matos
2º. Tesoureiro	Francisco Sampaio de Oliveira
Bibliotecário	Carlos Pamplona

**1964 - 1965**

<b>Presidente</b>	<b>João Estanislau Façanha</b>
Vice-Presidente	Carlos Augusto da Fonseca
1º. Secretário	Antônio Batista Fontenele Filho
2º. Secretário	Maria Gonzaga Pinheiro
1º. Tesoureiro	Jorge Alberto de Abreu Matos
2º. Tesoureiro	Damião Escóssia Barbosa
Bibliotecário	José Maria Soares Bulcão

**1966 - 1967**

<b>Presidente</b>	<b>Edilson Gurgel Santos</b>
Vice-Presidente	Carlos Augusto Alencar
1º. Secretário	José Aguiar Ramos
2º. Secretário	Luiz Carlos Miranda da Rocha
1º. Tesoureiro	Francisco de Assis Barroso
2º. Tesoureiro	José Maria Soares Bulcão
Bibliotecário	Antônio Argos Ponte de Vasconcelos

**1968 - 1969**

<b>Presidente</b>	<b>Edilson Gurgel Santos</b>
Vice-Presidente	Antônio Turbay Barreira
Secretário Geral	Carlos Augusto Alencar
1º. Secretário	Valdenir de Albuquerque Maia
2º. Secretário	Fernando Façanha
1º. Tesoureiro	Raimundo Aluísio Chagas
2º. Tesoureiro	Jorge Alberto de Abreu Matos

**1970 - 1971**

<b>Presidente</b>	<b>Antônio Turbay Barreira</b>
Vice-Presidente	Carlos Augusto Alencar
Secretário Geral	Fernando Façanha
1º. Secretário	Antônio de Oliveira
2º. Secretário	Francisco Pereira dos Santos
1º. Tesoureiro	João Alberto Gurgel
2º. Tesoureiro	Jorge Alberto de Abreu Matos

**1972 - 1973**

<b>Presidente</b>	<b>Antônio Turbay Barreira</b>
Vice-Presidente	Roque Muratori
Secretário-Geral	Antônio de Oliveira
1º. Secretário	Bento Bruno Pimentel
2º. Secretário	Francisco Leite de Mesquita
1º. Tesoureiro	João Alberto Gurgel
2º. Tesoureiro	Valdélío Alves Leite

**1974 - 1975**

<b>Presidente</b>	<b>Antônio Turbay Barreira</b>
Vice-Presidente	José Ayres de Castro
Secretário Geral	Amaury Augusto Pontes Saraiva
1º. Secretário	Raimundo Medeiros Sobrinho
2º. Secretário	José Teles da Silva
1º. Tesoureiro	Antônio de Oliveira
2º. Tesoureiro	Valdélío Alves Leite

**1976 - 1977**

<b>Presidente</b>	<b>Antônio Turbay Barreira</b>
Vice-Presidente	Francisco Pereira dos Santos
Secretário Geral	Raimundo Medeiros Sobrinho
1º. Secretário	Luiz Wagner Gonzaga
2º. Secretário	José Tomaz de Lima
1º. Tesoureiro	Antônio de Oliveira
2º. Tesoureiro	José de Gois

**1978 - 1979**

<b>Presidente</b>	<b>Paulo Marcelo Martins Rodrigues</b>
Vice-Presidente	Francisco de Paiva Freitas
Secretário Geral	Luiz Recamonde Capelo
1º. Secretário	Roberto Lima Picanço
2º. Secretário	Marco Antonio Holanda Penaforte
1º. Tesoureiro	Márcia Alcântara Holanda
2º. Tesoureiro	Aluísio da Silva Soares

## 17 ÓRGÃOS DE CLASSE

### O Sindicato dos Médicos

A ideia da instalação de um Sindicato dos Médicos no Ceará foi aventada pela primeira vez na reunião do Centro Médico, de 26 de junho de 1931, na residência do Dr. Meton de Alencar. Era Presidente o Dr. José Frota e encontrava-se entre os presentes, o Dr. Virgílio de Aguiar, recém-chegado de Santos, e que tinha ciência do funcionamento do órgão classista no Rio. Mas coube ao Dr. Meziano mostrar aos colegas de Fortaleza os argumentos convincentes da necessidade de sua instalação entre nós. Já existia, em pleno funcionamento, o Sindicato do Rio de Janeiro, de âmbito nacional, e o nosso seria um filiado. Os dez médicos presentes à reunião assinaram o "boletim de adesão".

Na mesma sessão, Pedro Sampaio leu um artigo publicado na *Revista Médica Pernambucana* com referências à corporação, falando de suas vantagens à classe médica. O Dr. Carlos Ribeiro sugeriu que o Centro Médico alugasse um andar de um prédio central, onde pudesse ficar junto ao futuro Sindicato.

Semanas depois, nova reunião, a escolha da Diretoria e a marcação da data de posse e instalação. Tudo corria muito bem, conforme relata Virgílio de Aguiar em suas "Esculapeanas."<sup>8</sup>

Parece que, nesses princípios, desconhecia-se o verdadeiro sentido da sindicalização. Sendo uma associação com a finalidade de defesa permanente de empregados, não se justificava a sua presença, ou a sua existência numa classe que, até então, não tinha patrão, não era considerada de empregados. No entanto, o primeiro Sindicato médico do Brasil já datava de 1927, o do Rio de Janeiro, fundado por sugestão do Dr. Mário Azambuja e que teve o professor Nascimento Gurgel como primeiro Presidente.

Havia grande esperança de que esta associação fosse a entidade que promovesse o desenvolvimento e o estudo das questões econômicas e profissionais de seus membros. Flamínio Fávero dava como propósito básico do Sindicato "congregar médicos em torno do mesmo espírito de concórdia, de paz, de amor fraternal". Seria a união de forças, para lutar "contra o exercício ilegal da Medicina: o curandeirismo, o charlatanismo e as demais práticas desonestas da Medicina que o Código penal prevê e pune.". Vê-se por aí, na palavra do grande Mestre, qual o sentido dado à entidade que, em sua essência, não tem nada com tais eventos.

Outra razão para não se justificar a instalação de um Sindicato de médicos em Fortaleza, em 1931, era a pacatez do exercício da profissão no provinciano burgo, o diminuto número de colegas e a falta de qualquer um que tivesse os vínculos empregatícios que demonstrassem a necessidade de defesa perante um empregador.

---

8 Ceará Médico, ago. 1931, p.20

Virgílio de Aguiar era, no entanto, um entusiasta da ideia. Lutou para que ele fosse instalado, promoveu todas as *démarches* até vê-lo com a Diretoria eleita e empossada. Mas todo o seu arrebatamento desvaneceu quando viu na festa de instalação apenas 11 colegas, o representante do Interventor, um único jornalista e mais ninguém. Este mesmo jornalista que compareceu, nada noticiou. Na "Esculapeana" de janeiro de 1932, Virgílio despeja todo o seu descontentamento pelo desinteresse dos médicos e lastima a situação da classe, por sua postura de "Sansão tosado". Morreu no nascedouro, o que dera tanto trabalho arregimentar.<sup>1</sup>

No âmbito nacional, continuava a produzir alguns efeitos o funcionamento dos Sindicatos existentes. O primeiro Congresso Médico Sindicalista, realizado então, votou um Código de Deontologia que estava sendo divulgada em todos os estados. Entre os muitos artigos, proibia ao médico que atendesse a um paciente em Pronto Socorro continuar a tratá-lo particularmente. Dava normas à atuação do médico de família, ou "médico habitual": só com a sua licença explícita poderia outro colega dar assistência a um doente. Regulava o exercício profissional do especialista, do obstetra e o segredo médico.

Um parêntese: louvava-se muito, na época, a figura do especialista. Todas as entidades deveriam incentivar a formação desses médicos que, "conhecedores de toda a Medicina interna, atinham-se a um determinado aparelho ou órgão, com pleno e absoluto domínio de todos os seus segredos". O médico do futuro seria este. E foi, até agora, quando uma reviravolta está fazendo voltar aquele símbolo da Medicina, que é o médico de família, o "médico habitual" ...

Só muito mais recentemente é que foi outra vez levantada a necessidade de voltar a funcionar o Sindicato. Agora, começavam a aparecer os raros "casos" da competência de tais órgãos. Mesmo assim, custou a se firmar a ideia. Na década de 1950 ainda não se considerava justificável a existência do Sindicato pela ausência de querelas, de interesses especiais de defesa da classe, pela quase inexistência de médicos com vínculos empregatícios.

É fato notório que a Revolução de 30 disciplinou a organização e incentivou a sindicalização. As Constituições de 1934, 1937, 1946 e 1967, dispuseram sobre uma série de prerrogativas do Sindicato, dando-lhe um âmbito de ação muito grande.

Depois que o médico passou a ser empregado de empresas particulares e, posteriormente, do próprio Governo, através de contratos regulados pela Consolidação das Leis Trabalhistas – CLT, aí sim, justificou-se a existência do Sindicato. Hoje, somos reconhecidos legalmente como empregados, na grande maioria dos casos, o maior empregador sendo o Governo, através das suas autarquias. E estas contratando e nomeando profissionais dessa maneira, não resta dúvida, a organização sindical é necessária para regular e defender os direitos e as relações entre patrões e empregados. A tanto chegamos.

---

1 Aguiar, Virgílio de. Ceará Médico, nov. 1931, p.14

Mas não medrou muito bem a organização sindical da classe médica na segunda investida. Somente cerca de 20 anos após, em 1974, tornaria a reorganizar-se o Sindicato Médico do Ceará. Dessa vez, uma Junta Governativa Provisória foi nomeada pelo Ministério do Trabalho, e reimplantou o órgão. Os seus dirigentes, foram: Francisco Pinheiro, Presidente; Bolívar Bastos Gonçalves, secretário; e Laerte Fernandes Barreto, tesoureiro.

Esta Diretoria deu posse aos novos dirigentes eleitos pela classe, no dia 12 de fevereiro de 1976, para um mandato de dois anos, tendo como presidente Humberto Rebouças de Freitas. Agora, preparam-se os médicos sindicalizados para mais um pleito, concorrendo, desta vez, duas chapas.

## O Conselho Regional de Medicina

Os Conselhos de Medicina foram instituídos pelo Decreto Lei nº 7.955, de 13 de setembro de 1945, como órgãos supervisores da ética profissional e, ao mesmo tempo, julgadores e disciplinadores da classe médica. Agem como um Tribunal, com todas as características de uma corte de 1º. Grau, cabendo recursos para graus superiores. As denúncias devem ser levadas por escrito, assinadas, e são examinadas pelo plenário, que delibera, podendo prosseguir ou não, dependendo da natureza dos fatos manifestados e dos recursos impostos. Caso sejam atinentes à ética médica, sofrerão todos os trâmites das lides judiciais. A prestação de serviços aos Conselhos é considerada trabalho relevante, podendo ser valorizado em certas circunstâncias.

Somente em 1957 os Conselhos de Medicina foram devidamente regulamentados, pelo Decreto Lei de 1945, após promulgada a lei nº 3.268, de 30 de setembro de 1957. A Associação Médica Brasileira – AMB prestou toda a colaboração indispensável à elaboração desta última e de sua regulamentação, feita a 19 de julho de 1958, pelo Decreto nº 44.045. Instalado o Conselho Federal, todos os Estados, progressivamente, foram formando os Regionais.

No Ceará, por iniciativa do Centro Médico, foi indicada uma comissão que logo formou uma Diretoria provisória, para tratar da criação e instalação do Conselho Regional do Ceará, o atual CREMEC. Este Conselho provisório funcionou no Centro de Fortaleza, com a seguinte Diretoria:

<b>Presidente</b>	<b>José Carlos da Costa Ribeiro (mais tarde substituído por Raimundo Vieira da Cunha).</b>
Vice-Presidente	Licínio Nunes de Miranda
1º. Secretário	Washington Baratta
2º. Secretário	Roberto Cabral Ferreira
1º. Tesoureiro	Pedro de Moraes Borges
2º. Tesoureiro	João Luiz de Oliveira Pombo.

Em maio de 1960, foi realizada a eleição para a composição da Diretoria definitiva, que ficou formada da seguinte maneira:

<b>Presidente</b>	<b>José Carlos da Costa Ribeiro</b>
Vice-Presidente	José da Rocha Furtado
1º. Secretário	Washington Baratta
2º. Secretário	Roberto Cabral Ferreira
Tesoureiro	Álcimo Cavalcante de Aguiar

A escolha foi realizada por votação entre os demais Conselheiros, que eram os seguintes: Waldemar Alcântara, Gilmário Mourão Teixeira, Elcias Viana Camurça, José Osvaldo Soares, João Estanislau Façanha, Raimundo Vieira da Cunha, Roberto Cabral Ferreira, Alísio Borges Mamede, Ocelo Pinheiro e Haroldo Gondim Juaçaba. O mandato foi de três anos, terminando a 1º. de outubro de 1963.

A segunda diretoria, teve a seguinte composição:

<b>Presidente</b>	<b>Walter de Moura Cantídio</b>
Vice-Presidente	Haroldo Juaçaba
1º. Secretário	Vinicius Barros Leal
2º. Secretário	Washington Baratta
Tesoureiro	Amaury Saraiva (substituído, mais tarde, por Haroldo Costa Lima)

A terceira diretoria, com mandato iniciado em outubro de 1968, foi assim constituída:

<b>Presidente</b>	<b>Haroldo Juaçaba</b>
Vice-Presidente	Washington Baratta
1º. Secretário	Alúisio Chagas
2º. Secretário	Caetano Ximenes de Aragão
Tesoureiro	Luiz Carlos Fontenele

A diretoria seguinte, com um mandato de 5 anos, foi composta por:

<b>Presidente</b>	<b>José Edmilson Barros de Oliveira</b>
Vice-Presidente	Djacir Paraiba
1º. Secretário	Heitor Catunda
2º. Secretário	Beethoven Matos Chagas
Tesoureiro	Pedro Almino de Queiroz

A quinta diretoria foi composta pelos doutores:

<b>Presidente</b>	<b>José Edmilson Barros de Oliveira (falecido a 11 de novembro de 1974, foi substituído pelo Vice, Almir Santos Pinto)</b>
Vice-Presidente	Carlos Augusto Studart da Fonseca
1º. Secretário	Flávio Leitão de Carvalho
2º. Secretário	Vicente de Paulo Lobo (substituído por Eleazar Campos)
Tesoureiro	Pedro Almino Queiroz

A atual, com mandato até 1983, tem a seguinte composição:

<b>Presidente</b>	<b>Luiz Paiva de Freitas</b>
Vice-Presidente	José Maranhão Filho
1º. Secretário	Maria José Carvalho Cruz
2º. Secretário	João Martins de Sousa Torres
Tesoureiro	Raimundo Vasconcelos de Arruda.

## 18 O SERVIÇO PÚBLICO E A MEDICINA NO CEARÁ

Durante o período Colonial, não houve qualquer tentativa de organização da Medicina, nem mesmo da Higiene Pública no Brasil. Todas as medidas eram tomadas pelos Governadores Gerais, pelos Capitães-mores, para o atendimento de uma situação do momento, sem um planejamento nem qualquer ordenação. El Rei consultava o seu Conselho Ultramarino e determinava as medidas através das Ordens Régias. Aqui, executavam-nas os seus delegados nas Capitánias.

Depois da criação da Junta do Protomedicato, já no fim do século XVIII os assuntos atinentes à saúde pública passaram a ser superintendidos por esta Repartição, que examinava os candidatos à profissão médica. Até o seu surgimento, o físico-mor do Reino e o Cirurgião-mor resolviam todos os casos das artes físicas e cirúrgicas.

A partir de 1808, com a chegada da Família Real ao Brasil, partiu-se para um ensaio de organização sanitária, com a expedição dos Alvarás de 7 e 9 de fevereiro daquele ano. Por eles, ficavam nomeados o médico pernambucano Correia Picanço, Primeiro Cirurgião da Real Casa, e o Dr. Manuel Vieira da Silva, Primeiro Cirurgião da Real Câmara. Ambos foram beneficiados com baronatos, respectivamente, de Goiana e de Alvaiázere. Aos dois, correspondiam as atribuições dantes da competência da Junta do Protomedicato.

Os delegados destes, nas Capitánias – logo depois, Províncias – estavam incumbidos “da fiscalização dos sangradores, parteiras, dentistas, aplicadores de bichas e ventosas, aos que tratavam as fraturas e deslocamentos dos ossos”. Também, os Hospitais e serviços médicos dos estabelecimentos militares. Todos estes profissionais acima enumerados estavam sob a supervisão do Cirurgião-mor. Nas Capitánias (ou Províncias), do Cirurgião-mor do Corpo de Tropa. Ao delegado do Físico-mor, competia fiscalizar as questões entre médicos e clientes, o exercício da Farmácia, dos boticários, droguistas, curandeiros e aos que tratassem apenas as doenças internas, combatessem as epidemias e providenciassem o saneamento das cidades.

Como representantes do primeiro grupo, tivemos no Ceará, muitos cirurgões militares, todos eles adidos ao Corpo Fixo da Tropa, ao Quartel do Forte, ou na Enfermaria destes, às vezes chamado de Hospital e até de Hospital Real, quando não passava de uma simples enfermaria.

Podemos nomeá-los, isto é, alguns deles, pois, os registros são falhos. Tivemos os seguintes cirurgões em nosso Quartel:

- Francisco Coelho de Lemos
- José Antônio de Almeida
- Manuel Joaquim Garcia
- José Maria Cambucy do Vale
- Silvério José da Cruz
- José Joaquim Machado

A Câmara também contratava os seus cirurgiões, para fiscalizar o cumprimento de suas determinações. Foram eles:

- Bernardo de Oliveira Pacheco
- Francisco José de Matos, o conhecido Cirurgião Matos
- Francisco José de Sousa
- Joaquim da Silva Santiago
- Luiz da Silva Carreira

Alguns Licenciados exerceram a sua profissão entre nós. Nem todos podiam praticar a Medicina interna, porquanto o licenciamento pela Junta não o permitia; mas, valiam-se de um dispositivo da própria lei, que admitia isto, caso o local de residência do Licenciado não contasse com o concurso de um médico. Entre outros, tivemos:

- Manuel Lopes de Abreu Lage
- Luiz Carlos de Sabóia
- José Gomes Coelho
- Jorge da Silva
- José Lourenço Marques

Os Governadores tinham como auxiliares, nas medidas de interesse sanitário, os cirurgiões do Quartel, executores de suas ordens. Os Cirurgiões municipais faziam obedecer as determinações da Câmara através do cumprimento das posturas, que se consubstanciavam em mandar aplicar multas às pessoas que criavam animais soltos, jogavam lixo nos rios e aguadas públicas, lavavam roupa nos riachos fora das horas determinadas, "batizavam" o leite, falsificavam bebidas, salgavam couro em locais impróprios, vendiam drogas e substâncias medicinais sem a competente autorização, etc.

Cada Câmara estabelecia o seu Código e teimava em fazer que os munícipes o cumprissem. Muitas vezes eram criados casos, com envolvimento do próprio cirurgião. De acordo com as posturas aprovadas pela Câmara de Baturité, por exemplo, incorria na multa de 10 mil réis aquele que se recusasse a receber a linfa vacínica, "sem provar que tinha tido a varíola, ou se ter vacinado no decurso anterior a 1 decênio". E, ainda pior, "em caso de receio desta epidemia, será compelido a retirar-se do Município".

O exame do gado abatido, diariamente, na capital, era a obrigação mais espinhosa do doutor porque o obrigava a caminhar até o matadouro, geralmente bem fora do perímetro urbano. A Câmara fornecia o animal de transporte, mas, a hora do abate, à tarde, não convidava muito ao passeio às proximidades de Parangaba.

É de 1828, um decreto de 30 de agosto que entregou aos cuidados da Câmara Municipal todas essas atribuições, fazendo passar à Justiça ordinária os processos até então privativos do Físico-mor, do Cirurgião-mor, ou do Provedor-mor. Com isso, houve uma queda na vigilância antes exercida por aqueles compenetrados servidores da Higiene Pública, passando a baixa

política a dominar as nomeações e ações fiscalizadoras, e daí a proliferação de numerosos charlatães e as rixas entre clientes e médicos.

A partir de 1830, no entanto, houve uma reação comandada pela Sociedade Nacional de Medicina, dando melhor organização aos códigos sanitários municipais, especialmente aos das cidades marítimas.

No Ceará, podemos verificar que as medidas de maior alcance foram tomadas pelos Governadores e, em anos posteriores, pela Junta da Real Fazenda.

O padre José Martiniano de Alencar, no seu Governo, teve a ideia de convidar o Dr. José Lourenço de Castro e Silva, recém-formado, para assumir o cargo de médico oficial, com o ordenado de um conto e duzentos anuais. Acedeu o novel esculápio, prejudicando até mesmo a sua carreira, pois não pôde esperar para a defesa da tese, só o fazendo 13 anos após. O seu cargo equivalia ao que mais tarde foi chamado de "Médico da pobreza". Para este lugar, foi nomeado o Dr. Liberato Castro Carreira, que em 1845 era também o médico da corporação recém-instalada, a Polícia Militar do Ceará. Creio que exercesse as duas funções cumulativamente. Coube a ele executar o que determinava o Regulamento nº 466, de 17 de agosto de 1846, sobre a vacinação da população cearense, encargo que sempre fora da competência dos cirurgiões do Batalhão Fixo.

O Dr. Castro Carreira continuou, por muitos anos, nessa função, granjeando grande conceito pelas benemerências que praticava no exercício de sua profissão. Eleito Senador do Império, transferiu-se para a Corte, vindo aqui nos interregnos parlamentares. Foi um grande homem público, que amou a sua terra e era uma personalidade de escol.

Em setembro de 1851, foi expedido o Regulamento da Junta Central de Higiene Pública, no Rio de Janeiro, e nomeadas comissões em algumas Províncias. O Ceará não alcançou esse progresso no campo da Medicina, ficando apenas com um provedor de Higiene. A Junta Central era o órgão consultivo e se transformou na Inspetoria de Higiene, que mesmo na República permaneceu com igual organização, porém desmembrada, nas Províncias, do organismo central.

Havendo uma quebra na qualidade dos trabalhos executados, foi a Diretoria de Saneamento e Profilaxia Rural uma espécie de intervenção federal nos estados, no tocante aos problemas de Saúde Pública. Esta interferência do Poder Central fez-se através de acordos com os governos estaduais, procurando minimizar as suscetibilidades muito características dos tempos pós 15 de novembro.

Em 1862 tínhamos um Inspetor de Saúde, o Dr. José Lourenço de Castro e Silva, que tomava as medidas mais importantes, através da Câmara Municipal, como foi, entre outras, a deliberação de mandar queimar alcatrão nas ruas, "para que o fumo desinfetasse a atmosfera viciada".

Já em 1878, há um século, portanto, era o Dr. José Pinto Nogueira quem ocupava este cargo.

Anos mais tarde, a Lei nº 7 de 11 de fevereiro de 1892 deu nova organização ao Serviço Sanitário do Estado. Em sua regulamentação criou condições

para que o Delegado de Higiene pudesse tomar as medidas mais enérgicas no sentido do controle da sanidade pública. A formação de pântanos, a qualidade da água potável e outras semelhantes foram previstas, e bem especificadas a atitude do médico em relação ao que pudesse pôr em risco a saúde da comunidade.

Ao lado desta autoridade sanitária, de há muito existia a Inspetoria de Saúde do Porto, com médicos auxiliares, geralmente dois subinspetores, que tinham atribuições reguladas por dispositivos especiais. Por muitos anos, ocupou este cargo o Dr. Meton da França de Alencar, que faleceu em 1893.

Assim ocorreu até o ano de 1918, quando o Decreto Legislativo de nº 1.643, de 8 de novembro, aprovou o Regulamento da Diretoria Geral de Higiene, que teve como seu primeiro diretor o Dr. Amaral Machado. Funcionava, em 1921, juntamente com o Serviço de Saneamento Rural, na rua Rufino de Alencar nº.1. Este Serviço foi resultado de um acordo celebrado entre a União e o Estado do Ceará, na Diretoria Geral do Departamento Nacional de Saúde Pública. O seu primeiro Posto, um ensaio de Centro de Saúde, foi o Central, naquela rua, e, mais tarde, um segundo, no bairro do Outeiro. No interior, Juazeiro recebeu o primeiro Posto, em 1924.

Na inauguração dessa nova fase da Saúde Pública do Ceará, o Dr. Gavião Gonzaga, o seu chefe, providenciou uma série de medidas, com rigorosa inspeção nos bares e restaurantes de Fortaleza. Era a primeira vez que a capital assistia a semelhantes medidas e toda a população aplaudiu, dada a carência completa de qualquer controle sobre tais estabelecimentos, até então.

Com a Revolução de 30, desapareceu logo mais o Saneamento Rural, com muitas reclamações de todas as classes, especialmente do Comércio, que já se habituara e que reconhecia a eficiência da Repartição, sempre pronta a tomar medidas acertadas contra os que procuravam colocar em perigo a vida dos habitantes da cidade que progredia.

O interventor Carneiro de Mendonça, homem de muita prudência e tino administrativo, procedeu uma remodelação completa no Serviço Sanitário do estado, autorizando o Diretor da Higiene a tomar algumas medidas da maior importância. Esta Repartição estava na dependência da Secretaria do Interior e Justiça, assim permanecendo até a criação da Secretaria de Educação e Saúde. Os inspetores sanitários, em número de quatro, tinham jurisdição em todo o estado, tomando as decisões de acordo com o Secretário. Depois do setor da capital, Sobral era a sub-inspetoria mais importante, tendo à frente, o Dr. Francisco Araújo.

Em 1933 foi fundado o Primeiro Centro de Saúde, em Fortaleza, que foi também o primeiro do Nordeste, com dispensários de Higiene pré-natal, infantil e pré-escolar, cozinha dietética e aulas de Puericultura. Foi um grande avanço, que entusiasmou a classe médica e que beneficiou toda a população da capital, que orçava pelos 100.000 habitantes. A grande reforma, a transformação do Serviço Sanitário do Estado em Diretoria de Saúde, ocorreu também nesse ano.

E, para completar, é convidado o eminente sanitaria Dr. Amílcar Barca Pellon para dirigir a nova Repartição, aplicando aqui os seus conhecimentos das avançadas técnicas da Saúde Pública. Em pouco mais de um ano de estada entre nós, o Dr. Pellon pôde implantar um modelar serviço, que muito honrou o seu nome e o Governo que teve a iniciativa de convidá-lo, apoiando todos os seus atos e realizações.

Visando a um amparo mais específico à criança cearense, reconhecidamente desamparada e indefesa, em vista das péssimas condições sociais existentes, foi criada a Inspetoria de Proteção à Maternidade e Infância.

Com o crescimento da cidade, outros departamentos foram sendo instalados, como o de Estatística Demográfica e Sanitária, o ambulatório, laboratório, etc.

Após a saída do Dr. Pellon, por nomeação do Interventor Federal assume o Dr. João Otávio Lobo, que continuou com o mesmo dinamismo que o seu antecessor, procurando seguir as orientações que o experimentado sanitaria deixara. O Dr. Lobo, em abril de 1938, passa o comando da Saúde ao Dr. Vergílio de Uzêda, outro técnico de grande gabarito que muito contribuiu para o progresso da Repartição. Entre outras medidas administrativas, criou logo uma Inspetoria de Medicina Escolar.

Em 1939 foi nomeada uma comissão para estudar o novo Regulamento da Saúde Pública do estado, em vista de recomendações especiais dos órgãos federais competentes, que procuravam padronizar a atuação nesse campo em todas as unidades da Federação, para um melhor rendimento dos trabalhos. Foi assim reformulada a Diretoria e transformada em Departamento Estadual de Saúde. Para chefiá-lo, o Dr. Menezes Pimentel convidou o Dr. Joaquim Eduardo de Alencar, então encarregado do Posto de Baturité.

Com muito dinamismo e segura orientação, aliados ao seu descortino administrativo, Alencar passou a dar tempo integral aos problemas sanitários do estado, especialmente aos do interior, iniciando a construção de diversos Postos nos lugares mais carentes. Redenção foi a primeira cidade beneficiada.

Atendendo a sugestões de Alísio Borges Mamede, chefe do Serviço de Assistência Médica à Maternidade e Infância, aceitou a ideia da criação do Departamento Estadual da Criança, o que se deu por força do Decreto Lei nº 764, de 4 de fevereiro de 1941. Foi o tempo em que surgiu o órgão federal, por iniciativa de Martagão Gesteira, para supervisionar e resolver os problemas da criança brasileira. Mais uma vez, o Ceará foi pioneiro noutro campo da Saúde Pública.

A 15 de setembro de 1945 assume o Departamento o Dr. José Waldemar Alcântara e Silva, para um curto período, mas no qual conseguiu tomar algumas iniciativas de real valor. Novos Postos foram fundados no interior e os serviços da capital sensivelmente melhorados. O Dispensário de Higiene Pré-natal foi inaugurado, ainda como decorrência do II Congresso de Médicos Sanitaristas realizado então. O primeiro, datava de 1935.

Francisco Araújo, já bastante experiente no trato dos problemas de Higiene e Saúde Pública, substitui Waldemar e é mantido no lugar por nada menos de oito governantes que o Ceará teve em 20 meses: Beni Carvalho, Tomaz Pompeu Filho<sup>1</sup>, Acrísio Moreira da Rocha, Pedro Firmeza, Cel. Machado Lopes, desembargador Livino de Carvalho, Dr. João Otávio Lobo e Luís Supupira.

Durante este período, de curtas interventorias, conseguiu Araújo inaugurar sete postos de Higiene no interior, concluir o Laboratório Central do DSP, instalar e deixar funcionando o Centro de Tratamento Rápido, em Fortaleza, e prosseguir as obras do Hospital de Doenças Transmissíveis, onde hoje funciona o Hospital das Clínicas Walter de Moura Cantídio, da antiga Faculdade de Medicina. Planejou, também, mas não pode executar, um segundo Centro de Saúde, em Parangaba. Contou com todo o apoio do Secretário de Educação e Saúde, professor Filgueiras Lima, para realizar tão importantes obras.

Licínio Nunes de Miranda foi o substituto de Araújo e continuou com o mesmo élan de seu antecessor, tendo fundado cerca de dez postos no interior e realizado muitos melhoramentos nos serviços da capital. Seguiram-no, no comando do DSP, os Drs. Quintílio Teixeira e Anastácio de Sousa Aguiar Filho, bastante entrosados nos problemas sanitários, e que realizam diversos melhoramentos.

Walter Cantídio assume a chefia do Departamento, a 8 de fevereiro de 1951, iniciando a construção do segundo Centro de Saúde, no Pirambu, bairro muito necessitado de tal empreendimento. Inaugurou o Hospital de Isolamento, com 30 leitos, realizando, para tal, um convênio com o Instituto de Ensino Médico. Inaugurou as novas dependências do Dispensário de Tuberculose do Centro de Saúde, em colaboração com a Campanha Nacional da Tuberculose. Vários cursos intensivos foram programados para guardas e visitadoras, bem como um sobre leishmaniose, ministrado por Samuel Pessoa. No interior, construiu 13 Postos e deu início a outros três.

A 15 de junho de 1954, assumia o cargo o Dr. Nelson Sales, já muito experimentado chefe de Postos no interior. José Anastácio e Licínio exerceram o cargo novamente, em breves períodos.

Criada a Secretaria da Saúde em 1961, novo dinamismo foi dado às iniciativas do setor, pela maior facilidade de manuseio com as verbas orçamentárias, em vista da maior aproximação com o poder Executivo. No novo sistema, estiveram no comando da Saúde do Estado os Drs. Amir Rocha Franco, João Paiva de Freitas, José Anastácio de Aguiar, pela terceira vez, Waldenir Albuquerque Maia e Pedro Almino de Queiroz, o atual ocupante.

Em Apêndice IV damos a lista de todos os chefes de Saúde Pública que o Ceará já teve, com diversos títulos, desde o tempo de Província. Todos eles dirigiram o importante setor administrativo, dando tudo de si para que os seus contrerrâneos pudessem usufruir das melhores condições possíveis de saúde.

---

1 Entre Tomaz Pompeu Filho e Acrísio Moreira da Rocha foi nomeado ainda Gomes de Matos, que permaneceu no cargo por uma hora apenas.

## 19 A SOCIEDADE MÉDICA DE SÃO LUCAS

Em 1937, um pequeno grupo de médicos cearenses, convidados por Lauro Vieira Chaves, comparecia à Casa de Retiros de Cristo Rei, em Fortaleza, para concretizar uma ideia de há muito amadurecida na mente do saudoso colega. Eram apenas 12. No dia 31 de outubro daquele ano internaram-se eles para o primeiro Retiro Fechado dos Médicos, pregado pelo jesuíta, Revdo. Padre Antônio Monteiro da Cruz. Foram três dias de profunda reflexão, norteados pelas regras estabelecidas por Santo Inácio de Loyola para a realização de tais encontros. Foi a primeira vez no Brasil que médicos se reuniram com esta finalidade, fato memorável.

No dia da partida, 3 de novembro, pela manhã, foi fundada a Sociedade Médica de São Lucas, já com o intuito de tornar permanente a realização de outros Retiros semelhantes. Estabeleceu-se que a data, sempre coincidente com dois feriados (o primeiro dia é 2 de novembro), seria preferencialmente escolhida, porquanto possibilitaria o encontro, sem maiores dificuldades para os que trabalham.

O resultado foi surpreendente nos anos posteriores, sempre crescendo o número de adesões. Nos dez primeiros anos, pôde-se contar com 267 comparecimentos. No ano de 1946, 32 colegas atenderam ao chamado da Comissão encarregada dos convites. Exatamente nesse ano de 1946, a obra já estava tão madura, que se resolveu comemorar a data jubilar com um Congresso de Médicos Católicos, de âmbito nacional. Era uma grande temeridade, mas havia bastante entusiasmo e muita fé no êxito do arrojado empreendimento.

A preparação foi cuidadosa, meticulosa, verificando-se com muito empenho todos os detalhes, para que nada faltasse, nem fosse esquecido. Durante meses, diariamente os responsáveis mantinham reuniões, acertando o número de participantes, de convidados, os assuntos das conferências, as comissões, etc. O plano foi dividido em duas partes: uma, de interesse científico-religioso, e outra que "atendesse ao problema da concepção espiritual da vida à luz da Medicina e da Religião Católica". A primeira, nas sessões de estudos; a parte apologética, no plenário.

As teses oficiais foram também divididas em sessões de estudo, incluindo problemas como os da eutanásia, eugenia, continência, aborto, limitação de prole, neo-malthusianismo, e os problemas sociais da profissão médica. As sessões solenes, cada dia, eram dedicadas a um assunto de relevante interesse. Assim, sessões foram dedicadas à razão e à fé, à ação católica, à família e às Associações religiosas, cada uma com diversos temas.

Na sessão preparatória do Congresso, foi aclamada uma Diretoria que ficou constituída da seguinte maneira:

Cardeal D. Jaime de Barros Câmara. **Conselho de honra**

Membros

D. Antônio de Almeida Lustosa **Arcebispo de Fortaleza**

Dr. Pedro Firmeza **Interventor do Estado**

General Onofre Moniz Gomes de Lima	<b>Comandante da 10ª. Região Militar</b>
Desembargador Daniel Lopes	<b>Presidente do Tribunal de Apelação</b>
Desembargador Feliciano de Ataíde	<b>Presidente do Conselho Administrativo do Ceará</b>
Dr. César Cals	<b>Prefeito Municipal de Fortaleza</b>
Dr. Aderbal de Paula Sales	<b>Presidente do Centro Médico Cearense.</b>

A Comissão Executiva ficou assim constituída:

<b>Diretor Geral</b>	Revdo. Padre Antônio Monteiro da Cruz, S. J.
<b>Presidente</b>	Dr. Otávio Lobo
<b>Vice-Presidentes</b>	Drs. Jurandir Picanço e Waldemar Alcântara
<b>Secretário Geral</b>	Dr. Francisco Araújo
<b>1º. Secretário</b>	Dr. José Fernandes
<b>2º. Secretário</b>	Dr. Josa Magalhães
<b>1º. Tesoureiro</b>	Dr. Ocelo Pinheiro
<b>2º. Tesoureiro</b>	Dr. José Furtado Filho
<b>Oradores</b>	Drs. Leite Maranhão e Fernando Leite.

Diversas outras comissões foram também escolhidas, ficando nas Presidências os seguintes colegas:

<b>Comissão Científica</b>	Prof. Dr. Celestino Bourroul
<b>Comissão Social</b>	Dr. Carlos Ribeiro
<b>Comissão de Imprensa</b>	Dr. Tarcísio Soriano Aderaldo
<b>Comissão de Finanças</b>	Drs. Otávio Lobo, Ocelo Pinheiro, Jurandir Picanço e Pe. Monteiro da Cruz.
<b>Comissão Artística</b>	D. Julieta Araripe
<b>Comissão de Ornamentação</b>	D. Alba Frota

Com adesões de autoridades civis, eclesiásticas e de médicos de todo o Brasil, instalou-se o Congresso no dia 1º de julho, solenemente, no Theatro José de Alencar. Foi um acontecimento memorável a instalação do Congresso, com a presença das mais altas autoridades, tendo o Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro como Presidente, e uma grande plateia formada especialmente por médicos e familiares, de todo o País.

A imprensa cearense deu absoluta cobertura aos atos do Conclave, noticiando os fatos de maior relevância e registrando a chegada de todas as perso-

nalidades. Ao fim de uma semana dos mais satisfatórios trabalhos, numa sessão solene foi encerrado o Congresso que marcou época na vida médica de nosso estado.

A Comissão encarregada ainda providenciou a publicação de um alentado volume dos Anais, apresentado em artística e esmerada impressão, com a transcrição dos trabalhos discutidos durante as sessões. A lembrança deixada por este Congresso ainda perdura. E são ainda estes resultados que têm servido de verdadeira emulação para o prosseguimento da obra do Retiro dos Médicos.

A Sociedade Médica de São Lucas nunca esqueceu a sua principal meta, que é a realização do retiro anual dos médicos. Durante os 42 anos decorridos desde a sua fundação, jamais deixou de realizar um só Retiro. O pregador tem sido sempre o Diretor Espiritual, Padre Monteiro, que mesmo não morando mais no Ceará, há muitos anos, vem, pontualmente, preparar, convidar e pregar. Algumas vezes foram convidados pregadores diferentes, mas sempre com a assistência do bondoso e dinâmico jesuíta que, apesar da idade, não mede sacrifícios para que o êxito desta obra seja sempre crescente. Já foram convidados, em anos anteriores, os padres Arnaldo Melo, Pedro Melo e João Mohana, este também médico e grande escritor nacional.

É fruto da Sociedade São Lucas a nossa Faculdade de Medicina. A ideia, que já andava na cabeça de alguns colegas que formavam a Sociedade, teve maior desenvolvimento quando da realização do Congresso de Médicos Católicos. Bem amadurecida, pouco mais de um ano depois nascia o Instituto que materializou o cometimento, que hoje é uma glória para o Ceará, tais as revelações médicas que tem dado a nossa terra.

Foram Presidentes da Sociedade São Lucas: o seu idealizador, Lauro Vieira Chaves; Ocelo Pinheiro; Jurandir Picanço; Fernando Façanha; Geraldo Wilson Gonçalves; Waldenir Maia; Raimundo Vasconcelos de Arruda; e Vinicius Barros Leal. No presente ano, está no seu comando o Dr. José da Rocha Furtado.

## 20 A ACADEMIA CEARENSE DE MEDICINA

Na pressa dos dias que correm, nessa ânsia de aproveitar o pouco tempo que resta das obrigações que a Sociedade nos impõe, é admirável que um punhado de médicos, ainda bastante ocupados, tenha tido a ideia de fundar uma Academia de Medicina em Fortaleza.

Objetiva, a agremiação, cultuar as personalidades médicas brasileiras, especialmente cearenses, estimulando a iniciativa e o trabalho de seus membros, no sentido de manter viva a flama que, em vida, estes colegas sempre demonstraram conservar, no ardor de seu entusiasmo. Eles exerceram a Medicina com uma inspiração criadora, exigindo dos que os sucederam o trilhar pelos mesmos caminhos que eles palmilharam no atendimento ao irmão que sofre. Cabe aos Acadêmicos, cheios dessa força que move, que arrebatava, transmitir a outros o sentido gerador das energias de que aqueles foram animados.

Com este intuito, a 12 de maio de 1978 foi solenemente instalada a Academia Cearense de Medicina, constituída de 26 membros fundadores, efetivos, vitalícios, e outros quadros de sócios beneméritos, benfeitores, correspondentes ilimitados.

Como Patrono, foi escolhida a figura excepcional de médico, de profissional exemplar, que foi o Dr. Antônio Justa. As diversas cadeiras têm como titulares os Doutores:

– Abdenago Rocha Lima	– Adalberto de Moraes Studart
– Álber Furtado de Vasconcelos	– Alísio Borges Mamede
– Antônio Francisco Rodrigues de Albuquerque	– Antônio Guarany Mont'Alverne
– Antônio Jorge de Queiroz Jucá	– Carlos da Costa Ribeiro
– César Cals de Oliveira	– Eduardo Dias
– Eliezer Studart da Fonseca	– Francisco Araújo
– Guilherme Studart (Barão de Studart)	– João Batista Saraiva Leão
– João Otávio Lobo	– João Simões de Menezes
– Joaquim Fernandes Teles	– José Cardoso de Moura Brasil
– José Ribeiro da Frota	– Jurandir Marães Picanço
– Manuel Carlos de Gouveia	– Manuel do Nascimento Fernandes Távora
– Pedro Augusto Sampaio	– Samuel Pessoa
– Vicente Cândido Figueira de Sabóia (Visconde de Sabóia)	– Virgílio de Aguiar

Todos, mercedores não só da gratidão dos cearenses, mas também das homenagens que permanentemente se lhes devem prestar pelo muito que fizeram pela comunidade alencarina.

São ocupantes desses lugares 26 médicos que se destacaram pelo amor e dedicação manifestados à profissão e pelo esforço de que sempre deram testemunho na realização dos ideais de suas vidas. São eles:

– Adalberto Studart Filho	– Aluisio Pinheiro
– Antônio Vandick Ponte	– Artur Eneias Vieira
– Geraldo Wilson da Silveira Gonçalves	– Geraldo Frota Pinto
– Haroldo Gondim Juaçaba	– Joaquim Eduardo de Alencar
– João Barbosa Pires de Paula Pessoa	– João Borges de Sales
– José Carlos da Costa Ribeiro	– José Edísio da Silva Tavares
– José Murilo Martins	– José Ossian de Aguiar
– José Osvaldo Soares	– José Pontes Neto
– José Waldemar de Alcântara e Silva	– José Vieira Magalhães
– Livino Virgílio Pinheiro	– Newton Teófilo Gonçalves
– Paulo de Melo Machado	– Raimundo Vieira da Cunha
– Vinicius Antonius Holanda de Barros Leal	– Walter de Moura Cantídio
– Washington Carneiro Baratta Monteiro	

Instalada provisoriamente no antigo Paço da Assembleia Legislativa, por obséquio da Diretoria da Academia Cearense de Letras, é de se prever um brilhante futuro para a agremiação cultural recém fundada, e que tem a sua primeira Diretoria formada dos seguintes acadêmicos:

<b>Presidente</b>	<b>José Waldemar de Alcântara e Silva</b>
Vice-Presidente	Walter de Moura Cantídio
Secretário Geral	José Carlos da Costa Ribeiro
Secretário Adjunto	José Edísio da Silva Tavares
Diretor dos Anais	Vinicius Antonius Holanda de Barros Leal

## 21 CURANDEIROS, CURIOSOS E CHARLATÃES

Existe uma grande diferença entre os dois primeiros "profissionais" que dão o título a este Capítulo e os últimos, os charlatães. Os curandeiros geralmente são indivíduos sem instrução, de poucas letras, ignorantes mesmos, porém reconhecidos pelos do mesmo círculo social como possuidores de qualidades peculiares, que os tornam merecedores da credulidade pública.

O povo aceita muito o conteúdo carismático do que exerce a Medicina. Isso, em qualquer cultura. A força divina, o poder mágico, a individualidade excepcional, podem ser apanágio desta ou daquela pessoa, desde que ela tenha os "merecimentos" próprios, ou adquiridos por atos extraordinários de uma vida meritória. Por isso, é muito comum, especialmente nas populações mais incultas, o aparecimento, vez por outra, de personalidades que se destacam, pelas faculdades de poder curar.

Todos nós conhecemos o ânimo fraco do nosso povo ante a doença e a incapacidade; ele, que na saúde apresenta tanta força e energia, capaz de suportar os maiores sacrifícios sem uma queixa ou maledicência, na presença do achaque, da dor violenta e, sobretudo, da febre, se abate, torna-se negativista, triste, sorumbático. Desanimado, definha e prostra-se, mesmo que não haja tanta gravidade na doença. Nessa circunstância, na impossibilidade do socorro médico, algumas vezes impossível em muitas localidades, apela para o mezinheiro, o benzedor. Estes existem em todas as comunidades, são bem conhecidos e estão sempre perto dos padecentes. Atendem solícitos, com empenho, com boa vontade, muito raramente negando-se à assistência na solidariedade de classe, de parentesco, ou de simples vizinhança.

O médico, julgam-no apenas possuidor da sabença, com os conhecimentos e técnicas indispensáveis ao exercício de sua profissão; mas pode faltar-lhe o dom, a participação nos atributos superiores que a nem todas as pessoas foi dado usufruir. Acontece que alguns conjugam em si as duas qualidades. Pelo poder das virtudes, dos privilégios e merecimentos, elevam-se à categoria dos eleitos. A estes, nada falta para o sucesso absoluto. São divinizados, exaltados até a veneração; jamais, esquecidos. Mesmo depois de mortos continuam sendo ouvidos nas aflições. Quantos exemplos conhecemos.

Para aqueles *doutores* há muita necessidade de discernimento, de bom senso, para não caírem no grotesco, arrastados pela própria credulidade, senão pela incapacidade de perceber até onde é preciso chegar. A inexperiência, a boa fé, são os seus piores companheiros. E nem se fala se forem atingidos pelas ciladas da pecúnia ou pelos encantos da política. Aí, descambam para o populismo, para o demagogismo, caindo, por fim, na afetação da simulação, ou na falsa modéstia, na impostura, com fingimentos enganosos da vontade, objetivando efeitos menos honrosos. Sempre foi assim a trajetória dos que se engalfinharam por tais meandros. Mas, continuam a aparecer, apesar de bem sabido o destino dos que palmilham tais caminho.

O *curioso*, quase sempre, também é pessoa de boa fé; porém, distingue-se do curandeiro porque é instruído, procura desvendar os segredos da ciência ou arte em que deseja imiscuir-se. Alguns chegam às culminâncias do pleno

conhecimento da arte, valendo mais, profissionalmente, do que muitos dos oficialmente diplomados. A História médica está cheia de exemplos. Castiglioni cita John Taylor, do século XVIII, que se tornou um perito em oculística, descrevendo novas doenças, inventando instrumentos, e mesmo sendo considerado "um farsista hábil" tinha valor pessoal, pelos conhecimentos que adquiriu na especialidade. Era excêntrico no trajar e na maneira de viver, e diferia de William Read por que este alugava a pena de médicos sem renome para escrever-lhe os tratados e declarações públicas.<sup>1</sup>

Por fim, o *charlatão*, o explorador da boa fé do povo, o impostor, o embusteiro e trapaceiro. Muitas vezes, argutos, inteligentes, ágeis no pensar e fazer. Com estas qualidades, em graus que podem ser até excepcionais, valem-se para aplicar os golpes desonestos, com o fim de locupletar-se, de enriquecer. A aventura e matreirice são as suas armaduras. Escudam-se na facilidade e na longa experiência das fugas rápidas, livrando-se dos molestados, logo espream o flagrante assustador. Amam a liberdade como nenhum outro contraventor, e jamais se deixam apanhar com facilidade. Munidos de um sexto sentido, percebem no ar, situações perigosas. Vivem de atalaia, observando as reações, vendo no cliente menos parvo a presença de um delator, capaz de colocá-lo nas mãos temidas de um policial, que desmanche, em instantes, aquela figura que com tanto esmero e engenho conseguiu formar de si próprio perante o grupo em que atua. Entre eles, tem classe aquele que não se deixa pegar facilmente, o pilantra, que tem recursos prontos para livrar-se de todos os vexames. Originais, divertem pela presteza e inusitado de seus expedientes.

Tivemos, em nossa História médica, exemplos de todas as três categorias e de variações em cada classe. Do cínico artiloso, imprudente e sem escrúpulos, aos simplórios, ingênuos, sem grandes malícias, unicamente colocados entre tais indivíduos por condições fortuitas, puramente acidentais.

Os curiosos são individualidades à parte, pessoas de bons sentimentos que procuram ajustar-se a uma vocação não satisfeita, ou a uma tendência à generosidade, aos pendores de uma disposição magnânima. Perdoam-se a eles as invasões nos campos de atividade que não são as de suas habilitações, premiam-se a eles até os bons serviços, nas calamidades públicas. Tivemos exemplos aqui no Ceará.

Os curandeiros, como os charlatães, são casos policiais. Os primeiros, com as atenuantes circunstâncias do maior ou menor discernimento com que praticaram o delito; os últimos, sem nada que lhes amenize o crime, devem ser confiados à Justiça para a aplicação da pena, de acordo com o prejuízo que causaram com a obstinação da reincidência e a natureza da contravenção. A contumácia é a regra.

Anchieta, na sua *Informação do Brasil*,<sup>2</sup> chamava a atenção dos superiores, em Roma, sobre a maneira de tratar as enfermidades entre os índios. O pajé, o feiticeiro, "*costuma esfregar, chupar e defumar os doentes nas partes que*

1 Castiglioni, Arturo. História da Medicina. Vol II, p.157

2 Anchieta, José de, Padre. Informação do Brasil, 1584, p.49

*têm lesas e dizem que com isto os saram e disto há muito uso, porque com o desejo de saúde muitos se lhes dão a chupar, posto que os não creem".*

Quer dizer que o hábito é tão velho quanto mesmo o nosso Brasil. E muito mais ainda. Eles já herdaram de seus pais e avós que, por sua vez, já receberam de outros avoengos. Transmitiram a outras gerações, na tradição oral de suas lendas, fatos e hábitos inveterados. Em todas as direções, em todos os sentidos, verifica-se na memória desses povos primitivos a guarda das práticas que foram transferidas assim.

Quando da chegada, aqui no Ceará, dos primeiros Padres jesuítas, não foi diferente a constatação. Logo o padre Figueira reparou o feiticeiro que curava também chupando o nariz e a boca de uma criança atacada de mal desconhecido. Mas este, já ultrapassara os limites do curandeirismo e atingia as raias da charlatanice. Enganava ao enfermo e familiares, fazendo crer ter retirado das entranhas do menino um objeto que, com artimanhas, pusera na boca, antes de iniciar e repugnante cura.

Em todas as Capitânicas de então, encontravam-se, às dezenas, os indivíduos afeitos a tais superstições e credices. Alguns enveredaram para as práticas de bruxarias, especialmente depois da aculturação, misturando os usos de seus ancestrais costumes com as cerimônias rituais dos cultos africanos e católicos. Na Bahia e no Espírito Santo foram verificadas algumas delas, que se tornaram verdadeiras seitas, com um grande número de prosélitos, exorcizando, esconjurando, afugentando espírito, curando e benzendo. Entre nós, tardou muito o exemplo.

\*\*\*

Passada a fase da penetração, do conhecimento da terra e apropriação das ribeiras, fixados os colonos em suas fazendas e sítios, veio a época febricitante da formação dos patrimônios materiais, das riquezas representadas pelos rebanhos numerosos, pelas pastagens abundantes, e pela escravaria inevitável e imprescindível que, no nosso meio, não foi tão expressiva como em Pernambuco, Bahia, ou mesmo, no Maranhão.

Não havia tempo para a doença; remédios, os caseiros, aprendidos dos índios, sofisticados pelos ademanos domésticos. O progresso material trazia a possibilidade de tornar a vida campesina mais prática e objetiva. Vinha a necessidade de atender às exigências espirituais da grei e, daí, a construção da Capela, no pátio da fazenda. O Capelão era então contratado. Efetivo, particular, dedicado unicamente ao bem sobrenatural da família e agregados.

Geralmente tratava-se de um frade, com permissão dos seus superiores, que vinha atender ao convite pressuroso do fazendeiro abastado. Cheio de zelo e diligência, o Reverendo, além de seus objetos de uso sagrado do culto, trazia também, em sua bagagem, algum livrinho de medicina prática ensinando o emprego das principais drogas, nas mais comuns ocorrências dos abalos da saúde. Se já era velho e experimentado, o pobre franciscano tinha logo clientela certa e o nome feito na região. Os mais novos, recém ordenados, o que era raro, adquiriam a experiência pelo exercício continuado. E não lhes faltariam, também, os doentes habituais.

Da Bahia chegou-nos o Fr. Miguel de Santa Teresa, pelas eras de 1760. Veio comissionado pelo superior, para esmolar em benefício do próprio convento. Era comum o fato. Outros, recolhiam ajudas para o Santo Sepulcro, para os Hospitais da Ordem Terceira, etc. Houve época de tanto abuso desses pedinções que houve necessidade de uma ação das autoridades perante o Bispo, solicitando um paradeiro no excesso. Fr. Miguel era diferente. Apegou-se aos Queiroz, de Cascavel e Serra Azul, passando a ser o Capelão, o mordomo, o administrador, o ecônomo, o conselheiro e o médico da família. Com a devida licença de seu superior, ficou com os amigos diletos até a morte do chefe do clã, Antônio Pereira de Queiroz.

Antônio Cirilo, o narrador das sagas da família, conta que o virtuoso frade entendia tanto do corpo como da alma, e que doentes que não encontravam a saúde procurando os entendidos do Forte, do Icó ou do Aracati, achavam-na facilmente nos conhecimentos de Fr. Miguel.<sup>3</sup>

Outro grande auxiliar nas informações sobre o Ceará antigo foi o professor Manuel Ximenes de Aragão, autor das *Memórias* publicadas na *Revista do Instituto do Ceará* de 1913.<sup>4</sup> Homem de muita vivência, deixou-nos um relato interessante de sua vida, passada, em grande parte, nos nossos sertões. Nos vexames das badernas políticas, na azáfama dos trabalhos campestres, no doce fruir das noites sertanejas, muito aprendeu Ximenes das cousas de nossa terra. Tudo isto gravou muito bem na mente e um dia passou para o papel, legando-nos um rico manancial de informações sobre a vida de seu tempo.

Conta ele a sua experiência como curandeiro de Alexandre Mourão, o temido e perverso potentado do Ipu e adjacências. Numa de suas refregas, encontra-se ferido o valentão e apela a Ximenes, tratando-o por parente, o que o professor, até aquela data, desconhecia. Surpreso e condoído com o sofrimento e aflições de Mourão, que invocava o amor de Deus para ser socorrido naquela triste situação em que se encontrava, à mercê dos inimigos, Ximenes atende-o, atordoado. Dominou-se, teve um momento de calma, examinou o ferimento e, instado por circunstantes, "*tomou o sangue de palavras*", que significava repetir um patuá, que terminava pela alocação três vezes sussurrada ao ouvido do doente, tendo-lhes as mãos impostas sobre o ferimento: "*Sangue, tem-te na veia, como Jesus Cristo teve na Ceia*". Apesar da ridicularia que a ele próprio provocava, saiu-se bem, agradando ao facínora compungido.

Aracati era a vila mais populosa e mais rica da Província. Tinha comércio animado, era centro de atração de vasta zona. Muitos forasteiros frequentavam-na na procura de um bom negócio, ou para estabelecerem-se nos mais variados ramos de atividades. Foi lá que apareceu, depois dos movimentos de 1824, a figura curiosa de Joaquim Emílio Ayres<sup>5</sup>, alagoano, salvo das perseguições aos implicados na Revolução, com o nome trocado e com uma história pouco convincente.

3 Ver Boanerges Facó em *O Nordeste*, 1.9.1943

4 P.96

5 Sobre ele: Coleção de Documentos do Barão de Studart, vol.VII, nº55. RIC 1964, p.86

Na realidade, chamava-se Joaquim Inácio Wanderley. Homiziara-se no Convento do Carmo, no Recife, e de lá fugira, com artimanhas, para chegar ao Aracati, onde logo se tornou personalidade de primeiro plano nos acontecimentos do burgo progressista. Embora Paulino Nogueira<sup>6</sup> afirme que a participação dele na conjuração implicasse na condenação à morte, o nome de Wanderley não é citado nas listas dos condenados a tal suplício. O seu crime e participação talvez não chegassem a tanto, a exigir tamanha pena. Comprometido, sem dúvidas, mas em empenhos que valiam mais pela aventura e riscos, e que, parece, coadunavam-se às suas disposições de caráter e temperamento.

João Brígido<sup>7</sup> considera-o "*ardente e de turbulência desusada*". A Câmara de Russas, em 1833, di-lo "*sedicioso e turbulento*". Era de pouco saber, entretanto ousado e atrevido. Contrabalançando tais dotes negativos, fascinava o povolêu a sua bonomia e simplicidade. Aderindo aos Castros, todo-poderosos e influentes, tornou-se um deles, passando a participar do prestígio da famosa grei. Por essa via, chegaram-lhes as benesses: Juiz de Paz, Promotor Público efetivo e a Deputação.

Pelo casamento torna-se aracatiense: Wanderley passa a ser o "Ayres da Micaela". Associa-se ao português Cantafino e chega até a desafiar o Presidente da Província. Breve edita o seu jornal, no nome da mulher e com dinheiro do amigo opulento. O seu *Clarim da Liberdade* é epigrafado com os versos:

*"Constante, denodado,  
No meu clarim cantarei,  
Ou a Pátria federada,  
Ou a vida perderei."*

João Brígido desconhece-lhe capacidade até para entender o que fosse a federação que almejava. Torna-se conservador, despreza os seus antigos protetores, agora inimigos figadais. Hostil e adverso com quem até há pouco confraternizava, no partido oposto, que ora é o seu, tudo faz para prejudicar a facção que abandonou. Como era de esperar, rompe também com os Caminhos, seus apaniguados recentes. Inimizado pelos dois lados, sofre a perseguição de ambos. Semeando cizânia e discórdia, preparou a tempestade que cedo se lhe abate.

Exercia a dupla serventia de advogado e de médico. Da rabulice e do charlatanismo tirava o sustento para a família, que aumentava. Daquela, talvez fosse provisionado, ou licenciado; mas desta, carecia-lhe o atributo. Em ambas as atividades a que se dedicava, praticava as suas boas ações, era prestimoso, obsequiava. Isso valeu-lhe o conceito de pessoa serviçal, encantando aquela população pouco afeita a semelhante dedicação. Daí veio-lhe o prestígio. Mais ainda, por sua constante preocupação em preparar muitos daqueles pobres moradores dos subúrbios para o exercício de uma profissão. Agia assim usando de suas prerrogativas de promotor e juiz. Mandou ensi-

---

6 Nogueira, Paulino. Presidentes do Ceará. RIC 1896, p.270

7 Vitor, Hugo. Deputados provinciais do Ceará, p. 236

nar a ler, escrever e contar aos meninos; e às meninas, as prendas domésticas. Estes seus atos procuraram-lhe muitas de suas sandices.

Emílio Ayres era um curandeiro hábil e chegava às raias do charlatanismo. Sabia captar a confiança dos simplórios e, mesmo, dos melhora-mente situa-dos. Pessoas de famílias das mais tradicionais do Aracati lembram hoje, na velhice, conceitos de seus avós acerca do trêfego alagoano. São referências elogiosas aos resultados de seus tratamentos. Perseguido na adversidade de um desprestígio passageiro, foi acoimado de exercer ilegalmente a profissão de médico. Rápido, segue para a Bahia e de lá volta, trazendo o glorioso diploma de cirurgião, passando, daí por diante, a exercer a atividade com desembaraço e sem atropelos da ilegitimidade que vivia.

Contam-se dele bravatas pouco verossímeis, de ter mandado matar um in-feliz através das próprias grades da cadeia. Mas isto ocorre por conta de seus detratores. Morreu em 1850, em Príncipe Imperial, quando até pouco antes a ralé injuriosa cantava em frente à sua casa, glosando o seu *Clarim da Liberdade*.

*"Clarim da Liberdade  
(que) De cantar enrouqueceu  
Nem a Pátria federou  
Nem a vida se perdeu."*<sup>8</sup>

Outros, como Ayres, pontificaram em diversas regiões do Ceará. Em Russas, o patriarca jaguaribano Luciano Cardoso de Vargas, no começo dos anos 1700, exercia a Medicina, procurado e afamado. No Icó, D. Guidinha, referida pelo Barão de Studart como famosa por seus talentos clínicos; no Acaraú, o Capitão Diogo Lopes, conhecido pelas qualidades extraordinárias que di-ziam possuir, de reconhecer as doenças através das cores que percebia nos enfermos. Construiu uma Casa de Saúde junto à sua residência, e aí recebia hóspedes de toda a redondeza, inclusive do Piauí e Maranhão, que o procura-vam na certeza do alívio de seus males.

Destino das terras ricas: ser o refúgio dos mal-intencionados, que procuram saciar os seus baixos interesses locupletando-se das misérias alheias, ou da estultice e vaidade dos tolos. Aracati sofreu essas mazelas por ser considerada opulenta e laboriosa. Para lá embarcou, um dia, o "Dr." Epifânio Astrodillo de Brisson. Foi em 1851, quando a cidade se debatia com a peste, que levava o melhor de sua nata social. Célere espalhou-se a notícia da che-gada do médico espanhol. Louvado por seu preparo científico, encheu-se o consultório. Em pouco tempo escasseavam as horas para atendimento domiciliar. Já não podia atender a tamanha clientela. Durou pouco a benevolên-cia do povo, em vista dos resultados dos tratamentos empregados. Muitos morriam, apesar dos estranhos remédios do facultativo. Logo verificaram o embuste e fingimento do charlatão. No balanço dos curados e piorados, viram que o prato caía muito para o último lado.

O "Dr." Brisson (ou Busson), viera de Pernambuco, e para lá o Presidente da Província encaminhou o pedido de informações da Câmara aracatiense,

8 Vitor, Hugo. Deputados Provinciais do Ceará, p.326

que desejava conhecer as credenciais do discutido esculápio. Almeida Rêgo obteve a confirmação das suspeitas que pairavam e encaminhou aos edis jaguaribanos a recomendação de que se safassem dele o mais rápido possível. Enquanto isso, o jornal *O Cearense* censurava a severidade da ordem presidencial, justificando os conhecimentos profundos do "Dr." Brisson e os seus 28 anos de prática nos Hospitais da Europa. Até a "Legião da Honra" francesa afirmavam resplandecer no peito do famoso médico.

Qual a razão dessa defesa do jornal liberal? Desconheciam eles as verdadeiras qualidades do notável farsista. Graças ao que escreveu o professor Otávio de Freitas em seu livro *Medicina e costumes do Recife antigo*, posso hoje, valendo-me do velho mestre, elucidar um pouco a vida de Brisson.

Dizia-se, de Epifânio Astrodillo, no Recife, ser formado por uma Universidade Espanhola. Associou-se, na capital pernambucana, a um farmacêutico, Torres Castro, e passou a formular os mais estranhos medicamentos, disparatados e extravagantes. Para dores lombares, receitava "cataplasma de esterco de boi" e, para outros males, os "emplastos contra rutura", que os havia de nº. 1, 2, 3, etc.

As pílulas do Dr. Astrodillo, só a botica de Castro poderia preparar. Compunham-se de "*alecrim misturado com alfazema e salsa num cozimento com um sal de chumbo*". Para outros doentes, formulava uma "*mistura de sal calístrico com sal policresta*".<sup>9</sup> Nesse arrevizado de nomes, os mais despropositados, Brisson ia faturando os seus vinténs, até que a paciência das autoridades não pôde mais suportar e decidiu investigar os seus títulos. Nas inquirições no Rio e na Bahia nada foi apurado a favor de sua pretensa revalidação. Tudo negativo, resultando, do inquérito instaurado, que não passava ele de "*um curioso pouco ageitado para o exercício da Medicina*". A única saída, era "dar ás de vila diogo", escapulir. E foi o que ele fez, escolhendo o nosso Aracati para recomeçar o seu fadário.

Onde colocar os adeptos da homeopatia? O Dr. Castro Carreira foi um grande incentivador do método que, antes, já havia sido introduzido aqui pelo médico alemão Augusto Jernstedt. Divulgada a novidade, todo o estoque de livrinhos foi vendido, e a simples leitura dos postulados de Hahnemann tornava os leitores médicos homeopatas. E quanta gente assim "formada" resolveu ter a sua clientela particular! Os vigários sobressaiam dos demais. Sabiam latim, entendiam os aforismas, abraçavam a nova fé e faziam prosélitos. Geralmente, os sectários eram pessoas instruídas; pelo menos, os que, nessa época, começaram a aplicar as milésimaturas.

Cândido José Pamplona e José Henrique Samico, em Fortaleza, foram os corifeus do novo mister. Dedicaram-se à clínica, tratavam com sucesso absoluto todos que os procuravam. Pamplona teve como cliente até a esposa do Presidente da Província, que se julgou curada com a maravilhosa droga. Tanto bastou para a fama. O Ceará inteiro procurava os "doutores" que receitavam aqueles remedinhos, tão baratos e tão eficientes...

Na Comissão Científica, em 1851 vieram alguns médicos. Outros não o eram, porém a proximidade de interesse e de campos de trabalho fizeram

9 Freitas, Otávio de. *Medicina e costumes do Recife antigo*. P.158

com que o povo os considerasse também discípulos de Hipócrates. Todos eram doutores... Nas visitas às cidades do interior formavam-se filas para as consultas. Até "*Gonçalves Dias fez figurão em Baturité*,"<sup>10</sup> representando bem o papel, não dando a entender o arremedo que encenava.

Os cientistas da Comissão puderam verificar bem, e disto deram ciência ao Instituto Histórico, a situação, a credulidade e ignorância em que vivia o povo do Ceará naquela época. Dizia Manuel Ferreira Lagos, no seu Relatório, que o matuto deposita "*toda a fé no poder sobrenatural de certos curandeiros – de restabelecer a saúde dos mordidos de cobras venenosas pelos momos e rezas*", etc. Não difere em quase nada a conceituação desse mesmo povo nos dias atuais. As crendices continuam, as superstições encontram-se em todos os níveis sociais.

Na epidemia do cólera, a comissão de socorro apelou também para os "curiosos" que se quisessem engajar nos trabalhos de combate à terrível doença. Muitos atenderam pressurosos, honrados com a distinção. E tal foi o empenho e dedicação, que alguns deles foram galardoados com as mais elogiosas referências e indicações de seus nomes para as homenagens imperiais.

Nos tempos mais modernos, surgiu, com mais estardalhaço, a figura caricata do espertalhão e do charlatão, do motivado por interesses escusos, que pratica os atos mais torpes visando apenas o seu próprio interesse. Pouco se lhe dá que a vítima sofra as piores consequências de suas trelas. Insensíveis, ridicularizam o sofrimento alheio. E como gostam da Medicina! Que atração encontram na arte de curar! Todo mundo conhece casos desses vigaristas. Vou narrar apenas os casos daqueles que mais chamaram a atenção, que mais abusaram das prerrogativas da nobre profissão de médico, para tirar as vantagens da perversidade.

Em 1924 apareceu aqui, o "Dr." Máximus Niemeyer, cujo diploma a Diretoria de Saúde Pública não reconheceu. Vinha de outras "praças", já havia feito sucesso em todas; mas, aqui, a vigilância das autoridades não permitiu que abrisse o seu consultório com aquele atestado de "doutor." em "Ciências ocultas". Alguns jornais ainda deram a ele boa acolhida e increparam os fiscais sanitários de exagero na defesa da população desprevenida.

Outros, porém, tiveram mais sorte. O Dr. Tupiassú foi uma celebridade. Vestido à indiana, varou os sertões, montou clínicas em muitas cidades e chegou até mesmo às portas da capital. Usava também o nome de "Dr. Francisco de Assis" e atrevia-se a praticar atos de extrema imprudência no exercício ilegal de sua charlatanesca medicina. Ganhou muito dinheiro, divertiu-se, e conseguiu fugir sem que ninguém desse conta do seu paradeiro.

No ano seguinte, apareceram em "equipe". São três indivíduos que se dizem médicos e montam suas tendas em Cascavel. Ludibrium quanto povo ingênuo havia no lugar. Menos espertos do que o "Dr. Tupiassú", foram flagrados e deportados.

Em 1941 aparece a estrela de toda essa raça. É o "Dr. Pedro Ludovico". Este indivíduo matreiro, inteligente, hábil enfermeiro, conhecedor de uma cir-

---

10 Braga, Renato. História da Comissão Científica Exploradora. P.60

cunstância favorável aos seus bem arrumados planos, consegue um título legítimo de médico e larga-se para o Norte. Fez grande clínica, partejou, operou, fez tudo que um médico no exercício de sua profissão pode praticar. Este, para escárnio dos bons e honestos, guardava, em um álbum arrumado, todas as reportagens saídas nos jornais e revistas ao seu respeito. Contra e a favor. Os sucessos dos anúncios e as fugas rocambolescas.

Daqui, saiu impune. A polícia apenas pôde apreender o seu luxuoso automóvel, em que se locomovia de uma cidade para outra. Só depois de divulgada a notícia de sua procura é que o verdadeiro dono do diploma veio saber do destino do seu desprezado "canudo". O Dr. Pedro Ludovico, político goiano eminente, formado em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, em 1915, jamais tinha solicitado o seu diploma. Na ocasião em que o charlatão requereu o documento no Rio, era ele interventor em sua terra e longe estava de saber o paradeiro de tão importante papel.

Terminando o Capítulo sobre esses indivíduos que, talvez, por gostarem demais da nossa profissão, acercam-se tanto dela, transcrevo as palavras de William Osler em *Aequanimitas*: *"Em assunto médico, não possui o cidadão ordinário de hoje, um grão de conhecimento a mais do que os antigos romanos, nos quais Luciano censurava aquela credulidade que os tornava vítimas indefesas dos charlatães da época, como o célebre Alexandre, cujos feitos fazem desejar tivesse aparecido 18 séculos mais tarde. Lidai, pois gentilmente com esta natureza humana, deliciosamente ingênua, sobre a qual trabalhamos, e reprimi vossa indignação se descobirdes que vosso melhor paciente traz escondido no bolso do colete droga da milésima potencialidade, ou se vos deparar, acidentalmente, no seu quarto, um Warner's safe cure. Injúrias dessa natureza aparecerão fatalmente um dia, contai com elas e por isso não vos deixeis irritar"*.

## 22 RELAÇÃO (INCOMPLETA) DOS MÉDICOS DO CEARÁ

1837 -1937

Nome	Local Local Local	Data do nascimento Data da formatura Data do óbito
<b>1837-1850</b> (ver RIC 1905, p.243, nota 2.)		
JOSÉ LOURENÇO DE CASTRO E SILVA (Ver Prat. 34-2, p.220)	Aracati	03.08.1808
	Rio	03.11.(?) 1837
	Fortaleza	13.08.1874
FRANCISCO ALVES PONTES	Sobral	1817
	Rio	1841
	Fortaleza	07.07.1880
ANTÔNIO DOMINGUES DA SILVA (ver Famílias de Fortaleza, p.357)	Sobral	25.07.1817
	Montpellier	03.11.1843
	Fortaleza	12.07.1876
LIBERATO CASTRO CARREIRA	Aracati	24.08.1820
	Rio	20.12.1844
	Rio	09.07.1903 (12.7?)
MANUEL MARROCOS TELLES	Crato	-
	Rio	1849
MARCOS JOSÉ TEÓFILO (ver Famílias de Fortaleza, p.257)	Fortaleza	27.10.1821
	Bahia	13.12.1849
	Pacatuba	15.12.1864
<b>1851-1860</b>		
ANTÔNIO MANUEL DE MEDEIROS	Aracati	23.04.1820
	Bahia	1845 (ou 1852)
	Icó	13.07.1879
JOAQUIM ANTÔNIO ALVES RIBEIRO (ver seu anúncio em <i>O Sol</i> , 108, p.4)	Icó	09.01.1830
	Harvard	1853
	Fortaleza	02.05.1875
MANUEL MENDES DA CRUZ GUIMARÃES	Fortaleza	19.05.1832
	Rio	18.12.1854
	Fortaleza	20.10.1863
BENJAMIM FRANKLIN DA ROCHA VIEIRA	Rio	1854
JOAQUIM ANTÔNIO HANVULTANO DE OLIVEIRA	Fortaleza	29.08.1829 (ou 1928)
	Rio	1855
	Rio	16.03.1906
ADOLFO BEZERRA DE MENEZES	Jaguaretama	29.08.1831
	Rio	1856
	Rio	05.08.1882

Nome	Local Local Local	Data do nascimento Data da formatura Data do óbito
JOSÉ TORRES DE ALBUQUERQUE	Rio	1856
RUFINO ANTUNES DE ALENCAR	- Rio Fortaleza	1832 1856 17.09.1917
JOAQUIM BARBOSA CORDEIRO (em O Cearense de 25.08.1854 há notícia da formatura dele)	Canindé Cambridge Baturité	- 06.12.1856 1862
DOMINGOS JOSÉ FERREIRA (Pereira?) PACHECO	Aracati Rio -	21.11.1832 20.11.1857 09.05.1887
ANTÔNIO PINTO BARBOSA CORDEIRO	Canindé Rio	- 1858
JOAQUIM BENTO DE SOUSA ANDRADE	Limoeiro Rio Messejana	19.06.1835 28.11.1858 26.04.1893
VICENTE CÂNDIDO FIGUEIRA DE SABOIA	Sobral Rio Rio	13.04.1836 1858 18.03.1909
ANTÔNIO MENDES DA CRUZ GUIMARÃES	Fortaleza Rio Fortaleza	28.02.1838 1859 10.04.1878
PAULINO FRANKLIN DO AMARAL (Barão de Canindé)	Baturité Rio Rio	25.06.1835 30.11.1859 25.03.1892
<b>1861-1870</b>		
FRANCISCO DE PAULA PESSOA FILHO	Sobral Rio Rio	12.01.1864(?) 1861 02.04.1879(?)
CORNÉLIO JOSÉ FERNANDES	Quixeramobim Bahia Quixeramobim	10.09.1834 27.11.1862 29.09.1899
FRANCISCO RIBEIRO DELFIM MONTEZUMA	Icó Rio Fortaleza	27.04.1839 1864 31.08.1842
MANUEL JOAQUIM DA ROCHA FROTA	Santana (antiga Licânia) Rio Rio	18.08.1842 29.11.1864 01.03.1880
RAIMUNDO JACINTO SAMPAIO	Aracati Rio	- 1864
JOSÉ ANTÔNIO DA SILVA VIANA	Maranguape Rio Fortaleza	15.08.1842 21.11.1865 25.08.1866

Nome	Local Local Local	Data do nascimento Data da formatura Data do óbito
ADRIÃO LUÍS (Pereira?) FERREIRA DA SILVA	Aracati Rio Recife	01.03.1842 1866 (ou 1867) 22.09(ou .03).1908
HENRIQUE LEOPOLDO SOARES DA CÂMARA	Fortaleza Rio	- 1868
JOAQUIM ESTANISLAU DA SILVA GUSMÃO	Fortaleza Bahia Ribeirão Preto	01.12.1845 (ou 30.12.1843) 1868 (ou 1867) 29.04.1899 (ou 1889)
JOÃO DA ROCHA MOREIRA	Fortaleza Bahia Fortaleza	01.02.1845 29.11.1869 14.01.1913
JOÃO CORIOLANO LADISLAU	Bahia	1876
HENRIQUE CESÍDIO SAMICO	Fortaleza Rio Rio	21.08.1845 1870 20.01.1920
JOÃO RAULINO DE SOUSA UCHOA	Fortaleza Paris	23.06.1841 02.05.1870
METON DA FRANCA DE ALENCAR	Messejana Rio Fortaleza	07.09.1843 15.12.1870 21.02.1893
<b>1871-1880</b>		
LUÍS SEVERIANO RIBEIRO	Cascavel Rio	03.02.1846 09.01.1872
FRANCISCO PEREGRINO VIRIATO DE MEDEIROS	Sobral Rio Fortaleza	1846 1872 30.01.1888
JOSÉ CARDOSO DE MOURA BRASIL (ver Atas Acad. I, 45)	Iracema Bahia Rio	10.02.1846 30.11.1872 30.04.1928
PEDRO AUGUSTO BORGES	Fortaleza Bahia Rio	29.04.1851 06.12.1873 11.09.1922
ANTONIO POMPEU DE SOUSA BRASIL	Fortaleza Rio Fortaleza	29.03.1851 26.12.1873 26.01.1886

Nome	Local Local Local	Data do nascimento Data da formatura Data do óbito
DOMINGOS JOSÉ NOGUEIRA JAGUARIBE FILHO	Fortaleza Rio Santos	02.11.1848 1874 14.11.1926
FRANCISCO BORGES DA SILVA	Bahia	1874
ANTÔNIO MANUEL DA COSTA BARROS	Aracati Rio -	1850 15.12.1877 10.05.1890
JOSÉ NOGUEIRA BORGES DA FONSECA	Maranguape Rio Maranguape	15.08.1850 1877 27.06.1881
AUGUSTO FULGÊNCIO PIRES DA MOTA	Granja Bahia Granja	31.08.1851 15.12.1877 22.06.1856
GUILHERME STUDART (BARÃO DE STUDART)	Fortaleza Bahia Fortaleza	05.01.1856 15.12.1877 25.09.1938
JOSÉ MANUEL PEREIRA PACHECO	Aracati Paris João Pessoa	22.01.1852 1877 22.10.1910
LEANDRO CORREIA LIMA	Várzea Alegre (fal.)	23.08.1934
ALFREDO MARINHO DE ANDRADE	Sobral Rio (fal.)	02.03.1847 23.08.1934
JOSÉ NOGUEIRA BORGES DA FONSECA	Maranguape Rio -	15.08.1950 12.01.1878 27.06.1881
SINFRÔNIO SIGUERIDO DE SOUSA	Itapipoca Rio Fortaleza	07.07.1852 12.01.1878 08.10.1878
FRANCISCO PINHEIRO DE ALMEIDA E CASTRO	Aracati Rio	1856 1880
ANTÔNIO BATISTA DE MORAIS	Quixeramobim Rio Acre	07.05.1850 28.12.1880 21.09.1905
ANTÔNIO PACHECO MENDES	Aracati Rio Rio	24.02.1857 20.12.1880 1942
EPIFÂNIO FRANCISCO SAMPAIO	Aracati Rio	25.05.1853 29.12.1880
FERNANDO NAPOLEÃO AUGUSTO DE ALENCAR	Fortaleza Bahia	31.03.1857 1880

Nome	Local Local Local	Data do nascimento Data da formatura Data do óbito
INÁCIO DE SOUSA DIAS	Icó	08.05.1856
	Bahia	1880
	Cedro	11.03.1921
<b>1881-1890</b>		
JOÃO FRANCISCO PEREIRA	Fortaleza	02.11.1854
	Rio	13.12.1881
RAIMUNDO BELFORT TEIXEIRA	-	06.02.1852
	Rio	23.12.1881 (fal.)
JOSÉ PACÍFICO CARACAS	Guaramiranga	04.08.1856
	Rio	22.12.1881
	Baturité	14.09.1921
JOSÉ SOMBRA	Maranguape	04.12.1852
	Rio	22.12.1881
	Fortaleza	14.03.1888
JOÃO GUILHERME STUDART	Fortaleza	13.09.1858
	Bahia	14.12.1881
	Fortaleza	05.05.1943
ANTÔNIO GURGEL DA COSTA NOGUEIRA	Crato	25.03.1849
	Rio	22.12.1882
	Aracati	16.11.1924
JOAQUIM ANSELMO NOGUEIRA	Santana	30.04.1857
	Rio	26.12.1883
	Rio	17.05.1926
FRANCISCO MARIA DE MELO OLIVEIRA	Fortaleza	07.02.1847
	Rio	26.12.1883
	São Paulo	23.07.1907
JOÃO MARINHO DE ANDRADE	Sobral	26.06.1860
	Rio	21.12.1883
	-	11.01.1927
JOSÉ WELLINGTON CABRAL DE MELO	Pacatuba	11.05.1855
	Rio	26.12.1883
	Pacatuba	30.11.1926
LEONEL NOGUEIRA JAGUARIBE	Crato	24.02.1857
	Rio	1883
	Juiz de Fora (MG)	21.08.1886
ANTÔNIO FERREIRA DA COSTA LIMA	Aracati	01.06.1854
	Rio	11.12.1883
	-	29.09.1944
FRANCISCO CUNEGUNDES VIEIRA DIAS	Icó	03.03.1854
	Bahia	15.12.1883
	Icó	25.08.1894

Nome	Local Local Local	Data do nascimento Data da formatura Data do óbito
JOSÉ VENÂNCIO FERREIRA LIMA	Baturité	28.11.1853
	Bahia	15.12.1883
	Fortaleza	13.03.1903
FRANCISCO BERNARDES DA CUNHA FILHO	Quixeramobim	29.10.1854
	Rio	16.12.1884
	S.Luiz do Cárcere	06.1889
JOÃO PEDRO FIGUEIRA DE SABOIA	Sobral	16.11.1860 (ou 15.05?)
	Rio	18.12.1884
RAIMUNDO JUSTINIANO DE OLIVEIRA	Rio	1884
		12.03.1915
JOSÉ PINTO NOGUEIRA	Icó	29.09.1855
	Bahia	13.12.1884
	Fortaleza	23.08.1908
BRUNO CABRAL DE MIRANDA	Bahia	1885
HENRIQUE LEITE BARBOSA	Fortaleza	07.07.1861
	Bahia	1885
	Fortaleza	21.10.1931
ILDEFONSO CORREIA LIMA	Lavras	07.07.1860
	Rio	1885
	Fortaleza	28.02.1911
FRANCISCO DIAS MARTINS	Fortaleza	-
	Rio	31.12.1886
JOAQUIM BATISTA DA COSTA	Fortaleza	1862
	Rio	1886
	Aracati	-
JOSÉ LEITE BARBOSA	Aracati (Fortaleza?)	14.08.1863
	Rio	12.1886
	Aracati	26.02.1917
ANTÔNIO AUGUSTO DE MENEZES	Boa Viagem	09.06.1861
	Rio	31.12.1887
	Fortaleza	7.02.1904
FRANCISCO DE PAULA RODRIGUES	Sobral	19.10.1863
	Rio	19.01.1888
	Fortaleza	12.03.1953
ILDEFONSO PEREIRA DE AZEVEDO	Aracati	-
	Rio	1887
FRANCISCO RIBEIRO DELFINO MONTEZUMA	Icó	16.12.1864
	Rio	27.12.1884
	-	31.08.1892
JOSÉ ALBOINO DE FIGUEIREDO	Crato	27.08.1860
	Rio	04.07.1887
	Rio Grande do Sul	09.1906

Nome	Local Local Local	Data do nascimento Data da formatura Data do óbito
JOSÉ ONOFRE MUNIZ RIBEIRO	Sobral	28.05.1855
	Rio	24.09.1887
	Rio	27.07.1903
MANUEL DUARTE PIMENTEL	Fortaleza	05.04.1857
	Rio	12.01.1887
	Fortaleza	16.01.1917
AUGUSTO FULGÊNCIO PIRES DA MOTA	Granja	31.08.1851
	Bahia	1887
	-	22.06.1895
PEDRO CORREIA DE MACEDO	Bahia	1887
ANTÔNIO DA JUSTA SEIXAS CORREIA	Fortaleza	11.03.1864
	Rio	1888
EDUARDO DA ROCHA SALGADO	Fortaleza	20.04.1864
	Rio	29.09.1888
	Rio	21.05.1934
JOSÉ ACÚRCIO BENIGNO	Quixeramobim	-
	Rio	15.12.1888
FRANCISCO TEIXEIRA DE MAGALHÃES FILHO	Bahia	1888
AMÉLIA PEDROSO BENEBIEN PEROUSE	Crato	06.01.1860
	Bahia	1889
ANTÔNIO PINTO NOGUEIRA BRANDÃO	Icó	19.09.1862
	Bahia	08.08.1889
	Rio	12.11.1930 (1917?)
FRANCISCO PIRES BARROCAS	Baturité	05.08.1855
	Bahia	1889
	Guaramiranga	22.01.1938
JOSÉ LINO DA JUSTA	Pacatuba	23.09.1862
	Bahia	08.10.1889
	Rio	22.03.1952
TOMAZ CATUNDA	Fortaleza	27.07.1865
	Bahia	1889
	-	13.12.1942
JOSÉ GUMERCINDO GUIMARÃES PADILHA	Fortaleza	04.11.1861
	Rio	12.1890
RAFAEL CORREIA DE OLIVEIRA ANDRADE	Quixeramobim	1867
	Bahia	1890
JOSÉ ANTONIO DE FIGUEIREDO RODRIGUES	Sobral	02.10.1873
		1890

Nome	Local	Data do nascimento
	Local	Data da formatura
Local		
1891-1900		
JOSÉ ALCEBÍADES FROTA	Sobral	14.02.1872
	Rio	1894
	-	16.06.1943
RAFAEL CORREIA DE OLIVEIRA ANDRADE	Quixadá (?)	1867
	Bahia	1891
ALFREDO RAULINO MOURÃO	Jaguaribe	1868
	Rio	24.12.1892
	Minas Gerais	18.06.1894
JOÃO PAULINO DE BARROS LEAL FILHO	Quixeramobim	07.09.1864
	Rio	24.12.1892 (ou 27.12)
	Baturité	11.04.1939
JOSÉ AUGUSTO GOMES ANGELIM	Sobral	-
	Rio	1892
JOÃO DA CRUZ ABREU	Fortaleza	24.11.1866
	Bahia	03.11.1892
	Rio	15.04.1947
AMÉRICO BARREIRA	Quixadá	05.04.1868
	Bahia	11.04.1894
	Quixeramobim	22.06.1910
RODOLFO JATAÍ	Bahia	1894
JOSÉ DE CASTRO MEDEIROS	Fortaleza	04.12.1874 (ou 1884?)
	Paris	1896
	-	26.03.1942
JOÃO RICARDO GOMES DE ARAÚJO	Lavras	03.04.1867
	Bahia	11.12.1897
	Fortaleza	24.01.1912
JOSÉ ANTÔNIO FIGUEIREDO RODRIGUES	Sobral	02.10.1873 (ou 1870)
	Rio	29.11.1898
	Rio	23.06.1949
ANTÔNIO AMBRÓSIO CARNEIRO	Fortaleza	07.12.1873
	Bahia	14.12.1898
	Amazonas	02.08.1921
BRUNO DE MIRANDA VALENTE	Fortaleza	06.10.1875
	Bahia	20.10.1898
	Fortaleza	28.08.1934
RAIMUNDO TEÓFILO DE MOURA PEREIRA	-	15.06.1872
	Rio	1898
ALVARO OTACILIO NOGUEIRA FERNANDES	Quixeramobim	14.09.1873
	Rio	03.02.1899
	Fortaleza	08.01.1953
ANTÔNIO REMÍGIO DE CASTRO FILGUEIRAS	Rio	1899

Nome	Local	Data do nascimento
	Local	Data da formatura
	Local	Data do óbito
METON DA FRANCA DE ALENCAR FILHO	Fortaleza	22.12.1875
	Rio	18.01.1900
	Fortaleza	05.02.1932
JOSÉ COELHO DE MIRANDA	Rio	1899
JOSÉ DE FIGUEIREDO RODRIGUES	Santa Quitéria	-
	Rio	1898
RAIMUNDO TEÓFILO DE MOURA FERREIRA	Acaraú	15.06.1872
	Rio	07.01.1899
	Rio	26.01.1946
ANTÔNIO FILGUEIRAS SAMPAIO	Barbalha	22.01.1874 (ou 1877?)
	Bahia	08.04.1899
	Antenor Navarro	25.01.1933
JOVELINO DE SENA	S.Fco.de Uruburetama	11.12.1875
	New York USA	1899
EDUARDO BORGES MAMEDE	Fortaleza	10.12.1875
	Bahia	14.11.1900
	Fortaleza	28.05.1916
ILDEFONSO AUGUSTO LACERDA LEITE	Lavras	08.01.1876
	Rio	1899
	Princeza (PB)	06.01.1902
MANUEL MONTEIRO DE ALENCAR	Jardim (ou Crato?)	-
	Rio	1900
<b>1901-1910</b>		
JOSÉ CABRAL DE ALENCAR	Baturité	14.02.1877
	Rio	25.04.1902
	Baturité	22.08.1915 (ou 07.09?)
JOÃO BATISTA DE QUEIROZ LIMA	Guaramiranga	20.07.1875
	Rio	16.12.1901
	Quixadá	08.12.1934
JOSÉ DA SILVA NAVA	Fortaleza	18.09.1876
	Rio	05.10.1901
	Rio	30.07.1911
ANTÔNIO BELIZÁRIO CARTAXO DANTAS	Bahia	1902
DARIO PEIXOTO	Crato	07.02.1872
	Bahia	29.12.1902
	Salvador	21.09.1944
JOSÉ FRANCISCO JORGE DE SOUSA	Itapajé (ou Fortaleza)	02.06.1877
	Bahia	18.04.1902
	-	18.04.1937

Nome	Local Local Local	Data do nascimento Data da formatura Data do óbito
JOAQUIM DA CUNHA FONTENELLE	Viçosa Bahia São Paulo	13.02.1876 30.12.1902 -
MANUEL DO NASCIMENTO FERNANDES TÁVORA	Jaguaribe Rio Fortaleza	21.03.1877 23.02.1902 23.09.1974
RUFINO ANTUNES DE ALENCAR JUNIOR	Fortaleza Rio	26.07.1879 15.01.1903
AUGUSTO LINHARES	Baturité Rio Rio	24.11.1879 06.1903 21.10.1963
ESPERIDIÃO DE QUEIROZ LIMA	Quixadá Rio Rio	31.10.1880 01.1904 -
BELISÁRIO CARTAXO DANTAS	Maurity Bahia	- 1902
RODOLFO GALVÃO	Maranguape Rio -	- 12.1902 1933 (?)
JOÃO AUGUSTO BEZERRA	Lavras Rio Fortaleza	28.06.1878 (ou 1877) 26.01.1904 10.11.1952
JOÃO HIPÓLITO DE AZEVEDO E SÁ	Fortaleza Rio Fortaleza	03.08.1881 03.01.1904 14.05.1941 (ou 18.07.1962)
ALARICO DAMASIO	Fortaleza Rio	15.05.1882 18.01.1905
ELIEZER STUDART DA FONSECA	Fortaleza Rio Fortaleza	29.10.1884 1904 -
MANUEL BATISTA DE OLIVEIRA	Iguatu Rio Fortaleza	06.01.1875 23.05.1905 07.03.1950
ADOLFO HERBSTER PEREIRA	Fortaleza Rio	- 1904
JOAQUIM RIBEIRO DA FROTA	Viçosa Bahia -	26.03.1882 09.12.1904 31.12.1915
JOSÉ FRUTUOSO DIAS NETO	Icó Bahia Iguatu	02.09.1868 1904 23.05.1930
MANUEL MOREIRA DA ROCHA	Caucaia Bahia Fortaleza	26.09.1880 14.12.1904 08.03.1935

Nome	Local Local Local	Data do nascimento Data da formatura Data do óbito
ALBERTO AMARAL DE SOUSA	Fortaleza Rio	06.01. 27.01.1906
CESAR ROSSAS	Fortaleza Rio Fortaleza	03.05.1883 19.05.1905 17.08.1959
JERÔNIMO RIBEIRO DA COSTA	Guaramiranga Rio -	07.08.1881 24.01.1905 22.10.1942
JOSÉ CAVALCANTE DE CASTRO GOIANA	Cascavel Rio Rio	27.05.1881 19.05.1905 -
PAULO AUGUSTO DE MORAIS	Fortaleza Rio	01.10.1884 1905
SAMUEL FELIPE DE SOUSA DOMINGUES UCHOA	Jaguaribe Rio Rio	19.06.1881 12.12.1905 21.05.1952
TOMAZ POMPEU DE SOUSA BRASIL FILHO	Fortaleza Rio	21.04.1878 03.1905
MANUEL JOAQUIM CAVALCANTE DE ALBUQUERQUE	Baturité Rio	11.07.1881 26.01.1905
ANTÔNIO ALFREDO DA JUSTA	Fortaleza Rio Fortaleza	23.10.1881 24.06.1906 07.08.1941
ALBERTO DE PAULA RODRIGUES	Sobral Rio	27.01.1884 27.01.1905
JÚLIO DE ALENCAR PINTO	Fortaleza Rio	08.01.1905 28.12.1939
JOSÉ DOMINGUES DE ARAÚJO CARNEIRO	Maria Pereira Bahia Fortaleza	12.11.1873 22.12.1905 07.10.1925
MANUEL GUEDES CORREIA GONDIM	Bahia	12.1905
ARTUR CARNEIRO LEÃO DE VASCONCELOS	Jaguaribe Bahia Rio	10.03.1883 31.01.1906 04.05.1938
JOSÉ RIBEIRO DA FROTA	Viçosa Bahia Fortaleza	17.06.1880 24.12.1906 01.03.1959
JOSÉ AMÉRICO CARNEIRO DOS SANTOS GOUVEIA	Bahia	1906
BRUNO DA JUSTA MENESCAL	Fortaleza Rio	07.06.1884 25.01.1907

Nome	Local Local Local	Data do nascimento Data da formatura Data do óbito
FILEMON BARBOSA CORDEIRO	Santa Quitéria Rio -	04.06.1877 ?.12.1906 17.06.1948
GUILHERME ROCHA FILHO	Fortaleza Rio -	20.08.1878 22.01.1907 1919
IRINEU LOPES DE ALCÂNTARA BILHAR	Crato Rio	- 1906
PAULO AUGUSTO DE MORAIS	Messejana Rio	01.10.1881 19.07.1906
JOSÉ ODORICO DE MORAIS	Crato Rio Fortaleza	18.01.1882 29.01.1907 05.10.1948
JOSÉ THOMPSON MOTA	Maranguape Rio Rio	04.02.1881 07.02.1906 -
LEORNE HERBSTER MENESCAL	Fortaleza Rio Rio	30.03.1883 06.02.1906 02.01.1936
MANUELITO MOREIRA	Fortaleza Rio Rio	18.06.1885 26.01.1907 26.12.1937
RUI PINHEIRO LADISLAU	Baturité Rio Fortaleza	- 1906 -
FRANCISCO BARBOSA MACIEL	Aracoiaba Rio	17.10.1881 18.04.1907
MANUEL MARINHO DE ANDRADE	Sobral Rio -	23.08.1880 06.05.1907 07.1957
VIRGÍLIO JOSÉ DE AGUIAR	Aracati Rio São Paulo	09.03.1880 1906 11.05.1967
ALBERTO AMARAL SOUSA	Fortaleza Rio	06.01.1875 27.01.1906
HEITOR FROTA	Sobral Rio	25.11.1882 1907
MANUEL ALFREDO RODRIGUES PINHEIRO	Sobral Rio Rio	27.10.1883 01.1907 -
ANTÔNIO POMPEU DE SOUSA BRASIL FILHO	Fortaleza Bahia -	25.09.1882 25.02.1908 20.05.1941

Nome	Local Local Local	Data do nascimento Data da formatura Data do óbito
ANTÔNIO POMPEU DE SOUSA BRASIL SOBRINHO	Bahia	1908
CARLOS ACIOLY DE SÁ	Fortaleza Rio	09.03.1886 28.12.1907
GILBERTO LOPES FREIRE	Fortaleza Rio	13.02.1885 28.07.1910
CARLOS DA COSTA RIBEIRO	Fortaleza Rio Fortaleza	05.04.1885 04.01.1908 10.10.1958
LUIZ GONZAGA DE CASTRO	Fortaleza Rio	08.07.1885 04.05.1909
PEDRO PEREIRA DE AGUIAR	Rio	1909
POMPEU PEQUENO DE SOUSA BRASIL	Fortaleza Rio	10.07.1886 1908
TOMÁS POMPEU DE SOUSA BRA- SIL FILHO	Fortaleza Rio Maranguape	21.04.1878 - 1970
CESAR CALS DE OLIVEIRA	Fortaleza Rio Fortaleza	18.07.1885 15.12.1910 10.12.1948
EUGÊNIO GOMES DE MATOS	Crato Rio	17.11.1879 1910
LUIZ CAMINHA SAMPAIO	Rio	15.12.1910
IRINEU NOGUEIRA PINHEIRO	Crato Rio Crato	06.01.1881 1910 02.06.1954
JOSÉ PACÍFICO CARACAS FILHO	Guaramiranga Rio	28.08.1888 12.1910
JOÃO PAULINO DE BARROS LEAL JUNIOR	Quixeramobim Rio São Paulo	30.11.1879 12.1909 28.04.1947
PEDRO AUGUSTO SAMPAIO	Fortaleza Rio Fortaleza	21.05.1884 30.03.1910 -
MANUEL TEÓFILO GASPAR DE OLIVEIRA	Fortaleza Bahia Rio	31.05.1885 28.07.1910 16.01.1941
JOAQUIM FERNANDES TELES	Crato Bahia	15.04.1889 -
CÉSAR DE MAGALHÃES	Baturité Rio	04.04.1885 01.1909
AURELIO LAVOR	Fortaleza	28.04.1931

Nome	Local Local Local	Data do nascimento Data da formatura Data do óbito
EURICO GOMES DE MATOS	Aracati Rio	17.11.1879 02.05.1910
JOÃO MANUEL DIAS	Icó Rio	10.01.1886 15.12.1910
ADOLFO CHAVES	Rio	15.12.1910
ELIÉZER STUDART DA FONSECA	Fortaleza Rio Fortaleza	29.10.1884 11.06.1910(?) -
<b>1911-1920</b>		
ABDENAGO ROCHA LIMA	Fortaleza Rio Fortaleza	17.02.1887 25.12.1911 27.10.1954
AMÂNCIO FILOMENO FERREIRA GOMES	Santana Rio Fortaleza	08.04.1883 30.03.1911 14.10.1959
CÍCERO PEREIRA DE ALENCAR	Barbalha Rio	- 25.12.1911
FRANCISCO DE ASSIS NEPOMUCENO	Rio	1911
FRANCISCO DAS CHAGAS PINTO DA SILVEIRA	Aracaú Rio Ipu	06.06.1884 30.04.1912
GUILHERME LINS DE QUEIROZ	Pereiro Rio -	25.05.1884 30.12.1911 30.01.1929
JOSÉ JÁCOME DE OLIVEIRA	Santa Quitéria Rio -	14.01.1885 30.12.1911 30.09.1933
SÉRGIO SABOIA DE MELO	Sobral Rio	28.02.1886 04.04.1911
JOSÉ MENESCAL DO MONTE	Rio	12.1911
LEÔNIDAS DA SILVA PORTO	Aracati Rio Rio	14.05.1886 1911 23.10.1924
MASSILON SABOIA DE ALBUQUERQUE	Sobral Rio	04.01.1886 12.1911
PEDRO CALIXTO DE ALENCAR	Crato Rio	- 03.1912
PEDRO MONTEIRO GONDIM	Fortaleza Rio Dakar-Senegal	02.09.1888 27.11.1911 11.09.1918

Nome	Local Local Local	Data do nascimento Data da formatura Data do óbito
RUI DE ALMEIDA MONTE	Sobral Rio Fortaleza	21.10.1884 31.03.1911 07.07.1951
LUIZ CAMINHA SAMPAIO	Rio	1911
LUIZ DE PAULA LIMA	Fortaleza Bahia	03.02.1885 (ou 12.02.1884) 26.11.1911
FRANCISCO IBIAPINA MATOS OLIVEIRA	Aquiraz Rio	14.05.1889 (ou 1897) 30.12.1912
LEONIDAS PORTO	Aracati Rio Rio	14.05.1886 1912 23.10.1924
BENJAMIN HORTÊNCIO DE ME-DEIROS	Baturité Rio -	08.02.1889 30.12.1912 01.10.1950
ANTONIO DE SÁ BARRETO JUNIOR	Barbalha Bahia	09.05.1888 23.12.1912
FRANCISCO CHAGAS PINTO DA SILVEIRA	Acarau Rio	06.06.1884 30.04.1912
DRAURIO BARREIRA CRAVO	Quixadá Rio Fortaleza	29.01.1885 30.12.1912 16.07.1966
ZAQUEU ESMERALDO DA SILVA	Crato Rio Rio	29.04.1884 06.04.1912 18.02.1942
MANUEL BELEM DE FIGUEIREDO SOBRINHO	Milagres Bahia	10.05.1885 08.12.1912
JOSÉ LINHARES DE ALBUQUERQUE FILHO	Bahia	27.12.1913
JOÃO AMADEU FURTADO	Ipu Bahia Fortaleza	25.07.1888 (ou 1886) 27.12.1913 06.02.1952
JOÃO CESÁRIO DE ANDRADE	Fortaleza Bahia	- 27.12.1913
FRANCISCO DA COSTA ARAÚJO	Acaraú Bahia Fortaleza	23.09.1890 (ou 1887) 27.12.1913 21.05.1951
MIGUEL LIMA VERDE	Crato Bahia -	30.12.1882 27.12.1913 29.06.1944
FRANCISCO SALES NOGUEIRA FILHO	Quixeramobim Bahia	11.10.1889 29.12.1913
JOSÉ NICODEMUS CISNE	Santana Rio	07.04.1884 22.12.1914

Nome	Local Local Local	Data do nascimento Data da formatura Data do óbito
APRÍGIO TEÓFILO NOGUEIRA	Maranguape Rio	03.05.1886 1914
JOSÉ STOPELLI PARACAMPOS	Picos (PI) Rio Fortaleza	07.11.1891 1914 13.12.1972
GENSERICO ARAGÃO DE SOUSA PINTO	Sobral Rio	12.08.1888 22.12.1914
AFONSO MENDES BRAGA	Maranguape Rio -	07.01.1892 22.12.1914 1955
HÉLIO DE CASTRO ABREU	Baturité Bahia Fortaleza	04.12.1888 24.12.1914 -
TOMAZ CATUNDA FILHO	Crateús Rio	- 22.12.1914
NILO TABOSA FREIRE	Fortaleza Bahia Fortaleza	1.05.1887 24.12.1914 26.07.1959
RAIMUNDO GUILHERME SOBRI- NHO	Fortaleza Bahia	10.08.1889 24.12.1914
ANTÔNIO GOIS FERREIRA	Fortaleza Bahia Fortaleza	19.04.1891 (ou 17) 23.08.1915 -
AQUIDABAN DE ALENCAR FILHO	Messejana(Massapê?) Rio	27.06.1891 22.12.1914
ÁTILA BARREIRA DO AMARAL	Fortaleza Bahia Salvador	11.12.1887 (15.12.1886) 23.12.1921 03.08.1951(56?)
ALDERICO VIEIRA PERDIGÃO	Fortaleza Rio	17.10.1890 22.12.1914
ANTONIO RAIMUNDO GOMES DA FROTA	Massapê Bahia	- 24.12.1915
JOSÉ CIRINO DE LIMA	Fortaleza Rio -	28.09.1887 27.12.1915 12.08.1934
VICENTE PORDEUS DE OLIVEIRA	Fortaleza Rio Fortaleza	19.08.1890 28.12.1914 30.06.1933
JOSÉ FURTADO FILHO	Ipu Bahia Fortaleza	07.01.1890 24.12.1915 -
GEMINIANO COELHO	Bahia	24.12.1915
ANTÔNIO RAIMUNDO GOMES DA FROTA	Bahia	1915

Nome	Local Local Local	Data do nascimento Data da formatura Data do óbito
LEANDRO CORREIA LIMA	Várzea Alegre Bahia -	01.05.1886 1915 23.08.1934
ANTÔNIO MONTEIRO DE MORAIS	Quixeramobim Bahia Recife	19.01.1892 24.12.1915 14.08.1966
ADALBERTO DE MORAIS STUDART	Fortaleza Bahia Fortaleza	13.01.1890 02.04.191 -
FERNANDO DE MORAIS STUDART	Fortaleza Bahia	10.06.1891 (ou 07) 24.12.1915
FRANCISCO FIGUEIRA DE MELO VASCONCELOS	Redenção Rio	23.06.1886 27.12.1915
ABELARDO MARINHO DE ALBUQUERQUE ANDRADE	Fortaleza Rio Rio?	27.10.1894 27.12.1915 -
OSCAR PINHEIRO BARCELOS	Fortaleza Rio Rio?	- 27.12.1915 27.09.1954
CLOVIS BARBOSA DE MOURA	Fortaleza Rio Fortaleza	13.11.1891 29.05.1915 24.11.1968
ABDIAS OTÁVIO VIEIRA	Fortaleza Rio	24.11.1890 27.12.1915
RENATO STUDART	Fortaleza Rio Rio Claro	28.01.1890 27.12.1915 19.05.1949
EDUARDO STUDART DA FONSECA	Fortaleza Bahia	14.06.1890 30.12.1916
ELISIO GOMES DE FIGUEIREDO	Crato Bahia	02.02.1892 26.12.1916
CLOVIS DE OLIVEIRA ARAÚJO	Quixadá	20.04.1894
JOAQUIM TELES	Crato Bahia	15.04.1889 26.12.1916
JOSÉ MEDEIRO BARROS	Maranguape Rio	30.07.1890 11.12.1916
PEDRO CHAGAS	Redenção Rio	29.06.1890 11.12.1916
ANTONIO MESIANO	Fortaleza Rio	25.11.1889 12.12.1916
CESÁRIO FERREIRA GOMES	Sobral Rio -	- 11.12.1916 20.03.1920

Nome	Local Local Local	Data do nascimento Data da formatura Data do óbito
RAIMUNDO BARBOSA LIMA	Fortaleza Bahia	03.07.1894 28.12.1916
ELISEU DE HOLANDA MONTENEGRO	Quixadá Bahia Fortaleza	26.11.1889 28.12.1916 -
JOÃO CAPISTRANO DA MOTA	Pedra Branca Bahia Fortaleza	23.10.1889 26.12.1916 1978
TEÓFILO DE ALMEIDA	Rio	1916
JOSÉ NELSON DE ARAÚJO CATUNDA	Crateús Rio	07.06.1891 01.07.1916
JOSÉ CIRINO DE LIMA	Rio	1916
AGENOR MENESCAL CAMPOS	Fortaleza Rio	21.01.1894 12.1917
OTACÍLIO SAMPAIO DE MACEDO	Crato Rio -	14.05.1895 12.1917 05.01.1966
MARIO BARROSO STUDART	Fortaleza Rio Fortaleza	06.01.1896 12.1917 06.12.1922 (ou 26?)
JAIME CORDEIRO	Maranguape Bahia	23.10.1887 20.12.1917
RUFINO ANTUNES DE ALENCAR NETO	Granja Rio	11.1888 27.12.1918
SÉRGIO AUGUSTO BANHOS	Lavras Rio	09.09.1888 20.05.1918
ATUALPA BARBOSA LIMA	Fortaleza Rio Fortaleza	19.12.1893 27.12.1918 13.01.1930
CARLOS STUDART FILHO	Fortaleza Rio Fortaleza	17.06.1896 1918 06.04.1982
PEDRO HERBSTER MENESCAL	Fortaleza Rio	15.12.1893 20.12.1918
LUIZ VIANA	Sobral Rio	12.12.1891 27.12.1918
JOÃO OTÁVIO LOBO	Santa Quitéria Rio Fortaleza	04.11.1892 27.12.1918 30.10.1962
ANTONIO XAVIER DE OLIVEIRA	Juazeiro Rio -	08.10.1892 27.12.1918 06.02.1953
EUCLIDES SOLON DE PONTES	Rio	27.12.1918

Nome	Local Local Local	Data do nascimento Data da formatura Data do óbito
GREGÓRIO NAZARENO DE PAIVA	Assaré Bahia	- 27.11.1919
JOSÉ ALENCAR ARRAIS	Araripe Rio	09.02.1895 30.12.1919
DEMÓSTENES ALVES DE CARVALHO	- Rio Fortaleza	29.08.1892 28.11.1919 21.07.1929?
FRANCISCO DELMIRO DE OLIVEIRA	Granja Rio	06.09.1884 27.11.1919
LUIZ ALCÂNTARA DE OLIVEIRA	Quixadá Rio	14.07.1896 27.11.1919
HELIONIDAS AUGUSTO DE MORAIS	Fortaleza Rio Fortaleza	- 1918 30.10.1962
JOSÉ GUIMARÃES CAMINHA FILHO	Icó Bahia	13.06.1894 20.12.1919
CELSO BARROSO CORDEIRO	Trairi Bahia	- 12.1919
JOSÉ LEITE MARANHÃO	Mauriti Bahia Fortaleza	10.08.1894 (ou 1904) 20.12.1919 13.04.1982
HELIO GOIS FERREIRA	Fortaleza Rio Fortaleza	15.02.1900 1920 15.05.1926
ALCIDES UCHOA BARREIRA	Sobral Rio -	28.01.1897 1920 05.05.1940
JOSÉ PINTO DE MESQUITA	Quixadá Rio Rio	01.04.1893 27.12.1918 25.05.1954
ELIEZER MONTENEGRO MAGALHÃES	Fortaleza Rio	07.07.1897 1920
<b>OUTROS MÉDICOS FORMADOS NESSE DECÊNIO</b>		
JAIMÉ CORREIA	Maranguape Bahia -	30.10.1888 - 07.11.1961?
JOSÉ GUIMARÃES CAMINHA	Icó Bahia	1894 -
EDMUNDO VITORIANO PEREIRA	Fortaleza Rio Baturité	06.01.1893 04.12.1920 (22?) 24.08.1942

Nome	Local Local Local	Data do nascimento Data da formatura Data do óbito
HERMÓGENES PEREIRA	Quixeramobim - Minas Gerais	19.04.1893 - -
JOSÉ ALENCAR ARRAIS	Araripe Rio	09.02.1895 -
ANTONIO DE SÁ BARRETO SAM- PAIO	Barbalha Rio	09.05.1888 -
CLAUDON RIBEIRO PARENTE	Barbalha Bahia	- 23.12.1921
LUIZ EDSON GOUVEIA	Bahia	1920
ALCIDES UCHOA BARREIRA	Cachoeira Rio Rio	28.01.1897 08.07.1922 03.03.1940
ARMANDO STUDART	Fortaleza Rio	03.03.1899 12.1923
<b>1921-1930</b>		
RAUL DA FRANCA DE ALENCAR	Crato Rio -	30.12.1880 01.04.1921 1957
EDMUNDO MONTEIRO GONDIM	S. Gonçalo Bahia Rio	03.12.1895 23.12.1921 1981
EURICO FIGUEIREDO SAMPAIO	Fortaleza Rio	09.08.1894 (96) 1922
LEÃO SAMPAIO	Barbalha Rio	06.12.1897 14.06.1922
JOSÉ JOAQUIM DE ALMEIDA	Quixadá Rio Fortaleza	12.04.1894 30.12.1923 30.10.1953
JOSÉ JOAQUIM DE ANDRADE	Fortaleza Rio -	28.12.1879 30.12.1923 09.03.1940
ORLANDO DE QUEIROZ FALCÃO	Fortaleza Rio Fortaleza	05.12.1898 30.12.1923 -
JOAQUIM PINHEIRO MONTEIRO	Crato Rio Crato	27.10.1903 30.12.1923 31.05.1982
JOSÉ OSSIAN DE AGUIAR	Massapê Rio	21.03.1898 14.04.1924
FRANCISCO TÁVORA TEIXEIRA LEITE	Fortaleza Rio	30.03.1899 30.12.1924

<b>Nome</b>	<b>Local Local Local</b>	<b>Data do nascimento Data da formatura Data do óbito</b>
WALDEMAR DE ALENCAR CAVALCANTE	Iguatu Bahia	04.04.1998 27.12.1921
JOSA MAGALHÃES	Canindé Bahia	08.01. 1896 27.12.1924
VICENTE DE PAULO MENESCAL	Fortaleza Bahia	14.06.1897 24.12.1924
VALDEMAR CAVALCANTE	Iguatu Bahia	- 1924
JOSÉ EVANGELISTA DE OLIVEIRA	Morada Nova Bahia	11.05.1892 1924 (1930)
ATALIBA BARROSO DE SOUSA	Trairi Bahia	23.09.1891 27.12.1924
HERMES CALDAS DE LIRA BIVAR	Rio	1925
LEOPOLDO VIRIATO DE SABOIA	Sobral Rio	19.12.1890 30.12.1929
EDRISE VILAR	Fortaleza Rio	19.10.1896 1924
AQUILES MESIANO	Fortaleza Rio	- 25.12.1925
EDUARDO SALGADO FILHO	Fortaleza Rio	04.05.1904 25.12.1925
JOSÉ COELHO DE ALBUQUERQUE	São Benedito	02.08.1904
CÉSAR FRANCISCO DE ALMEIDA	Fortaleza Rio	21.03.1902 30.12.1926
RAIMUNDO VOSSIO BRÍGIDO	Fortaleza Rio	26.02.1900 31.12.1925
MANUEL MELO MACHADO	Fortaleza Bahia	27.02.1901 26.12.1925
FRANCINET CORREIA LEITÃO	Fortaleza Rio	17.08.1902 31.12.1925
JOAQUIM DE CASTRO MEIRELES	Russas Rio	10.12.1896 (ou 1898) 31.12.1925
METON DE FRANCA ALENCAR NETO	Fortaleza Rio	19.04.1901 15.12.1925
JOÃO VITORINO DA SILVA	Juazeiro Bahia Juazeiro	09.08.1899 31.03.1925 13.08.1940
FRANCISCO OSMOND COELHO	Ipu Rio	19.01.1898 30.12.1926
JOSÉ DEUSDEDITH VASCONCELOS	Santana Rio	15.12.1890 89? 30.12.1926

Nome	Local Local Local	Data do nascimento Data da formatura Data do óbito
FRANCISCO VITAL DO NASCIMENTO HOLANDA	Senador Pompeu Bahia -	30.09.1901 20.12.1926 21.01.1932
ANTÔNIO MARTINS NETO	Itapipoca Bahia	28.06.1897 28.12.1926
JOÃO FELIPE SABOIA RIBEIRO	Jaguaribe Bahia	07.01.1899 28.12.1926
MARIA DE SOUSA CAVALCANTI NOGUEIRA	Fortaleza Rio	29.11.1902 1927
CLEDON CAVALCANTE	Rio -	30.12.1926 1954
OLAVO DE SOUSA CARVALHO	Fortaleza Rio	06.08.1904 30.12.1926
ADERBAL DE PAULA SALES	Uruburetama Rio	03.05.1903 08.12.1927
HILDO AMORA GARCIA	Fortaleza Rio	21.08.1903 1927
DEOCLÉCIO LIMA VERDE	Iguatu Rio	- 1927
LAURO BARROSO STUDART	Fortaleza Rio	29.09.1904 14.12.1927
JURANDIR MARÃES PICAÑÇO	Rio Fortaleza	1927 -
ANTENOR GOMES DE MATOS	Crato Bahia	13.07.1902 27.12.1927
MARIA CAVALCANTE NOGUEIRA	Fortaleza Rio	29.11.1902 12.05.1927
RAIMUNDO DA SILVA BRITO	Crato Bahia	18.01.1909 1927
MANUEL BARROSO MEIRELES	Paracuru Rio Fortaleza	08.11.1898 17.03.1927 09.1981
JOSÉ FABRÍCIO DE BARROS	Bahia	1927
ALFREDO NOGUEIRA DE CASTRO	Cascavel Rio	10.05.1899 15.12.1927
DOMINGOS SABOIA	- - Rio	- - 23.07.1934
DEOCLÉCIO DANTAS DE ARAÚJO	Missão Velha Rio	16.09.1902 15.12.1927
CARLOS ANDRÉ DE ANDRADE	Ibiapina Rio	06.01.1904 30.12.1928
VIRGÍLIO AUGUSTO BEZERRA	Fortaleza Rio	23.09.1903 31.12.1928

Nome	Local	Data do nascimento
	Local	Data da formatura
	Local	Data do óbito
JURANDIR MONTENEGRO MAGALHÃES	Fortaleza	17.09.1903
	Bahia	16.12.1929
	-	12.06.1969
DOMINGOS BARROSO SOUSA CORDEIRO FILHO	São Gonçalo	-
	Bahia	26.12.1928 (ou1929)
SÓCRATES BEZERRA DE MENEZES	Frade (Jaguaretama) Minas Gerais	06.07.1900 1928
FRANCISCO DONIZETTI GONDIM	Bahia	
	Bahia	1928
HEITOR DE PAULA MENEZES	Fortaleza	28.02.1892
	Rio	17.03.1928
HERMAN LIMA	Fortaleza	-
	Bahia	1928
MANUEL AUSTREGÉSILO DE ATAYDE	Granja	23.09.1903 (ou 02)
	Rio	28.12.1928
LUIZ FABRÍCIO DE OLIVEIRA	Bahia	1928
RAIMUNDO LATÍCIO PEREIRA FREIRE	Quixadá	27.09.1893
	Rio	28.12.1928
	-	27.09.1946
JESSER DE OLIVEIRA SOUSA	Crato	03.10.1894
	Bahia	09.12.1928
JOÃO CÉSAR DE OLIVEIRA	Fortaleza	01.03.1904
	Rio	28.12.1928
CAUBY DE CASTRO SÁ	Fortaleza	10.07.1899
	Rio	15.12.1928
FRANCISCO WALDEMAR SALES	Acaraú	05.12.1889
	Rio	1928
JOSÉ ANTÔNIO DE FIGUEIREDO FILHO	Crato	07.09.1880
	Rio Grande do Sul	10.11.1928
FRANCISCO MOREIRA DE SOUZA	Russas	16.03.1899 (ou98)
	Bahia	21.12.1928 (ou27)
	Fortaleza	18.10.1950
POSSIDÔNIO DA SILVA BEM	Bahia	1929
JOSÉ COELHO DE ALBUQUERQUE FILHO	Viçosa	08.09.1904
	Bahia	28.12.1928
FLÁVIO DE OLIVEIRA PAIVA	Fortaleza	11.03.1903
	Bahia	26.12.1929
JOSEFINA PEIXOTO	Bahia	1929
WALDEMAR WALTER GONÇALVES	Acaraú	26.11.1903
	Rio	28.12.1929
	Belém	-

Nome	Local Local Local	Data do nascimento Data da formatura Data do óbito
CIRO I. CARNEIRO LEAL	Uruburetama(?)	27.12.1905
	Bahia/Rio(?)	27.12.1927
	Fortaleza	1978
JOSÉ ALCÂNTARA DE OLIVEIRA	Quixadá	17.10.1908
	Rio	28.12.1929
JOÃO NEPOMUCENO MENDES FILHO	Rio	1929
LINEU DE QUEIROZ JUCÁ	Quixadá	02.06.1905
	Rio	01.04.1929
	Fortaleza	07.09.1946
JOSÉ VIEIRA NASCIMENTO	Jardim	28.04.1897
	Rio	12.1929
	Campo Grande	11.02.1932
PIO DE SÁ BARRETO SAMPAIO	Barbalha	26.05.1904
	Rio	30.12.1928
JOAQUIM SANTIAGO FILHO	Fortaleza	21.04.1901
	Bahia	20.12.1929
ANTONIO POMPEU ACIOLI DE SÁ	Fortaleza	1900
	-	-
	Rio	20.12.1983
CLODOVEU SALES GADELHA	Fortaleza	18.09.1896
	Rio	28.12.1928
ANTONIO ARAÚJO CATUNDA	Crateús	25.03.1905
	Rio	27.03.1930
	-	16.06.1935
ANTONIO RAIMUNDO DA CRUZ	Barbalha	26.05.1906
	Rio	28.12.1929
FRANCISCO LOURENÇO DE ARAÚJO	Ipu	17.09.1903
	Rio	29.12.1929
	Fortaleza	06.07.1974
CESAR GARCIA JUAÇABA	Fortaleza	
	Rio	1929
	Fortaleza	03.06.1934
JOSÉ PINHEIRO FILHO	Crato	20.01.1898
	Bahia	16.12.1929
CRISANTO MOREIRA DA ROCHA	Fortaleza	22.07.1905
	Rio	29.12.1929
	Brasília	1975
CESAR CORDEIRO FARIA LEMOS	Canindé	-
	Rio	28.12.1929
LUIZ EDSON GOUVEIA	Bahia	1930
FERNANDO LEITE	Brejo Santo	30.01 (ou 05).1904
	Bahia	20.12.1930
ELIEZER MONTENEGRO MAGALHÃES	-	07.06.1897
	Rio	1930
	-	16.09.1971

Nome	Local Local Local	Data do nascimento Data da formatura Data do óbito
FRANCISCO MORAIS HOLANDA	Senador Pompeu Rio	17.09.1906 28.12.1929
ANTÔNIO IBIAPINA FILHO	Sobral Rio	31.05.1904 03.08.1929
LUIZ AUGUSTO DE LIMA	Lavras Rio	23.11.1909 1929
RALPH DO REGO MONTEIRO	Fortaleza Rio	12.09.1907 1930
AUGUSTO HIDER CORREIA LIMA	Fortaleza Rio	08.02.1906 22.12.1930
ANTÔNIO MACÁRIO DE BRITO	Crato Bahia	31.12.1905 1930 (31?)
ANTÔNIO BELO DA MOTA	Maranguape Rio	06.02.1905 (ou 1903) -20.12.1930

### OUTROS MÉDICOS FORMADOS NESSE DECÊNIO

ARMANDO BARROSO STUDART	Fortaleza - Rio	03.03.1900 - 25.08.1942
SÓCRATES BEZERRA DE MENEZES	Jaguaretama	07.07.1900
JUVENAL PINTO DE SOUSA	Maranguape Bahia	- 20.12.1930
JOSÉ FERNANDO VIANA	Fortaleza Rio	20.06.1907 24.12.1931
MANUEL DE MELO MACHADO	Fortaleza	27.02.1903
JOSÉ OSVALDO SOARES	Santana Rio	30.07.1907 26.02.1932
ADALBERTO RODRIGUES DE ANDRADE	Sobral Rio Fortaleza	16.11.1900 16.03.1933 1976
JOAQUIM PINHEIRO FILHO	Crato	20.01.1898
JOSÉ GERALDO DA FROTA MATOS	Ipu Rio	- 1931

### 1931-1937

JOÃO LUIZ DE OLIVEIRA POMBO	Fortaleza Rio -	08.12.1907 23.01.1932 19.11.1959
ANTONIO LIRIO CALLOU	Barbalha Rio	18.07.1902 12.06.1931

Nome	Local Local Local	Data do nascimento Data da formatura Data do óbito
LAURO V.CHAVES	Maranguape Bahia	21.07.1907 22.10.1931
WALDEMIRO RODRIGUES COELHO	Barbalha Bahia	- 22.10.1931
ANTÔNIO XAVIER SARAIVA	Barbalha Bahia Fortaleza	27.01.1904 31.03.1931 -
SEBASTIÃO CARVALHO JUCÁ	Tauá Rio	02.02.1908 21.02.1931
SAMUEL BARRETO	Bahia	1931
EDUARDO BIZARRIA MAMEDE	Fortaleza Bahia	02.06.1909 1931
JOÃO SIMÕES DE MENEZES	Fortaleza Bahia Fortaleza	11 (4?).08.1911(10?) 19.11.1932 09.12.1974
JOÃO BENICIO CASTELO BRANCO	Quixeramobim Bahia	26.11.1896 10.1931(32?)
LAERTE FERNANDES BARRETO	Fortaleza Rio Fortaleza	06.05.1909 03.10.1932 1981
IRINEU CATUNDA DE ARAÚJO	Fortaleza Minas Gerais -	15.01.1909 03.12.1932 17.04.1939
LICINIO NUNES DE MIRANDA	Fortaleza Rio	13.09.1906 03.10.1932
JÚLIO GUIMARÃES FILHO	Sobral Bahia	23.05.1909 17.11.1932
JUVENIL HORTÊNCIO DE MEDEIROS	Baturité Rio	28.06.1908 10.10.1932
OCEANO CARLEIAL	Barbalha Bahia	07.03.1908? 22.10.1931
OTÁVIO GOMES DA SILVA	Baturité Bahia Fortaleza	14.07.1912 - 09.09.1939
ANTONIO OTONI SOARES	- Rio	05.08.1907 24.10.1931
CÂNDIDO JOSÉ DA COSTA	Bahia	27.11.1932
CELSO AUGUSTO SANTIAGO SÁ	Aracati Recife	02.08.1904 24.10.1931
JOSÉ DA ROCHA FURTADO	Rio	1932
JOAQUIM ADERALDO CHAVES	Mombaça Rio	15.07.1908 24.10.1932
LUIZ GONZAGA DA SILVEIRA	S. Benedito Rio	07.03.1907 03.10.1932

Nome	Local Local Local	Data do nascimento Data da formatura Data do óbito
DEUSDEDITH ARAÚJO	Palma Rio	22.01.1905 25.01.1932
ELCIAS VIANA CAMURÇA	Guaramiranga Rio Fortaleza	18.06.1906 26.01.1933 09.09.1997
EDUARDO RIBEIRO PONTES	Barbalha Bahia	- 17.11.1932
MUCIO ELLERY	Rio -	1932 02.1989
EDSON BIZERRIL FONTENELE	Viçosa Bahia	30.09.1906 07.12.1933
ISNARD DIOGO PINTO NOGUEIRA ACIOLY	Fortaleza Rio	15.04.1912 03.10.1932
JOSÉ GOMES DA FROTA	Sobral Bahia	15.11.1910 18.11.1933
PERIGUARY DE MEDEIROS	Fortaleza Rio Rio	01 (11?).03.1910 02.02.1933 07.01.1957
WALDEMAR BESSA	Beberibe Rio	- 1933
JAIR BIVAR CÂMARA	Maranguape Rio	23.04.1911 23.11.1933
CLOVIS DE ARAUJO CATUNDA	Crateús Rio Rio	15.06.1904 02.12.1933 02.08.1971
ANTÔNIO VANDICK PONTE	Sobral Rio	29.10.1911 02.12.1933
JOSÉ MENDONÇA NETO	Iguatu Bahia	26.10.1909 17.11.1932
AMADEU DE CASTRO SÁ	Fortaleza Bahia Fortaleza	08.03.1911 18.11.1933 14.12.1953
AMÉRICO PIQUET CARNEIRO	Redenção Rio	08.09.1909 23.11.1934
WALDER STUDART	- Bahia -	1909 1933 07.1975
IVAN FROTA PORTO	Fortaleza Rio	14.03.1907 23.11.1934
JOSÉ ALUISIO DE CASTRO	Fortaleza Rio	03.02.1909 06.03.1934
SAMUEL BEDÊ	Rio	1934
MANUEL ISNARD DE SOUSA TEIXEIRA	Itapipoca Bahia Fortaleza	06.12.1912 18.11.1933 25.03.1910
HUGO DE BRITO FIRMEZA	Rio Fortaleza	1934 17.09.1981

Nome	Local Local Local	Data do nascimento Data da formatura Data do óbito
JOSÉ EVANGELISTA DE SOUSA	Rio	1934
JOSÉ RENATO CARNEIRO	Rio	1933
JOSÉ MAGALHÃES PORTO FILHO	Fortaleza Rio -	04.10.1909 23.11.1934 17.05.1945
MANUEL PORFÍRIO SAMPAIO	São Gonçalo Rio	- 1933
JOSÉ ALVES TEIXEIRA FILHO	Crato Rio	- 1934
JOSÉ MARIA MONTEIRO DE ANDRADE	Fortaleza Bahia	01.03.1912 18.01.1933
METON BARRETO DE MORAIS	-	1933
LIVINO VIRGÍNIO PINHEIRO	-	1933
ANTONIO FRANCISCO RODRIGUES DE ALBUQUERQUE	Sobral Rio	18.09.1909 27.12.1933
JOÃO ESTANISLAU FAÇANHA	Aquiraz Bahia Fortaleza	06.11.1907 18.11.1933 -
JOSÉ RAIMUNDO MOURA FILHO	Fortaleza Bahia -	02.05.1910 17.11.1934 22.10.1941
LUIZ FELIPE SABOIA RIBEIRO	Fortaleza Rio	- 23.11.1934
METON BARRETO DE MORAIS	Campos Sales Bahia	18.03.1910 18.11.1933
OSVALDO DE SOUSA MARTINS	Nova Russas Rio	16.07.1910 17.11.1934
RAIMUNDO QUIXADÁ FELÍCIO	Ipu Bahia	25.02.1913 21.11.1933
SAMUEL BOANERGES BEDÊ FILHO	Cascavel Rio	06.09.1907 15.02.1934
TOMAZ CATUNDA SOBRINHO	Crateús Rio	12.04.1907 23.11.1934
VULPIANO CAVALCANTE DE ARAÚJO	Fortaleza Rio	15.03.1911 07.07.1934
CARLILE DOS SANTOS PASSOS	Uruburetama Bahia	21.11.1912 1934
DÉCIO TELES CARTAXO	Mauriti Bahia	01.04.1911 30.11.1934
FRANCISCO SARAIVA XAVIER	Barbalha Bahia Fortaleza	30.05.1911 07.12.1934 -

Nome	Local Local Local	Data do nascimento Data da formatura Data do óbito
JOAQUIM FERNANDES	Quixeramobim Bahia	22.10.1907 30.11.1934
JOSÉ EDMILSON BARROS DE OLIVEIRA	Redenção Bahia Fortaleza	10.09.1912 08.12.1934 -
JOSÉ PEROBA	Beberibe Bahia	27.06.1909 08.12.1934
MANUEL FONTENELLE MAGALHÃES	Viçosa Bahia	07.07.1905 08.12.1934
NELSON DE ANDRADE SALES	Acarauá Bahia	04.12.1909 30.11.1934
JOAQUIM EDUARDO DE ALENCAR	Pacatuba Bahia	18.04.1912 30.11.1934
OSVALDO FONTENELLE FERNANDES	- Bahia	11.11.1906 08.12.1934
RAIMUNDO VIEIRA DA CUNHA	Fortaleza Bahia	20.06.1912 1934
RAIMUNDO PORFÍRIO SAMPAIO FILHO	Fortaleza - Fortaleza	29.08.1908 - 07.08.1974
IVAN DA FROTA PORTO	Fortaleza Rio	14.03.1907 23.11.1934
JOSE MARCONDES VASCONCELOS	Bahia	1932
WALDER BEZERRA SÁ	Fortaleza Bahia	18.05.1910 07.12.1934
RAIMUNDO PLÁCIDO TEIXEIRA	Itapipoca Belo Horizonte	06.06.1906 08.12.1934
TARCÍSIO SORIANO ADERALDO	Rio	1935
ABNER BRÍGIDO COSTA	Fortaleza Rio	04.07.1911 28.06.1936
ANTONIO GUARANI MONT'ALVERNE	Sobral Rio	03.10.1912 1935
JOSÉ ARIMATEA MONTE E SILVA	S. Benedito Rio	22.10.1909 1935
PEDRO MONTEIRO	Rio	1935
ARTUR DANTAS DE ARAÚJO	Missão Velha Rio -	04.12.1935
RAIMUNDO MARTINS DOURADO	Beberibe Rio	02.10.1908 12.1935
LOURIVAL NOGUEIRA	Rio	1935

Nome	Local Local Local	Data do nascimento Data da formatura Data do óbito
NEWTON OTACILIO DO AMARAL	S. Benedito Rio	- 1935
TOMAZ CORREIA DE ARAGÃO	Ipú Rio	16.08.1910 04.12.1935
FRANCISCO AUGUSTO DE ABREU GOMES	Fortaleza Rio	18.06.1904 14.12.1935
ARY MAIA NUNES	Capistrano Bahia	30.04.1909 14.11.1935
ALISIO BORGES MAMEDE	Fortaleza Bahia Fortaleza	05.05.1912 19.11.1935 03.12.1973
EDMILSON PESSOA CAVALCANTI	Camocim Bahia	19.11.1935
JOSÉ APARICIO BEZERRA DE FIGUEIREDO	Quixadá Bahia	01.01.1905 14.11.1935
FLORIVAL ALVES SERAINE	- Bahia	19.04.1910 -
LUIZ ALGUSTO DE LIMA	Lavras Rio	23.11.1909 10.09.1935
GERSON DE PAULA LIMA	Quixadá Rio	- 14.12.1935
WALDEMAR BESSA	Cascavel Rio	12.01.1908 02.12.1936
HONÓRIO CORREIA PINTO	Fortaleza Bahia	17.09.1912 1935
CIRO (Silo?) GOMES VALENTE	Aracati Rio	31.08.1919 14.12.1935
CLOVIS BASTOS VIEIRA	Aracati Rio	- 14.12.1935
ALMIR CAVALCANTI ALBUQUERQUE	Bahia	14.12.1935
LUIZ MAIA LIMA VERDE	Iguatu Bahia	07.1909 14.12.1935
MANAHIM PAULA PESSOA	Bahia	1935
ANTÔNIO NÉRI FILHO	Fortaleza Recife	22.09.1912 08.12.1935
ALUYSIO SORIANO ADERALDO	Brejo (MA) Rio	11.12.1915 1936
ALBER FURTADO DE VASCONCELOS	Fortaleza Rio Fortalaeza	26.05.1914 09.12.1936 -
ILDEFONSO CHAVES HOLANDA	Rio	1936

Nome	Local Local Local	Data do nascimento Data da formatura Data do óbito
LUIZ DA MOTA GRANJA	Rio	1936
JOSÉ ODORICO DE MORAIS	Rio Fortaleza	1936
ANTÔNIO TURBAY BARREIRA	Fortaleza Rio Fortaleza	01.03.1914 1936 01.12.1978
FRANCISCO DJALMA SOARES	Massapê Niteroi/(Fluminense)	27.05.1909 19.12.1936
ADALGISA TEIXEIRA CHAGAS FREIRE	Iguatu Bahia	14.08.1913 19.11.1936
ALMIR DOS SANTOS PINTO	Lavras Bahia	15.02.1913 05.12.1936
ANTONIO CUSTÓDIO DE AZEVE- DO	Sobral (Pacoti?) Bahia	12.09.1906 20.11.1936
ANTONIO DE MELO ARRUDA	Massapê Bahia	25.11.1914 12.12.1936
EUCLIDES ROCHA	Recife	08.12.1936
JOSÉ ARIMATEA MONTE	São Benedito Rio	22.10.1908 10.01.1936
ABNER BRÍGIDO COSTA	Fortaleza Rio	04.07.1911 28.03.1933
ANTONIO GUARANY MONTAL- VERNE	Sobral Rio	03.10.1912 03.04.1936
MANUEL ODORICO DE MORAIS	Quixadá Rio	23.10.1910 16.12.1936
NEWTON OTACÍLIO DO AMARAL	São Benedito Rio	11.02.1905 17.01.1936
ARAMIS OLIVEIRA PAIVA	Fortaleza Bahia	12.07.1907 20.11.1936
CRISANTO MOREIRA DE AZEVE- DO	Pentecoste Bahia	1915 20.11.1936
JOSÉ NAPOLEÃO DE ARAÚJO	Brejo Santo Bahia	03.09.1910 20.11.1936
JOSÉ PESTANA ALVES	Fortaleza Bahia Fortaleza	09.03.1914 21.11.1936 06.10.1941
JOSÉ PESSOA DE AGUIAR	Fortaleza Bahia	25.01.1912 21.11.1936
MOACIR MACHADO BARBOSA	Fortaleza Bahia	20.05.1911 05.12.1936
NELSON DOS SANTOS VIEIRA COSTA	Fortaleza Bahia	10.06.1912 21.11.1936

Nome	Local Local Local	Data do nascimento Data da formatura Data do óbito
OCELO PINHEIRO	Fortaleza	24.11.1911
	Bahia	21.11.1936
	Fortaleza	27.05.1982
OTÁVIO GOMES DA SILVA	Baturité	14.07.1912
	Bahia	21.11.1936
	Fortaleza	10.08.1939
PEDRO DE MORAIS BORGES	Crateús	10.02.1913 (15?)
	Bahia	21.11.1936
	Fortaleza	31.01.1971
RAIMUNDO QUIXADÁ FELÍCIO	Bahia	1936
SOLON XIMENES DE ARAÚJO	Boa Viagem	24.03.1911
	Bahia	21.11.1936
	Fortaleza	-
ARTUR ENEAS VIEIRA	Fortaleza	06.03.1911
	Bahia	21.01.1937
EUCLIDES ROCHA	Recife	1936
JOSÉ FERREIRA	Várzea Alegre	31.12.1913
	Recife	08.12.1936
PEDRO OSVALDO SOARES DAN- TAS	Ubajara	25.11.1907
	Recife	08.12.1936
LUIZ MOTA GRANJA	Fortaleza	29.11.1910
	Rio	12.1936
WALTER DE MOURA CANTÍDIO	Mossoró (RN)	06.11.1913
	Recife	1934
	Fortaleza	06.05.2007
JOSÉ BORGES DE SALES	Bahia	1937
ANTONIO JORGE DE QUEIROZ JUCÁ	Crateús	02.03.1915
	Bahia	15.12.1937
	Rio	-
SILVIO I. CARNEIRO LEAL	Fortaleza	18.07.1915
	Bahia	28.11.1937
GERARDO FROTA SOUSA PINTO	Fortaleza	07.08.1916
	Bahia	08.12.1937
CARLOS RIBEIRO PAMPLONA	Fortaleza	24.12.1911
	Bahia	29.11.1937
	Fortaleza	09.12.1974
VALDENOR BENEVIDES MAGA- LHÃES	Senador Pompeu	02.06.1912
	Bahia	29.11.1937
JAIME GOMES ROLIM	Crato	12.07.1904
	Bahia	29.11.1937
HOTTNAUT RABELO OLIVEIRA	Bahia	1937

Nome	Local Local Local	Data do nascimento Data da formatura Data do óbito
JOSÉ SISNANDO DE LIMA	Crato Bahia	09.10.1914 15.12.1937
RAIMUNDO VERAS	Camocim Bahia	- 23.11.1937
RAIMUNDO SIEBRA DE BRITO	Crato Bahia	16.01.1909 20.11.1937
WALTER FROTA DE MAGALHÃES PORTO	Fortaleza Bahia Fortaleza	17.19.1913 15.12.1937
CARLOS VIRIATO DE SABOIA	Rio	1937
ANTONIO ALVERNE FERREIRA GOMES	Rio	1937
JOAQUIM ADAUTO DE ARAUJO	Santana Rio	03.08.1915 09.12.1937
RAIMUNDO DE PAIVA TIMBÓ	Santa Quitéria Rio	04.04.1903 12.1937
CARLOS BOTELHO	São Pedro Recife	23.11.1911 08.12.1937
ADOLFO CORREIA DE ARAÚJO	São Benedito Rio	04.10.1913 08.12.1937
AGENOR GOMES DE ARAÚJO	Crato (Iguatu?) Recife Recife	04.09.1913 08.12.1937 20.12.1958
ANTONIO FARIAS DE MIRANDA	Fortaleza Recife	21.04.1909 08.12.1937
FRANCISCO GASPAR DE OLIVEIRA	Quixeramobim Recife Limoeiro	25.04.1907 08.12.1937



# APÊNDICES



## APÊNDICE I - PLANTAS MEDICINAIS USADAS NO CEARÁ

### DOENÇAS DO APARELHO DIGESTIVO

Diarreia, dispepsia, flatulência, constipação, etc

Agrião	Alfazema	Aperta mão
Ata	Angélica	Abacaxi
Abiu	Açafava	Andá-açú
Angelim	Araticum	Babosa
Bamburral	Batata de purga	Bonina
Bucha	Camará branco	Canafístula
Cipó de caboclo	Catingueira	Chá bravo
Abacateiro	Chá de tabuleiro	Condessa
Coração	Cordão de frade	Guabiraba
Guajerú	Goiabeira	Jalapa
Jucá	Macela	Cebolinha branca
Murici	Mangue Canoé	Pimenta longa
Pratudo	Pitanga	Pitombeira
Perpétua	Vassourinha	Mangerioba
Mentrasto	Cominho bravo	

### MALES DO FIGADO

Icterícia etc.

Alecrim de S. José	Batata de porco	Capim açú
Camapum	Capeba	Croatá
Erva doce	Gameleira	Jurubeba
Malícia roxa	Melancia	Bordão de velho
Orelha de onça	Pluma parasita	Maria
Fedegoso	Pinhão manso	Salsa branca

### ANTI-HELMÍNTICOS

Angelim	Andiroba	Abacaxi
Alho	Arruda	Abóbora
Mamoeiro	Feto macho	Bucho
Mastruço	Romeira	Gameleira

## DOENÇAS DO APARELHO RESPIRATÓRIO

### Resfriado

Alfavaca	Catingueira	Cravo
Mangerona	Sabiá	Aroeira
Chá da terra	Cumarú	Marmeleiro branco
Vassourinha	Bamburral	Courama branca
Fedegoso	Mufumbo	Urucu
Camará	Contra erva	Língua de sapo
Pau ferro	Violete	

### TUBERCULOSE

Cipó peludo	Gonçalo Alves	Enxerto de passarinho
Pluma grande	Cajueiro	

### ASMA

Agrião	Cebola brava	Jericó
Sabiá	Cajueiro	Courama
Jurema brava	Urucu	Camará
Cumarú	Malva brava	Zabumba
Cardo santo	Fedegoso	Mulungu

### "TOSSE BRABA"

#### Coqueluche

Cebola brava	Jatobá	Mufumbo
Rabo de tatu	Cipó de escada	Jucá
Pão cardoso	Visgueiro	Catingueira
Maracujá	Urucu	Violete
Hortelã do mato	Mulungu	Sabiá

### CRUPE

Cebola brava

### HEMOPTISE

Aroeira	Jatobá	Barbatimão
Pluma Grande	Cipó peludo	Rabo de tatu
Gonçalo Alves		

## APARELHO GÊNITO-URINÁRIO

retenção de urina, catarro de bexiga, diuréticos cálculos, inflamações, etc.

Abacateiro	Abacaxi	Beldroega
Cabaça	Carnica	Coité
Capim de contas	Coco	Malícia
Urtiga	Alecrim	Anil
Batata de porco	Carnaúba	Cebola brava
Cansanção Cedro	Coentro Bravo	Maria
Vassourinha	Angelicó	Bredo de espinho
Croatá	Chichá	Canapum
Capim açú	Cipó de praia	Imbé
Sete sangrias	Xique-xique	Alho do mato
Bambu	Caju	Cajazeira
Cana de macaco	Contra erva	Caraguatá
Jurubeba	Taquara	

## VENÉREAS

Alho do mato	Bredo	Copaiba
Joá	Salsa	Angico
Batata de porco	Espinho de carneiro	Manacá
Avenca	Cauaçu	Folha de seda
Melancia	Barbatimão	Carrapicho
Jarrinha	Mutamba	

## DERMATOLOGIA

Queda de cabelo, erisipela, sarda, tumores, ferimentos, picadas, parasitos, unheiro, panarício, etc.

	Aguapé	Agrião de brejo
Capa rosa	Caroba	Courama
Fumo	Janaguba	Língua de vaca
Malva brava	Orelha de onça	Velame
Almécega	Andiroba	Capela
Coroa de Cristo	Copaiba	Guardião
Jeriquiti	Mão aberta	Mufumbo
Pau Branco	Bálsamo	Alecrim
Anil	Carnaúba	Caraguatá
Cedro	Inhame	Jurema preta

Melão de S. Caetano	Mata pasto	Tatajuba
Ameixa brava	Barbatimão	Cabaça
Chanana	Erva de cabra	Imbé
Lacre	Marmeleiro preto	Massaranduba
Umirim		

### DOENÇAS NERVOSAS

Insônia, epilepsia, caimbras, paralisias, memória, etc.

Alface	Araçá	Coronha
Mulungu	Avenca de espiga	Cardo santo
Chá da terra	Torém	Avenquinha
Coco	Cravo de defunto	Pinhão manso
Anil	Condessa	Maracujá
Tipi		

### DOENÇAS GINECOLÓGICAS

Inflamações, emenagogos, abortivos

Aroeira	Araticum	Brêdinho
Canapum	Mangerioba	Muriá
Torém	Ameixa	Abacateiro
Beldroega	Guajeru	Mentristo
Parreira	Salsa	Aperta ruão
Barbatimão	Contra erva	Ipeca branca
Mata fome	Purga de leite	Sete sangrias
Alho do mato	Bordão de velho	Cróton
Marmeleiro	Mata pasto	Sabonete
Vassourinha		

### DOENÇAS INFECCIOSAS

Sarampo, catapora, febres, etc.

Açafroa	Angélica	Alfazema
Carnica	Amarelinho	Alfavaca
Água-pé	Chanana	

### SEZÃO

Água-pé	Quina-quina	Carnica
Mangerioba	Jarrinha	Angélica

Coco	Ipeca branca	Jaborandi
Papo de peru	Angelicó	Boa noite
Pratudo	Milhome	Pereiro
Andiroba	Cabeça de negro	Retirante
Sete sangrias	Zebradim	

#### ANTI-REUMÁTICOS

Andiroba	Bálsamo	Carnauba
Cravo de defunto	Erva moura	Melão de S. Caetano
Tipi	Zabumba	Assa peixe
Batipretá	Cainca	Calumbim
Imbê	Oiticica	Tamarindo
Aroeira	Bambú	Caninana
Dominguinha	Jurubeba	Piqui
Velame	Borboleta	Catumbi
Cipó cruz	Canafistula	Malva preta
Tamanqueira	Urú de pobre	

#### ANTIALGICOS, ANTI-ESPASMÓDICOS

Anil	Ata	Chá de tabuleiro
Imburana	Palmatória	Açafoa
Beladona	Caraguatá	Madrecravo
Samba coité	Arruda	Bamburral
Cardo santo	Louco	Hortelã do mato
Agrião	Cumarú	Coroa de santo
Limãozinho	Trapiá	

#### ANTI-LUÉTICO

Cabacinha	Cainca	Espinho de carneiro
Manacá	Cajú	Cajueiro
Japécanga	Caroba	Gitó
Paraíba	Cipó lavandeira	Guardião
Velame		

## DIVERSOS

### DIABETES (urina doce)

Cajueiro bravo	Gonçalo Alves	Aroeira do campo
Pau ferro	Jaborandi	Azeitona

### OTORRINO

Angina, otite, faringite, rouquidão, etc.

Araçás	Cajueiro	Tanchagem
Bananeira do brejo	Cipó de chumbo	Ingá
Amoreira branca	Goiabeira	Romã
Cebola brava	Paudarco	

### FRATURAS

Mastrução

### GALACTOGOGO

Batata doce

### HÉRNIA

Janaguba

### HEMOSTÁTICO

Cipó de chumbo      Cipó peludo

### EMOLIENTE

Cipó de caboclo	Bredo vermelho	Courama
Coité	Coroinha	

### ANTI-FEBRIL

Andiroba	Camará	Cravo de urucu
Melancia	Angélica	Condessa
Ipecacuanha	Pitanga	Acende candeia
Cabeça de negro	Jaborandi	Quina-quina
Cacho vermelho	Carnica	Jarrinha

### DOENÇAS DOS OLHOS

Sapiranga, dordolho.

Cardo santo	Jeriquiti	Pinhão manso
Samba cuité		

### **FERIDAS, LACERAÇÕES**

Alecrim	Erva babosa	Tatajuba
Bananeira brava	Jucá	Tinhorão
Cajueiro	Mão de sapo	Barbatimão
Pau branco		

### **TÔNICOS**

Agrião	Coco	Capim santo
Mastruço	Angélica	Cominho bravo
Carmelitana	Artemísia	Betônica brava
Cordão de frade	Bamburral	Caju
Catuaba		

### **ANEMIAS, OPILAÇÃO**

Bucha	Gameleira	Caninana
Jurubeba	Cipó cruz	Sabonete
Cajueiro	Genipapo	

### **ANTI-ESCORBÚTICO**

Agrião d'água	Caju	Barbatimão
Jatobá		

### **SUDORÍFICOS**

Bamburral	Cansação	Cipó de praia
Contra erva	Cebolinha brava	

### **DENTIÇÃO**

Batata de purga	Ipecacuanha	
-----------------	-------------	--

### **PARA O BANHO DO RECÉM NASCIDO**

Alfavaca		
----------	--	--

### **FALTA DE MEMÓRIA**

Chumbinho		
-----------	--	--

## ESPLENOMEGALIA

Esquistossomose(?), Calazar(?).

Agrião	Croatá	Pinhão Manso
Batata de porco	Fedegoso	Carnica
Gameleira	Cipó cururu	Jurubeba

### FONTE:

Nota das plantas medicinais observadas pelo Dr. Freire Alemão é o primeiro trabalho dedicado à matéria médica vegetal cearense

Dias da Rocha — Formulário terapêutico de plantas medicinais cearenses.

Renato Braga — Plantas do Nordeste, especialmente do Ceará

Pesquisa de campo nos mezinheiros do Mercado São Sebastião.

## APÊNDICE II - TRIAGA BRASÍLICA

Celeberrimo em todo aquele novo Mundo da Botica do Collegio da Bahia<sup>1</sup>

Raiz de abutua		XXXjV	Onças
	de mil-homens		
	de capeba	an.XXX	Onças
	de aypo		
	de jerubeda	an.XV	onças
	de jarro	xvJ	Onças
	de jarrilho	XXV	onças
	de angericó	XXjV	onças
	de limão	XjV	onças
	de junça		
	de acoro	an.X	onças
	de gengibre	Xiiij	onças
	de malvaisco	Xij	onças
	de jaborandi	XX	onças
	de pagimirioba	X	onças
	de orelha de onça		
	de aristoloquia redonda	an.XVj	onças
	de batata do campo	XViiij	onças
	de ipecacoanha negra	XXV	onças
	de ipecacoanha branca	XV	onças
	de contra-erva ou cáápiá	XXX	onças
	Extrato de todas raízes assima	Vj	libras
Cipó de cobras		XX	onças
Canella da Índia		X	onças
Cravo do Maranhão		XjV	onças
Cascas de angelicas do Brasil		XV	onças
Casca de ibiraé		XX	onças
Flor de nos moscada assafrão em pó		An.V	onças
erva caácica, ou erva de sangue		XViiij	onças
semente de cidra		V	onças
	de erva doce		
	de cominhos	An.jX	onças

1 Leite, Serafim, Pe. Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil. P.283

	de salsa da horta	XXjV	onças
	de pindaiba	Viiij	onças
	de nhambuz		
semente de urucu secco em torciscos		XXj	onças
Extratos			
	de opio	XVj	onças
semente de alcaçuz		Xiiij	onças
	de angelica	XXj	onças
	de pindaiba	Vj	libras
	Gomas		
Balsamo do Brazil		XXXVj	onças
goma arabia		Xij	onças
incenso			
mirra		an.XVj	onças
cato		jX	onças
almessega da Índia		XVj	onças
terbentina fina		XX	onças
Castorio		V	onças
tintura do mesmo		XVj	onças
Terra sigillada			
terra de S. Paulo		an.Viiij	onças
pedra de Cananor		V	onças
capa roza-calcinada		Vj	onças
Espírito de Marte		V	onças
torciscos de jararcas, ou de víboras		XXXjV	onças
vinho branco			
xarope de limõens		an.Vj	libras
mel de abelhas		CLXX	libras
Olios chimicos			
	de cascas de laranjas		
	de pindaíba	an.iiij	oitavas
	de erva doce		
	de funcho		
	de canela	an.iiij	oitavas
	de salsa		
	de casca de limõens	an.ij	oitavas
Saes chimicos			
	Sal herculeo	Xij	oitavas
	de cravo		
	de canella		

	de alecrim	an.Viij	oitavas
	de tobaco		
	de caroba		
	de chicorea		
	de borragens	an.Vj	oitavas
	de pindaiba	X	oitavas
	de arruda		
	de cardo santo	an.iij	oitavas

### Far-se-há do seguinte modo:

Às primeiras vinte e huma raízes se lhe tomam os seus pezos respectivos e se fação em pó, e se passe por tamiz muito fino com cuidado que não volatize muito. Dos residuos que ficarem com pezos respectivos a cada huma das ditas raízes se faça extrato. Os mais simples que se seguem, tomando-lhes os seus pezos respectivos, se farão em pó sutil passado por tamiz fino, e destes se exceptuarão o açafão que se pizará à parte secando-se primeiro ao ar do hume, e mais o espírito de Marte, a tintura de castório, terbentina, balsamo do Brazil, o extrato de opio, de angelica, de pindaiba, que todos estes simples se desfarão com vinho branco e xarope di limão para se ajuntarem a seo tempo ao composto. E estando tudo assim preparado, se tome o mel e se ponha em fogo brando em tijela de barro vidrada, ou tacho; fervendo-se, se escume. E tendo ponto hum pouco alto, então se tire do fogo: ajunte-se-lhe então o vinho com as mais couzas desfeitas nelle, e o xarope de limõens, e todos os mais depoés de bem misturados huns com os outros. E estes se lhe vão deitando pouco a pouco dentro do dito mel, mechendo continuamente com espatola de pao. E ficando em bom ponto, depoés de fria se deite dentro em talhas.

Que lhe fique a terceira parte por encher. Esta tiriaga se traga ao sol por seis mezes, mechendo-a todos os dias pela manham e à Tarde, tendo cuidado que não fique de noute ao ar, e se reponha para o uzo. Não se uze desta tiriaga senão passados seis mezes.

## APÊNDICE III - OFICIAIS MÉDICOS DA RESERVA DO EXÉRCITO QUE SERVIRAM NA II GRANDE GUERRA

O Major médico Arnaldo Cerqueira chegou a Fortaleza no dia 27 de junho de 1942 para organizar o Centro de Preparação dos médicos para a reserva do Serviço de Saúde do Exército. O curso foi instalado no dia 3 de agosto de 1942. Encerrou-se no dia 26 de setembro do mesmo ano.

Orador: Pontes Neto. Capitão Dr. Luiz Lopes de Miranda.

A 8 de outubro de 1942 foi iniciado o curso de Medicina de Campanha, com 46 médicos inscritos.

Antônio Jorge de Queiroz Jucá	Antônio Otoni Soares
Antonio Turbay Barreira	Antônio Vandick Ponte
Aluysio Soriano Aderaldo	Aldemir Pereira de França
Almir dos Santos Pinto	Antônio Farias de Miranda
Antônio de Oliveira Castro Neto	Argeu Gurgel de Braga Herbster
Ariosvaldo Silva Costa	Ariston Cajati Filho
Arnaldo Neves	Carlos Botelho
Dalmir Peixoto	Décio Teles Cartaxo
Emílio Schmidlin Guilhon	Frutuoso Gomes de Freitas
José Carlos da Costa Ribeiro	José de Oliveira Gondim
José Edmilson Barros de Oliveira	José Ferreira de Medeiros
José Gomes da Frota	Juvenil Hortêncio de Medeiros
José Pontes Neto	Luis Augusto de Lima
Manuel Isnard de Sousa Teixeira	Milton Escossia Barbosa
Ocelo Pinheiro	Paulo de Melo Machado
Pedro Celestino Romero	Pedro de Moraes Borges
Periguari de Medeiros	Quintílio de Alencar Teixeira
Raimundo Bezerra Ferreira	Raimundo Porfírio Sampaio
Raimundo Vieira da Cunha	Romeu Ribeiro Pessoa da Frota de Vasconcelos
Romildo Borges Mendes	Sílvio Idelburgue Carneiro Leal
Vicente de Andrade Lima	Vulpiano Cavalcante de Araújo
Walder Bezerra Sá	Walter Frota Magalhães Porto
Walter Vieira Borges	Wilson Silva

## APÊNDICE IV - CHEFES DA SAÚDE PÚBLICA NO CEARÁ, DESDE O IMPÉRIO

Doutores:

José Lourenço de Castro E Silva	Antônio Domingues da Silva
João da Rocha Moreira	João Marinho de Andrade
Henrique Leite Barbosa	José Lino da Justa
Eduardo Rocha Salgado	Meton da França Alencar
José Pinto Nogueira	Antônio Pompeu de Sousa Brasil
Eduardo Borges Mamede	Abdenago da Rocha Lima
Aurélio Lavor	Luís Costa
Carlos da Costa Ribeiro	Nelson de Araújo Catunda
José Paracampos	Clovis Barbosa de Moura
Francisco Amaral Machado	Demóstenes Carvalho
Antônio Campos Junior	Samuel Uchoa
Antônio Alfredo da Justa	Amilcar Barca Pellon
Leorne Herbster Menescal	João Otávio Lobo
Augusto Híder Correia Lima	Vergílio de Uzêda
João Capistrano da Mota	Joaquim Eduardo de Alencar
José Waldemar de Alcantara E Silva	Francisco Araújo
Licínio Nunes de Miranda	Antônio Francisco Rodrigues de Albuquerque
Quintílio de Alencar Teixeira	José Anastácio de Aguiar
Walter de Moura Cantídio	Nelson De Andrade Sales
Fernando Maximus de Codes	Licínio Nunes de Miranda (2A. Vez)
Amir Rocha Franco	José Rômulo Barbosa
João de Paiva Freitas	Waldemir Albuquerque Maia
Pedro Almino de Queiroz	

### SECRETÁRIOS DA SAÚDE

Rigoberto Romero de Barros	1961/62
Benedito Artur de Carvalho Pereira	1962/63
José Waldemar de Alcantara e Silva	1963/64
Antônio de Melo Arruda	1964
Almir dos Santos Pinto	1964/65
José Dourival Nunes Cavalcanti	1965/66
Almir dos Santos Pinto	1966

Pio Barros Pereira	1966/67
José da Rocha Furtado	1967/71
Lúcio Alcantara	1971/73
José Aires de Castro	1973
Júlio GonçAlves do Rego	1973/74
Geraldo Wilson da S. GonçAlves	1974/75
Lúcio Alcantara	1975/78
José Aires de Castro	1978

### CHEFES DO CENTRO DE SAÚDE Nº. 1

Antônio de Oliveira Campos Junior	Clóvis Barbosa de Moura
Lineu Jucá	José Paracampos
Jose Waldemar de Alcantara e Silva	Ariston Cajaty Filho
Licínio Nunes de Miranda	José Anastácio de Aguiar Filho
João Mendes Filho	

## APÊNDICE V - MÉDICOS QUE ESTIVERAM NO SEMINÁRIO DE FORTALEZA

Ildefonso Augusto de Lacerda Leite	Antônio Pacheco Mendes
Eduardo Salgado	Epifânio Francisco Sampaio
Eugênio Gomes de Matos	José Manuel Pereira Pacheco
Bruno Miranda Valente Filho	João Augusto Bezerra
José Goiana Sobrinho	Antônio Filgueiras
Antônio Ambrósio Carneiro	José Leite Barbosa
Basílio Pires Barrocas	Alfredo Raulino Mourão
José Pacífico Caracas	José Onofre Muniz Ribeiro
Antônio Ferreira da Costa	João Hipólito de Azevedo e Sá
José Giácome	Guilherme Luiz de Queiroz
Pedro Monteiro Gondim Filho	Zacheu Esmeraldo da Silva
Adolfo Herbster	Amâncio Filomeno
Raimundo Hipólito de Sousa	João Amadeu Furtado

FONTE: Álbum do Seminário.

## ANEXOS

Relatório da Comissão instituída por Portaria nº. 44, de 28 de junho de 1977, do senhor diretor do Centro de Ciências da Saúde para a programação das solenidades de comemoração do 30º aniversário da Faculdade de Medicina do Ceará, hoje Curso de Medicina do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Ceara.

A Comissão, constituída dos Professores José Carlos da Costa Ribeiro, Joaquim Eduardo de Alencar, José Edísio da Silva Tavares, José Maria Chaves, Haroldo Gondim Juaçaba e Edmar Teixeira Vieira, reuniu-se na sala da Diretoria do Centro de Ciências da Saúde nos dias 12 de outubro de 1977, 25 de outubro de 1977, 9 de fevereiro de 1978 e 12 de abril de 1978, além de reuniões informais em outras datas, para programar atividades em comemoração e regosijo pelo passagem do 30º aniversário de fundação da Faculdade de Medicina do Ceará.

A Comissão elegeu, como Coordenador dos trabalhos, o professor José Carlos da Costa Ribeiro, e como Secretário o professor Joaquim Eduardo de Alencar. As atividades programadas foram as seguintes: festejos no dia 12 de maio de 1978, data da fundação, constando de hasteamento da Bandeira no prédio do Centro de Ciências da Saúde, missa celebrada pelo Mons. André Viana Camurça, representando o Cardeal D. Aluísio Lorscheider, no Anfiteatro do Departamento de Cirurgia, inauguração do REMEMORO da antiga Faculdade de Medicina do Ceará, sessão solene do Conselho Departamental do Centro de Ciências da Saúde; festa de confraternização de docentes, alunos e funcionários, instituição de um carimbo comemorativo a ser usado pelo Departamento de Correios e Telégrafos e fundação e instalação da Academia Cearense de Medicina, a fim de reunir os médicos que desejam lutar pelo "desenvolvimento da cultura médica no Ceará.

Foram programadas ainda, para realizar-se durante o ano de 1978, as seguintes atividades: preparação de um Catálogo dos Cursos do Centro de Ciências da Saúde; edição de um número especial da Revista de Medicina da Universidade Federal do Ceará; constituição de uma Associação de Ex-alunos da Faculdade de Medicina; elaboração de um Catálogo de Pesquisas em realização; solicitação À diretoria do Centro Médico Cearense para a realização de Jornadas comemorativas; entrega, pela Universidade, do título de Professor emérito aos Professores aposentados José Osvaldo Soares e João Valente de Miranda Leão; inauguração de um monumento que marcará as comemorações do 30º ano da fundação da Faculdade, doado pelo Exmo. Sr. Governador do Estado, Prof. Waldemar de Alcântara; realização de um concurso patrocinado pela Secretaria de Cultura do Estado com a finalidade de premiar o melhor livro selecionado sobre a História da Medicina no Ceará, com a importância de Cr\$ 30.000,00; inauguração da Galeria dos ex-Diretores, na sala da Diretoria do Centro de Ciências da Saúde; e instituição da Medalha Jurandir Picanço, a ser entregue, no Dia do Médico, no Anfiteatro Dr. Eliezer Studart, no Departamento de Cirurgia,

aos Professores Fundadores, Assistentes, Beneméritos, antigos funcionários e outras autoridades Universitárias que prestaram serviços à causa do Ensino Médico no Ceará.

## **DECRETO Nº 13.791, DE 16 DE JUNHO DE 1978.**

O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ, no uso da atribuição que lhe confere o art. 91, alínea XIII, da Constituição do Estado,

DECRETA:

**Art. 1º** - Fica instituído o prêmio de Cr\$ 30.000,00 (trinta mil cruzeiros), pagos pelo Governo do Estado do Ceará, à melhor monografia que versar sobre o tema "História da Medicina no Ceará", destinada a comemorar o 30º aniversário de fundação da antiga Faculdade de Medicina do Ceará.

**Art. 2º** - A monografia premiada será editada às expensas do poder público estadual.

**Art. 3º** - Os originais das monografias concorrentes serão entregues, mantido o anonimato dos autores, até 30 de novembro de 1978, na Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, a cujo titular incumbe designar uma comissão julgadora dos trabalhos apresentados, constituída de três membros de notório saber, e coordenar as providências necessárias à realização do certame.

**Art. 4º** - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, em Fortaleza, aos 16 de junho de 1978.

WALDEMAR ALCÂNTARA Governador do Estado do Ceará

JOSÉ DENIZARD MACÊDO DE ALCÂNTARA Secretário de Cultura, Desporto e Promoção Social

## **PARECER**

Na conformidade do que estabeleceu o Decreto nº 13.791, art. 3º, de 16 de junho de 1978, a Comissão Julgadora das monografias apresentadas sobre a História da Medicina no Ceará, designada pelo Exmo. Sr. Secretário de Cultura, Desporto e Promoção Social, Professor José Denizard Macêdo de Alcântara, examinou os dois trabalhos concorrentes, um de autoria, sob pseudônimo, de Galeno de Monte-Mor, o outro sob o pseudônimo de Siman Mason.

Da acurada análise dos dois trabalhos, concluiu-se que o subscrito por Galeno de Monte-Mor era mais abrangente e copioso de informações sobre o tema, considerando que o da autoria de Siman Mazon, embora excelente por vários aspectos, restringira-se ao período colonial.

Assim sendo, a Comissão Julgadora decidiu conceder o 1º lugar ao trabalho de autoria de Galeno de Monte-Mor, e, principalmente, para fazer jus ao prêmio instituído e a publicação às expensas do Estado. Entretanto, seria de relevante interesse cultural para o Ceará a publicação pelo poder público do trabalho de autoria de Siman Mason, o que recomendamos instantemente à autoridade competente.

Abertos os envelopes cerrados para identificação dos autores, verificou-se que os pseudônimos Galeno de Monte-Mor e Siman Mason acobertavam as identidades, respectivamente, dos Drs. **Vinícius Barros Leal** e Maria do Socorro Silva Nobre.

Este o nosso parecer, salvo melhor juízo.

A Comissão Julgadora:

Oswaldo de Oliveira Riedel

Otacílio dos Santos Colares

José Humberto Tavares de Oliveira

## **FONTES E BIBLIOGRAFIA**

### **FONTES MANUSCRITAS**

- 1 — Arquivo Público
  - Inventários
  - Documentos
  
- 2 — Arquivo do antigo Departamento Estadual de Saúde
  - Livro de registro de médicos
  - Livro de registro de fatos e ocorrências
  
- 3 — Arquivo do Instituto do Ceará
  - Documentos da Coleção Studart
  - Diversos volumes
  
- 4 — Arquivo da Cúria Arquidiocesana de Fortaleza
  - Livros de registros
  
- 5 — Arquivo do Centro Médico Cearense
  - Livros de atas
  
- 6 — Arquivo do Instituto Dr. Rocha Lima
  - Livros de atas
  
- 7 — Livros de atas das Sociedades Médicas de S. Lucas

### **FONTES IMPRESSAS**

- Anais do I Congresso Brasileiro de Médicos Católicos
- Anais da Academia de História da Medicina
- Anais do Congresso Médico social de após-Guerra
- Ministério da Saúde — Legislação Federal do setor Saúde, vol. I 1977
- Revista do Instituto do Ceará. Tomos I-XCI

- Revista do Instituto Histórico Brasileiro. Tomo LV
- Almanaque do Ceará, 1924
- Boletim do Instituto do Ceará. Anos I-III (1950-1952)
- Revista da Academia Cearense de Letras, 1909
- Revista Brasileira de História da Medicina
- Revista da Faculdade de Medicina da UFC
- Coleção de jornais do Instituto do Ceará e da Biblioteca Pública
- Ceará Médico

### **BIBLIOGRAFIA GERAL (Obras consultadas)**

- L. Agassiz e E.C. Agassiz. Viagem ao Brasil. Ed. Itatiaia, 1975.
- Joaquim Alves. História das Secas (séculos XVII-XIX). Editora Instituto do Ceará, 1952
- Pe. José de Anchieta. Informação do Brasil, 1584. Edições Brotéria, Porto
- Francisco Araújo. Entre o verbo e o verso. Imprensa Universitária, Fortaleza, 1974
- J.C. de Alencar Araripe. A Faculdade de Medicina e a sua ação renovadora. Imprensa Universitária, 1958
- Renato Braga. Plantas do Nordeste, especialmente do Ceará. 2ª ed. Imprensa Oficial, Fortaleza, 1960
- Renato Braga. Dicionário Geográfico e Histórico do Ceará. Letras A-B-C. Imprensa Universitária, Fortaleza, 1967
- Renato Braga. História da Comissão Científica Exploradora. Imprensa Universitária, Fortaleza, 1962
- João Brígido. Resumo cronológico para a História do Ceará. Paris, Guillard, Aillaud & Cia., 1887
- Luís da Câmara Cascudo. História do Rio Grande do Norte. Ministério da Educação e Cultura, s.d.
- Arturo Castiglioni. História da Medicina. 2 vols. Comp. Editora Nacional, São Paulo. 1947
- Fernandes Gama, J. Bernardo. Memórias Históricas da Província de Pernambuco. 2 vols. Ed. Arquivo Público Estadual, Recife, 1977
- Otávio de Freitas. Medicina e costumes do Recife antigo. Imprensa Industrial, Recife, 1943
- G. Gardner. Viagem ao interior do Brasil. Ed. Itatiaia, 1977
- J.M. Sala. Tratado de las enfermedades infecciosas en la infancia. Editorial Científico-Médica, Barcelona, 1962

- Governo do Estado do Ceará. As migrações para Fortaleza. Imprensa Oficial, Fortaleza, 1967
- Hugo Vitor Guimarães. Deputados Provinciais. Ed. Jurídica Ltda, Fortaleza, 1947
- Pe. Serafim Leite. História da Companhia de Jesus no Brasil, vols. II a VIII. Lisboa-Rio, 1938-1949
- Pe. Serafim Leite. Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil. Ed. Brotéria, Lisboa, 1953
- Loreto Couto. Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1904
- Ministério da Saúde. Endemias rurais. Rio de Janeiro, 1968
- William Osler. Aequanimitas. The Blakston Co., Philadelphia
- Guilherme Piso. História Natural e médica da Índia Ocidental. INL, Rio de Janeiro, 1957. Col. Obras raras
- Dias da Rocha. Formulário Terapêutico de plantas medicinais cearenses. Fortaleza, 1945
- Leduar de Assis Rocha. Efemérides médicas pernambucanas. Prefeitura Municipal do Recife, s.d.
- José Borges de Sales. Bibliografia Médica do Ceará. Imprensa Universitária, Fortaleza, 1978
- Licurgo Santos Filho. História Geral da Medicina Brasileira. Editora da USP, São Paulo, 1978
- Fernando Silveira. A poliomielite no Ceará. Ed. do autor, Fortaleza
- Gabriel Soares de Sousa. Tratado descritivo do Brasil. Brasiliana, vol. nº 117. Ed. Nacional, S.P., 1971
- Barão de Studart. Dicionário Bio-bibliográfico Cearense, 1º vol (1910), 2º vol. (1913) 3º vol. (1915)
- Barão de Studart. Notas para a História do Ceará. Lisboa, 1892
- Barão de Studart. Datas e fatos para a História do Ceará, 3 vols
- Rodolfo Teófilo. Vacina e vacinação no Ceará. Fortaleza, 1904
- Ivolino Vasconcelos. História da Medicina no Brasil.
- Pe. Simão de Vasconcelos. Crônica da Companhia de Jesus, 2 vols. Ed. Vozes/MEC 1977

## **SOBRE O AUTOR: VINICIUS BARROS LEAL: MÉDICO, HISTORIADOR E LITERATO<sup>1</sup>**

Vinicius Antonius Holanda de Barros Leal nasceu em Baturité, em 16 de outubro de 1922, filho de João Paulino de Barros Leal Neto e de Maria Dolores Holanda de Barros Leal. Fez seus estudos primários no Colégio Salesiano Domingos Sávio, em Baturité, sob a orientação dos padres salesianos, daí transferindo-se para Fortaleza, para cursar o Seriado, como aluno-interno do Colégio Cearense Sagrado Coração, mantido pela Irmandade Marista.

Após realizar o propedêutico pré-médico no Liceu do Ceará, em 1943, prestou vestibular para Medicina, no Recife, na futura Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), nela se formando em 1948. Especializou-se em Pediatria no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo em 1959.

Foi médico da Legião Brasileira de Assistência, ocupando o cargo de Diretor de Posto, de 1951 a 1967, e diretor do Departamento de Saúde Materno-Infantil, durante dois anos. Como atividade voluntária e de benemerência, a pedido da Arquidiocese de Fortaleza, foi diretor do Posto de Saúde de Parangaba por oito anos; diretor do Asilo de Menores Juvenal de Carvalho, de 1950 a 1970; e diretor de Patrimônio da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza e mordomo dessa instituição, desde 1984.

Foi professor de Clínica Pediátrica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, tendo ingressado em 1964, da qual se aposentou, como professor adjunto, em 1987, após profícua dedicação ao magistério superior, como docente e médico, do Serviço de Pediatria do Hospital Universitário Walter Cantídio.

Em 1960, juntamente com outros colegas, fundou a Sociedade Cearense de Pediatria, da qual foi presidente de 1970 a 1971. Como pediatra de largo conceito, durante cinco anos foi examinador do Título de Especialista em Pediatria da Sociedade Brasileira de Pediatria.

Ex-presidente do Centro Médico Cearense (hoje, Associação Médica Cearense), no biênio 1963-64, foi também membro da Associação Médica Brasileira, da Associação Brasileira de Escolas Médicas, da Academia Americana de Pediatria e da Academia Cearense de Medicina.

Foi sócio efetivo do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, eleito em 20/09/1974 e empossado em 04/12/1974; integrou a Academia Cearense de Medicina como fundador, em 1978, guindado, posteriormente, a acadêmico emérito; e imortal da Academia Cearense de Letras, admitido em 1984, sendo ocupante da Cadeira 34, patroneada por Samuel Uchoa.



1 \* Publicado, originalmente, In: SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Cum laude: aos homens e seus feitos. Fortaleza: Editora da Uece, 2019. 144p. p.112-114.

Publicou diversos livros, dentre os quais se sobressaem: "História da Medicina no Ceará" (Prêmio Governo do Estado do Ceará), "Villa Real de Monte Mor, o Novo D'América" (história de seu município natal na época colonial), "A Colonização Portuguesa no Ceará – O Povoamento", "Bumba-meu-boi" (Prêmio Leonardo Mota), ainda "Dom Antônio de Almeida Lustosa, um Discípulo do Mestre - Manso e Humilde" e "Padre Artur Arredondo: um modelo de Mansidão e Amor a Deus.

Historiador dos mais respeitados, foi autor de muitos trabalhos já considerados clássicos pelos seus pares do Instituto do Ceará. Publicou extensa produção sob a forma de artigos e de ensaios na imprensa, nos Anais da Academia Cearense de Medicina e na Revista do Instituto do Ceará.

Dedicou-se durante anos ao estudo da formação social do Nordeste brasileiro, debruçando-se, notadamente, sobre os fatos relacionados aos processos do povoamento e da colonização lusitana.

Ele mesmo confessava que o seu gosto pelas letras foi herança de seus antepassados, notadamente do genitor, o farmacêutico João Paulino de Barros Leal Neto, professor de História, Francês e Geografia e incorrigível leitor das obras clássicas de literatura e assuntos históricos. E do avô paterno, o clínico João Paulino de Barros Leal Filho, poeta e ensaísta, seu preceptor de latim e grego e seu orientador educacional, no então curso secundário.

Possuía um amplo acervo de documentos sobre a história eclesiástica no Ceará, fruto da sua intensa atuação como historiador sacro, mercê da sua prática de vida cristã, e da esmerada educação católica recebida, que nutria as suas intervenções como médico, professor, intelectual e cidadão.

Durante décadas, enquanto a saúde permitiu, participou intensamente das atividades encetadas pela Sociedade Médica São Lucas, o que incluía os Retiros Espirituais anuais, pregados, amiúde, pelo Padre Monteiro da Cruz. Como reconhecimento dessa atuação, particularmente por sua gestão na presidência dessa entidade, em dezembro de 2004, foi agraciado com a Comenda Médica São Lucas.

Côncio de sua responsabilidade de cidadão, foi vereador de Fortaleza, de 1950 a 1954, encerrando prematuramente a sua carreira política, perdendo, com isso, o povo fortalezense.

Recebeu importantes prêmios e distinções, exemplificados por: Sócio Honorário da Associação Cearense de Imprensa, Medalha Comemorativa do Monumento a Gustavo Barroso, Medalha do Centenário do Instituto do Ceará etc.

Foi casado com D. Idilva de Castro Alves, de cuja duradoura união, marcada por amor e compreensão, resultaram sete filhos: Ângela, Virgínia, Elizabeth, Fernando, Adriano, Tarcísio e Maria de Lourdes, todos formados e reconhecidos como bons profissionais, em seus respectivos campos de atuação. Compartilhava seus momentos médicos com os familiares, aos quais devotava um singular convivência. A dissolução conjugal deu-se à conta do seu falecimento, em Fortaleza, em 13 de abril de 2010.

Prof. Dr. Marcelo Gurgel Carlos da Silva

Da Academia Cearense de Medicina e do Instituto o Ceará

# HINO NACIONAL BRASILEIRO

Música de Francisco Manoel da Silva  
Letra de Joaquim Osório Duque Estrada

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas  
De um povo heróico o brado retumbante,  
E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,  
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade  
Conseguimos conquistar com braço forte,  
Em teu seio, ó Liberdade,  
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,  
Idolatrada,  
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido  
De amor e de esperança à terra desce,  
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,  
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,  
És belo, és forte, impávido colosso,  
E o teu futuro espelha essa grandeza

Terra adorada,  
Entre outras mil,  
És tu, Brasil,  
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,  
Pátria amada,  
Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,  
Ao som do mar e à luz do céu profundo,  
Fulguras, ó Brasil, florão da América,  
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida  
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;  
“Nossos bosques têm mais vida”,  
“Nossa vida” no teu seio “mais amores”.

Ó Pátria amada,  
Idolatrada,  
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo  
O lábaro que ostentas estrelado,  
E diga o verde-louro desta flâmula  
– Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,  
Verás que um filho teu não foge à luta,  
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada  
Entre outras mil,  
És tu, Brasil,  
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,  
Pátria amada,  
Brasil!

# HINO DO ESTADO DO CEARÁ

Letra: Thomaz Pompeu Lopes Ferreira  
Música: Alberto Nepomuceno

Terra do sol, do amor, terra da luz!  
Soa o clarim que a tua glória conta!  
Terra, o teu nome, a fama aos céus remonta  
Em clarão que seduz!  
- Nome que brilha, esplêndido luzeiro  
Nos fulvos braços de ouro do cruzeiro!

Mudem-se em flor as pedras dos caminhos!  
Chuvas de prata rolem das estrelas...  
E, despertando, deslumbrada ao vê-las,  
Ressoe a voz dos ninhos...  
Há de aflorar, nas rosas e nos cravos  
Rubros, o sangue ardente dos escravos!

Seja o teu verbo a voz do coração,  
- Verbo de paz e amor, do Sul ao Norte!  
Ruja teu peito em luta contra a morte,  
Acordando a amplidão.  
Peito que deu alívio a quem sofria  
E foi o sol iluminando o dia!

Tua jangada afoita enfune o pano!  
Vento feliz conduza a vela ousada;  
Que importa que teu barco seja um nada,  
Na vastidão do oceano,  
Se, à proa, vão heróis e marinheiros  
E vão, no peito, corações guerreiros?!

Sim, nós te amamos, em ventura e mágoas!  
Porque esse chão que embebe a água dos rios  
Há de florar em messes, nos estios  
Em bosques, pelas águas!  
Selvas e rios, serras e florestas  
Brotem do solo em rumorosas festas!

Abra-se ao vento o teu pendão natal,  
Sobre as revoltas águas dos teus mares!  
E, desfaldando, diga aos céus e aos ares  
A vitória imortal!  
Que foi de sangue, em guerras leais e francas,  
E foi, na paz, da cor das hóstias brancas!

## **Mesa Diretora 2019-2020**

**Deputado José Sarto**  
Presidente

**Deputado Fernando Santana**  
1º Vice-Presidente

**Deputado Danniell Oliveira**  
2º Vice-Presidente

**Deputado Evandro Leitão**  
1º Secretário

**Deputada Aderlânia Noronha**  
2ª Secretária

**Deputada Patrícia Aguiar**  
3ª Secretária

**Deputado Leonardo Pinheiro**  
4º Secretário



**Assembleia Legislativa  
do Estado do Ceará**

**INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O  
DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ**

**Inesp**

**João Milton Cunha de Miranda**

Presidente

**Gráfica do Inesp**

**Ernandes do Carmo**

Coordenador

**Rachel Garcia e Valquiria Moreira**

Assistentes Editoriais

**Luzia Rolim**

Assessora de Comunicação

**Cleomarcio Alves (Marcio), Edson Frota, Francisco de Moura,**

**Hadson França e João Alfredo**

Equipe de Acabamento e Montagem

**Aurenir Lopes e Tiago Casal**

Equipe de Produção em Braille

**Mário Giffoni**

Diagramação

**José Gotardo Filho e Valdemice Costa (Valdo)**

Equipe de Design Gráfico

**Lúcia Maria Jacó Rocha e Vânia Monteiro Soares Rios**

Equipe de Revisão

**Maria Marluce Studart Vieira, Marta Lêda Miranda Bezerra e Milena**

**Saraiva Leão Vieira**

Equipe Auxiliar de Revisão

**E-mail:** [presidenciainesp@al.ce.gov.br](mailto:presidenciainesp@al.ce.gov.br)

**Fone:** (85) 3277-3701



**Assembleia Legislativa  
do Estado do Ceará**

Assembleia Legislativa do Estado do Ceará  
Av. Desembargador Moreira 2807,  
Dionísio Torres, CEP 60170-900, Fortaleza, Ceará,  
Site: [www.al.ce.gov.br](http://www.al.ce.gov.br)  
Fone: (85) 3277-2500

**Mesa Diretora  
2019-2020**

**Deputado José Sarto**  
Presidente

**Deputado Fernando Santana**  
1º Vice-Presidente

**Deputado Danniel Oliveira**  
2º Vice-Presidente

**Deputado Evandro Leitão**  
1º Secretário

**Deputada Aderlânia Noronha**  
2ª Secretária

**Deputada Patrícia Aguiar**  
3ª Secretária

**Deputado Leonardo Pinheiro**  
4º Secretário



**Assembleia Legislativa  
do Estado do Ceará**

“Dr. Vinicius escrevia Médico e Medicina com letra maiúscula. Com o avô, Dr. João Paulino de Barros Leal Filho, aprendera um princípio mantido pela vida a fora (“Medicina é um sacerdócio”) e a vocação para desvendar e curar as doenças. Ao Decreto do governador Waldemar de Alcântara, instaurando um concurso de monografias sobre a história da Medicina, em 1978, não negou sua contribuição. Em poucos meses estruturou o livro, ocultou-se sob o pseudônimo de Galeno de Monte-Mor, o nome tradicional de sua Baturité, venceu o certame e tornou pública uma preciosa narrativa de como surgiu e se desenvolveu a Medicina cearense”.